UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES, CIÊNCIAS E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

WENDY FABIANA PEREIRA AREVALO VILLALOBOS

**A cidade sonhada e a cidade vivida: cultura, fé e trabalho de imigrantes senegaleses nos
espaços públicos de São Paulo**

São Paulo

2021

WENDY FABIANA PEREIRA AREVALO VILLALOBOS

A cidade sonhada e a cidade vivida: cultura, fé e trabalho de imigrantes senegaleses nos espaços públicos de São Paulo

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em 15 de dezembro de 2020. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:

Cultura, Política e Identidades.

Orientador:

Prof. Dr. Ricardo Santhiago Corrêa

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

CRB 8 - 4936

Villalobos, Wendy Fabiana Pereira Arevalo

A cidade sonhada e a cidade vivida: cultura, fé e trabalho de imigrantes senegaleses nos espaços públicos de São Paulo / Wendy Fabiana Pereira Arevalo Villalobos ; orientador, Ricardo Santhiago Corrêa. – 2021

282 f : il.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, em 2020.

Versão corrigida

1. Imigrantes - Senegal - São Paulo (SP). 2. Espaço público - Uso. 3. Imigração - São Paulo (SP). 4. Senegaleses - Aspectos culturais; Aspectos sociais - São Paulo (SP). I. Corrêa, Ricardo Santhiago, orient. II. Título.

CDD 22.ed.- 304.881611066

Nome: VILLALOBOS, Wendy Fabiana Pereira Arevalo.

Título: A cidade sonhada e a cidade vivida: cultura, fé e trabalho de imigrantes senegaleses nos espaços públicos de São Paulo.

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Área de Concentração:

Cultura, Política e Identidades.

Aprovada em: 15/12/2020

Banca Examinadora

Profa. Dra.	Andrea Casa Nova Maia	Instituição:	UFRJ
Julgamento:	Aprovada	Assinatura:	_____
Profa. Dra.	Bela Feldman-Bianco	Instituição:	UNICAMP
Julgamento:	Aprovada	Assinatura:	_____
Profa. Dra.	Joana da Silva Barros	Instituição:	UNIFESP
Julgamento:	Aprovada	Assinatura:	_____

AGRADECIMENTOS

Tenho a sorte de ter muitas parceiras e parceiros de caminhada. Este trabalho tem um pouco de cada um deles. Seja nas leituras e sugestões que recebi de alguns, seja nos ouvidos atentos quando eu contava algumas das histórias aqui apresentadas, seja no carinho que eu recebia e que me estimulava a seguir em frente.

Agradeço especialmente à minha mãe, Maria Aparecida Villalobos, meu pai Sergio Francisco Villalobos e meu companheiro Leonardo Fernandes, que vivenciaram de perto e me abraçaram nesta jornada. É muito bom poder tê-los ao meu lado no sonho de um mundo melhor.

Agradeço às muitas mulheres que me inspiram em suas trajetórias pelos direitos dos imigrantes. Cito aqui algumas: as queridas Bela Feldman-Bianco, Deisy Ventura, Jobana Moya e Oriana Jara. Neste mesmo rol incluo Tatiana Waldman, minha amiga e parceira de ideais e lutas.

Ao meu orientador Ricardo Santhiago, por todo o apoio e generosidade em compartilhar seus conhecimentos. Sua sensibilidade e competência fizeram com que o processo de pesquisa, embora desafiador, fosse agradável e inculcaram em mim o desejo de seguir estudando e desenvolvendo novos trabalhos no campo da história oral.

Este trabalho somente foi possível a partir de uma série de apoios que mostram a importância do investimento público em ensino e pesquisa para o desenvolvimento da sociedade. Agradeço às professoras e professores que contribuíram imensamente e de diversos modos para o desenvolvimento desta pesquisa: Heitor Frúgoli Jr., Joana da Silva Barros, Renata Mirandola Bichir, Valéria Barbosa de Magalhães. Foram também de grande importância as excelentes trocas com os colegas do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (Gephom/USP). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

E mais do que tudo, é essencial dizer *jërëjërëf, merci* e obrigada, aos senegaleses que aceitaram lado a lado comigo esta empreitada: Amath Touré, Aziz Mbaye, Baba Cissé, Fatou Sy, Fily Kanouté, Ibrahima Sarr, João Ursulin Pinto, Kunta Kinté, Moustapha Dieng, Ousmane Fall. Esta dissertação, que conclui meu mestrado em Estudos Culturais, é fruto de um trabalho coletivo. Sem as narrativas dos dez entrevistados esta pesquisa não teria sido concluída. Além das entrevistas, todos contribuíram de outros modos: indicando entrevistados; apresentando espaços utilizados pela comunidade e enviando materiais complementares. Fily Kanouté, que

por vezes assumia o lugar de professor e por vezes de amigo, acreditou e me apoiou desde o princípio no desenvolvimento desta pesquisa.

Espero que este trabalho possa de algum modo trazer mais informações que contribuam para que governos e gestores públicos repensem práticas de modo a possibilitar melhores condições de vida para a comunidade senegalesa que vive em São Paulo.

*“ (...) vuelo y vuelo sin saber, herido en la noche oscura,
quiénes me van a esperar, quiénes no quieren mi canto,
quiénes me quieren morir, quiénes no saben que llego
y no vendrán a vencerme, a sangrarme, a retorcerme
o a besar mi traje roto por el silbido del viento.
Por eso vuelvo y me voy, vuelo y no vuelo pero canto (...)”.*
(NERUDA, 2004, p. 73)

RESUMO

VILLALOBOS, Wendy Fabiana Pereira Arevalo. **A cidade sonhada e a cidade vivida:** cultura, fé e trabalho de imigrantes senegaleses nos espaços públicos de São Paulo. 2021. 282 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Versão Corrigida.

Na última década, imigrantes senegaleses vêm assumindo uma presença significativa na cidade de São Paulo, historicamente caracterizada por fluxos migratórios. Esta pesquisa buscou identificar as diferentes formas de apropriação dos espaços públicos e equipamentos culturais por esta comunidade, partindo do pressuposto de que estes são lugares de trocas, de encontros e vivências múltiplas, essenciais para a construção da cidadania. A pesquisa teve como principal método a história oral, que viabilizou o registro de histórias dos próprios sujeitos que constituem esses grupos. A observação flutuante contribuiu como um método complementar. Foi possível identificar a maciça presença da comunidade no centro da cidade; a constituição de redes de fortalecimento comunitário; e o papel da cultura, da religião e do trabalho nas relações entre os senegaleses, em um contexto transnacional. Embora a comunidade ocupe alguns espaços da cidade, observa-se que a sua presença nos espaços públicos e equipamentos culturais pode ser intensificada, o que indica a necessidade de ações governamentais que façam com que os espaços públicos se constituam efetivamente como espaços de todos.

Palavras-chave: Imigração. Direito à Cidade. Espaço Público. Senegaleses. São Paulo.

ABSTRACT

VILLALOBOS, Wendy Fabiana Pereira Arevalo. **The dreamt city and the lived city**: culture, faith, and work of Senegalese immigrants in public spaces in São Paulo. 2021. 282 p. Dissertation (M.A. in Philosophy) – Cultural Studies Graduate Program, School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2020. Corrected version.

In the last decade, migrants from Senegal have had a significant presence in the city of São Paulo, historically characterized by migratory flows. This research sought to identify different forms of appropriation of public spaces and cultural facilities by this community, assuming those sites as places for personal exchanges, encounters, and diverse experiences, which are essential for the construction of citizenship. The main research method employed was oral history, which made it possible to record the stories of individuals who belong to these groups. Floating observation was as a complementary method. We identified a strong presence of the community in the city center; the creation of community networks for mutual empowerment; and the role performed by culture, religion, and work in the relationships between the Senegalese groups, in a transnational context. While this migrant community does occupy several places in the city, that their presence in public spaces and cultural facilities can still be intensified, and this points to the need for governmental actions that make public spaces everyone's spaces.

Keywords: Immigration. Right to the City. Public Space. Senegalese. Sao Paulo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC	Santo André, São Bernardo e São Caetano.
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ACNUR	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
BRICS	Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul
CAMI	Centro de Apoio ao Migrante/ Centro de Apoio e Pastoral do Migrante
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCJ	Centro Cultural da Juventude
CONARE	Comitê Nacional para os Refugiados
COVID-19	<i>Corona Virus Disease</i> (Doença do Coronavírus)
CPF	Cadastro de Pessoa Física
CPMig	Coordenação de Políticas para Migrantes
CPMigTD	Coordenação de Políticas para Imigrantes e Promoção do Trabalho Decente
CRAI	Centro de Referência e Atendimento ao Imigrante
CTPD	Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento
DPU	Defensoria Pública da União
Fatec	Faculdade de Tecnologia
FEA	Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade
FHC	Fernando Henrique Cardoso
GCM	Guarda Civil Metropolitana
Gephom	Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória
GV	Getúlio Vargas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
MASP	Museu de Arte de São Paulo
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
MEI	Microempreendedor Individual
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
OIM	Organização Internacional para as Migrações
ONG	Organização Não Governamental
OS	Organização Social

OSCIPI	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
PEC-G	Programa Estudante de Convênio de Graduação
PIB	Produto Interno Bruto
PNUD	Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
PT	Partido dos Trabalhadores
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RG	Registro Geral
RNE	Registro Nacional de Estrangeiro
RNM	Registro Nacional Migratório
RNSP	Rede Nossa São Paulo
Sabesp	Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SEADE	Sistema Estadual de Análise de Dados Estatísticos
Senac	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SMC	Secretaria Municipal de Cultura
SESC	Serviço Social do Comércio
SMDHC	Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania
SPTrans	São Paulo Transporte S/A
TV	Televisão
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
Unesp	Universidade Estadual Paulista
USAID	United States Agency for International Development
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OS NARRADORES	26
2.1 Amath Touré.....	28
2.2 Fily Kanouté	30
2.3 Moustapha Dieng, Ibrahima Sarr e Aziz Mbaye	36
2.4 Kunta Kinté (Alioune Gueye).....	42
2.5 Ousmane Fall.....	45
2.6 João Ursulin Pinto	46
2.7 Baba Cissé	50
2.8 Khar Sy (Fatou Sy).....	51
3 OS IMIGRANTES E O DIREITO À CIDADE	56
3.1 Cidade para todos?.....	56
3.2 A chegada em São Paulo	66
3.2.1 <i>O senegalês acolhe o senegalês</i>	67
3.2.2 <i>A recepção dos ‘estranhos’</i>	73
3.2.3 <i>A São Paulo que é nossa – o encontro com a alteridade</i>	81
3.2.4 <i>Uma roupa que não serve mais</i>	85
4 DIMENSÕES DA RELIGIOSIDADE.....	93
4.1 Aspectos históricos e culturais do islamismo	94
4.2 O islamismo chega ao Senegal	102
4.3 Muçulmanos senegaleses em São Paulo.....	109
4.3.1 <i>A festa do Magal Touba na cidade de São Paulo</i>	112
4.3.2 <i>Dahiras e Mesquitas</i>	116

4.3.3 <i>Celebração Baye Fall</i>	117
5 CULTURA, LAZER E TRABALHO: USOS DA CIDADE	122
5.1 São Paulo além da religião	122
5.1.1 <i>Celebrações da Copa do Mundo de Futebol</i>	122
5.1.2 <i>O trabalho na cidade</i>	125
5.1.3 <i>Equipamentos culturais e parques</i>	137
5.2 Formas de apropriação dos espaços públicos: intersecções	147
6 CONCLUSÃO	151
REFERÊNCIAS	156
APÊNDICE A - ENTREVISTA NA ÍNTEGRA: AMATH TOURÉ	174
APÊNDICE B - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA: Fily Kanouté	183
APÊNDICE C - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA: MOUSTAPHA DIENG; IBRAHIMA SARR E AZIZ MBAYE	204
APÊNDICE D - ENTREVISTA NA ÍNTEGRA: KUNTA KINTÉ (ALIOUNE GUEYE) ..	223
APÊNDICE E - ENTREVISTA NA ÍNTEGRA: OUSMANE FALL	234
APÊNDICE F - ENTREVISTA NA ÍNTEGRA: JOÃO URSULIN PINTO	241
APÊNDICE G - ENTREVISTA NA ÍNTEGRA: BABA CISSÉ	258
APÊNDICE H - ENTREVISTA NA ÍNTEGRA: KHAR SY (FATOU SY)	270

1 INTRODUÇÃO

Desde o início dos anos 2000¹, o Brasil tem tido uma ampliação e diversificação dos fluxos migratórios. Entre os muitos fatores que podem explicar este cenário está o crescimento econômico que o país viveu na década, gerando uma projeção internacional. Neste contexto pode ser observada uma ampliação das discussões e pesquisas referentes aos direitos dos imigrantes, principalmente os que se encontram em situações de maior vulnerabilidade, seja na mídia, nos diferentes espaços de luta política, assim como na academia. Acesso à saúde, educação, moradia, alimentação e regularização migratória surgem como questões primordiais para a sobrevivência dos que chegam ou já vivem há mais tempo no país e, portanto, não por acaso, assumiram a dianteira nas lutas e pressões ao poder público, efetuadas por diferentes grupos da sociedade civil.

Ainda que as conquistas sejam tímidas e que muitos dos direitos básicos para a garantia de condições para uma vida digna não sejam efetivados, não podem ser negados avanços pontuais obtidos em âmbito nacional nos últimos anos, como anistias aos imigrantes em situação migratória irregular²; Acordo de Livre Trânsito e Residência para Nacionais do Mercosul, Bolívia e Chile – em 2009³; e a nova Lei de Migração⁴, que pode ser considerada um avanço se comparada com o Estatuto do Estrangeiro, lei que vigorou desde 1980 – ainda na ditadura no Brasil – até 2018, contendo em suas linhas a perspectiva de que o imigrante deveria ser considerado uma ameaça à segurança nacional. Em âmbito local também puderam ser observados avanços na cidade de São Paulo, metrópole que é um dos principais destinos dos imigrantes que chegam ao país. Em 2013 foi instituída uma Coordenação de Políticas para

¹ Em meados de 2010 há uma ainda maior diversificação da migração para o Brasil, possivelmente tendo entre os fatores: o crescimento econômico do país em oposição à situação de ampla crise de muitos países europeus e Estados Unidos; a imagem de país diverso e receptor de imigrantes; o crescimento de postos de trabalho formal; os grandes eventos que aconteceriam, a Copa do Mundo de Futebol – em 2014 – e as Olimpíadas – em 2016 (SANTOS GONÇALVES, 2015). Os novos fluxos migratórios ocorrem com uma intensificação da entrada no Brasil de imigrantes de países do chamado sul global, como haitianos, bolivianos, – que já possuíam uma significativa presença no Brasil – sírios e africanos de diversos países (PEREIRA, 2020).

² A última lei de anistia foi sancionada no dia 02 de julho de 2009, no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva – Partido dos Trabalhadores (PT) (BRASIL, 2009a).

³ Em 28 de julho de 2009, o acordo entrou em vigor para o Brasil no plano jurídico externo (BRASIL, 2009b).

⁴ Ainda que o texto apresente avanços em comparação ao Estatuto do Estrangeiro, como resultado de longos debates estabelecidos por setores da sociedade civil, a versão final recebeu 20 vetos – entre artigos inteiros ou parciais – do então presidente do Brasil, Michel Temer – Movimento Democrático Brasileiro (MDB) (BRASIL, 2017b). Entre as questões vetadas estão: a anistia de migrantes; o acesso a cargos públicos; a livre circulação de indígenas por seus territórios tradicionais, a obrigatoriedade de que migrantes residentes que tenham cometido crime no Brasil permaneçam no país; entre outros. Estes vetos acabaram por reforçar a noção do imigrante como problema, acentuando uma política de securitização e criminalização (FELDMAN-BIANCO, 2018).

Migrantes⁵ (CPMig), responsável por criar e implementar as políticas municipais para migrantes. Também foram instituídos órgãos de atendimento direto, como o Centro de Referência e Atendimento ao Imigrante (CRAI), em 2014; e uma Política Municipal para a População Imigrante⁶, em 2016 (SÃO PAULO, 2017).

Os recentes avanços conquistados pela população migrante têm levado as lutas para outros patamares: os direitos básicos continuam sendo exigidos, concomitantemente a outras questões que antes eram abordadas pouco ou pontualmente: como direito ao voto; representação e protagonismo nos diferentes espaços da cidade; ampliação da oferta de ensino da língua portuguesa; preparação de profissionais públicos para atendimento qualificado dos imigrantes, entre outros. Mais do que a sobrevivência, há a possibilidade de reivindicação de cidadania, de uma vivência com maior qualidade no local em que se reside: uma perspectiva em consonância com algumas visões contemporâneas do que comporia o direito à cidade.

Dentro desse contexto, de uma alegada mudança de paradigma que passa a acontecer em São Paulo no tocante à condição de cidadania dos migrantes, esta pesquisa tem, como uma motivação principal investigar um dos diversos aspectos possíveis do direito à cidade: como se dá a apropriação⁷ dos diferentes espaços públicos da cidade por imigrantes africanos, mais especificamente senegaleses. A opção por investigar imigrantes de origem africana em sua relação com o espaço público de São Paulo ocorreu a partir da identificação de uma escassez de informações sobre imigrantes provenientes da África, quando comparada com outras regiões, como a América Latina. Em relação a aspectos da vida de imigrantes senegaleses em São Paulo, grupo que tem ampliado sua presença na cidade⁸ na última década, as informações são ainda mais restritas. Foi possível observar, através de busca no Banco de Teses e Dissertações da CAPES⁹, que quase a totalidade dos trabalhos de mestrado e doutorado

⁵ Criada no âmbito da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo, durante a gestão do ex prefeito Fernando Haddad – (PT). (SÃO PAULO, 2017). Em 2017 o nome foi alterado para: Coordenação de Políticas para Imigrantes e Promoção do Trabalho Decente (CPMigTD)

⁶ Primeira lei do país a instituir diretrizes para a política de imigrantes em âmbito municipal.

⁷ Para David Harvey (2014) os espaços da cidade são passíveis de controle social e apropriação, privadas ou público-estatais. Neste contexto é necessária uma ação política por parte dos cidadãos para que os espaços públicos, – como ruas, praças e parques – e os bens públicos, – como saúde, educação ou cultura – possam ser apropriados de modo a tornarem-se comuns.

⁸ A partir de 2012 o Senegal passa a figurar entre as principais nacionalidades com solicitações de refúgio no Brasil, com um total de 161 solicitações; em 2013 foram registradas 961 solicitações. Entre janeiro e outubro de 2014, os senegaleses realizaram 1.687 pedidos de refúgio no país (ACNUR, 2014).

⁹ A busca, realizada na página <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/>, no dia 27/01/2020, com a palavra “senegaleses”, teve como retorno 34 teses e dissertações. Após leitura dos resumos, foi possível observar que destas, apenas 27 abordavam de algum modo a vida de imigrantes senegaleses no Brasil. Das 27, uma, embora também cite São Paulo, foi realizada majoritariamente a partir de entrevistas com imigrantes residentes na região Sul do país e a outra, ainda que tenha como foco São Paulo, possui um enfoque mais específico, realizando uma avaliação da legislação migratória.

existentes tem como foco de pesquisa a região Sul¹⁰ do país, principalmente o Rio Grande do Sul e algumas de suas cidades, como Caxias do Sul, Erechim, Lajeado, Pelotas, Porto Alegre e Santa Maria. A exceção se dá em uma dissertação de mestrado¹¹, que, embora tenha como foco a cidade de São Paulo, foi realizada no programa de Direito, tendo como enfoque uma avaliação da legislação migratória. Ainda que não existam dados quantitativos precisos sobre a presença de imigrantes senegaleses em São Paulo, pois nem todos estão no cadastro de estrangeiros da Polícia Federal, é certo que estes contribuem para a ampliação do mosaico da imigração da cidade: a Associação dos Senegaleses de São Paulo estima que cerca de dez mil senegaleses residam atualmente na megalópole.

A escolha também se justifica em função de um levantamento das nacionalidades com mais solicitações de refúgio em trâmite no Brasil, segundo o informe Refúgio em Números, do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare): os venezuelanos, com 52%, ocupam o primeiro lugar; logo após estão os haitianos, com 10%; e os senegaleses, com 5%. Em quarto lugar estão os cubanos, com 4%. Empatados em quinto lugar estão os sírios, os angolanos e pessoas provenientes de Bangladesh, com 3% (BRASIL, 2019a). Deste modo, entre os africanos, os senegaleses são maioria. A opção por abordar na pesquisa uma única nacionalidade teve como objetivo possibilitar um aprofundamento maior da investigação, contribuindo para a superação de uma imagem reducionista da África que comumente é criada, como se esta fosse um único país, com uma única cultura. Sempre é importante ressaltar que a África é um continente que possui 30 milhões de quilômetros quadrados de superfície e uma população de cerca de 600 milhões de habitantes, com ampla diversidade cultural, biológica e linguística (MUNANGA, 2009b).

Reconhecendo a perspectiva que entende a atual divisão geográfica do continente africano em países como uma invenção colonial, que não levou em consideração a distribuição espacial prévia das etnias e culturas existentes (MUNANGA, 2009b), poderíamos questionar a

¹⁰ Há uma significativa presença de imigrantes senegaleses na região Sul do país. Um fator que contribui para esta configuração é a grande demanda de mão de obra que a região tem expressado, atraindo trabalhadores especialmente para a construção civil, indústria metalomecânica e frigoríficos. Em relação aos frigoríficos se soma mais um fator: o Brasil é um grande exportador de carne de frango com certificação *halal*, o frango que pode ser consumido por muçulmanos em todo o mundo. Para seguir os preceitos do Islã, uma série de procedimentos devem ser tomados: os animais devem ter o pescoço cortado em um único movimento, de modo a não haver sofrimento; em seguida deve ser feita uma sangria completa. Todo o processo precisa ser realizado com a frente do animal voltada para Meca. Como é fundamental que a pessoa a fazer todo estes procedimentos seja muçulmana, e a maior parte dos senegaleses que chegam ao Brasil professam esta religião, é aberta uma oportunidade de trabalho para esta comunidade (TEDESCO, 2017).

¹¹ NETO, Ramiro Januário dos Santos. Os imigrantes senegaleses na cidade de São Paulo: direitos humanos, discriminação e legislação migratória pertinente. 08/08/2017 181 f. Mestrado em Direito. Instituição de Ensino: Universidade de São Paulo, São Paulo Biblioteca Depositária: Faculdade de Direito USP.

delimitação dos imigrantes que são foco desta pesquisa a partir de seus países de origem. Talvez a autodenominação seja o melhor caminho para entender como os imigrantes se identificam, se reconhecem e se organizam – de acordo com as denominações oficiais de nacionalidade, ou por outras formas, como etnias ou grupos religiosos. Para esta pesquisa optou-se por um caminho misto: as nacionalidades servem como ponto de partida, de modo a começar pelo que nos é familiar, para que então outras nuances, caso surjam, possam ser percebidas. Com isto, ao mesmo tempo que os dados oficiais foram considerados e relacionados com as situações políticas de cada país, foi realizada também uma escuta atenta de modo que, no caso do aparecimento de outras identificações, as mesmas fossem consideradas ao longo do projeto.

O Senegal é um país que possui uma grande diversidade étnica e religiosa em sua população. São mais de 20 etnias, das quais as mais representativas são os Wolofs, os Toucouleurs, os Peuhls, os Sérères, os Mandingues, os Bassaris, os Diolas (EMBAIXADA DO SENEGAL, 2010). Ademais, embora a maior parte da população seja muçulmana¹², cerca de 90% (BROWN; JAMES, 2019), encontra-se dividida em uma série de confrarias religiosas, principalmente os Tidjanes, Mouride, Quadiriya e Layenne. Se em muitos países tamanha diversidade é sinônimo de conflitos, de modo geral este quadro não se manifesta no Senegal: as etnias e diferentes vertentes religiosas vivem em grande harmonia (EMBAIXADA DO SENEGAL, 2010). Ainda que a guerra não seja uma realidade no Senegal, a pobreza é uma constante: o país é um dos mais pobres do mundo e está entre os 25 com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais baixo.

A imigração para outros países, entre eles o Brasil¹³, é a concretização da busca de uma vida melhor (UEBEL, 2015), confirmando o aspecto econômico como um elemento central para o impulsionamento dos mais diversos deslocamentos populacionais. Embora a imigração nem sempre signifique encontrar as condições ideais de vida, existe aqui uma possibilidade de conseguirem ganhar mais do que ganhariam no Senegal, muitas vezes até enviando dinheiro aos parentes que lá ficaram. A situação de elevada vulnerabilidade a que estão expostos no Brasil e a consequente necessidade de que sejam considerados nas políticas públicas de promoção da cidadania, também foi um fator importante para a definição dos imigrantes senegaleses como foco desta pesquisa.

¹² Cerca de 5,5% da população do Senegal é formada por cristãos (BROWN e JAMES, 2019).

¹³ A imigração para o Brasil amplia-se especialmente a partir de 2010, a partir de uma projeção internacional do Brasil.

Para ser reconhecida como refugiada¹⁴, a pessoa precisa enquadrar-se na definição internacional adotada pelo Brasil: pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados a questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados¹⁵ (BRASIL, 1997b). Os senegaleses de modo geral não se enquadram nesta definição: por virem ao Brasil em sua maioria por motivos econômicos, acabam sendo reconhecidos legalmente no Brasil como imigrantes¹⁶ e não como refugiados. Ainda que grande parte dos senegaleses saiba que não receberá o reconhecimento como refugiado no Brasil, a maioria opta por entrar no país através de uma solicitação de refúgio¹⁷: 1221 senegaleses assim o fizeram em 2017 (BRASIL, 2018) e 462 em 2018¹⁸ (BRASIL, 2019a). Mas por que optar por esta via se é de conhecimento comum que não haverá o reconhecimento do refúgio? Como solicitante de refúgio¹⁹ a pessoa fica em situação migratória regular até a conclusão da análise²⁰ realizada pelas autoridades pertinentes, sendo proibida sua extradição (JUBILUT, 2007). Já com o visto de visita, a pessoa pode ficar no território nacional por até 90 dias²¹ (BRASIL, 2017a). Ademais, o solicitante de refúgio tem direito a obtenção de documentos como CPF e Carteira de Trabalho que possibilitam uma

¹⁴ Um dos princípios gerais do direito internacional de proteção dos refugiados é o princípio de não devolução, que significa que o refugiado possui o direito fundamental de não ser devolvido ao país em que sua vida ou liberdade esteja sendo ameaçada (SOARES, 2011).

¹⁵ Definição constante na Convenção de Genebra de 1951 e ampliada com o Protocolo de 1967 e com Declaração de Cartagena, sendo o Brasil signatário de todas estas fontes de direito internacional dos refugiados. Ademais o país possui sua própria legislação, a Lei 9.474/97. Em consonância com a Convenção, com o Protocolo e com a Declaração, a Lei 9474/97 apresenta os critérios pelos quais uma pessoa é reconhecida como refugiada e concede direitos e deveres específicos aos refugiados, diferenciados dos direitos conferidos e exigidos dos demais estrangeiros no país. (SOARES, 2011).

¹⁶ Segundo o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) (2019), os imigrantes são pessoas que optaram por viver em outro país que não o seu de origem, especialmente por motivações econômicas ou educacionais, podendo voltar com segurança ao seu país de origem se assim desejarem. Vale ressaltar que a diferenciação entre imigrantes e refugiados, nesta pesquisa não significa a concordância com uma tendência que busca criminalizar a imigração, como se os imigrantes fossem aproveitadores, enquanto os refugiados estariam em uma situação de necessidade (MACHADO, 2020).

¹⁷ De acordo com dados do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare), entre 2002 até março de 2019 houve no Brasil 8.555 solicitações de reconhecimento da condição de refugiado por parte de senegaleses. Destes, porém, somente 15 pedidos foram deferidos (VIDIGAL, 2019).

¹⁸ É interessante observar como o número de senegaleses que entram por meio do Programa de estudantes - convênio de graduação (PEC-G) é muito pequeno em comparação com o de senegaleses que solicitam refúgio. Em 2017 apenas 10 senegaleses entraram no Brasil por meio do programa PEC-G, e em 2018 apenas 7 (BRASIL, 2020a).

¹⁹ “Alguém que solicita às autoridades competentes ser reconhecido como refugiado, mas que ainda não teve seu pedido avaliado definitivamente pelos sistemas nacionais de proteção e refúgio” (ACNUR, 2019, p.8).

²⁰ Ainda que não exista um prazo específico para a realização da análise de solicitação de refúgio, e que possa haver uma variação para mais ou para menos, em média este processo leva três anos (BRASIL, 2020b).

²¹ Período prorrogável pela Polícia Federal por até noventa dias, conquanto o prazo de estada máxima no Brasil não ultrapasse cento e oitenta dias por ano migratório. A prorrogação, entretanto, somente é permitida aos nacionais de países que assegurem reciprocidade de tratamento aos brasileiros (BRASIL, 2017a).

estada no país em melhores condições, até a análise sobre sua solicitação de refúgio (JUBILUT, 2007).²² Vale ressaltar que esta estratégia, que permite um acesso mais rápido à regularização migratória e trabalhista, é adotada por nacionais de diversos países²³ (PEREIRA, 2020), devendo ser vista como um indicativo de como os imigrantes em situação mais vulnerável possuem dificuldades para estar de modo regular no país.

O entendimento de “território” neste texto, ancora-se na proposta do geógrafo Milton Santos (2000), que sugere a superação da visão do território estritamente como um espaço físico geopolítico, entendendo-o para mais além: como produto de uma dinâmica social onde os sujeitos sociais se tensionam, de modo que todos acabam por agir sobre todos. Para Rolnik (2015, p. 30), esta noção de território necessita da consideração da relação entre este e as pessoas que dele se utilizam, sendo construída “com base nos percursos diários trabalho-casa, casa-escola, das relações que se estabelecem no uso dos espaços ao longo da vida, dos dias, do cotidiano das pessoas”. Milton Santos (1999, p. 8) destaca que um elemento de grande importância na concepção de território como um local de exercício da vida, no qual se reside, mas também são realizadas trocas, é o “sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”. Estas perspectivas de território fazem com que o mesmo seja um conceito chave para esta pesquisa, posto que, em uma via de mão dupla, ações desenvolvidas por qualquer grupo ou indivíduo em determinado território, também sofrem influências do mesmo. Como o arquiteto e urbanista dinamarquês, Jan Gehl (2015, p. XI) disse: “nós moldamos as cidades, e elas nos moldam”.

Tendo em vista a centralidade dos conceitos de espaço público e equipamento cultural na presente pesquisa, também cabe discorrer, ainda que rapidamente, sobre os mesmos. O segundo é de mais fácil definição: o termo equipamento cultural, segundo Teixeira Coelho (1997, p. 164), se refere a “edificações destinadas a práticas culturais” e, portanto, serve para designar espaços culturais de diversas tipologias como teatros, cinemas, bibliotecas, galerias, centros culturais, salas de concerto, museus, entre outros espaços dedicados primordialmente à

²² Em dezembro de 2019, no âmbito da nova lei de migração, foi publicada uma portaria interministerial que institui um procedimento especial para senegaleses que tenham processo de reconhecimento da condição de refugiado em trâmite no Brasil, solicitarem a residência no país. O imigrante poderá apresentar uma série de documentos à Polícia Federal que, caso sejam aceitos, lhe darão o direito de residir no país por dois anos e pedir a residência por prazo indeterminado, caso este cumpra alguns requisitos, dentre os quais: não apresentar registro criminal no Brasil; comprovar meios de subsistência; não se ausentar do Brasil por mais de 90 dias por ano; ter passado por controle migratório ao entrar e sair do território nacional (BRASIL, 2019b). Segundo o Ministério da Justiça e Segurança Pública esta é uma medida que tem como objetivo desafogar a fila de solicitações de reconhecimento da situação de refugiado no Brasil (VIDIGAL, 2019). Ainda é cedo para saber se esta medida terá seu objetivo alcançado, bem como seu impacto na vida dos imigrantes senegaleses que vivem no país.

²³ Em 2018 os haitianos, com 7.030 solicitações, figuravam como a segunda nacionalidade com maior quantidade de solicitações de refúgio no Brasil (BRASIL, 2019a). Entretanto, assim como os senegaleses, os haitianos de modo geral não são reconhecidos como refugiados no Brasil: apenas dois haitianos, até 2017, tiveram suas solicitações de refúgio deferidas (PEREIRA, 2020).

cultura, lugares que geram possibilidades de realização concreta da história individual como história coletiva. Estas organizações possuem três características marcantes: edificação – possuem espaços edificados; perenidade – funcionamento permanente; – e especialização – especialmente dedicados à ação cultural. Em relação a esta última característica é importante ressaltar que no contexto contemporâneo, parte dos equipamentos culturais tem buscado implementar ações culturais que partem de uma postura mais interacionista, de modo que sejam estabelecidos diálogos entre suas programações, espaços e acervos com os interesses e identificações de seus públicos, possibilitando a conversão dos mesmos em verdadeiras extensões do espaço público. O uso das tecnologias da informação também tem contribuído nesse sentido (SANTOS; DAVEL, 2017).

O outro conceito mencionado – espaço público – é um conceito altamente complexo, discutido em diferentes áreas do conhecimento, por exemplo, por autores canônicos da Filosofia e das Ciências Sociais. Neste trabalho, faremos um uso operativo do conceito, compreendendo-o como o espaço de uso comum, capaz de articular as experiências de sujeitos e grupos heterogêneos que convivem no espaço urbano – isto é, um espaço de socialização e de encontro. Deste modo, o espaço público se constitui como o espaço onde ocorrem diferentes manifestações – sociais, culturais e políticas –, sendo, portanto, fundamental para a qualidade da vida urbana (INDOVINA, 2002). Como espaços públicos mais comumente identificados temos, as ruas, os parques e as praças. Ainda que tenha havido nos últimos anos um grande desenvolvimento tecnológico e o surgimento de novos meios de comunicação, facilitando o encontro virtual entre as pessoas, os espaços públicos mantêm um papel vital, no qual o encontro face a face possui uma importância cultural, democrática e simbólica (GEHL; SVARRE, 2018).

Por sua vez, os espaços públicos, assim como os equipamentos culturais públicos, são aqueles cuja propriedade e administração cabem ao estado, em seus diferentes níveis, devendo por isso ser potencialmente acessíveis a todos. Ainda assim, cabe ressaltar que o uso destes, por uma série de fatores, muitas vezes não ocorre de modo linear. Por vezes, os espaços públicos acabam por sofrer uma apropriação privada, com cobranças ou ocupação de espaços em benefício privado. Em outra mão, espaços privados podem ter uso público, mesmo que este não seja estrito (INDOVINA, 2002). Para esta pesquisa, o foco é o uso que imigrantes senegaleses fazem de ruas, praças, parques e equipamentos culturais de São Paulo, de modo que a função e o uso, acabam por ser mais importantes do que a propriedade ou gestão dos mesmos. Por outro lado, não se pode ignorar a propriedade e gestão pública: o termo “público” tem como base uma responsabilidade estatal na democratização do acesso aos mesmos. Para tal, é fundamental a

criação de condições diversas que permitam esta apropriação pública, como condições de segurança, manutenção dos espaços, programações e gestões com abertura para o diálogo.

Entre as diversas questões abordadas nesta pesquisa estão: quais espaços públicos e equipamentos culturais de São Paulo são mais frequentados pelos imigrantes senegaleses? Quais os fatores que os aproximam ou os distanciam dos espaços públicos e equipamentos culturais e as ações que desenvolvem nestes locais? A partir da análise das diferentes respostas dos imigrantes senegaleses, uma hipótese investigada é a de que os imigrantes poderiam vivenciar uma experiência de cidadania e sensação de pertencimento em diversas identidades, a partir de situações que proporcionem espaços da cidade mais híbridos e plurais.

A ideia desta investigação surgiu a partir de uma das experiências que tive profissionalmente²⁴, experiência que me possibilitou a aproximação com equipamentos culturais e parques da região central da cidade de São Paulo, assim como com imigrantes, que puderam vivenciar, ainda que brevemente estes espaços. Ao se posicionar pelo direito à cidade, David Harvey (2014) destaca que relações de troca mútuas, somadas aos direitos fundamentais, possibilitam uma vivência de cidadania. As ações que pude conhecer aparentavam aproximar-se desta definição, um vislumbre de outras perspectivas possíveis de cidade. Dentro deste panorama, a partir da identificação da existência de poucas informações a respeito da apropriação dos espaços públicos e equipamentos culturais da cidade por imigrantes, optei por investigar esta questão, buscando assim contribuir para a ampliação deste quadro de informações que possa vir a subsidiar projetos, programas ou políticas que busquem estimular uma aproximação dos imigrantes aos espaços públicos e equipamentos culturais da cidade.

Em 2010, com o objetivo de transformar o centro de São Paulo em um território educativo, iniciou-se a partir de projeto coordenado pela Associação Cidade Escola Aprendiz, a constituição de um Grupo Articulador Local na região da Luz, bairro central da cidade. Formado majoritariamente por reconhecidos equipamentos de cultura da região, como Museu da Língua Portuguesa, Museu de Arte Sacra, Pinacoteca do Estado de São Paulo, Sesc Bom Retiro, Memorial da Resistência, entre outros, contava também com a participação de moradores, organizações locais e representantes governamentais, especialmente da Educação²⁵.

²⁴ Trabalhei de 2012 a 2015 como Gestora de Projetos, na Associação Cidade Escola Aprendiz, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) que atua na promoção de experiências e políticas públicas orientadas por uma perspectiva integral da educação. Entre outras ações, a associação busca apoiar a constituição de territórios educativos, nos quais comunidades, escolas e equipamentos locais são conjuntamente responsáveis pelo processo educativo de suas crianças, adolescentes e jovens.

²⁵ O Grupo Articulador Local surgiu a partir do projeto “Bairro-Escola Centro”, projeto desenvolvido pela Associação Cidade Escola Aprendiz, que objetivava contribuir para a constituição de território educativo no centro de São Paulo, através da aproximação e articulação de escolas, comunidades, organizações sociais, empresas e poder público. Fui gestora do projeto entre 2012 e 2013.

Em meio a muitas discussões e compartilhamentos de ideias e experiências, o desejo de aproximação das comunidades locais foi recorrentemente relatado por participantes nas reuniões do grupo. A partir disso, diversas ações e atividades foram desenvolvidas, como um projeto com jovens das ocupações de moradia do entorno, que envolvia a participação em oficinas de comunicação e realização de percursos culturais por equipamentos do entorno (VILLALOBOS, 2015). Entre os muitos moradores da região, incorretamente identificada como sendo apenas de comércio, estão os imigrantes. Se a apropriação dos equipamentos de cultura da região por parte dos moradores brasileiros mostrava-se como um constante desafio, em relação aos imigrantes, os gestores dos equipamentos destacavam dificuldades ainda maiores. Como acessá-los, atraí-los e garantir a utilização do espaço, o direito que lhes assistia? Ainda que os gestores relatassem não saber ao certo como estimular este acesso, demonstravam abertura e disponibilidade para realizar ações que pudessem de algum modo contribuir para a aproximação deste público.

Em 2012 teve início, também na região central de São Paulo, o Trilhas da Cidadania, projeto de ensino de português, aspectos da cultura e cidadania para refugiados²⁶. Em sua realização, contou com apoio do Grupo Articulador Local, principalmente do Museu de Arte Sacra, que cedeu espaço para a realização das aulas. Em seu processo educativo, desenvolvido principalmente a partir de interações com a cidade, os alunos realizaram visitas a espaços públicos e equipamentos culturais da região central, como Parque da Luz, Pinacoteca e Pateo do Collegio (VILLALOBOS, 2015). Ainda que os contatos dos refugiados com os equipamentos e espaços públicos tenham sido breves, já demonstravam sua potencialidade: no Parque da Luz, por exemplo, puderam conhecer um pouco sobre a história do parque, fazer piquenique e conversar com estudantes que passavam pelo local, compartilhando suas histórias e conhecimentos (PORTAL APRENDIZ, 2013). No Museu da Língua Portuguesa, as turmas não esconderam seu encantamento ao descobrir que diversas palavras de origem africana são utilizadas no Brasil. As visitas feitas pelos alunos constituíam-se em oportunidades de trocas de informações, de ideias, de conhecimentos, entre eles, com outros frequentadores, e com monitores. A oportunidade de observar na prática o uso de espaços públicos, especialmente equipamentos culturais, com trocas e encontros desenvolvidos por imigrantes, possibilitou-me a problematização desta temática, contribuindo para a ampliação de meu interesse na realização desta investigação, no âmbito acadêmico.

²⁶ Projeto desenvolvido entre 2012 e 2015 pela Associação Cidade Escola Aprendiz, com apoio da Editora Moderna, Caritas Arquidiocesana de São Paulo e Museu de Arte Sacra. Fui gestora do projeto durante todo o período.

Na primeira etapa realizada da pesquisa, foi efetuado um levantamento bibliográfico inicial, no qual diferentes autores foram identificados²⁷. Após a leitura e discussão a respeito dos mesmos, alguns constituíram-se como referências basilares para esta investigação, tais como: Henri Lefebvre (2001) e David Harvey (2013; 2014), considerando suas definições e considerações sobre o chamado “direito à cidade”; Antonio Candido (2011), a partir de sua discussão sobre a importância da arte e o sensível para a vida; Stuart Hall (2002; 2006), em suas considerações sobre a possibilidade de termos identidades múltiplas; Zygmunt Bauman (2005; 2013), que também aborda as identidades e apresenta o conceito de “indesejados” ou “refúgio humano”. Ademais, ainda nas pesquisas preliminares, outras questões se mostraram necessárias de serem abordadas, como questões ligadas à negritude e de sua relação com a cidade, considerando que os migrantes africanos foco desta pesquisa de modo geral são negros. Para tal, entre outros, foram utilizados os livros: *Crítica da Razão Negra*, de Achille Mbembe (2018) e *A cidade e o negro no Brasil*, com organização de Reinaldo José de Oliveira (2013).

A ausência de pesquisas aprofundadas sobre como se dá na prática a apropriação pelos imigrantes, especialmente os africanos, dos espaços e equipamentos culturais públicos em São Paulo, posiciona a pesquisa de campo como um instrumento central do trabalho de pesquisa, possibilitando a coleta de informações diretamente com a população pesquisada. Segundo a antropóloga brasileira Bela Feldman-Bianco (2013), a pesquisa de campo requer além de um olhar sensível, aberto para o aprendizado, a consciência da responsabilidade sobre os impactos das ações de um pesquisador em relação ao sujeito ativo da pesquisa. Nesse sentido, houve um cuidado em ir além de estereótipos, superando essencializações e buscando compreendê-los a partir das observações e diversidade de relatos de suas histórias de vida e experiências. Como Jan Gehl (2015, p.236) destaca, “todos os contatos mais profundos começam com o ver e o ouvir”.

Para ‘ver’, um dos métodos utilizados na pesquisa foi o de observação etnográfica, dentro de uma perspectiva de observação flutuante, na qual o pesquisador deve perder-se para encontrar-se, permanecer disponível, com uma atenção que em vez de se fixar sobre um objeto preciso, flutua, de modo que, sem filtros prévios, ao observar a cidade, possam ser captadas convergências e regras subjacentes (PÉTONNET²⁸, 2008). Estas observações da cidade têm como objetivo, através do caminhar pela cidade, buscando ativar todos os sentidos²⁹,

²⁷ Sempre que possível serão incluídos na bibliografia livros e textos de autoras mulheres, autores negros e autores imigrantes, buscando ampliar a diversidade de perspectivas abordadas.

²⁸ Pétonnet utilizou o método de observação flutuante, em seu trabalho de pesquisa no cemitério Père-Lachaise em Paris.

²⁹ Jane Jacobs (2018) defende que para aprender é fundamental ‘estar na cidade’.

possibilitar a captação de interações entre vida e forma nos espaços públicos. A diversidade, imprevisibilidade e nuances da vida, fazem com que este contato corpo a corpo nos espaços da cidade seja de fundamental importância para pesquisas que envolvem espaços públicos e vida na cidade ao trazer do abstrato para o concreto em uma dialética entre pesquisa e prática (GEHL; SVARRE, 2018).

A observação etnográfica foi realizada entre o mês de junho de 2018 e outubro de 2019, em diferentes locais públicos e privados da cidade que foram utilizados de algum modo pela comunidade senegalesa neste período. O primeiro estímulo³⁰ foram as comemorações realizadas pelos senegaleses nas ruas de São Paulo, durante os jogos de sua seleção na Copa do Mundo³¹. A partir destas observações, foram realizadas conversas que trouxeram a indicação de outros espaços, que foram também observados. O uso da observação etnográfica foi feito com o objetivo de somar aos outros métodos adotados, explorando o diferente e o não previsto: a pesquisa parte da premissa de que fontes diversas trazem informações e conhecimentos diversos, que podem ser complementares.

Para ‘ouvir’, a partir desta primeira aproximação, foi ativado o segundo método: o da história oral, que possibilita o levantamento de informações mais aprofundadas junto aos imigrantes. Os contatos foram feitos a partir da técnica da “bola de neve” ou “rede de entrevistados”, na qual participantes da pesquisa indicam outros possíveis participantes, ampliando o escopo de entrevistados, de acordo com o princípio da “rede”, frequente nos estudos de história oral. Todas as entrevistas constantes nesta pesquisa possuem autorização de uso e de divulgação dos nomes dos entrevistados, tendo sido gravadas com celular. Embora ao longo dos capítulos, excertos das entrevistas sejam utilizados, optou-se pela disponibilização das transcrições integrais como um apêndice da dissertação, de modo que, caso a leitora ou leitor possua interesse, possa conhecer exatamente qual a pergunta disparadora de determinada resposta ou o contexto geral em que algo foi dito. Mais do que isso, entendo que – seguindo a contribuição da história oral, de gerar e disponibilizar novas fontes – as transcrições podem também consistir em um material importante para uso futuro, por outros pesquisadores.

Entre as muitas definições existentes de história oral, partimos da utilizada por Verena Alberti, (2013, p. 24) a de que consiste em um método de pesquisa “que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”. Em

³⁰ A primeira observação aconteceu de modo casual, em uma caminhada que realizei pelo centro de São Paulo. a qual será abordada mais detalhadamente no capítulo *Outros Usos da Cidade*.

³¹ Copa do Mundo de Futebol – Rússia, 2018.

contraposição à perspectiva de que a história oral serviria para as pesquisas como um suporte documental de cunho duvidoso³², entende-se sua legitimidade como fonte e sua potencialidade de ampliar o quadro de narrativas sobre a história, possibilitando a difusão destas múltiplas versões. Nesse sentido, o depoimento oral pode ser um instrumento que auxilia uma compreensão diversa da ação humana: mais ampla e globalizante (ALBERTI, 2013). A pesquisadora Valerie Janesick (2013), em seu texto *Oral History, Life History and Biography*, defende que a história oral, deste modo, possibilita a emergência de narrativas dos que estão excluídos dos holofotes da sociedade, revelando histórias da cidade não contadas e proporcionando uma ampliação da justiça social. Este método foi selecionado como o principal para esta pesquisa por possibilitar o estabelecimento de conexões entre passado, presente e expectativas futuras (MAGALHÃES, 2017), não como uma verdade factual, mas como a história reconhecida pelos indivíduos como sua própria história, possibilitando o levantamento dos motivos que levam os imigrantes entrevistados a aproximar-se, ou afastar-se dos espaços públicos e equipamentos culturais, as interações que desenvolvem ou desenvolveram e um vislumbre dos espaços e equipamentos culturais públicos que sonham frequentar.

Conforme constatado em experiências de pesquisa realizadas pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (Gephom/USP)³³, quando o tema é migração, as fontes orais assumem preponderância em pesquisas no Brasil, estabelecendo uma via de mão dupla: “não só as entrevistas são uma das fontes mais importantes para se estudar os movimentos migratórios, como a imigração tem sido um dos temas mais privilegiados no campo da história oral” (MAGALHÃES, 2017, p. 8).

Para a realização das entrevistas foi criado um roteiro temático que serviu como guia para as perguntas, sem, no entanto, delimitar o modo de perguntar, nem o limite das respostas fornecidas. Após a gravação dos relatos foi realizada a etapa de transcrição das entrevistas³⁴. A análise dos dados coletados foi realizada com base nas recorrências temáticas, de modo a permitir, a partir de então, a emergência de categorias e sua posterior interpretação, em conformidade com os princípios consensuados pelos estudos em história oral. A ênfase da

³² Diante do fato de que no processo de rememoração nem sempre as lembranças traduzem com exatidão o que ocorreu (HALBWACHS, 2006).

³³ O Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (Gephom/USP), sediado na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da USP, é coordenado por Valéria Barbosa de Magalhães e por Ricardo Santhiago. Participo das reuniões do Gephom desde agosto de 2017.

³⁴ A transcrição é a primeira versão escrita do depoimento, compreendendo a passagem do registro oral para a linguagem escrita. Nesse sentido deve ser feito um esforço para que haja uma fidelidade em relação ao que foi gravado (ALBERTI, 2013).

pesquisa está nas narrativas dos entrevistados, de modo que, apenas a partir do que delas emerge, conceitos e teorias foram ocasionalmente abordados.

Esta dissertação é composta por seis itens – uma introdução, quatro capítulos e a conclusão – nos quais as narrativas surgem de diferentes modos: ora os entrevistados em primeiro plano alçam suas vozes apresentando informações que em sua maioria ainda não são encontradas nos livros e pesquisas, como protagonistas de suas histórias; ora são apresentadas informações que podem contribuir com a pesquisa, assim como relatos dos diferentes momentos de observação etnográfica. No capítulo “Os narradores”, conhecemos quem são os entrevistados, dez senegaleses, sendo nove homens e uma mulher que vivem no Brasil³⁵. Aqui é apresentado um panorama sobre suas chegadas ao Brasil, onde vivem e o que fazem. No capítulo “Os imigrantes e o direito à cidade” temos uma discussão sobre o direito à cidade em relação aos imigrantes, de modo a possibilitar um aprofundamento teórico. Em seguida, partimos para dois capítulos que organizam os núcleos temáticos mais recorrentes nas falas. O capítulo “Dimensões da religiosidade” surge a partir da identificação da importância que a religião possui para os senegaleses e como esta impacta diretamente as formas como se apropriam dos espaços públicos. Primeiramente é apresentado um breve panorama sobre o islamismo, religião professada pela ampla maioria da população do Senegal, para então relatar como esta é adotada no Senegal e finalmente como é a expressão da mesma pelos senegaleses que vivem em São Paulo. No capítulo “Cultura, lazer e trabalho: usos da cidade”, são apresentados diferentes usos dos espaços da cidade pelos senegaleses, com um aprofundamento relativo aos eixos mencionados em seu título. São então analisadas as questões principais propostas na pesquisa – quais são estes espaços, quais os usos e a potencialidade que a apropriação dos espaços públicos da cidade traz para um sentimento de cidadania.

³⁵ O significativo desequilíbrio numérico de entrevistados no que se refere a gênero é decorrente de marcas culturais desta comunidade e de suas implicações sobre esta pesquisa. A questão será abordada nos capítulos posteriores.

2 OS NARRADORES

A escolha por trabalhar com o método de história oral surge como uma oportunidade: a oportunidade de conhecer histórias e relatos que ainda não tiveram o devido registro e atenção no Brasil. Ademais, há nesta escolha um objetivo subjacente: o de que as narrativas das pessoas sejam mais relevantes do que um imaginário, em grande parte formado por imagens e reportagens que muitas vezes realizam um desserviço, padronizando e negligenciando contextos políticos sobre a migração (ALMEIDA, 2020). Esta pesquisa poderia ser feita de outros modos, mas não permitiria a obtenção de informações tão importantes como as alcançadas, portanto, ainda que brevemente, é fundamental a compreensão de quem são os entrevistados que contribuíram possibilitando uma série de aprendizados sobre as relações dos senegaleses com os espaços públicos em São Paulo. De onde vieram? Por que vieram? Onde vivem? Como sobrevivem? Tantas perguntas que nos proporcionam um vislumbre dos narradores das histórias que vamos conhecer, de modo que possamos localizar suas falas ao longo de toda a pesquisa: falas de pessoas que existem, com suas histórias, sonhos e realidades.

Todos os dez senegaleses entrevistados, nove homens e uma mulher, não possuem o português como língua materna: disseram falar o wolof, o francês, ou ambos³⁶. Alguns deles, em suas trajetórias migratórias, tiveram passagem por outros países, possibilitando-lhes o contato com outros idiomas. Foi possível identificar, ao longo das entrevistas, que os narradores desta pesquisa possuem graus de conhecimentos diversos a respeito da língua portuguesa, com maior ou menor precisão, sotaque, uso de palavras estrangeiras, e gírias. Ao longo das entrevistas foi possível perceber como o nível de português dos entrevistados impactou diretamente em suas respostas: quanto maior o domínio, mais longas e aprofundadas, quanto menor, mais curtas e superficiais. Do mesmo modo tive que adaptar as perguntas, tornando-as mais específicas para os entrevistados com menor domínio do idioma português, traduzir alguns trechos respondidos pelos entrevistados em francês, ou mesmo contar com o apoio de senegaleses que acabaram por atuar como intérpretes em alguns momentos das entrevistas realizadas. Os sotaques também geraram uma dificuldade na etapa de transcrição, sendo necessária por vezes a repetição excessiva das gravações de modo a identificar o que havia sido

³⁶ No Senegal existem muitos idiomas, mas cerca de 36% da população têm o wolof como língua materna. Ainda assim, cerca de 90% da população do Senegal fala ou entende o wolof, de modo que este idioma se tornou a língua veicular do Senegal – nome dado ao idioma que é utilizado para facilitar o entendimento comum entre pessoas que não partilham de um mesmo idioma. O francês, idioma dos colonizadores, é a língua oficial do país, permanecendo ainda como um idioma muito associado à elite. A língua árabe, que possui forte associação à religião islâmica, que é dominante no Senegal, possui também importante influência (DIAW, 2018).

dito. Optou-se durante a etapa de processamento das entrevistas, para melhor fluência e compreensão do leitor, pela supressão de alguns equívocos de forma, que se repetiam muitas vezes, assim como pela supressão do excesso de cacoetes de linguagem e de algumas titubeações comuns à linguagem falada. Por outro lado, optou-se pela manutenção de algumas marcas orais consideradas como erros, de acordo com a norma urbana culta do português, bem como contrações de palavras e parte das repetições e frases inconclusas. Isso foi feito tendo como objetivo respeitar as características do que foi dito e apresentar traços dos narradores buscando-se a maior fidelidade possível, embora se compreenda que as transcrições não são representações exatas da fala. Essa opção foi importante por considerarmos que o idioma falado se relaciona não apenas com o tempo de estadia no Brasil, com estudos anteriores do idioma português e posturas mais ou menos proativas, mas com as relações que estes senegaleses também desenvolvem nos diferentes espaços da cidade e com suas culturas, questões de grande importância para esta pesquisa. Segundo o historiador italiano Alessandro Portelli (2016, p. 20) no livro *Historia oral como arte da escuta*, “ao preservar na escritura, tanto quanto possível, a linguagem vernacular e coloquial com a qual as histórias geralmente são contadas, insistimos que o significado de um evento não pode ser separado da linguagem na qual ele é lembrado e narrado”.

As entrevistas realizadas para esta pesquisa foram as primeiras entrevistas de história oral que realizei, trazendo aprendizados decorrentes da prática e também dos estudos, tais como: a necessidade da realização de perguntas mais abertas e uma menor quantidade de interrupções da minha parte, buscando evitar conduzir o que estava sendo dito. A expectativa de que alguns assuntos fossem aprofundados, de que alguns questionamentos fossem respondidos, nem sempre foi alcançada. Na contramão, procurei – a partir da premissa de que a entrevista de história oral acontece a partir de um “compartilhamento de autoridade”, um exercício colaborativo em uma troca dialógica (PORTELLI, 2016) – buscar a flexibilização e abertura para o inesperado, encarando-o como uma oportunidade. Foi deste modo que o roteiro de entrevistas, com perguntas que pretendia fazer a cada entrevistado, logo se mostrou como um guia, importante, mas dinâmico, posto que às vezes, durante uma entrevista, novas questões se faziam importantes, ou posteriormente, já que cada entrevista trouxe questões que não haviam sido previamente pensadas e que foram incorporadas para as próximas.

2.1 Amath Touré

Durante os jogos da Copa do Mundo de 2018, a comunidade senegalesa que vive em São Paulo, organizou encontros no centro da cidade, para acompanhar e por vezes celebrar os resultados das partidas que tinham a participação da seleção do Senegal. Em um desses momentos em que estive presente, estabeleci um breve contato com Amath Touré, representante da Associação dos Senegaleses de São Paulo, órgão criado no ano de 2012, com o objetivo de contribuir para o fortalecimento da comunidade que reside na cidade. Dias depois, na associação, situada no centro de São Paulo, em uma sala de um edifício localizado na rua Conselheiro Crispiniano, foi realizada a entrevista³⁷ onde este jovem senegalês relatou parte de sua história na cidade:

Meu nome é Amath, Amath Touré, como o famoso jogador Yaya Touré³⁸ [risos]. Eu tenho 32 anos³⁹, moro no Brasil há três anos. Estou estudando no Brasil Administração. Já me formei em Economia e Gestão. Sou solteiro, sem filhos. Também eu sou o Secretário Geral da Associação dos Senegaleses aqui em São Paulo. Desde 2011 [sai do Senegal]. Não fui direto pro Brasil, depois que me formei da faculdade tive meu contrato de trabalho em Cabo Verde, um arquipélago que está na costa oeste da África, país lusófono que fala português, então daí, depois da faculdade, a primeira oportunidade de trabalho que eu tive foi nesse país, que eu gosto muito. Fiquei lá mais ou menos três ou quatro anos trabalhando numa rede de clínica dentária como responsável da rede, antes de chegar ao Brasil. Depois foi no final de 2014, final do ano, que eu falei: eu vou passar o final do ano no Brasil pra descobrir. Aí fiquei morando, há três anos.

O Brasil, distante fisicamente do Senegal, não pareceria uma escolha óbvia de destino. Questionado sobre o porquê da escolha do Brasil, Amath esclareceu:

No Senegal você não tem muito contato com o Brasil nesse tempo, agora é diferente. Como eu morava no Cabo Verde tinha muitos amigos cabo-verdianos que estudou no Brasil, que têm muita ligação com o Brasil, então a gente costumava conversar sobre o Brasil. Então eu tive um colega de trabalho que se formou no Brasil, que estava casado com uma brasileira, daí ele falou: “vai lá, visita, você vai gostar”. Antes de conhecer, como a maioria das pessoas, a gente tem essa imagem do Brasil, com violência, com aquelas coisas no Rio de Janeiro, que a gente só mostra isso, essa parte. A gente tava conversando todo dia e ele disse: “não Amath, vai lá, você vai descobrir outra coisa muito interessante”. Então decidi que eu vou visitar nesse final de ano, nesse longo final de ano [risos].

³⁷ Entrevista realizada em 03 de agosto de 2018.

³⁸ Futebolista originário da Costa do Marfim.

³⁹ Todas as idades citadas na dissertação, são as idades informadas no momento em que as entrevistas foram realizadas.

O que era para ter sido um ‘final de ano’ transformou-se em cinco anos no Brasil – desde que Amath deu a entrevista. Seria esta uma realidade de outros conterrâneos que vieram para o Brasil? A risada solta de Amath quebrou a tensão da entrevista. Menos dele, aparentemente já versado em conceder entrevistas como um representante da associação. Continuamos a entrevista e pergunto sobre a chegada a São Paulo:

Eu vim sozinho [...]. Passei primeiro por Ceará, Fortaleza, depois fui pro Rio de Janeiro. Daí vim pra São Paulo, daí quando cheguei em São Paulo eu fiquei: “São Paulo é a cidade que eu estava procurando mesmo”. Desde esse dia eu não saí de São Paulo, estou sempre aqui. No início você chega numa cidade como São Paulo, com quase não sei quanto milhão de pessoa, ritmo de vida é muito diferente, têm muitas coisas pra aprender, fiquei quase três meses melhorando meu português, fiquei fazendo curso de extensão na USP pra tentar se integrar.

Para sobreviver na cidade, o trabalho assume espaço fundamental na trajetória de Amath:

No início de 2015 com essas dificuldades que o Brasil tava confrontando, as coisas não estava tão fácil, eu falei: “não vou desistir, eu vou correr atrás”. Daí eu consegui ter meu emprego numa administração de imobiliária, um amigo que me ajudou. Eu fiquei um ano trabalhando nesse edifício. Eu fazia tudo, era o zelador, [folguista]⁴⁰, tudo, era o faz tudo. Um amigo falou: “não, se você está interessado a gente tem um emprego aqui, dá pra te ajudar, você trabalha, das 9 horas até as 17 horas, então a tarde você pode continuar seu estudo porque você vai precisar de trabalhar, você não pode ficar todo tempo sem trabalhar”. Eu fiquei quase cinco meses morando em São Paulo, gastando muito dinheiro, então eu fiquei lá quase um ano, então trabalhei um ano, nesse tempo eu consegui aprender muita coisa, agora ter uma rede também, então eu falei: “agora chega. Eu vou empreender”, então daí eu parei lá, peguei um pouco de dinheiro que eu tinha e lancei minha própria empresa. Até hoje abri minha própria empresa, eu tive muita experiência na área de negócio, eu já me formei em Economia e Gestão. Eu falei: “o que eu pode fazer aqui em Brasil? Comércio Internacional”, então fui no Senac, fiz curso básico pra entender a legislação do Brasil nessa área, daí foram seis meses, um certificado básico, eu falei: “já tá pronto, vou lançar minha empresa” e entrei nessa área. Até hoje eu estou trabalhando na intermediação comercial.

A entrevista com Amath sofreu algumas pequenas interrupções, como uma pausa para um café trazido pelo seu colega de trabalho, diversos telefonemas recebidos e a chegada de um compatriota ao escritório: sinais de gentileza e de uma rotina de trabalho bastante intensa na associação. A última interrupção foi a chegada de um senhor, trajado com boina, ao escritório. Soube ali que se chamava Fily, – pronuncia-se Filí – um senegalês de 59 anos que vive há 33 anos no Brasil. Fily foi muito simpático, me cumprimentou, apresentou-se, elogiou o trabalho realizado por meu entrevistado – que pediu uma pequena pausa na entrevista. Ambos

⁴⁰ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

conversaram alguns minutos em francês, Fily se despediu, pedindo desculpas por atrapalhar o andamento de nosso diálogo e foi embora, causando-me grande impressão por sua habilidade comunicativa – observada não apenas em uma boa expressão do idioma português, mas também por uma destacada desinibição, gentileza e amabilidade.

As conquistas que Amath tem obtido no Brasil não diminuem o sentimento de saudades em relação ao Senegal. O jovem senegalês disse sentir muita falta de sua família: pai, mãe, irmãos, mas disse também sentir saudades de outras pessoas e coisas de seu país de origem: “Eu sinto muita falta das minhas praias, porque lá tem bom praias. Sinto muito falta da minha família, amigos, sinto falta da comida senegalesa, da realidade, do transporte urbano, dos barulhos da cidade, sinto falta de tudo [risos]”.

2.2 Fily Kanouté

Terminei a entrevista com o Secretário Geral da Associação, me despedi e no elevador me arrependi de não ter pedido a Fily seu contato para uma futura entrevista – acreditava, após o contato inicial, que a oportunidade de também escutá-lo seria de grande importância para a pesquisa. O arrependimento durou pouco, para minha surpresa. Já no andar térreo, ao abrir a porta do elevador, ali estava Fily no saguão do prédio e desta vez eu não deixaria a oportunidade passar. Fily prontamente aceitou também ser entrevistado, e dias depois a entrevista ocorreu na Aliança Francesa⁴¹, tradicional escola de francês localizada no centro da cidade, na rua General Jardim, local que Fily, morando nas proximidades⁴², frequentava usualmente, especialmente para utilizar sua biblioteca e computadores⁴³. Coincidentemente, eu havia estado nesta unidade da Aliança Francesa poucos dias antes, conhecendo o prédio e verificando informações sobre um curso de francês. Neste dia eu havia ido à biblioteca e visto ali sentado um senhor negro, bastante compenetrado, usando o computador. Agora no térreo do prédio onde está localizada a Associação dos Senegaleses me impressionei ao perceber a coincidência: o senhor que estava neste momento na minha frente era o mesmo que eu havia visto alguns dias antes na biblioteca.

No dia marcado, antes do gravador ser ligado, enquanto eu tomava um café e Fily uma água, tivemos uma conversa de cerca de 15 minutos, na qual pude me apresentar brevemente e

⁴¹ Mais especificamente em seu café, que fica no andar térreo da unidade.

⁴² Fily já não vive no centro de São Paulo. Mora atualmente próximo do bairro do Butantã, região oeste da cidade de São Paulo.

⁴³ A biblioteca da Aliança Francesa, denominada Biblioteca Claudie Monteil, possui o maior acervo francófono do Brasil. O acesso à biblioteca é gratuito e livre não apenas para alunos, mas também para o público externo (ALIANÇA FRANCESA, 20-).

explicar como seria a entrevista. Fily não perdeu tempo. Como se já me conhecesse há bastante tempo, começou a falar sobre a situação política atual; golpes de estado; sentimento de identidade latino-americana, entre muitas outras coisas. Apressei em terminar o café para não deixar de gravar seus pensamentos que fluíam como uma fonte constante. Já com o gravador ligado⁴⁴ pedi a Fily que se apresentasse:

Daffa Fily Kanouté, meu nome completo. Sou senegalês e estou no Brasil há 32 anos. Cheguei em dezembro de [19]85, no dia 13 de dezembro no Rio de Janeiro e vim de Portugal, onde eu estudava como bolsista no Instituto Camões, num curso de extensão universitária que eu vim fazer na área de Letras. Vim ao Brasil pra visitar a família da minha namorada. Nesse período uma professora que eu conhecia, já em um curso que eu frequentei na Universidade de Lisboa, que é professora na USP, me recebeu e nós achamos por bem eu ficar aqui porque eu já gostava do Brasil. Também como eu sou músico, eu me interessava pela música brasileira que vinha praticamente pouco desde a África e [também optei em ficar] por questões afetivas, dessa moça que eu conheci na Universidade de Lisboa. Enfim foram as circunstâncias desse tipo que me fizeram chegar aqui e ficar.

Fily veio ao Brasil a partir de interesses de estudos e questões afetivas, uma configuração diferente da vivida pela maioria dos outros entrevistados nesta investigação. Em outro momento da entrevista, Fily continua a falar a respeito dos estudantes que, como ele, vieram em meados dos anos 1980.

Eu cheguei no Brasil e fui para a universidade. Então quando eu cheguei aqui o que mais tinha de africanos no Brasil eram estudantes, não tinha essa onda migratória grande. Então quem era o protagonista nesse processo? Eram estudantes. Então, portanto, eram pessoas que tinham um certo nível de cultura, de educação, ou muitas vezes até do ponto de vista do poder econômico, porque muitos dos caras que vinham ou o cara chegou por merecimento, porque ele passou nas provas e entrou, o que era a minoria, porque a maioria dos que vinha aqui o pai tinha dinheiro pra custear a vida dele no Brasil – então era filho da elite. Então quando esse cara vem aqui ele era de um patamar de poder aquisitivo na África que nem muitos brancos aqui tinham. Porque eu conhecia colegas meus, africanos, que eram: filho do vice-presidente, filho do vice-presidente de Gana, filho do vice-presidente da Guiné Bissau, cara que o pai dele era presidente da maior companhia aérea, e uns que tinha bolsas do USAID⁴⁵, que tinha convênio com o Itamaraty... Então essa pessoa chega e entra no Brasil e não tem medo de entrar na universidade da USP, por exemplo, e a gente entrava através das convenções internacionais. Eu não estou dizendo que eu sou esse perfil, eu vim aqui por minha conta, o que é um caso raro, meio aventureiro. Eu fui com bolsa de estudo em Lisboa e eu resolvi que eu ia vir aqui através de um rabo de saia, ou pelo meu gosto pela música e também porque tinha uma pessoa que eu conhecia que podia me orientar nos estudos aqui. Vários fatores.

⁴⁴ Entrevista realizada em 6 de agosto de 2018.

⁴⁵ Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional, mais conhecida por seu acrônimo em inglês USAID, que significa United States Agency for International Development.

É interessante observar a continuidade no tempo, de uma prática que teve início no século XIX, quando dignitários de países africanos, especialmente angolanos e moçambicanos, enviavam seus jovens filhos e filhas para estudar em instituições de ensino brasileiras (KALI, 2001). Parte da explicação pode estar no desejo de oferecer melhores oportunidades para os filhos, diante da fragilidade dos sistemas de ensino superior dos países de origem, assim como pelo *status* que estudar fora pode conferir. As condições podem ter sido facilitadas pelo elevado poder aquisitivo dos dignitários africanos, aliadas às condições efetivas de entrada, como a implementação em 1964 do Programa Estudante de Convênio de Graduação (PEC-G), programa de Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento (CTPD) que regulamentou o ingresso de jovens de países latino-americanos, caribenhos, africanos e asiáticos no Brasil para realizar seus estudos de graduação em instituições de ensino superior brasileiras. Na década de 1970, com a independência dos últimos países da África que ainda eram colônias, os estudantes dos países africanos foram incluídos no rol dos participantes do programa, passando a vir com mais frequência para o Brasil (MÜLLER; SILVA, 2016). Fily relata as dificuldades que ele e muitos de seus colegas africanos enfrentaram como estudantes de uma universidade pública nos anos 1980:

Dentro da USP por exemplo, não tinha uma cultura de convívio com negros dentro do campus, não só por parte dos alunos, como também por parte dos professores. Eu não tive dificuldade na Faculdade de Letras, mas eu tinha amigos que vinham da Angola, da Guiné Bissau, do Senegal, que estudaram na Faculdade de Economia, que fizeram Administração e lá só tinha filhos de ricos, era gente rica que estudava lá, a Escola Politécnica. Então a dificuldade que esse pessoal encontrava era dentro da sala de aula, o cara ele nunca conviveu com negro, durante 400 anos [risos]. Então aí chega lá e tem um criolinho, porque aqui o brasileiro, o negro pra ele é lá longe, entendeu? Mesmo dentro de casa o cara trabalhava fazendo faxina, era muito complicado naquela época. Hoje em dia você vê a criolada o tempo todo com uma estética de negro, do *black is beautiful*, que sai por aí, ta ta ta, faz desfile de moda, etc. Naquela época não tinha. Você era jovem ou não tinha nascido, mas seu pai pode lembrar disso. Era muito difícil quando eu cheguei aqui, o negro era um zero à esquerda e tinha um debate muito importante naquela época que era assim: a inserção dos negros dentro das mídias. [...] Isso era há 30 anos atrás, eu recém chegado no Brasil. Então a mentalidade da elite brasileira, dos brancos, era mais ou menos isso, e dentro das universidades, quer dizer, se os negros tinham problemas fora, em coisas tão simples como aparecer nos meios de comunicação de massa, imagina num lugar tão elitizado quanto a universidade, onde só os filhos de rico estudavam... Então tinha meia dúzia de gatos pingados negros que estavam lá e 99% desses negros eram africanos.

Percebe-se que os estudantes se depararam com uma realidade diferente da projetada internacionalmente pelo Brasil, no âmbito de sua política externa com os países africanos: como lugar de pacífico convívio racial, racialmente democrático. Esta imagem é ainda fortalecida pela grande população negra do país, sendo enfatizada a familiaridade da história em comum

entre Brasil e África, que geraria uma grande afinidade do país com o continente. O imaginário sobre o país e sobre o povo brasileiro é fundamental para a opção pelo país como destino de estudos, gerando uma superidealização e um consequente desapontamento com a realidade com a qual se deparam ao chegar ao Brasil, na qual racismo, segregação e violência contra negros possuem espaço (MÜLLER; SILVA, 2016). A visão de harmonia racial, que muitos estrangeiros possuem sobre o Brasil, segundo Teixeira (2006), teria como principal fonte o mito da democracia racial, a crença de que a escravidão teria sido benigna, transformando o Brasil em um país mestiço. Os resíduos do preconceito e do racismo seriam superados pelo desenvolvimento econômico, possibilitando a inclusão da população negra no país e a superação de conflitos raciais. Nas últimas três décadas, especialmente na segunda metade dos anos de 1990, teve início um processo de questionamento público mais enfático desta visão, que tem acarretado avanços, especialmente a partir dos anos 2000, através da criação de políticas de ações afirmativas⁴⁶ para os negros que vivem no país. Estas têm como objetivo, ampliar as oportunidades a que os negros têm acesso e diminuir as desigualdades sociais e econômicas a que estão sujeitos (DOMINGUES, 2005). Entretanto, na época em que Fily chegou, nos idos de 1980, qualquer questionamento ainda era incipiente, de modo que ele, e todos os outros colegas negros que estudavam na USP, se deparavam com a realidade que em nada se parecia com a ideia amplamente difundida, de que o Brasil era um país racialmente democrático.

Ainda que, para alguns, o sonho de estudar em outro país possa ter sido construído a partir de um escopo de informações mais sólidas acerca da realidade brasileira, considerando sua diversidade geográfica, social, econômica e cultural, de todo modo, os estudantes africanos naquele período, foram expostos às difíceis situações relatadas por Fily. É importante ressaltar também uma informação que surge no fim deste trecho de sua fala: eram muito poucos os estudantes negros na universidade e quase sua totalidade provinha de países da África. Diante da ausência de capital econômico dos negros escravizados no Brasil após a abolição da escravatura, ou de políticas voltadas para a superação desta configuração, estes necessitaram sujeitar-se a trabalhos precarizados, muitas vezes degradantes e com baixa remuneração. Esta configuração afetou não apenas os ex-escravizados, mas também seus descendentes (SANTANA, 2006), em uma cadeia de pobreza que acabou por limitar o acesso a uma educação

⁴⁶ “Um conjunto de políticas públicas e privadas de caráter compulsório, facultativo ou voluntário, concebidas com vistas ao combate da discriminação de raça, gênero etc., bem como para corrigir os efeitos presentes da discriminação praticada no passado” (DOMINGUES, 2005, p. 166).

básica de qualidade⁴⁷, assim como ao ensino superior. O critério de classe é reforçado ao ser explicitado como negros de diferentes classes sociais tinham diferentes acessos à universidade. Para os brasileiros, neste momento, o acesso era muito restrito⁴⁸, possivelmente em parte pela condição econômica a que grande parte destes estava relegada, ainda como reflexo da escravidão. No entanto, para negros de outros países, que ao pertencer a famílias abastadas, possuíam grande recurso econômico, o acesso era uma possibilidade concreta. Deste modo, em uma espécie de cadeia, a situação de riqueza dos pais possibilitava aos filhos a perpetuação de uma situação de privilégio. Vale ressaltar que sempre existem exceções – e Fily, um imigrante que não era filho de presidente, ou de dono de companhia aérea, estava aí para provar isso. Todavia, não possuindo uma família que pudesse financiar sua estada em outro país, Fily teve que encontrar as alternativas de trabalho que garantissem sua sobrevivência no Brasil.

Eu comecei a estudar na USP fazendo o mestrado e paralelamente eu trabalhava, dava aulas de francês, fazia traduções, não tinha bolsa e fiz monitoria na USP como professor de francês instrumental pelo Departamento de Letras Modernas. Inclusive parte dessa formação, desse método de ensino, eu fiz aqui nesse espaço onde nós estamos. Isso foi 86, 87. Depois eu me separei dessa moça, conheci uma outra que também estudava na USP com quem eu tive dois filhos. Entretanto eu parei de estudar, passei a trabalhar em um jornal de esquerda “A Hora do Povo”. Eu era tradutor, tinha uma pequena coluna lá. E depois fui trabalhar como professor de Linguística e Gramática Portuguesa em faculdades e cursinhos e como consultor de língua francesa da Wizard Idiomas, em Campinas. Então praticamente eu me afastei da vida acadêmica [...] me separei da mulher e fui morar em Minas. Eu praticamente não voltei mais pra academia, fui trabalhar nas empresas, fiquei fazendo tradução corporativa pra Peugeot, Citroën e pra fornecedores de autopeças, empresas americanas, italianas, trabalhei pro Carrefour... Enfim eu saí da área de humanas, porque eu parei de lidar com literatura, linguística e gramática, para traduzir normas técnicas da Petrobras, emissão de poluentes pra carros no Brasil e na América Latina e só agora que eu tô voltando a trabalhar de novo com a parte acadêmica, dando cursos de literaturas africanas, sobre culturas africanas, trabalhando novamente com música africana. É mais ou menos nessa fase que eu estou aqui. Nesse processo todo eu me mudei de São Paulo para o interior, depois pra Goiás, depois pra Minas Gerais. Eu fui circulando um pouco e morando nesses lugares por causa desses trabalhos. Voltei pra São Paulo pela última vez há dois anos.

Fily foi duplamente migrante: internacional e nacional, ao morar em diversos estados do Brasil, como Rio de Janeiro, Minas Gerais, Goiás e São Paulo. Sua trajetória é uma trajetória de luta e adaptação, como a de muitos brasileiros: estudos que se interrompiam e retornavam,

⁴⁷ Muitas vezes a escola frequentada por estudantes negros está localizada nas periferias da cidade de São Paulo, regiões na qual a violência e as drogas possuem uma presença significativa de modo a repercutir nos espaços de ensino. Além disso muitos alunos necessitam trabalhar, tendo que conciliar uma rotina intensa que pode afetar os estudos. Os docentes tampouco são poupados, sendo expostos a situações de despreparo material e cultural (OLIVEIRA, Reinaldo, 2013).

⁴⁸ Esta situação passa a ser suavizada a partir da adoção de políticas afirmativas no Brasil, tais como cotas raciais, especialmente a partir dos anos 2000 (DOMINGUES, 2005).

trabalhos diversos, os chamados bicos, mudanças de cidades, casamentos e separações, filhos. Próximo de completar 60 anos ele empreende um retorno à São Paulo e a seus objetivos de trabalho iniciais de quando chegou ao Brasil: atuar com ensino na academia e como músico. Amath e Fily representam diferentes gerações que migraram em contextos sociais bastante diferentes. Ainda assim, tanto a situação de Amath como a de Fily podem ser consideradas como privilegiadas em comparação com a de muitos compatriotas que também tentaram a sorte aqui. Ao chegarem, ambos já possuíam algum domínio do idioma, fator de grande importância para a obtenção de maiores oportunidades laborais no país: Amath havia trabalhado em Cabo Verde, país que possui o português como uma de suas línguas oficiais⁴⁹ e, portanto, relatou possuir uma compreensão prévia do idioma antes de vir para o Brasil. Seu nível do idioma foi ainda melhorado a partir de curso de extensão de português que realizou na Universidade de São Paulo. Fily havia estudado português na Universidade de Dakar, na Faculdade de Letras, tendo recebido bolsa de estudo para Lisboa, a partir de uma demonstração de domínio do idioma. Ambos possuem trabalhos formais e seguem construindo sonhos e projetos, algo que se mostra como uma possibilidade para poucos. Fily mostra-se consciente deste lugar diferenciado que ocupa:

Hoje o que nós temos desse pessoal que vem aqui, eles são mais vulneráveis do que nós, eles são completamente vulneráveis. Muitos deles não estudaram, não têm condições econômicas como a maioria do pessoal daquela época – ou o cara vinha com bolsa ou os pais custeavam. Hoje em dia os caras pegam avião clandestinamente, pega barco, vem pelo Haiti, pela Argentina. Você morou na Espanha, você deve ter ouvido falar dos caras que pegam os barcos pra sair lá naquelas ilhas, como chama? Ilhas Canárias. O cara atravessa o deserto e depois se transformam em escravos na Líbia.

Durante a entrevista, Fily emendava um assunto no outro, abordava questões que ainda não haviam sido perguntadas, indo além de relatos e apresentando discussões e seus pontos de vista sobre diversos assuntos, como política, história e cidadania. Entre outros assuntos falou sobre a economia do Brasil, sobre sua relação com países da América Latina e sobre os BRICS⁵⁰. Optei por não interromper suas – por vezes – longas divagações que aparentemente fugiam das perguntas originais, por acreditar que é necessária uma flexibilidade em um processo de entrevista, assim como uma escuta na qual o pesquisador se permita também ser levado por caminhos não esperados – que com constância também contribuirão para a pesquisa.

⁴⁹ O creole, entretanto, é a língua mais falada no país.

⁵⁰ BRICS é uma sigla que se refere a Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, um bloco de países emergentes no cenário econômico.

Seguia como uma conversa que poderia durar horas. Comentei com ele sobre isso, ele respondeu: “é que eu sou professor!”, e riu.

Finalizamos diante de outro compromisso que possuía, mas Fily ressaltou sua intenção em contribuir com a pesquisa por considerá-la importante para a comunidade, auxiliando-me através da indicação de novos entrevistados.

2.3 Moustapha Dieng, Ibrahima Sarr e Aziz Mbaye

Alguns meses depois de nossos primeiros encontros, Fily me convidou para ir à Associação Cultural Cachuera⁵¹, uma organização que busca contribuir para a valorização da cultura popular tradicional brasileira, especialmente as de matrizes africanas (ASSOCIAÇÃO CACHUERA, [entre 2010 e 2020]). Lá ele me apresentou dois senegaleses que realizam juntos um projeto de aula de dança neste espaço – Ibrahima Sarr, como o professor de dança e Moustapha Dieng, responsável por fazer a base musical da aula em um sabar, instrumento de percussão. Cheguei ao local e, com o auxílio de Fily, combinei com eles a entrevista, diante do pouco domínio que Moustapha e Ibrahima possuem do idioma português. A entrevista com ambos foi marcada para alguns dias depois, na cafeteria do Sesc 24 de Maio, local central, próximo à residência de Ibrahima. Embora as entrevistas estivessem marcadas para horários diferentes, me surpreendi no dia combinado, pois ambos chegaram juntos, trazendo ainda um terceiro amigo senegalês: Aziz Mbaye.

Ainda que tenha proposto conversarmos separadamente, os três se sentaram juntos, talvez uma forma de se sentirem mais seguros e apoiados. Não insisti em fazer entrevistas individuais, por entender que ficavam mais confortáveis deste modo. Para a historiadora Verena Alberti (2013, p. 199), “a presença de terceiros durante a gravação de uma entrevista pode constituir elemento dispersivo e às vezes limitador”, mas diz também que as vezes “pode não ser possível impedir que uma terceira pessoa participe da entrevista. Nesses casos, será necessário um cuidado especial quando de seu tratamento⁵²”. O que percebi ao longo das entrevistas⁵³ foi que esta configuração trouxe prós e contras. A presença de Aziz, que está há mais tempo em São Paulo e fala melhor o português, foi muito importante, pois, diante da grande dificuldade de entender as perguntas e se expressar em português, por parte de Ibrahima

⁵¹ Localizada em Perdizes, próxima à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

⁵² Durante a etapa de transcrição busquei recuperar, a partir de minhas anotações e da gravação, as diferentes vozes e em que contexto foram ditas, para não atribuir equivocadamente intervenções feitas pelos amigos, como voz do entrevistado.

⁵³ Entrevistas realizadas em 11 de abril de 2019.

e Moustapha, Aziz acabou por assumir uma postura de intérprete, que possibilitou um aprofundamento da entrevista, já que o idioma que dominam é o wolof, no qual apenas aprendi a falar a palavra “obrigada” – *Jërëjëf*. Por outro lado, Aziz eventualmente acabava por expressar seu próprio ponto de vista sobre alguns assuntos, falando algumas vezes pelos amigos entrevistados, ainda que eles não tivessem dito uma palavra. Em situações em que a entrevista acontece com a presença de amigos, Verena Alberti (2013, p. 200) comenta o que pode ocorrer: “Um amigo, por exemplo, pode sentir-se inclinado a prestar seu próprio depoimento sobre o assunto tratado, tirando a palavra do entrevistado e impedindo que expresse seu ponto de vista”. Foi exatamente o que ocorreu em alguns momentos. Ainda assim, entendi que esta era a configuração possível para poder conversar com estes três senegaleses e iniciamos as entrevistas. Moustapha começou a se apresentar em português:

Eu sou Moustapha Dieng, senegalês, professor de tambores sabar. Eu chegou no Brasil em 2014. Eu moro no Morumbi. Eu chegou em São Paulo em 2015. Eu tenho 28 anos. Eu não moro sozinho, eu moro com minha mulher. Eu chegou em 2014 pra Copa do Mundo do Brasil, eu morava no Rio Grande do Sul. Eu gosto do Brasil.

Os olhos do percussionista Moustapha brilham ao falar sobre seu trabalho. Mas afinal o que é sabar? Além da música e da dança, é o instrumento de percussão mais amplamente utilizado no Senegal, sendo geralmente usado para acompanhamento de dança. Este tambor possui um som forte, com timbres agudos e graves. É feito de madeira maciça com pele de cabra, tocado com a mão esquerda e uma pequena baqueta na mão direita (DORING, 2016). A dificuldade com o idioma fez com que Moustapha oferecesse uma curta apresentação pessoal. Sugeri que poderia falar em francês, mas ele explicou que também não domina o idioma. Aziz, provavelmente querendo auxiliá-lo, falou a respeito do trabalho que seu amigo desenvolve:

Ele dá aula de percussão, ele foi lá no Cachuera, já participou do trabalho no Teatro Oficina, eles [Moustapha e Ibrahima] toca também com Höröyá⁵⁴, mas eles também têm banda deles: Seneáfrica. Pra lugar pra tocar não tem. Se precisa deles manda mensagem, convida, diz: “a gente tem um show pra vocês participar”. Se eles dão tudo certo, a gente toca. No Teatro Oficina ele que dá aula, porque ele que participou muito. Mas é mais show com Höröyá. Mas eles também têm às vezes [shows próprios], uma pessoa chama pra fazer show, eles vão fazer show.

⁵⁴ Em sua página na internet, o grupo Höröyá se define como um grupo de música instrumental, da cidade de São Paulo, que tem como influência: culturas tradicionais de países do oeste africano, como Guiné, Mali e Senegal; diversas vertentes afro-brasileiras, como o samba e toques de candomblé; o *afrobeat* da Nigéria e de Gana e a musicalidade afro norte-americana, como o *funk* e o *jazz*”. O grupo é composto por nove integrantes, entre brasileiros e africanos de diferentes países. Fundado pelo compositor e músico André Piruka, possui três álbuns lançados até o momento. (HÖRÖYÁ, 2019).

Em sua página em uma rede social, a Associação Cachuera ressalta que possui como objetivo contribuir para a valorização da cultura popular brasileira e de suas comunidades produtoras. Nesse sentido, seus projetos buscam realizar uma aproximação do segmento educacional com o universo das culturas populares, em especial as de matrizes africanas. Entre as muitas atividades desenvolvidas no espaço, entre o segundo semestre de 2019 e primeiro de 2020 estiveram: Terceiro Encontro de Música Popular: Os Sons da Diáspora; Oficina de Tambor de Crioula para Mulheres; curso ‘História social das culturas da diáspora centro-africana no Brasil’; curso ‘O jongo do Sudeste’ (ASSOCIAÇÃO CACHUERA, [entre 2010 e 2020]). É possível compreender como a oficina realizada por Moustapha e Ibrahima possui conexão com o projeto desenvolvido pelo espaço cultural. Pude assistir a duas aulas desenvolvidas pela dupla no Espaço Cultural Cachuera, que possuíam a seguinte dinâmica: enquanto Moustapha, e às vezes mais algum convidado, tocavam os tambores, Ibrahima ensinava os passos, especialmente através do corpo, apenas uma ou outra vez falando alguma palavra em português ou francês. Fiquei impressionada pela beleza e qualidade artística do trabalho que desenvolvem e, na contramão, triste por ver que estavam com poucos alunos presentes: duas alunas em um dia, e apenas uma, em outro.

Moustapha, que entrou no Brasil através de uma solicitação de refúgio, conta que sente saudades da família que ficou no Senegal. Está há cinco anos longe por não ter documentos que lhe permitam viajar e retornar ao Brasil. Moustapha encerrou a entrevista dizendo que estava muito feliz em poder falar de sua vida. Agradei ao jovem Moustapha, dono de um sorriso farto. Em seguida, em nossa entrevista, foi a vez de Ibrahima, um rapaz alto e com longos *dreads* no cabelo, se apresentar em francês⁵⁵, apenas respondendo, em português, se possuía um relacionamento:

Bom dia, eu me chamo Ibrahima Sarr, de nacionalidade senegalesa, eu tenho [inaudível]⁵⁶ anos, eu sou dançarino profissional e coreógrafo. Eu danço desde criança, eu estudei na Ecole des Sables. Em 2018 o governo da Bolívia me contatou por um festival que ia acontecer lá e eu fui à Bolívia por três meses e depois quando o festival terminou, eu vim para cá, para o Brasil. Porque desde que eu era pequeno eu tinha um sonho, eu queria um dia ir a outro país para compartilhar minha cultura, com os brancos, os negros, os africanos. Eu viajei muito para outros países, representei meu país em competições na África: Costa do Marfim, Mali, tudo isso, depois de um ano eu vim para cá, na Bolívia e eu pensei que se no Brasil tem muita gente que ama a cultura africana, como eu te disse, desde pequeno eu sonhei em ir para compartilhar minha cultura. Por que não o Brasil? Eu vim para o Brasil depois eu conheci meu irmão Moustapha e Aziz

⁵⁵ Tradução nossa.

⁵⁶ Embora durante a entrevista não tenha sido possível compreender a idade de Ibrahima Sarr, no Facebook, na página de seu grupo, Seneáfrica, há a informação que Ibrahima nasceu em 1980, portanto no momento da entrevista teria 38 anos.

e ele [Moustapha] disse: “você dança e eu toco” [risos]. Aziz é do teatro. Depois que eu vim para o Brasil nós trabalhamos juntos, nós somos senegaleses, trabalhamos juntos. Eu moro na Santa Cecília, perto do metrô. Eu moro com dois senegaleses. Aqui não [tenho relacionamento], solteiro. No Senegal não também. Eu trabalho muito, porque casado muito problema [risos].

A escola de dança africana tradicional e contemporânea, na qual Ibrahima estudou, a Ecole des Sables, está localizada em Dakar, no Senegal. Ele começou sua carreira de dançarino aos 20 anos, em 2001. Foi líder de um dos mais conhecidos grupos de dança de seu país, o Diapo Sam, do distrito de Guédiawaye, até 2010, quando fundou a companhia Seneáfrica, com a qual viajou para diversos países. Aziz traduz a fala de Ibrahima, que agora conversa em wolof. Conta que Ibrahima veio diretamente para São Paulo, que mora na Santa Cecília em um quarto grande com dois amigos. Conta também que Ibrahima tinha, em princípio, intenção de voltar ao Senegal por conta das diversas aulas que dava no país, mas acabou ficando para tentar trabalhar com sua arte no Brasil. Ibrahima volta a falar em francês, conta que gostaria de poder visitar o Senegal e viajar para países vizinhos para realizar trabalhos e retornar ao Brasil, mas a ausência de um documento definitivo impossibilita este desejo: “Eu tenho problema aqui para sair. O primeiro problema é esse: eu quero ir pro Senegal pra ver minha família e continuar aqui meu trabalho. Porque tem muita gente que me escreve da Argentina para ir pra lá, muita gente que me escreve da Bolívia para ir pra lá”. Fala a respeito de seu amor pela cultura brasileira e que viveu em 2019 uma experiência diferente aqui participando do carnaval, na comissão de frente da tradicional escola de samba Vai Vai. “A primeira vez que eu participei eu não conhecia o carnaval, eu não conhecia o ritmo, eu participei como experiência, como carreira artística. Porque eu danço danças senegalesas, eu danço contemporânea, eu danço sabar, eu danço outros tipos de dança”, diz. Logo, foi a vez de Aziz se apresentar:

Meu nome é Abdou Aziz Mbaye. Cheguei no Brasil em 2014, já fiz muitas coisas porque quando eu cheguei aqui na verdade eu não tava de artista, eu tava de ambulante⁵⁷ vendendo no Brás. Depois eu fui morar no Rio Grande do Sul, no Passo Fundo, eu morei lá nove meses. Depois que eu voltei aqui, eu comecei a ir lá na praça [da República] e comecei a tocar, e ele [Moustapha] falou: “ô cara, por que você fica só tocando aqui? Vamos fazer show”. Na verdade Moustapha... eu não sou puxa saco de ninguém, mas ele ajudou nós muito aqui, porque ele poderia falar: “eu sou o primeiro que estou aqui, vou concentrar só no meu trabalho”, mas ele não fez isso. Quando eu vim, ele abriu mão pra mim, quando Ibrahima veio, ele abriu mão pra ele. A gente briga, porque no trabalho tem que brigar mesmo, ele fica bravo, vai pra lá, mas uma hora a gente encontra de novo

⁵⁷ A maior parte dos senegaleses trabalha como vendedor ambulante nas ruas de São Paulo, comercializando diferentes produtos, como relógios, camisetas, moletons, tênis e produtos eletrônicos diversos. Na região da Praça da República a maior parte dos senegaleses atua como camelô, vendendo produtos identificados como de origem africana, como roupas e acessórios.

pra conversar. Amizade é amizade, trabalho é trabalho. A gente tava tocando dois anos e depois chegou Ibrahima, que também não gastou nada quando ele chegou, nós dois tava tocando, a gente tava tocando por coisa de brincadeira. Ele tocou por muito lugar aqui, com muitas pessoas ele tocava. Ele chegou com outro cara que não tá aqui mais, agora ele tá trabalhando em Brasília. Se eu falo de verdade mesmo: as duas pessoas que tão fazendo cultura aqui são eles dois. Eu fiz tudo, fui vender, eles tavam bravos “eu vou lá só pegar um dinheiro”. A minha vida é um pouquinho difícil porque eu tenho quatro filhos no Senegal, eu tenho que trabalhar pra ajudar eles. Eu não tava tocando, eu dança, porque lá a gente nasceu, dança. Quando ele chegou ele me dá mais, porque eu sabe dança, mas dança profissional, porque dança na rua não são igual... Você pode ser muito dançarino da rua, mas você entra na cidade pra fazer profissional você acha que você nunca sabe dança. Ele me ensinou de tocar, porque toca que a gente tava fazendo era de Baye Fall...”eu vou te ensinar”. Se eu sabe graças a Deus foi por ele, porque antes eu tava fazendo teatro, no Senegal eu tava fazendo isso, eu comecei a fazer teatro quando eu tava com seis anos, acho que a coisa que eu mais gosta de fazer na minha vida é isso.

Moustapha e Ibrahima disseram, durante a entrevista, trabalhar exclusivamente com cultura. Alguns meses depois, ao tentar realizar uma entrevista com o dono de um restaurante senegalês, eu viria a encontrar Ibrahima trabalhando na cozinha deste local – a alternativa que encontrou, possivelmente, diante das dificuldades que estava passando para sobreviver com sua arte em São Paulo. Confesso que tendo assistido sua dança e ficado profundamente impressionada com a beleza de sua arte, fiquei impactada em encontrá-lo mais tarde ali, auxiliando naquele pequeno restaurante. Aziz, diferentemente de seus amigos que trabalham majoritariamente com arte, trabalha a maior parte do tempo vendendo na região do Brás. Ainda assim, eventualmente também participa de shows e oficinas, ora como percussionista, ora dançando. O teatro, entretanto, sua paixão, por enquanto ainda não encontrou espaço em sua vida no Brasil.

Eles estão vivendo mais essa coisa de artes do que eu. Se você dá pra ele R\$ 1 milhão ir lá no Brás vender, ele não vai fazer [risos]. Porque ele não sabe. Ele até no Brás eu levei ele um dia: “vamos trabalhar porque você não tá fazendo nada”. Mas ele sabe fazer só coisa de artes. Uma pessoa dá R\$ 100 pra ele, ele troca R\$ 50, não deu certo. Sou eu que vou às vezes, quando eu não tenho show pra fazer, quando eu não tô fazendo nada eu vou vender. Ele já tentou mas ele nunca consegue [risos]. Por isso eu quero que tudo essas coisas dê certo pra eles. Porque eu tem outra coisa que eu vou fazer, mas eles têm só isso. Tem que ajudar eles nessa vida de artes que eles tão fazendo. Eles não sabe. Eu não sabia, mas esse amigo me ensinou tudo, de vender.

A inabilidade dos companheiros em vender, provocou muitas risadas em Aziz. Aziz conta ter feito 30 anos no Natal passado. Que ao chegar ao Brasil, primeiro veio para São Paulo, após um ano foi viver em Minas Gerais e um ano depois voltou para São Paulo. Conta que mora em um quarto pequeno, só pra conseguir dormir: “eu moro perto de perto da casa dele [Ibrahima]. Eu vou lá todos os dias comer as comidas dele [risos]. Eu acordo e roubo a chave

dele e vou lá comer tudo e depois volto pra casa [risos]. Na Santa Cecília. Eu moro com um amigo”. Questionado sobre ser casado, responde: “Já me casei mas me separei. Eu casei aqui, mas me separei. Tô procurando uma bonita pra casar de novo [risos]”. Perguntado sobre saudades, Aziz, com um olhar triste, relatou sentir especialmente de seus filhos.

Tem dia que eu fico chorando mesmo, quando ele me chamou e falou: “pai você vai voltar quando?”. Tem uma que eu não vi até agora. Eu cheguei aqui e seis meses depois ela nasceu. Ela tem quatro anos, é difícil também. Tem as vezes que eu falo com esposa dele: “Quando seu marido fica um pouco quieto é porque ele não tá bem, não é porque ele não te ama, ele sente muitas saudades, é melhor ele ficar quietinho”. Nós que sai do país tem coisa que a pessoa tem que aceitar pra ficar aqui, [inaudível], passei três dias no hospital. Você tá longe da sua mãe [inaudível] a gente sente saudade, da cidade, das casas, foi come na casa de Ibrahima, outro dia foi comer na casa de Moustapha [inaudível] eu tenho saudades dos amigos que nasceu juntos, ele [Moustapha] tá com saudades dos amigos que eles fica tocando no Senegal, tem os amigos deles que tão no Senegal, porque ele é professor de lá, então muitas saudades mesmo, mas acho que um dia nós vamos matar essas saudades.

Fiquei impressionada como Aziz, inicialmente bastante sério e aparentemente fechado, desabrochou durante a entrevista. Tranquilo, rindo, auxiliando... Sua participação acabou sendo fundamental para que eu pudesse conhecer um pouco da história destes três artistas senegaleses que tentam a vida em São Paulo.

Acabei por não ter indicações de outros possíveis entrevistados com Ibrahima, Moustapha ou Aziz. Após estas entrevistas passei um período longo buscando novos entrevistados. Se o primeiro contato, realizado com Amath, foi muito fácil⁵⁸, possibilitando a obtenção de seu número telefônico e depois através de contato posterior, a realização da entrevista, esta não é uma realidade que possa ser generalizada: a maior parte dos contatos com senegaleses foram conversas bastante truncadas – acredito que menos por dificuldades linguísticas, e mais por uma aparente desconfiança a respeito do convite para participação nas entrevistas. Conversei com ambulantes senegaleses na região da praça da República, mas não tive sucesso. No caso das mulheres senegalesas que foram abordadas, algumas alegaram que necessitariam pedir a autorização de seus maridos, antes de aceitar dar uma entrevista. Uma chegou a aceitar, mas quando entrei em contato para agendarmos, alegou estar doente. Essa é uma das razões para o aparente desequilíbrio de gênero no conjunto de entrevistados desta pesquisa – o que é de se lamentar, mas, em última instância, é um reflexo das marcas culturais desta comunidade, questão que será abordada nos capítulos posteriores.

⁵⁸ Uma hipótese para a resposta positiva de Amath é a influência do papel institucional que ocupa: ele é um representante da comunidade, e como tal necessita se relacionar de modo mais aberto com não compatriotas.

Conversei também com um senegalês dono de uma loja na região, que me pediu para que eu mandasse um e-mail a respeito, mas nunca respondeu. Outro senegalês aceitou prontamente o convite para uma entrevista que foi marcada para a semana seguinte. Nesse intervalo, começou a me ligar diversas vezes por dia, chegando a enviar uma mensagem com a frase “Quero te conhecer melhor”. Por acreditar se tratar de uma situação de assédio, optei por enviar uma mensagem agradecendo a disponibilidade para a entrevista, mas justificando que diante de um compromisso não poderia realizá-la. Em outros contatos que não evoluíram para entrevistas percebi que este tipo de situação não é incomum, embora até aquele momento tivesse ocorrido em menor grau. Alguns homens aproveitam o contato – sempre apresentado claramente por mim, como o de uma entrevista para uma pesquisa acadêmica – para “paquerar”, talvez com a expectativa de que outro tipo de relação poderia ser concretizado. Esta situação, embora não inviabilize a pesquisa, gera desconforto e a necessidade de um cuidado a mais nos contatos, além de impossibilitar o registro da fala desses homens. Devido a essas dificuldades, recorri novamente a Fily, que intermediou meu contato com Kunta Kinté, um cantor senegalês que vive no centro de São Paulo⁵⁹.

2.4 Kunta Kinté (Alioune Gueye)

Meu nome é Kunta, Kunta Kinté, artista, autor, compositor, produtor senegalês, e chegou aqui no Brasil desde 2011, pelo alguns projetos que foi premiado com Aliança Francesa que me trouxe aqui, coisas digitais. Porque eu sou produtor de beat, todas as coisas que é composição com computador, eu ganhei projeto e chega aqui. Depois desse projeto ele chega aqui essas coisas, morou um pouco tempo na Europa e voltou [em] 2014 aqui e gostava de Brasil. Agora tô aqui desde 2014, mostrando o meu trabalho de artista e de produtor. Eu faço meus corre. Produção as coisas que é independente eu fazer outras coisas, mais de comércio, as coisas que a gente faz, mas eu mais focalizado na produção, a gente faz as duas coisas. Eu sou ativista. Tenho esse nome, Kunta Kinté⁶⁰, porque é da resistência. Kunta Kinté foi um príncipe, do Senegal e de Gâmbia. Ele foi príncipe e depois a gente pegou ele como escravo. Mais ele foi um rebelde das coisas. A gente pegou esse nome porque a gente está fazendo *hip hop*, *rap*. Primeira letra de *rap*, R é revolução, porque coisa de resistência, as coisas, todas as minhas palavras são para resistir, para mostrar igualdade, pra mostrar que somos iguais, que a gente tem que ficar bem com todo mundo. Eu não gosto de inigualdade, eu gosto só de coisas justas. Essa é minha maneira de resistir.

Kunta brinca que não quer dizer a idade, ri, mas acaba por revelar que possui 40 anos. Digo que ele não aparenta, ao que ele responde que não fuma, não bebe, não faz besteira...e com um certo orgulho conta que algumas pessoas acreditam que ele possui 20 anos. O retorno

⁵⁹ Entrevista realizada em 3 de julho de 2019.

⁶⁰ Kunta Kinté é seu nome artístico. Seu nome de batismo é Alioune Gueye.

de Kunta ao Brasil, em 2014, acontece primeiro pelo Rio de Janeiro, para a realização de um projeto.

Foi o momento do projeto. Eu cheguei, me chamou, foi primeiro no Rio de Janeiro, no Rio de Janeiro, a gente fez também um show lá no Circo Voador, eu gostar. Eu falei: “nossa, esse negócio me chama!”, porque é coisa de tropicalização... África... Senegal... parece a mesma coisa. Depois também que sai pela Europa, foi uma outra coisa [para querer voltar ao Brasil], porque lá tava frio, eu falou: “não, eu gosto mais do Brasil”, e depois eu volto pra cá. E gente também né? Brasileiro é bem abraço, a gente também, né? Acho também que a gente tá fazendo essas coisas porque eu me senti muito bem aqui.

Por possuir estudos em logística, Kunta conseguiu emprego em Brasília. Trabalhou como auxiliar de logística por um ano. Diante da existência de uma comunidade senegalesa maior em São Paulo, e por acreditar que teria mais chances de desenvolver seu trabalho artístico nesta cidade, no final de 2015 optou por viver em São Paulo. O aprendizado do idioma ocorreu no dia a dia, mas foi facilitado pelo fato de que Kunta aprendeu espanhol durante a faculdade e percebeu as similaridades entre os idiomas. Estudou inglês na universidade, e posteriormente fez pós-graduação em logística. Durante quatro anos atuou como professor de inglês no Senegal, mas contou que logística e especialmente música são as frentes em que prefere seguir trabalhando em sua vida. As artes surgiram cedo na vida de Kunta como uma paixão. Disse que percebeu que, no mundo artístico, ao mesmo tempo em que é necessário se especializar, é importante ter um pouco de conhecimento de tudo para desenvolver seus projetos. No Senegal, Kunta já possuía vários anos de carreira como cantor e produtor quando veio para o Brasil. Somando entre Senegal e Brasil, mais de 20 de carreira artística

Desde que eu cheguei, eu cheguei com o meu equipamento, as coisas, fazendo beat, fazendo vídeo também, eu fez cinema também, fez muitas coisas, esse já fez pelo Senegal e... tava fazendo produção lá no Senegal. Tem estúdio, *home* estúdio na minha casa. Galera lá conhece bem. Tava produzindo gente lá, música, videoclipe, essas coisas, tava mexendo nessas duas mudanças... Quando chegar aqui também estou fazendo a mesma coisa, porque talvez a gente não tem muito tempo, só alguém que chama para fazer uma coisa, você vai para fazer o serviço, e depois que começar conhecer outras galeras, arrumou uma banda aqui, uma banda legal. A gente começar ensaio, ficou sossegado... Não tocou não em nenhum lugar, mas ficou sossegado, só ensaiando... Ensaioi mais de um ano e nesse ano, ano passado até agora, a gente tá gravando o nosso álbum, que é um álbum ao vivo e vai sair e logo logo *Insha'Allah*⁶¹! E também das coisas também de produção, tô fazendo produção, já fez uma produção para a Consciência Negra lá no Casa das Rosas, ano passado, foi produtor do Sarau

⁶¹ Significa: se *Allah* permitir (SANTOS GONÇALVES, 2015). É interessante observar que durante as entrevistas ou conversas informais com senegaleses residentes em São Paulo, não é incomum o uso de palavras e frases em árabe, em geral que possuem um cunho religioso, como a expressão de cumprimento utilizada pelos muçulmanos: *Salaam Aleikum* (Que a paz esteja sobre vós).

Senegal, convidei senegalês, tambor, dançarino e fechou show com a minha banda lá. Foi bem legal! Esse ano também, aniversário de São Paulo, eu fiz uma sarau lá no Sesc Pinheiros, foi produtor daquele evento também. Foi da mesma forma também, com senegalês, africanos, algumas brasileiros também que convidou dentro minha sarau e fechou o show também com a minha banda. E agora nesses meses estou um pouco parado, para pensar todas as coisas lá de lançamento, porque tem que pensar para fechar datas, shows, salas, e arrumar todas galeras para todas as coisas ficar legal. Mas tá indo muito bem. Tá quase saindo. [Mostra em seu celular fotos de suas atividades] Esse foi na Casa das Rosas, esse aqui é produção, foi assistente de produção; aqui é aquele sarau na Casa das Rosas...aqui foi no Sesc, aqui é minha banda...

Kunta é o cantor de sua banda, formada por brasileiros e senegaleses. Em suas palavras diz que fazem: “esse misturado de encruzilhada, África e Brasil, Senegal”, buscando criar uma ponte entre os continentes. O álbum citado por Kunta foi lançado no dia 31 de outubro de 2019, com o nome Repères, com 13 faixas pela Gringos Records. Estive presente no lançamento no Sesc Belenzinho. O show impressionava pelo profissionalismo, músicos de alto nível, figurinos bastante trabalhados, além da presença de diversos convidados. O público parecia gostar muito da apresentação – eu, ao menos, não conseguia parar de dançar – e Kunta, visivelmente emocionado, contou para o público como aquele momento era a concretização de um sonho. Não é para menos, ao perguntar-lhe sobre saudades, Kunta contou que é na realização de seus objetivos de vida, que incluem sua carreira, mas também poder ajudar sua família, que ele encontra forças para seguir em frente:

Toda segunda eu tenho saudade do Senegal, porque a gente, você sabe né? Quando a gente está ligado com o seu país, sua terra, você sai de lá um dia, já tem uma falta de alguma coisa, um sabor de lá, do chazinho de lá, de sua família de lá, das casas de lá, da atmosfera, da população, da bagunça. Lá você vai ouvir no Senegal cinco vezes ao dia, a chamada para fazer oração da mesquita, aqui não, isso é uma falta, você entendeu? Essas pequenas coisas que tem falta, mas depois que a gente tá bem, aqui também, principalmente alcançando nossos objetivos que é, família que está lá ficou legal, mandando dinheiro, que todo mundo ficou bem, você tá orgulhoso, você tá feliz, porque lá não conseguia fazer muitas coisas, porque não tem emprego, economia está um pouco ruim. Se conseguir sair de lá, chegar aqui, fazendo as coisas que deveria fazer mais lá, a gente tá feliz com a vida aqui, é isso.

A conversa com Kunta fluiu com tranquilidade. Conversamos na cafeteria do Sesc 24 de Maio, local que, diante de sua centralidade, se mostrou de fácil acesso para a maioria dos entrevistados. Kunta consegue se expressar em português, mas ainda possui alguma dificuldade. Talvez por isso, era gracioso ver como Kunta usava ao longo da conversa gírias, como “pow, pow, pow”, “tamo junto”, “é nós”, entre outras.

2.5 Ousmane Fall

Tentando ampliar minha rede de entrevistados, perguntei a Kunta se ele poderia me apresentar algum senegalês ou senegalesa que aceitasse participar da pesquisa. Kunta me apresentou Ousmane, um importante líder religioso da comunidade em São Paulo. A combinação da entrevista com Ousmane não foi fácil. A comunicação com ele era difícil, por conta do baixo domínio que possui do idioma. Combinamos de fazer a entrevista na Biblioteca Mário de Andrade, mas ele pediu para cancelarmos por estar doente. Remarcamos, e na segunda vez ele insistiu para nos encontrarmos na calçada, em determinada altura da rua Brigadeiro Luís Antônio, no período da noite. Fiquei preocupada com o risco de estar sozinha em um local que não conheço profundamente. Tentei propor o combinado anterior, mas senti que ficou irritado, pois disse que não estava bem e que aquele local era mais próximo de onde morava. Expliquei para ele meu receio e ele pareceu entender e tentou me tranquilizar. Combinamos de nos encontrar em uma lanchonete específica na rua indicada por ele. De todo modo fui com um acompanhante que me esperou nas proximidades do local. Estava tensa com o pequeno atrito que tivemos, mas Ousmane foi o tempo todo gentil e educado, se esforçando para responder às minhas perguntas. O barulho na lanchonete era intenso, mas ainda assim conseguimos iniciar nosso diálogo⁶².

Meu nome é Ousmane Fall. Eu sou senegalês. Eu vivo aqui no Brasil, eu moro perto de Brigadeiro Luís Antônio, mora na Bela Vista. Agora eu tô aqui há mais ou menos seis anos. Vem para Brasil trabalhar mesmo. Eu fazer Cabo Verde, depois de Cabo Verde e eu pedi o visto pro Brasil e eu chega em Brasil, chega em Fortaleza primeiro e depois de dois dias chega em São Paulo porque tem um amigo que antes de eu veio para cá. Ele falava: “o Brasil é aberto, é aberto em tudo”. Porque tem família que vive na Espanha que tem um pouco de dificuldade de documentos, de viver lá, difícil. Aqui o Brasil tá aberto, tá dando certo, dá para viver, pra sobreviver. Eu vim sozinho. Eu moro com dois amigos meus, e divide aluguel, divide comida. Porque a nossa comunidade aqui no Brasil, nós temos uma comunidade muçulmana que chama mouridismo. Tem chefe, eu sou o segundo chefe da comunidade aqui no Brasil.

Pergunto a Ousmane sobre como ele se tornou um dos chefes religiosos da comunidade. Ele conta que foi chefe antes em Cabo Verde a convite da comunidade, e que ao chegar aqui conversou com um dos chefes locais que o convidou para ir à Praça da República, e com o passar do tempo, acabou assumindo esta função. Ousmane disse possuir 37 anos e contou que o trabalho religioso e social que desenvolve é para a comunidade, mas que além disso trabalha como vendedor. Perguntei se o líder religioso pode se casar. Ele disse que sim, mas que aqui

⁶² Entrevista realizada em 26 de julho de 2019.

não é casado, levando-me a considerar a hipótese que talvez possua uma esposa no Senegal. Sobre sua condição migratória, conversou com muita tranquilidade, relatando uma prática bastante utilizada pela comunidade: a de entrar no país através de uma solicitação de refúgio, para ficar em situação regular enquanto esta solicitação é avaliada, ainda que geralmente os senegaleses acabem não sendo reconhecidos como refugiados.

Antes que eu chego aqui eu fazer uma declaração de refugiado. Porque se você chegar aqui, se não declara que é refugiado, não fazer protocolo primeiro. Eles sabe [que] Senegal não tem refugiado. Ele fazer para pegar o protocolo. E quando o protocolo, ele foi na Polícia Federal, vai e volta, [até] ele fazer o certo, [passa-se] mais um ano, dois anos, [até acabar] ganhando permanência. Eu já ganhei permanência, agora estou legalizado.

Com a autorização de permanência, Ousmane possui uma maior flexibilidade em seu trânsito. Contou ter ido recentemente ao Senegal visitar sua família e depois retornado ao Brasil. Com essa documentação que lhe permite viajar e retornar, disse sentir “um pouco” de saudades de seu país de origem.

2.6 João Ursulin Pinto

Ousmane ficou de pensar em alguém que poderia me indicar para uma entrevista, entretanto acabei não tendo retorno e preferi não insistir diante das dificuldades de comunicação. Conversei novamente com Fily sobre isso, e foi assim que poucos dias depois, após algumas conversas por *whatsapp*, me encontrei também na cafeteria do Sesc 24 de Maio com João Ursulin Pinto⁶³, um senegalês de 49 anos que chegou em 1989 em São Paulo para estudar, por meio do Programa Estudante de Convênio de Graduação (PEC-G).

Apesar do meu nome português, meu nome é João Ursulin Pinto. Eu sou senegalês. Este nome veio por causa das minhas origens cabo-verdianas, que foi colônia portuguesa. Eu sou o único da família a ter nome inteiramente português, de repente este foi meu destino para vir pra cá. Eu desde moleque, eu posso dizer bem moleque, eu sempre me apaixonei pelo Brasil. Eu colecionava qualquer tipo de jornal, ou de revista ou de mídia naquela época, era tudo impressa né? Pra ter informação sobre o Brasil. Mas mesmo assim a gente nunca se depara com a realidade quando você chega no local. Uma coisa é você ter uma perspectiva, outra coisa é você se deparar com a realidade. Por que que eu digo isso? Porque eu pensava que o Brasil, depois que eu escolhi vir estudar aqui, que eu ia chegar e ia ter o meu papagaio no ombro, ia passear debaixo das árvores, dos coqueiros, aquelas coisas assim... E se eu não tivesse escolhido São Paulo pra estudar – porque eu vim estudar na Universidade de São Paulo – talvez em outros lugares na Amazônia talvez seria possível. Mas você vê o tamanho da ignorância no bom sentido, que é o não

⁶³ Entrevista realizada em 31 de julho de 2019.

saber, às vezes nos coloca em situações realmente inesperadas. Por isso que eu falo: por mais que você pesquise sobre alguma coisa, por mais que você leia sobre alguma coisa, eu acho que a verdadeira essência só é sentida quando você está no local, porque aí você convive no dia a dia. A língua, por mais que você aprenda, os jargões dificilmente você assimila. Eu vim aqui pra estudar, estudei, fiz Administração de Empresa. Casei, hoje eu tô no meu segundo casamento.

João, em seus 30 anos de Brasil, relata ter tido desde o início “uma vida muito bacana”, diante de sua identificação e aceitação da cultura e realidade brasileira. Acredita que sua origem contribuiu neste processo. Segundo ele, “a cultura cabo-verdiana é uma mescla da cultura portuguesa e da cultura africana, e o Brasil também, mescla da cultura portuguesa e africana”. Em 1989, quando chegou ao Brasil, relata a pouca presença senegalesa no Brasil, diante do desconhecimento do país no continente africano, assim como pelos altos preços de deslocamento: “não sei se nós chegávamos a cem, se contava nos dedos”. Conta que a maior parte dos senegaleses eram estudantes que vinham por meio do Programa Estudante de Convênio de Graduação e que a partir de então a informação sobre as possibilidades de se ter sucesso no Brasil passaram a circular no Senegal, fazendo com que outras pessoas decidissem vir para o Brasil.

Trabalhei por muitos anos. Hoje eu tô desempregado, mas eu tenho uma empresa de eventos, de locação de equipamentos de sonorização profissional pra shows, pra essas coisas assim, que também não anda bem lá, por causa da crise que a gente tá. Mas isso foi muito mais minha paixão pelo Brasil, que nem eu sempre falo: se fosse pra refazer faria, faria tudo de novo, porque apesar de não conseguir meu papagaio até hoje [risos], mas eu acho que amor à primeira vista foi o que eu esperava, foi o que eu imaginava, foi o que o meu coração sentia... Então o Brasil realmente, que nem diz meu pai, hoje vivo ainda: “se eu tivesse te proibido de vir para cá eu tinha cometido um crime, porque realmente a gente vê toda a sua assimilação da cultura brasileira, da história brasileira e tudo mais”.

O relato de dificuldades com a crise econômica que atingiu o Brasil especialmente a partir de meados de 2014, é feito por João, assim como por alguns outros entrevistados, mesmo sem terem sido perguntados a respeito. João contou ter trabalhado como gerente em grandes empresas multinacionais, ainda assim, mesmo em uma situação privilegiada em relação a muitos de seus conterrâneos, a crise também o alcançou, gerando desemprego e dificuldades em sua empresa. Com seu português perfeito, João me surpreendeu ao contar que não falava português ao chegar no Brasil. Disse, entretanto, que falava espanhol e que suas raízes cabo-verdianas e conhecimento do creole cabo-verdiano, que para ele se assemelha em algumas palavras com o português, auxiliaram na compreensão do que era dito aqui.

Eu tenho essa facilidade de línguas. Foi um processo muito rápido. Porque dentro do programa PEC, na hora que a gente chegava, nós tínhamos a formação em língua portuguesa. E eu me lembro que quando eu cheguei, eu cheguei em 15 de fevereiro e acho que o curso começava no final de março. Quando eu cheguei pra começar a aula a professora falou: “mas você veio pra fazer o curso de português?”. Eu falei: “sim”. Ela falou: “impossível! Você fala já”. Porque eu sou muito curioso, eu não tenho medo, eu erro pra aprender. E quando ela falou: “não! Imagina, eu já vou fazer um relatório”, eu falei: “não, uma coisa é falar, outra coisa é escrever corretamente”. Porque eu ia começar um curso universitário; você tem que ter um mínimo de base pra você fazer uma redação, entender uma prova, responder uma prova, então era muito importante. Eu acho que também pelo amor à minha escolha, eu acho que com amor tudo é fácil. A gente fica cada vez mais disposto a assimilar as coisas. E para mim essa passagem não foi muito perturbadora não.

Além dos estudos e do trabalho, João optou por desenvolver uma forte atuação social: participou intensamente do Fórum África, tendo sido inclusive presidente⁶⁴ desta organização do terceiro setor que, tendo existido entre 2001⁶⁵ e 2015, possuía como objetivo a integração cultural e social de africanos, brasileiros e demais interessados através da promoção de encontros, movimentos de solidariedade e a difusão de informações sobre o continente africano no Brasil que pudessem contribuir para a superação de estereótipos. Entre as diversas atividades desenvolvidas em diferentes períodos de seus 15 anos de existência estão: a Semana da África, que tendo como marco o dia da África (25 de maio), era realizada no mês de maio de cada ano, sendo composta por palestras, mesas redondas, cursos, atividades culturais como apresentações de música, dança, desfiles de moda típica e culinária, entre outros; o projeto África nas Escolas, que entre outras atividades realizava em escolas de São Paulo, apresentações de vídeos de música e dança africana, exposições de arte e desfile de trajes típicos, debates e reflexões sobre história da África e outros temas comuns à África e ao Brasil; o Cine Clube Afro Sembene, projeto realizado em parceria com o Centro Cineclubista de São Paulo, através do qual era realizada mensalmente a projeção de um filme africano ou afro-brasileiro e debate sobre as temáticas abordadas pelos mesmos; o projeto “Conhece um país africano”, que realizava uma série de atividades, como exposições de arte, apresentações de música e dança, debates e comemoração da independência de países africanos (ALMOULOU, 2012).

Eu participei ativamente numa ONG que existia em São Paulo que se chamava Fórum África. Fórum África foi idealizado pelos estudantes africanos que vieram, estudaram, se formaram e resolveram ficar no Brasil, porque desde aquela época a gente sempre percebia as lacunas que tinham entre, não vou dizer continentes, mas Brasil é um país de extensão continental. Entre os dois continentes, África e o Brasil. E nós, como uma forma de retribuir esse intercâmbio, que a gente sabe que é de graça, você chega você

⁶⁴ Seu mandato ocorreu entre 2012 e 2015, ano em que as atividades da organização foram encerradas.

⁶⁵ Embora este seja o ano oficial de início, por ser o ano em que ocorreu sua institucionalização, desde 1999 o Fórum África começou a desenvolver atividades.

não paga nada, você tem toda essa estrutura, nós quisemos fazer uma coisa para a sociedade brasileira, em particular em São Paulo. A maioria das pessoas estava aqui. Nós começamos realmente a fazer várias atividades, com muito patrocínio no início, de grandes empresas multinacionais, que também estavam na África e tudo, que entendem um pouco desta cultura, a maioria delas, multinacionais europeias e a gente conseguiu fazer seminários, cursos, exposições, debates, música, culinária, tudo, a gente fazia tudo e realmente durante praticamente 15 anos. Eu fui o último presidente do Fórum África, que teve que fechar o Fórum África por causa de dificuldades logísticas.

Conforme ata da assembleia extraordinária do Fórum África realizada no dia 12 de setembro de 2015, o encerramento ocorreu entre outros fatores, pelas dificuldades que a organização enfrentava naquele momento, com uma baixa em sua produtividade e insuficiência de recursos para auto sustentação. A ação desenvolvida pelo Fórum África, segundo João, trouxe um legado positivo que superou seu fim: contribuiu para a constituição de uma referência para a comunidade africana no Brasil, para a construção “da identidade da classe negra brasileira”, assim como para a proliferação de outras ONGs com objetivos similares: “estava na hora da sociedade acordar para essa massa de gente que não era vista, que não era considerada, que é uma massa de consumidores, uma massa de gente que tem ideias, uma massa de até futuras pessoas que podem trazer soluções à pátria e tudo mais”. Para o sociólogo Carlos Hasenbalg (2005) – que embora argentino, teve como foco de estudos o Brasil – a sociedade brasileira, buscando manter uma estrutura de privilégio branco sem a necessidade de recorrer a uma grande coerção, coloca empecilhos para a constituição da raça como um aglutinador que possibilite uma identidade coletiva, assim como uma ação política (apud OLIVEIRA, Reinaldo, 2013). Deste modo a ação do Fórum África, segundo João, foi na contramão desta lógica, contribuindo para a superação de componentes racistas usualmente incontestados.

Outro ponto abordado por João em sua entrevista foi sua identificação religiosa: ele é católico, diferentemente de todos os outros entrevistados que professam o islamismo. Nos 30 anos de moradia no Brasil, João teve a oportunidade de ir várias vezes ao Senegal visitar sua família. Isto foi possível pois ele trabalhou por 15 anos na empresa aérea Air France e possuía facilidades para poder realizar viagens. Retornou ao Senegal diversas vezes, trouxe seus pais duas vezes ao Brasil e também levou seu filho mais velho duas vezes ao Senegal. Apesar desta interação mais intensa amenizar as saudades, João ressaltou que esta segue grande, ocupando grande parte de seus pensamentos.

João falava com tranquilidade e uma entonação agradável de se escutar. Poderíamos seguir conversando por horas, mas diante de outros compromissos que possuía, encerramos a entrevista.

2.7 Baba Cissé

João acabou não realizando indicação de algum possível entrevistado. Lembrei de Amath, meu primeiro entrevistado, e resolvi contatá-lo e perguntar novamente se poderia me ajudar nesse sentido. Fui ao escritório da Associação e lá Amath me apresentou Baba, um senegalês que possui uma agência de viagens, localizada na sala ao lado do escritório⁶⁶. Baba, com um grande sorriso, aceitou prontamente ser entrevistado. Poucos dias depois retornei à agência e iniciamos nosso diálogo⁶⁷. Baba chegou com um lanche na mão; não havia jantado. Pediu licença para comer, respondi que ficasse à vontade, eu o esperaria terminar para só então começarmos a entrevista. Enquanto o esperava, colocou no computador o vídeo de um famoso compositor e cantor senegalês, Youssou N'Dour⁶⁸, para que eu pudesse conhecê-lo.

Eu sou El Hadji Baba Cissé, sou senegalês, tenho 32 anos, sou formado em Marketing e Comunicação. Eu fiz alguns cursos, né? De Contabilidade, fazendo Turismo agora e depois eu pretendo fazer Administração Geral também. Eu nasci em Dakar, capital do Senegal, onde eu fiz praticamente todos os meus cursos, minha formação. Eu cheguei no Brasil no 2013. Não foi exatamente como eu pensava que ia ser. Eu não falava o português, eu não entendia as leis brasileiras, então o mercado de trabalho também como que era, tal. Não foi fácil. E depois foi me adaptando, entendendo, conhecendo aos poucos como funciona o país e tal. Morei no Sul, fiquei lá trabalhando uns dois anos, depois que eu voltei pra São Paulo.

Baba conta que vive no centro de São Paulo, na avenida São Luís. Que embora tenha vivido um período na zona norte da cidade, em um prédio com mais estrutura, como uma quadra onde podia jogar basquete – uma de suas paixões –, optou por voltar ao centro para estar mais próximo de seu trabalho e da comunidade. Desde pequeno, talvez influenciado por seus pais, que trabalhavam em universidade – seu pai como professor e sua mãe nos recursos humanos –, decidiu que não queria trabalhar para ninguém. Diante disso, ao terminar seus estudos abriu uma empresa de lavagem a jato no Senegal. Com a falência de sua empresa e ausência de recursos para fazer novo investimento, resolveu tentar a vida no Brasil.

⁶⁶ Baba relatou que a agência inicialmente era localizada na rua Sete de Abril, também centro de São Paulo, mas que ao ser eleito como Secretário Geral Adjunto da Associação dos Senegaleses, optou por transferir sua agência para o local atual (ao lado da Associação). Baba disse ter percebido que seria um ponto estratégico “toda pessoa que vai entrar na associação, vai ficar ciente de que tem aqui uma agência de um senegalês, tipo você, que veio pra visitar o Amath que é da associação e acabou me conhecendo”.

⁶⁷ Entrevista realizada em 12 de setembro de 2019.

⁶⁸ Youssou N'Dour é um dos mais famosos músicos senegaleses. Realizou trabalhos com artistas de renome internacional, como Peter Gabriel e Paul Simon. Ademais, o músico possui engajamento político, tendo organizado um concerto pela liberação de Nelson Mandela, em 1985 e outros em benefício da Anistia Internacional.

E aí quando eu cheguei aqui, sabe [risos]? Tive que se virar, não falo português, eu tinha dois dólares sobrando [risos], não quero pedir dinheiro para minha mãe. Falei: “tá bom, vamo se virar”. Fui no Sul, trabalhei como ajudante, soldador, dois meses falei: “isso não é meu”. Aí saí, fui trabalhar em um supermercado como repositor, depois cansei, saí. Fui trabalhar como frentista também e acho que seis meses, cansei. Fui pra Porto Alegre, aí comecei a trabalhar sozinho fazendo serviços e cobrando pra pessoas – tipo traduções, aulas de francês, essas coisas – aí depois eu conheci uma pessoa que quis fazer parceria comigo, né? Abrir uma pizzeria. Aí falei para ele: “vamos fazer o seguinte, eu não tenho tanto grana...”, tinha R\$ 6 mil, ele tinha não sei quanto, eu dei pra ele entrada e eu ofereci o meu serviço para compensar a outro parte, entendeu? Aí comecei a aprender fazer pizza, montar essas coisas, virei pizzaiolo [risos], trabalhei um ano nesse ramo em Porto Alegre. Um ano como pizzaiolo, aí juntei um dinheiro, aí tive coragem de vir pra cá. Cheguei em São Paulo, não foi fácil também [risos]. Aí construir vida era diferente de Porto Alegre, lá quase não gastava nada, aqui comecei a gastar por dia R\$ 120, R\$ 100 e pouco, falei: “oxe! o que é isso?”. Aí falei: “vou abrir uma empresa, mas qual?”. Aí fui vendo, né, dois, três, quatro, cinco, seis meses, falei: “pô, por que não o turismo?”. Porque tem muito senegalês aqui, pelo menos vai ter 15 a 20% desse grupo, dessas pessoas que vão querer viajar uma vez pelo menos por ano pra Senegal, o resto que estão vivendo aqui eles tão trabalhando como feirista, entendeu? Vão nas feiras, vendem coisas, aí falei por que não abrir uma agência de viagens? Aí abriu uma agência e tá dando certo.

O gosto por viajar e conhecer outras culturas foi importante na escolha dos novos caminhos de Baba: além de abrir a agência, ele optou por estudar Turismo, especializando-se na área. Quando consegue, Baba também realiza viagens. Ao conversarmos, ele tinha planejadas viagens para a França e a Inglaterra, para visitar suas irmãs que vivem em Paris e Londres; para Cabo Verde, a turismo, buscando conhecer esta ilha; e Senegal, para reencontrar família e amigos. Embora todo ano viaje ao Senegal, Baba contou que sente saudades de amigos, lugares e mesmo da família, porque é difícil juntar toda a família diante do fato de que suas irmãs vivem em outros países.

Baba contou também gostar muito de artes, possivelmente a partir de influências que recebeu, de um primo cineasta e de um amigo de seu pai que era pintor: “isso ainda tá em mim, quem sabe um dia, que eu vou pensar nisso, quem sabe estudar para ser um ator, alguma coisa assim”. A entrevista com Baba fluiu tranquilamente, sendo apenas encerrada por conta do horário de fechamento do escritório. Nos despedimos e pude ver novamente a figura de Baba, um rapaz elegantemente trajado e com porte altivo.

2.8 Khar Sy (Fatou Sy)

Novas tentativas de entrevistas se sucederam. Fily novamente se dispôs a ajudar. Apresentou-me um restaurante senegalês localizado dentro de uma galeria no centro de São Paulo. O espaço pequeno era frequentado somente por senegaleses. Pedimos um prato. A

comida deliciosa, porém, muito apimentada para meus costumes, me fez lacrimejar. Busquei acalmar as papilas com um suco bastante doce, feito de hibisco. Após o almoço conversamos com o dono e sua esposa, que aceitaram ser entrevistados no próprio restaurante em outra data. No dia combinado, entretanto, somente a esposa estava no restaurante – disse que seu esposo teve que resolver uma questão religiosa e que ela não poderia dar entrevista sem sua presença⁶⁹. Agradei de todo modo e segui a busca por mais narradores. Fily me apresentou mais uma moça senegalesa, que também possui com seu esposo um restaurante, porém ela disse que naquele período não possuía disponibilidade, pois o trabalho estava muito intenso, mas que poderia dar uma entrevista em um par de meses, depois do prazo limite que eu havia estipulado para finalização desta etapa da pesquisa. Poucos dias depois, Fily me fala de outra moça e me diz que ela aceitou dar a entrevista. Combinamos de nos encontrarmos nas proximidades do metrô República, estação mais próxima de seu trabalho. Seguimos para um café – junto com Fily, que auxiliaria como intérprete na entrevista –, e nos sentamos em uma mesinha para conversar. Sei que não é o local ideal – estamos em pleno calçadão da rua Barão de Itapetininga, com pessoas passando sem parar e muito barulho –, mas ali a moça, de quem ainda não sei o nome, pode ver sua banca, onde vende roupas, e fica mais tranquila para conversar.

Iniciamos a conversa⁷⁰ e ela conta que possui dois nomes: Fatou Sy, seu nome que está no documento – em português, Fátima –, e Khar Sy, o nome que sua mãe lhe deu, que significa esperança. Diz que não possui preferência em relação a qual nome ser chamada, mas que gosta de Khar por ter sido escolhido por sua mãe. Segue se apresentando em francês⁷¹:

Eu cheguei há seis anos. Eu vim com minha irmã, mas aqui eu me casei. Eu viajei no Brasil, fui para Bahia, Pará, Belém, mas agora eu estou aqui em São Paulo para...antes da crise eu trabalhava em restaurante, eu fiz todos essas coisas e agora eu estou aqui trabalhando com o artesanato do Senegal e da África em particular.

Khar parece soltar-se mais e começa a falar em português:

Quando eu chegou aqui, eu chegava só para passear, porque a minha irmã me convidava para passear e quando chegou minha visto, CPF tem um tempo de seis meses. Quando eu cheguei eu fica pra ajudar ela. E depois eu gostei do país, muito legal, gostei tudo, eu falo pra ela: “eu vou ficar pra ver como vai ser”. Até 2013 não voltou mais [risos].

⁶⁹ A este respeito, Fily me explicou que em certas sociedades africanas islâmicas a mulher não pode falar nada na ausência do marido.

⁷⁰ Entrevista realizada em 10 de dezembro de 2019.

⁷¹ Tradução nossa.

A irmã de Khar abriu o caminho para ela. Após viver muitos anos em Cabo Verde, decidiu vir para o Brasil para trabalhar. Foi ela quem apresentou para Khar seu atual esposo, um amigo senegalês que também vivia em Cabo Verde e que também resolveu tentar a vida no Brasil. Namoraram um período pelo celular, porque Khar viajou para Bahia e Pará. Ao retornar, decidiram se casar: “no Senegal se você tem um relacionamento, um homem, não pode ficar muito tempo só pra fazer namorado, não. Se ele gosta de você, se você gosta dele, se você tem confiança com ele, o parente vai e se fala, pai e mãe, e depois você vai fazer seu casamento”. Para celebração do casamento foi realizada uma cerimônia tradicional religiosa no Senegal, sem a presença dos noivos. Com o casamento civil no Brasil, Khar finalmente conquista o documento de identidade concedido no Brasil a estrangeiros que residem no país, o Registro Nacional Migratório (RNM)⁷², documento que lhe permite ter uma situação de maior estabilidade no país ao facilitar a abertura de conta em banco e retirada de carteira de trabalho.

Em qualquer lugar que você for, quando a gente te pergunta: “seu documento, por favor”. Quando você dá o protocolo ele fala: “não conheço esse aqui. Você tem outro documento? RG?” Você fala: “não”. Ele fala: “cadê o seu passaporte?” Você leva. “Cadê o seu CPF?”. Eles verifica tudo pra ver se você não mente ou não. Fica difícil, quando eu fica só com o protocolo, quando eu fui no banco pra mandar dinheiro pra minha mãe e pra minha irmão, foi muito difícil. Tem muitas vezes eu pego o meu dinheiro eu dá pra outra moça que tem RG pra mandar pra mim.

Khar aparenta desinibição. Sorri, pergunta, fala forte, olhando no olho – o completo oposto de um estereotipo comumente associado às mulheres muçulmanas. Ainda que seu conhecimento do idioma seja limitado, fico surpresa pois havia entendido que necessitaria de um intérprete. Elogio sua habilidade de comunicação.

Porque quando eu cheguei aqui eu não fui pra escola pra aprender, não sabe onde faço, não conhecia gente que me ajude. Foi muito difícil, porque a minha irmã também, ela fez uma escola lá na... Conare⁷³... Conare ajudou ela pra fazer escola. Eu não. Eu não tive oportunidade, quando eu cheguei eu fui trabalhar com ela, ajudar ela. Foi isso. Depois eu queria muito estudar, porque foi meu principal objetivo. Eu não queria muito trabalho na rua, fazer os estudos, só os meus estudos, tipo assim. Que pena, não fui na escola, não sabia onde fazer, não conhecia o tio [refere-se a Fily]. Não conhecia ele antes. Não conheci ele. Foi muito difícil pra mim, eu ficar na rua, quatro anos pra fazer comida na minha casa, vender na rua, na estação do Brás, lá eu fico com a população da África, Senegal, particularmente com senegaleses. E senegalês, ninguém fala português, a gente fala só nossa língua, dialeto, francês, wolof. E lá a gente não tem

⁷² O Registro Nacional Migratório substituiu o Registro Nacional de Estrangeiro (RNE) em 2017, com a Lei nº 13.445/2017, de 24 de maio de 2017.

⁷³ Comitê Nacional para os Refugiados, órgão vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública. Possui como atribuição deliberar sobre as solicitações de reconhecimento da condição de refugiado no Brasil (BRASIL, 2019a).

oportunidade pra falar português. E quando eu fui viajar na Bahia – lá é melhor pra mim porque lá a gente começa a falar com gente, eu conhecia muito brasileiro. Nesse momento não tenho medo pra falar. Quando você fala eu entende, porque eu falo, eu aprendi francês, muita coisa não é difícil pra mim. Quando você fala, eu entende, pra responder é difícil pra mim. E lá eu comecei a aprender pouco a pouco, agora está bom porque se eu for em algum lugar não pode falar: “moça, ajuda pra mim”, quando você fala eu respondo pra você.

Embora nos últimos anos tenha havido um aumento do número de entidades que oferecem aula de português para estrangeiros de modo gratuito na cidade de São Paulo, a possibilidade de estudar português é uma realidade para poucos imigrantes: muitas vezes as urgências do dia a dia, como a necessidade de trabalhar para garantir moradia e alimentação impossibilitam a frequência em um curso deste tipo. Esta configuração, na qual não há o domínio do idioma local, muitas vezes gera impactos significativos na vida dos imigrantes, que acabam por contribuir para sua exclusão e exploração, como dificuldades para: compreensão de direitos, obtenção de documentos, acesso aos bens públicos e obtenção de melhores colocações do mercado de trabalho (SARDENBERG, 2016). Khar foi uma das imigrantes que viveu esta situação: a sobrevivência teve que assumir a dianteira em sua vida, fazendo com que tivesse que, ainda que por um tempo, abrir mão de alguns de seus sonhos, como estudar ou trabalhar com culinária.

Você sabe, cozinha é uma paixão, lá no meu país quando você, até criança, você entra na cozinha ajuda a seu mãe, é amor. Vai ficar no seu coração. Você quer fazer tudo pra você. Você sabe até quando eu fiz meu casamento com meu marido. Não gosto muito que ele come na rua, eu gosto fazer comida pra ele. Não gosto que ele compre comida na rua não. Café de manhã também. Toda hora me levanto mais cedo pra fazer pra ele, quando eu termino aqui de noite, também eu vou fazer meu comida na minha casa. Não tem essa coisa de comer na rua. Não sei se essa coisa de arte, de produto artesanal, eu um tempo eu falei: “eu conheço essas coisa”, foi há pouco tempo, seis meses atrás eu abri na Lapa uma loja de roupa, e lá foi muito difícil. Porque eu fui na Argentina, eu trabalhei eu economiza pouco dinheiro, eu peguei tudo, comprei muita coisa, abri uma loja, todo mês eu paga R\$ 2,3 mil. Caro e todo mês é meu marido que vende na rua, ele pegou dinheiro dele, eu também pego o meu pra pagar. Foi muito difícil. Eu falo: “eu não vou continuar por essa via, vou fechar, pego as coisas, vou vender e depois vou fazer outra coisa”. Eu vende tudo e comprei pouca da mercadoria. Eu falo pra minha irmã: “agora na Lapa”, eu fui na Prefeitura e não tem ponto pra ficar. Foi muito difícil pra mim.

Atualmente, tanto Khar quanto seu esposo vivem na Lapa e trabalham vendendo nas ruas de São Paulo – ele na Lapa, ela no centro, na região da Praça da República. Segundo ela, os tempos são difíceis, de crise “porque neste momento, você sabe, Brasil de 2013 e Brasil de 2019 não é a mesma coisa. É muito diferente. É muito difícil pra estrangeiro também. É muito difícil”. A crise econômica na qual o país entrou a partir de 2013, fez com que as condições de

vida e acolhimento que muitos imigrantes esperavam ter não fosse a vislumbração. O comércio informal surge então como uma possibilidade de sobrevivência para muitos (ROBERTO, 2018). Khar, entretanto, não desiste de seus objetivos. Conta sobre seu desejo de viajar, de talvez por um período ir à Argentina trabalhar fazendo tranças e com isso conseguir dinheiro para investir em um trabalho com culinária. A chuva interrompe a conversa e cai assim como as lágrimas de Khar, que se emociona ao falar das saudades que sente de sua mãe: “Cada dia quando eu falo com ela, eu chora. Agora não quero chorar, porque eu tenho muitas saudades dela. Muita. Antes não viajando muito, só no interior do meu país e quando eu viajava eu falava pra ela: “daqui há seis meses eu volta!”. E agora foi seis anos e nunca voltou”. Mas Khar agora possui documentos que lhe permitem sonhar em visitar sua família: “Vou trabalhar muito. Eu vou economizar muito pra voltar”, diz Khar com esperança. Khar me abraça, tiramos uma foto e diz que ganhou uma irmã.

Amath; Fily; Moustapha; Ibrahima; Aziz; Kunta; Ousmane; João; Baba; Khar: já não são mais apenas nomes. Seus relatos, ainda que em suas diversidades, promovem uma aproximação com quem não os conhece. De números, de estatísticas oficiais, afirmam-se como pessoas, que como todas sonham com um futuro melhor, com a possibilidade de viver com dignidade.

Após conhecer, ainda que brevemente a história de cada um dos narradores, é hora de partir para as problemáticas que envolvem a comunidade senegalesa de modo mais amplo.

3 OS IMIGRANTES E O DIREITO À CIDADE

3.1 Cidade para todos?

De modo geral, grandes metrópoles, como São Paulo, tornam-se destino de imigrantes e refugiados que buscam melhores condições de vida, ou mesmo formas de garantir a própria sobrevivência (OLIVEIRA, Regina, 2013). O complexo panorama das migrações no Brasil⁷⁴ teve significativas mudanças na última década, não apenas em quantidade, mas também em diversidade. O Brasil recebeu, em sua história, uma ampla variedade de fluxos migratórios. Nos anos 1980, entretanto, a migração sul-americana consolidou-se como majoritária. Este quadro, teve uma importante mudança a partir de 2010. A crise econômica mundial de 2008-2009, gerou uma intensa recessão na Europa e Estados Unidos, fazendo com que houvesse uma ampliação das migrações para os países periféricos ou semiperiféricos, assim como um aumento das migrações entre eles – as chamadas migrações Sul-Sul (FELDMAN-BIANCO, 2018). Embora o Brasil continuasse tendo a migração sul-americana como a principal, esta passou a dividir espaço com caribenhos – haitianos, principalmente – e africanos⁷⁵ de diversos países (SÁ, 2017), que possuem São Paulo como seu principal destino final no país. A migração faz parte do passado, mas também do presente da megacidade, que continuamente recebe pessoas de diversas partes do mundo como seus cidadãos.

⁷⁴ Entre meados do século XIX e a primeira metade do século XX, os principais fluxos migratórios em termos quantitativos são assumidos por europeus: com predominância de portugueses, italianos e espanhóis. Na cidade de São Paulo os italianos constituíam a nacionalidade com maior presença no começo do século XX, constituindo mais da metade dos estrangeiros. Logo a pluralidade cultural se conformou com a entrada de imigrantes de outras origens: portugueses, espanhóis, japoneses, alemães, sírios, libaneses, entre outros. Este fluxo que teve início a partir de 1870, ocorreu, entre outros motivos, com o fim do comércio de pessoas escravizadas e um concomitante movimento de incentivo à entrada dos imigrantes para trabalharem nas lavouras de café. A partir de então, houve momentos de diminuição de entrada dos imigrantes sucedidos por momentos de retomada. Exemplos de períodos de diminuição: durante a crise na lavoura cafeeira, iniciada nos anos finais do século XIX, concomitante ao período no qual a Itália passou a dificultar a emigração subsidiada ao Brasil – por volta de 1902; Primeira Guerra Mundial – iniciada em 1914 – e ampliação da crise na lavoura cafeeira – por conta de geadas em 1918 que dizimou grande parte dos cafezais paulistas (BASSANEZI, 2008). O período posterior à Segunda Guerra – 1945 – seria marcado pela chegada de outro tipo de estrangeiro: os refugiados de países afetados pelo conflito, provenientes principalmente da Polônia, Ucrânia, Iugoslávia e Alemanha (OLIVEIRA, I., 2013). A partir da década de 80 os sul-americanos, especialmente bolivianos, peruanos e paraguaios, passam a assumir as primeiras posições no ranking da imigração no país. Nos primeiros anos do século XXI, com a recuperação macroeconômica do Brasil, o país passa a ganhar destaque nas rotas de fluxos migratórios internacionais, na condição de país receptor de mão-de-obra e de refugiados: agora além dos vizinhos latino-americanos que continuam a vir somam-se imigrantes provenientes da África, do Oriente Médio e do Haiti (SÁ, 2017).

⁷⁵ Segundo o informe do Comitê Nacional para os Refugiados, Refúgio em Números, os venezuelanos, com 52%, ocupam o primeiro lugar entre as nacionalidades com solicitações de refúgio em trâmite no Brasil atualmente. Logo após estão os haitianos com 10%; e os senegaleses, com 5%. Em quarto lugar estão os cubanos com 4%. Empatados em quinto lugar estão os sírios, os angolanos e pessoas provenientes de Bangladesh, com 3% (BRASIL, 2019a).

A palavra “cidadania”, entretanto, para que seja colocada em prática de modo pleno, pressupõe mais do que a residência: também direitos garantidos e relações de troca mútuas com as pessoas e a cidade (HARVEY, 2014). Embora não fosse uma exceção no cenário da América Latina⁷⁶, chama atenção, que até 2012, São Paulo – a sétima cidade mais populosa do planeta – não possuísse um órgão municipal responsável diretamente por criar e articular políticas voltadas aos imigrantes e refugiados, de modo a ampliar a garantia de seus direitos fundamentais e a promoção da integração social e cultural entre as diferentes comunidades nos espaços e bens públicos.

A não existência de um órgão público local ampliava ainda mais a alta vulnerabilidade de muitos imigrantes, solicitantes de refúgio e refugiados: todo o trabalho de atenção, acolhida e orientação era realizado por organizações sem fins lucrativos, fundamentalmente do terceiro setor e da Igreja católica, como o Centro de Apoio ao Migrante (CAMI)⁷⁷, a Missão Paz e a Caritas Arquidiocesana de São Paulo. Essa configuração talvez possa ser compreendida à luz da legislação nacional referente à temática migratória que estava vigente no momento, o Estatuto do Estrangeiro. Criado ainda durante a ditadura no Brasil, – 1980 – tinha como principal característica considerar a migração como questão de segurança nacional, e não de direitos humanos (BRASIL, 2013). Cabe destacar que em 25 de maio de 2017 nova Lei de Migração foi sancionada, entrando em vigor em novembro de 2017⁷⁸ (BRASIL, 2017b).

De modo a corrigir essa distorção entre o papel do estado e da sociedade civil, no âmbito da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo (SMDHC), foi criada em 2013, a Coordenação de Políticas para Migrantes (CPMig) – atualmente denominada Coordenação de Políticas para Imigrantes e Promoção do Trabalho Decente (CPMigTD) –, um órgão, que em sua proposta, afirma ter como objetivo reconhecer a importância dos novos fluxos migratórios para a cidade e os imigrantes como sujeitos de direitos. Entre outras ações,

⁷⁶ Na América Latina, ao considerarmos as metrópoles, apenas a cidade de São Paulo possui, em âmbito local, um órgão diretamente responsável pela criação e articulação de políticas voltadas aos imigrantes. Parte das metrópoles da região possui órgãos que desenvolvem ações mais específicas de atendimento direto destas populações, como a realização de orientações e oficinas, sem, no entanto, avançar na instituição de políticas públicas. Em algumas das metrópoles latino-americanas outros órgãos, que possuem um escopo de trabalho mais amplo, acabam por assumir de modo genérico esta função, como pode ser observado no Governo da Cidade de Buenos Aires, no qual a Subsecretaria de Direitos Humanos e Pluralismo Cultural desenvolve o programa BA Migrante (BUENOS AIRES, 2018). Entre as cidades que possuem órgãos específicos para atendimento ao imigrante, pode ser citada Santiago do Chile que possui a Oficina de Migrantes, como parte da Subdireção de Desenvolvimento Social, sendo responsável, entre outros, pela Atenção Sócio Jurídica a pessoas migrantes, palestras informativas sobre convivência e interculturalidade e oficinas para a comunidade migrante (SANTIAGO, 2016).

⁷⁷ Trabalhei no Centro de Apoio ao Migrante (CAMI) entre 2009 e 2010, como Coordenadora de Projetos. Atualmente a instituição possui o nome de Centro de Apoio e Pastoral do Migrante (CAMI).

⁷⁸ A versão final foi aprovada com 20 vetos pelo então presidente do Brasil, Michel Temer, entre eles, os que tratavam da anistia de migrantes, do acesso a cargos públicos, livre circulação de indígenas por seus territórios tradicionais, entre outros (BRASIL, 2017b).

a CPMigTD realizou a capacitação e sensibilização de servidores públicos para o atendimento qualificado a imigrantes e aprovou em 2016 a primeira lei municipal para população imigrante no país, elaborada por um comitê composto por 26 integrantes, sendo treze representantes do poder público e treze integrantes da sociedade civil. A CPMigTD/SMDHC inaugurou também, no final de 2014, o Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI), primeiro equipamento público da cidade de São Paulo destinado aos imigrantes, que reúne serviços de acolhida, apoio psicológico, orientação jurídica, assistência social e formação⁷⁹ (SÃO PAULO, 2017). Com a criação da CPMig e implementação da lei municipal para população imigrante, a cidade de São Paulo passou a ser reconhecida, nacional e internacionalmente, como uma referência por sua governança migratória local.

Para o sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2006), culturas que falharam no projeto de modernização ou que se sentem ameaçadas pela diversidade e hibridização podem se fechar e construir muralhas defensivas, um novo tipo de nacionalismo defensivo e racializado⁸⁰. Seria este o caso de diversos países da Europa e Estados Unidos, que têm estabelecido políticas migratórias restritivas? Difícil estabelecer o quanto o Brasil segue na contramão, posto que muitas de suas ações são contraditórias, mas tampouco é inegável que o país assumiu, nos últimos anos, ações que possibilitaram a vinda de estrangeiros e a regularização da situação migratória de muitas pessoas, tais como anistias e acordos – como o de Livre Trânsito e Residência para Nacionais do Mercosul, Bolívia e Chile⁸¹ – ou a concessão de vistos diferenciados para haitianos⁸² ou sírios⁸³. A garantia de regularidade migratória é um importante passo, pois contribui para reduzir a ameaça de deportação e amplia o acesso a direitos, diminuindo a vulnerabilidade a que estavam sujeitos. A este respeito, Khar, uma das

⁷⁹ Entre novembro de 2014 e outubro de 2019 foram realizados 11.834 atendimentos de pessoas provenientes de 130 países, no Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes (CRAI), dos quais 26,9% eram provenientes de Angola; 10,4% do Haiti; 7% da Venezuela; 6,9% da República Democrática do Congo; 5,2% da Bolívia; 3,9% da Nigéria; 3,3% do Senegal; 3,1% da Colômbia; 3% da Guiné Bissau; e 30,4% de outros países. Neste período um total de 390 senegaleses foram atendidos no CRAI – 364 homens e 26 mulheres –, colocando o Senegal como o sétimo país em número de atendimentos pela instituição (SÃO PAULO, 2019a).

⁸⁰ Achille Mbembe (2018 p.28) ressalta que a raça não existe “enquanto fato natural físico, antropológico ou genético”. É uma ficção que separa o ser vivo a partir de critérios de aparência, de pele e de cor, tendo se constituído como uma maneira de estabelecer e de afirmar o poder, possibilitando a dominação. Além disso, a criação da raça contribui para desviar a atenção de conflitos como a luta de classes e a luta dos sexos. Com estes objetivos, gera terror, constituindo o outro como uma ameaça, da qual é necessário se proteger. Sobre o conceito de raça Munanga (2009a p.15) diz: “se cientificamente a realidade da raça é contestada, política e ideologicamente esse conceito é muito significativo, pois funciona como uma categoria de dominação e exclusão”.

⁸¹ O Acordo, que possibilita aos cidadãos do Mercosul o direito de obter a residência legal no território de outro Estado Parte, entrou em vigor para o Brasil, no plano jurídico externo, em 28 de julho de 2009 (BRASIL, 2009b). Atualmente, encontram-se em vigência para a Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador e Peru (MERCOSUL, [2018 ou 2019]).

⁸² O visto humanitário para haitianos está em vigor no Brasil desde janeiro de 2012 (BRASIL, 2016).

⁸³ O visto humanitário para sírios está em vigor no Brasil desde setembro de 2013 (O GLOBO, 2013).

nossas entrevistadas, disse que sem documentos a pessoa possui medo todo dia: “quando você tem papel, você fica com o seu cabeça tranquila, com confiança tranquila”. Este avanço, que possibilita ao imigrante uma situação de regularidade migratória, pode gerar um fortalecimento da relação que possuem com a cidade em que vivem. Cabe destacar, entretanto, que ainda assim outras ações são necessárias para garantir uma vida com dignidade aos migrantes e uma ampliação de suas condições de cidadania, de seu direito à cidade.

Mas o que se entende por “direito à cidade”? Este é um conceito inicialmente desenvolvido pelo sociólogo marxista francês Henri Lefebvre. Em seu livro *Le droit à la ville*, – publicado originalmente em 1968 – ele é apresentado como uma categoria utópica, sendo definido como um direito que a sociedade urbana deve possuir de não exclusão das qualidades e benefícios da vida urbana, condição, em suas palavras, para um “humanismo e democracia renovados” (LEFEBVRE, 2001, p.7). O acúmulo de riquezas existente nas cidades, contrasta com a segregação socioeconômica e o afastamento de grupos marginalizados que vivem na periferia das mesmas: a luta de classes se faz presente. Ainda que todos em algum grau estejam envolvidos na produção dos espaços da cidade, para alguns é oferecida a possibilidade de usufruir de tudo o que a cidade possui, enquanto para outros é negado o direito à vida urbana em sua plenitude. Como uma estratégia de manutenção do poder, as pessoas são muitas vezes expurgadas dos centros para locais mais distantes, exploradas em uma cotidianidade que se resume a acordar cedo, pegar transportes lotados, trabalhar e retornar à casa para começar tudo de novo no dia seguinte. Uma vida regulada, com pouco espaço para outras possibilidades, como o lazer, a arte, os encontros. São Paulo, não por acaso, se encaixa perfeitamente nesta generalização: em seu processo de urbanização, a cidade teve um crescimento desordenado, sem planejamento, que acabou por constituir uma metrópole desigual. A cidade da diversidade cultural, construída por migrantes de diversos estados, e imigrantes de todo o mundo, é também a cidade da exclusão (OLIVEIRA, Reinaldo, 2013). A São Paulo rica, com grandes edifícios e equipamentos públicos – principalmente em seus centros e arredores, promove um processo de gentrificação⁸⁴ destas regiões, com a expulsão dos pobres para as periferias, locais em geral

⁸⁴ O termo gentrificação, vem de *gentrification*, conceito criado pela socióloga britânica Ruth Glass para descrever e analisar transformações observadas em bairros operários em Londres. Originalmente o termo tem como sentido, processos de mudanças em zonas de cidades que apresentam degradação física, especialmente em zonas antigas e/ou populares das cidades. Neste processo, pessoas de renda mais elevada seriam atraídas por algumas características destes locais, como: localização privilegiada, oferta de equipamentos culturais e históricos, baixo custo em relação a outros bairros, entre outras e se tornariam moradores destas regiões. Com isso haveria uma valorização econômica da região, gerando um aumento nos preços do mercado imobiliário e no custo de vida local, levando à expulsão dos antigos moradores com menor poder aquisitivo. Posteriormente alguns autores, como o geógrafo escocês Neil Smith, passaram a ressaltar explicações de cunho econômico para este processo que seria levado a cabo por mercado financeiro, poderes públicos e interesses privados: a atração de pessoas para estas

com escassa e precária infraestrutura urbana (BENEDITO, 2013). Vale destacar, entretanto, que este processo hoje é muito mais complexo, com a existência de periferias no centro e centros nas periferias, conforme será aprofundado ainda neste capítulo.

Perante este cenário de exclusão observado em muitos locais do mundo, Lefebvre (2001) exige o direito à cidade como uma recuperação coletiva do espaço urbano pelos grupos marginalizados, de modo que a cidade assuma um valor de uso, e não seja apenas pautada no valor de troca. Para tal Lefebvre (2001), realiza um questionamento da ordem capitalista, defendendo mais do que uma ideia regulatória, um horizonte de transformação radical das cidades. Outros teóricos sociais também abordaram posteriormente o conceito de direito à cidade, tornando-o um conceito polissêmico, por vezes presente em pautas revolucionárias, como defendido por Lefebvre, e por vezes presente em pautas reformistas. Ora direito à cidade é utilizado como o direito de ir e vir e de apropriação dos espaços e equipamentos da cidade; ora é utilizado como um direito de exercer poder sobre os processos de urbanização. Para a identificação do significado do direito à cidade, entra nesta equação também configurações políticas e sociais dos diferentes países. No Brasil, por exemplo, diante de um panorama de intensa desigualdade social e precariedades, ganhou força um imaginário que articula direito à cidade, aos direitos de transporte, cultura e moradia (CIDADE ESCOLA APRENDIZ, 2018).

Embora o geógrafo marxista inglês David Harvey (2013) concorde com questões gerais dos escritos de Lefebvre, tece algumas críticas: para ele, a hipótese central de urbanização completa da sociedade, defendida por Lefebvre, é pouco factível. Ademais, ainda que ambos os autores defendam a perspectiva de revolução sob hegemonia da classe trabalhadora rumo a uma outra sociedade, Harvey entende que a luta pelo direito à cidade pode ser uma etapa intermediária na consecução deste objetivo, embora não deva tornar-se um fim em si mesma. Neste sentido defende que a cidade passou a ser o local de produção da mais valia – e não mais apenas as fábricas – de modo que as lutas urbanas assumem um importante *locus* ao expandir as possibilidades de solidariedades para além do trabalho, incluindo também pautas de minorias, dentre os quais os imigrantes.

Entre outros aspectos, Harvey (2013) destaca o caráter coletivo do direito à cidade, que seria:

Muito mais que a liberdade individual de ter acesso aos recursos urbanos: é um direito de mudar a nós mesmos, mudando a cidade. Além disso, é um direito coletivo e não

regiões teria como base um processo calculado de desinvestimento e precarização destes locais, e posterior reinvestimento de capital visando a atração de moradores que trariam maior retorno financeiro (ALCÂNTARA, 2018).

individual, já que essa transformação depende do exercício de um poder coletivo para remodelar os processos de urbanização. A liberdade de fazer e refazer as nossas cidades, e a nós mesmos é, a meu ver, um dos nossos direitos humanos mais preciosos e ao mesmo tempo mais negligenciados.

Para David Harvey (2014), o capitalismo internacional, calcado no neoliberalismo, vem a partir da sua desenfreada necessidade de acumulação de capital, intensificando sua agressão às qualidades de vida cotidiana desde os primeiros anos da década de 1990. Deste modo, tem sido gerada, a partir de um desordenado processo de expansão do crescimento das cidades⁸⁵, uma experiência urbana bárbara e repressiva. Para este entusiasta da rebeldia contra o poder do capital, outra vida é possível e tem sido buscada por muitas pessoas que em seu dia a dia exigem a construção de outras formas de cidades. Como exemplo, ele cita especificamente a luta⁸⁶ dos movimentos sociais urbanos do Brasil, que se estendeu durante décadas, mas que culminou em 2001 com a conquista do Estatuto da Cidade⁸⁷, lei que possui prestígio internacional por seu vanguardismo em reunir, em um mesmo texto, diversos aspectos relativos às cidades e ao direito às mesmas, mais especificamente ao governo democrático, à justiça urbana e ao equilíbrio ambiental (CARVALHO; ROSSBACH, 2010). Seu ineditismo também está na definição de diretrizes que devem ser seguidas pelos municípios ao elaborarem suas políticas urbanas⁸⁸, de modo que todos, pobres e ricos, possam desfrutar dos benefícios da urbanização. A aprovação e implementação do Estatuto da Cidade influenciou, tanto em nível nacional quanto internacional, a ampliação da luta pelo direito à cidade. Além de ter servido como base para discussões e debates, especialmente na América Latina, partes de seu conteúdo foram incluídas ou inspiraram leis nacionais em diversos países (CARVALHO; ROSSBACH, 2010). Ainda que avanços aconteçam no Brasil e no mundo, em relação ao direito à cidade e à luta por este, a realidade de grande parte das metrópoles contemporâneas segue sendo marcada pela desigualdade social, segregação espacial e violência urbana.

⁸⁵ Jan Gehl (2015) pontua que a maior parte da população global já não é rural, vivendo em cidades. Diante da tendência de crescimento urbano, o autor destaca a importância de que as pessoas sejam escolhidas como prioridade no planejamento urbano e não os espaços, como geralmente é feito. Para Gehl esta lógica deveria ser superada de modo a possibilitar uma melhor qualidade de vida para as pessoas nas cidades.

⁸⁶ Numa fase crítica da urbanização o acesso à moradia surge como uma das principais bandeiras, mas subsidiada pela perspectiva de que o que está em jogo é a redefinição da cidade como espaço de todos.

⁸⁷ Estatuto da Cidade é a denominação oficial da Lei 10.257, de 10 de julho de 2001, que regulamenta o capítulo "Política Urbana" da Constituição Federal, detalhando e desenvolvendo os artigos 182 e 183. Em 2003 é criado o Ministério das Cidades que recebe a incumbência de apoiar estados e municípios na consolidação de novo modelo de desenvolvimento urbano que engloba habitação, saneamento e mobilidade urbana, por meio da Secretaria Nacional de Programas Urbanos, cuja principal tarefa é apoiar a implementação do Estatuto das Cidades (CARVALHO; ROSSBACH, 2010).

⁸⁸ O município, portanto, é responsável por formular a política urbana e fazer cumprir, através do Plano Diretor, as funções sociais da cidade. O Plano Diretor de São Paulo estabelece como um de seus princípios o direito à cidade (SÃO PAULO, 2015).

Dentro da perspectiva de direito à cidade, tanto Lefebvre quanto Harvey, defendem que as pessoas devem ter acesso à qualidade de vida. Nesse sentido, é importante partir de algo que parece básico: as metrópoles possuem uma grande quantidade de pessoas, com seus gostos, conhecimentos, necessidades. A diversidade se faz presente. Ainda assim, a quantidade ou a proximidade física não faz com que as pessoas se conheçam: as cidades grandes estão cheias de desconhecidos (JACOBS, 2018). Para Lefebvre (2001), a vida urbana necessita dos encontros entre as pessoas de modo que possa ocorrer o confronto das diferenças⁸⁹, “conhecimentos e reconhecimentos recíprocos dos modos de viver, dos “padrões” que coexistem na cidade”. Para ele, a cultura assume papel de grande importância, ao possibilitar uma emancipação social: através dela é possível uma experimentação, vivência e apropriação dos espaços da cidade. Harvey (2013), ao falar sobre o bem-estar humano, destaca que a apregoada liberdade de escolha depende da posse de dinheiro, e, portanto, “a qualidade da vida nas cidades virou uma mercadoria”, acessível apenas para alguns.

Antonio Candido (2011), em seu ensaio *O direito à literatura*, originalmente proferido como palestra em 1988, postula o direito à arte escrita: a cultura surge como um dos pilares do bem-estar. Em seu texto, o sociólogo e crítico literário não deixa de ressaltar estar ciente das diferenças de importância entre bens, como arte e comida, este último urgente à uma sobrevivência física mais imediata. Ainda assim, aos que poderiam proclamar a literatura como algo supérfluo, Candido propõe que esta deve ser considerada, assim como a arte, – tudo aquilo que possui toque poético, ficcional ou dramático nos mais distintos níveis das culturas de uma sociedade – um direito básico com função e papel humanizador: ao ser humano seriam fundamentais momentos de vivência da fábula. A poesia, a ação dramática e a ficção são manifestações que espelham a sociedade apresentando todos os seus valores, seja os que preconizam ou os que consideram prejudiciais. Deste modo, a literatura – ou a arte de modo mais amplo – ao confirmar, negar, denunciar, apresentar alternativas, em um jogo de experimentação, nos permite viver dialeticamente as situações e os problemas. Para Candido (p.122) a não satisfação desta “necessidade universal” pode gerar a mutilação da personalidade: “porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza”.

Ainda que possuam especificidades, Lefebvre, Harvey e Candido defendem a importância de que as pessoas tenham acesso a uma vida mais significativa, indo além da rotina opressora – uma vida na qual a experiência do sensível seja uma possibilidade. Harvey (2013)

⁸⁹ Jane Jacobs (2018) defende que este confronto de diferenças contribui também para o estímulo à tolerância, gerando maiores possibilidades de uma convivência pacífica entre estranhos.

entende que locais como ruas, praças, equipamentos culturais⁹⁰ são espaços potencialmente privilegiados para encontros das diferenças, vivências diversas e trocas. Na prática, entretanto, no interior de relações de poder radicalmente assimétricas, o uso e gestão dos espaços não ocorrem em relação de igualdade, fazendo com que conflitos e disputas sejam uma realidade: diante da imensa desigualdade social, os espaços das cidades, “cada vez mais consistem de fragmentos fortificados, condomínios fechados e espaços públicos privatizados, mantidos sob vigilância constante” (HARVEY, 2013, p.81).

Se os espaços da cidade são passíveis de controle social e apropriação, privadas ou público-estatais, é necessária uma ação política por parte dos cidadãos para que os espaços públicos – como ruas, praças e parques – e os bens públicos – como saúde, educação ou cultura – possam ser utilizados e apropriados de modo a tornarem-se comuns (HARVEY, 2014). Enquanto uma hierarquia social é estabelecida através dos que detêm capital e dos que não detêm, definindo uma diferenciação dos indivíduos e seus acessos aos lugares da cidade (CARVALHO; ROSSBACH, 2010), o espaço público, em oposição ao espaço privado, deveria apresentar-se como uma garantia aos que pouco possuem (CARLOS, 2013). Em entrevista à jornalista Anatxu Zabalbeascoa (2016), Jan Gehl chega a dizer que “quanto mais pobre é uma pessoa, mais importante é o espaço público. A rua⁹¹ é o campo de jogos, o salão comunitário” – entretanto, o espaço público muitas vezes restringe-se como espaço de contemplação, não sendo efetivamente apropriado como espaço cívico (CARLOS, 2013). Os grupos mais vulneráveis – como os imigrantes, solicitantes de refúgio e refugiados – são os que acabam por vivenciar mais fortemente a brutalidade de uma cidade partida entre incluídos e excluídos, entre atores e espectadores.

Um exemplo desta disputa pelos usos dos espaços públicos, pode ser observado na cidade de São Paulo, no processo de implementação da “Paulista Aberta”. Após ampla mobilização de organizações da sociedade civil, sua avenida mais famosa, a avenida Paulista, passou, em outubro de 2015, a ser aberta exclusivamente para a circulação de pedestres aos domingos e feriados⁹², criando mais um espaço de cultura e lazer na cidade. (LABMOB, 2019). A resistência ao projeto foi muito grande durante discussões relativas à possibilidade de sua

⁹⁰ Jan Gehl (2015) afirma que ruas, praças e parques são o domínio público de uma cidade, sendo espaços essenciais ao bom ambiente urbano. Quanto maior a qualidade dos espaços públicos, maior o uso dos mesmos, possibilitando um maior encontro entre as pessoas.

⁹¹ Jane Jacobs (2018) defende em seu famoso livro *Morte e Vida de Grandes Cidades*, que as ruas talvez se constituam como o mais importante espaço público, consolidando-se não apenas como um espaço no qual pessoas e carros transitam, mas como um espaço social.

⁹² Das 10 horas às 18 horas. Antes e após este horário a avenida Paulista volta a ter circulação de carros.

implementação, especialmente por parte da Associação Paulista Viva⁹³, responsável pela representação de empresas e entidades privadas, assim como por parte da Imprensa e do Ministério Público Estadual, que até então possuía um acordo com a Prefeitura para que o bloqueio da via para carros ocorresse apenas três vezes por ano (BASTOS; MELLO, 2017). Apesar da resistência, este projeto venceu, e esta ação, levada a cabo pela Prefeitura de São Paulo⁹⁴, no âmbito do programa Ruas Abertas⁹⁵, demonstrou ao longo dos anos a importância da ocupação deste espaço público pela população. Foi criado um espaço gratuito e amplo que possibilitou a prática de exercícios físicos, realização de diversas atividades culturais e de lazer, assim como fortalecimento do comércio local (lojas de rua e comércio ambulante), gerando uma ampliação da vitalidade urbana e da qualidade de vida na região (LABMOB, 2019). Alguns senegaleses com que pude conversar durante as investigações para o presente trabalho, relataram que aos domingos se deslocam para a avenida Paulista, para diante do grande fluxo de pessoas, vender seus produtos.

A não utilização, ou subutilização de equipamentos culturais por determinados grupos sociais, significa o alijamento de uma oportunidade, posto que estes podem demonstrar grande potencial para dinamizar os territórios em que atuam, constituindo-se não apenas como lugares de oferta cultural e de criação artística, mas também como espaços de sociabilidade (OLIVEIRA, 2004). A Lei 9.459 define como crime “praticar, induzir ou incitar discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”, instituindo reclusão de um a três anos e multa como pena (BRASIL, 1997a). Ainda assim, de tempos em tempos casos de violência verbal ou física impetrados contra imigrantes surgem na mídia e nas redes sociais⁹⁶. A real participação de imigrantes e refugiados nos diferentes espaços públicos da cidade – como os equipamentos culturais, não apenas com atividades construídas para eles, mas também por eles, saindo do lugar comum, em que apenas o tradicional e o exótico possuem vez – pode

⁹³ Para saber a respeito da argumentação da Associação Paulista Viva é possível acessar o texto no qual sua presidenta na época, Vilma Peramezza, se pronuncia sobre o assunto: Fechar a Paulista é uma estratégia política primária e excludente. UOL Notícias. 02/09/2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2015/09/02/fechar-a-paulista-e-uma-estrategia-politica-primaria-e-excludente.htm>>.

⁹⁴ Criada durante a gestão do ex prefeito Fernando Haddad, do Partido dos Trabalhadores (PT).

⁹⁵ O Programa Ruas Abertas instituiu a possibilidade de que diversas vias da cidade, a partir de indicação das Subprefeituras, pudessem, durante determinado período do dia, ser abertas aos pedestres e fechadas para carros aos domingos e feriados. (SÃO PAULO, 2016). Para saber mais é possível acessar o decreto municipal nº 57.086, de 24 de junho de 2016, que firmou o Programa Ruas Abertas como política pública municipal da cidade de São Paulo. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/decreto/2016/5709/57086/decreto-n-57086-2016-institui-o-programa-ruas-abertas-nos-termos-da-lei-federal-n-12587-de-3-de-janeiro-de-2012-politica-nacional-de-mobilidade-urbana-2018-09-17-versao-compilada>.

⁹⁶ Ver: SANZ, Beatriz. Xenofobia ainda é difícil de ser denunciada no Brasil. 2018. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/internacional/xenofobia-ainda-e-dificil-de-ser-denunciada-no-brasil-23072018>> Acesso em: 23 de fevereiro de 2019.

possibilitar uma troca de grande importância para a cidade: um diálogo e aprendizado entre diferentes culturas, permitindo às pessoas conhecer histórias reais, contribuindo para a desconstrução de preconceitos e valorização da diversidade.

Se a cidade de São Paulo é marcada por uma presença significativa de equipamentos culturais, vale destacar que a distribuição espacial dos mesmos é bastante desequilibrada. Grande parte destes está localizada no centro da cidade, como por exemplo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, Sala São Paulo, Teatro Municipal de São Paulo, Museu de Arte Sacra, Memorial da Resistência, enquanto a presença de equipamentos é bastante diminuta, quando não inexistente, nos bairros mais afastados⁹⁷ (BOTELHO, 2003). Ainda que o estudo de Isaura Botelho sobre os equipamentos culturais de São Paulo seja de 2003, quase duas décadas depois, houve pouca alteração deste quadro. No *Mapa da Desigualdade*⁹⁸ (2019), publicação realizada pela Rede Nossa São Paulo (RNSP), fica evidente como, ao considerar quantitativamente as populações locais em comparação com a quantidade de equipamentos públicos de cultura, a maioria destes segue no centro – entre os dez distritos com maiores quantidades de equipamentos de cultura, seis são na região central e dois anexos a esta⁹⁹. A grande exceção é o distrito do Butantã¹⁰⁰ que embora esteja distante geograficamente do centro de São Paulo, apresentou os maiores índices entre todos os distritos, com 53,7 equipamentos públicos de cultura para cada 100 mil habitantes. Enquanto isso, muitos distritos, em sua maioria periféricos, possuem poucos ou nenhum equipamento, dentre eles: Pirituba, Vila Sônia, Socorro, Ermelino Matarazzo, São Lucas e Cidade Ademar. Nabil Bonduki, arquiteto, urbanista e ex-secretário municipal de Cultura de São Paulo¹⁰¹, em entrevista a Edison Veiga (2015), ressaltou que os equipamentos culturais estão longe da periferia por razões históricas:

Obviamente, a concentração é maior nas regiões de renda mais alta. Porque os equipamentos públicos mais antigos, historicamente, foram implantados no ‘primeiro

⁹⁷ A desigualdade social aparece espacialmente na cidade de São Paulo: estes bairros periféricos de modo geral são bairros com alto nível de pobreza.

⁹⁸ O Mapa da Desigualdade é publicado desde 2012, consistindo no levantamento de diversos indicadores de todos os 96 distritos da cidade de São Paulo. Deste modo é possível a realização de uma comparação dos dados, mostrando como a desigualdade se processa na cidade e identificando os locais mais desprovidos de serviços e equipamentos públicos (REDE NOSSA SÃO PAULO, 2019).

⁹⁹ O distrito da Barra Funda, ocupa o segundo lugar com 38,56; Sé o terceiro com 30,90; República o quarto com 27,97; Bom Retiro o quinto com 26,59; Liberdade o sexto com 18,08; Consolação o sétimo com 13,93; Pari o nono com 10,76 e Santa Cecília o décimo com 10,29. Butantã possui a primeira colocação com 53,7 e Lapa o oitavo lugar com 11,94.

¹⁰⁰ Localizado na zona oeste da cidade de São Paulo.

¹⁰¹ Nabil Bonduki foi Secretário Municipal de Cultura na Gestão do ex prefeito Fernando Haddad, – Partido dos Trabalhadores – durante os anos de 2015 e 2016.

anel' da cidade. E os privados são mantidos, em geral, por empresas que querem visibilidade da marca junto ao público dessas áreas.

É deste modo que o processo de urbanização constituiu os centros como espaços de concentração de riquezas, enquanto as periferias se tornaram locais de escassez. Neste processo de concentração de estruturas de cultura e lazer nos centros das cidades contemporâneas, a ausência ou pouca presença material não significou necessariamente diminuição ou enfraquecimento das manifestações culturais; ao contrário, as regiões periféricas muitas vezes são marcadas por uma insurgência ao abrigar uma diversidade de manifestações culturais (LEFEBVRE, 2001), realizadas dentro e fora de equipamentos culturais. Por outro lado, a existência de um equipamento cultural em um bairro, ou mesmo a gratuidade – muitos oferecem ao menos um dia de gratuidade na entrada – não garante a utilização e apropriação destes equipamentos pela população local, seja esta residente no centro ou nas periferias, sendo necessárias ações específicas e sistemáticas de estímulo realizadas pela gestão dos equipamentos.

A não utilização dos espaços públicos da cidade e de seus equipamentos culturais, além de afetar as pessoas excluídas destes espaços, afeta a população em geral. Para a escritora e ativista política canadense Jane Jacobs (2018) e o urbanista dinamarquês Jan Gehl (2015), uma maior ocupação destes locais, contribui para a criação de uma cidade viva e mais segura. Mais pessoas nas ruas significa mais olhos, gerando uma diminuição dos índices de criminalidade e maior sensação de segurança. A maior presença de pessoas possibilita também mais encontros e trocas sociais, condição indispensável para uma maior democracia. Isto significa que uma cidade viva requer a utilização dos espaços públicos por muitas e diversas pessoas, criando, em uma espiral positiva, uma cidade atraente para todos os grupos da sociedade (GEHL, 2015).

3.2 A chegada em São Paulo

O desenvolvimento de São Paulo, de sua economia e cultura, teve, do século XVI ao final do XIX, participação ativa das populações negras africanas que foram trazidas forçadamente ao Brasil. Foram estes os que edificaram a cidade, suas vias e equipamentos de interesse público. Os negros e negras foram também os entregadores, quituteiras, engraxates, condutores de bonde, lavadeiras, empregadas domésticas, profissões muitas vezes sem um reconhecimento e *glamour* e com baixas remunerações, mas que se faziam essenciais no dia a dia da cidade (OLIVEIRA, Regina, 2013). Não por acaso, é possível fazer um paralelo com os migrantes provenientes do Norte e do Nordeste do Brasil, que a partir da década de 1930,

principalmente diante da seca e da pobreza que vivenciavam, se deslocaram, em busca de melhores oportunidades, a São Paulo e ao sul do país – locais com maior desenvolvimento da industrialização e da agropecuária (MAGALHÃES, 2017). Tanto as populações negras escravizadas quanto os imigrantes nacionais, ainda que em outros momentos históricos e condições diferentes, passaram por processos de exploração e não reconhecimento social de seus papéis estruturantes na consolidação da metrópole (OLIVEIRA, Reinaldo, 2013). Vale ressaltar que, apesar das semelhanças, trata-se de dois tipos de deslocamentos humanos com características bastante específicas: os imigrantes nacionais, ainda que diante de uma necessidade de sobrevivência tiveram alguma agência sobre seus futuros; os africanos escravizados foram obrigados a vir para o Brasil.

Os filhos, netos e bisnetos das populações negras africanas que contribuíram para a transformação de São Paulo em uma metrópole, ainda hoje não usufruem desta riqueza. A eles foi atribuída uma herança social, um lugar que – a exemplo do que ocorria com seus antepassados – lhes é imposto. Com o passar dos anos, especialmente entre 1900 e 1930, a mão de obra escrava, na cidade de São Paulo, foi substituída em grande parte pela mão de obra estrangeira não escrava (OLIVEIRA, Reinaldo, 2013). Desde então, ainda que haja uma variação nos fluxos migratórios, com diferentes nacionalidades se destacando quantitativamente em diferentes períodos, os imigrantes seguem vindo para o Brasil e compondo a mão de obra nacional. Partindo da perspectiva de que existe uma dívida histórica do Brasil com a população negra descendente dos africanos que foram escravizados e trazidos para o país, como se dá atualmente o acesso à cidade pela diáspora africana? Na atualidade, os imigrantes senegaleses têm encontrado possibilidades mais humanas de realização de suas vidas na cidade?

3.2.1 *O senegalês acolhe o senegalês*

Todos os entrevistados ressaltaram que os senegaleses se acolhem no momento da chegada ao Brasil, destacando que os laços familiares, étnicos ou religiosos não são o mais importante, mas a nacionalidade. Quem chega costuma ficar na casa, ou muitas vezes quarto alugado, de algum parente, conhecido, ou conhecido de conhecido que chegou antes à megalópole, até conseguir se estabelecer. O apoio não se reduz à hospedagem, mas também a orientações em relação ao trabalho e vida no Brasil, passando às vezes também por apoio financeiro. Os senegaleses oferecem este acolhimento a qualquer pessoa que chegue de outra cidade ou país – tanto no Senegal, quanto no Brasil ou em qualquer outro local do mundo. De

modo geral, os entrevistados aparentam possuir orgulho em relação a essa postura, que segundo muitos, é algo cultural, que pode ser observado desde o Senegal, o que eles chamam de *Teranga*, palavra em wolof que significa hospitalidade ou ‘a arte de receber bem’, e que traduz um modo de vida, no qual a coletividade e a solidariedade devem imperar. O próprio Senegal é conhecido como o país da *Teranga*.

No entanto, esta não é uma especificidade da migração senegalesa. Pelo contrário, as redes familiares ou baseadas em outros critérios de identificação, como nacionalidade, são significativas para grande parte dos movimentos migratórios. Em seu conhecido texto sobre história oral e migração, Alistair Thomson (2002) analisa este aspecto, mencionando diferentes situações em que isto ocorre e, mais do que isso, evidenciando como a história oral contribui para tornar visível a importância dessas redes de conexão. Ele chega a afirmar que “nas narrativas dos migrantes, as redes de sociabilidade são mostradas como um aspecto crucial da experiência da migração”. Trabalhos de autoras como Glaucia de Oliveira Assis (2004) e Valéria Barbosa de Magalhães (2006) mostram como esse fenômeno acontece na imigração de brasileiros em outros países, por exemplo.

É interessante nas entrevistas desta dissertação que, apesar de essa ser uma marca de vários processos migratórios, os senegaleses também a ressaltam como uma peculiaridade da própria comunidade, aproximando esse fenômeno de aspectos da própria cultura. Segundo João, um dos entrevistados, é também por esta cultura que os senegaleses são sorridentes e amáveis com as pessoas nas ruas, buscando ser aceitos e também compartilhar o que podem oferecer. Kunta relata como funciona este acolhimento que os senegaleses que já estão em São Paulo oferecem aos outros senegaleses em sua chegada à cidade:

Talvez, você chega, você não conhece ninguém, mas mais ou menos tem um senegalês. Porque toda cidade do mundo que você vai, você pergunta na cidade central, você vai ver um senegalês, porque o senegalês viaja muito. Aqui em São Paulo, quando você chega, você vai perguntar uma prima, uma irmão, alguém que você conhece, e de lá com o trabalho que ele tá fazendo, ele vai começar a ensinar para saber como é, e depois você vai ser sua própria chefe para fazer um negócio. Vou te falar, tem gente também que gosta de roubar e pedir as coisas, mas aqui tem que ir devagar e trabalhar com lei do Brasil, com certeza do que você tem que fazer. Aqui tem possibilidade, qualquer coisa que você faz aqui, que tá legal, você vai ganhar dinheiro, essas possibilidades que faz com muitas africanos ou senegaleses sair do país deles para chegar pra cá. Porque na nossa país é bem legal, Senegal é da hora, não tem guerra, tem democracia, tem tudo lá, e lá é hospitalidade é país da hospitalidade, país da hospitalidade é país da *Teranga*, *Teranga* é hospitalidade. Senegal nome dele é país da *Teranga*, país da hospitalidade. Se não tem comida você chega na casa de você, ou eu tô com você até meio dia, vamos comer na minha casa. Você chegar [do] Norte, como aqui talvez, talvez tem gente que está dormindo na rua, no Senegal não, só gente que quiser dormir na rua. Se chegar as coisas você não conhece, até se chegar em uma cidade que não conhece, para dormir,

you to say: "oi", you arrive well: "oi, eu sou viajante, não tem onde dormir", the people says: "chega, chega", you will sleep there until you have the condition to go, you understood? Also when someone arrives here and does not know anything about the city the people welcomes him to show the way to stay and when he stays, you are then free to know something, here more or less to adapt to a Senegalese, you arrive here more or less a month already adapted. You stayed one week, two weeks, three weeks, already on the side of production, doing something that will make your life legal here.

Aziz reinforces this narrative, the existence of a network of Senegalese who are here for a longer time in the city and who help those who arrive, in this process that they themselves denominate as "adaptation", and which is a classic axis of analysis in studies on migrations. However, Aziz also highlights that this union takes place between the nationals of Senegal and that the same does not occur with the Africans in general, existing in some cases even a competition: "Os senegaleses são unidos, mas os africanos não são unidos. Tem de outros países que acham que são melhor que os senegaleses, eles acham que são melhor, mas não são nada, mas os brasileiros me trata bem, cuida bem de nós". Marcio Farias (2015), in his dissertation of master's degree: *Relatos de imigrantes africanos na cidade de São Paulo sobre preconceito*, interviewed four immigrants from three countries in Africa¹⁰², who lived in the city of São Paulo for at least two years. The interviews presented both reports of welcomes, both reports of prejudices perpetrated by the Brazilians. The interviewees also pointed out that the majority of African immigrants ended up organizing themselves from their nationalities and ethnicities. The different treatments offered by Brazilians to the Senegalese will be deepened still in this chapter, in the item *A recepção dos 'estranhos'*. Aziz continues:

Para nós esse é uma coisa de cultura e coisa de religião, você pode não se conhecer no Senegal, mas chega aqui a gente acha que nós somos irmãos. Nós somos um. Eu quando eu me casei, quando minha esposa precisa de alguma coisa e eu não tô aqui, foi pediu pra ele, ele vai fazer, porque nós somos um. Não são todos da África, mas os senegaleses estão fazendo isso. Nós somos um. [...]. Porque pra nós é isso, pra nós não é normal chegar em São Paulo e dormir em um hotel, coisa mais feia que um senegalês pode fazer é isso. Se eu tenho um amigo que vem e vai dormir em um hotel, eu não falo com ele mais. Porque minha casa é a casa dele. Antes eu morava em [inaudível], se eu chegar mais tarde eu não vou pedir permissão, vou lá pegar a chave dele e vou dormir na casa dele, se tem uma cama e se eu chega primeiro eu vou dormir lá, se ele chega depois vai dormir embaixo [risos]. Tem um amigo que veio do Sul, ele tava procurando um lugar pra ficar e eu falei: "tem que ficar aqui, melhor não fica gastando dinheiro no hotel". [...]. Os senegaleses são irmãos. Um dia eu tava andando com minha ex e um cara me acenou, ela me perguntou: "você conhece ele?" Eu falei: "Não, primeira vez que eu vi ele". Você sabe por que nós somos amigos? Porque nós todos falamos o mesmo idioma, nós todos falamos wolof. A gente somos amigos porque falamos no mesmo idioma, nós nascemos com isso. No Senegal pai de Ibrahima é meu pai. Lá é diferente de cá, se uma criança faz errado, tem que bater. Lá no Senegal se eu fica na frente do pai de Ibrahima

¹⁰² Os quatro entrevistados eram: um da República Democrática do Congo; um de Angola; e dois do Mali.

e xinga ele, ele não vai falar pro meu pai, ele vai me bater, e chegando em casa você não vai falar porque senão você vai apanhar de novo. Tem pessoa que acha que nós tudo se conhece no Senegal. Não a gente se conhece aqui, trabalhando, porque a gente tem o mesmo trabalho, tem a mesma rotina, tem a mesma religião, a gente também se encontra nessas festas que eu te fala, toda segunda-feira na praça, aos domingos também tem nas mesquitas, a gente também se encontra lá, festa de Magal, festa de Gamou, tem as pessoas religiosas que sai do Senegal pra vir aqui.

Ousmane reforça a diferença entre a cultura senegalesa e a cultura brasileira e para exemplificar explica que, se eu chegasse na casa de sua mãe no Senegal, ela me acolheria como uma filha: “ela gosta muito de estrangeiro, respeita estrangeiro, dá valor pra estrangeiro, se encontra Wendy, pensa [que é] filha dela. Nós chega aqui nós aluga casa. Se você chegando lá, se tem um pouco sorte, você mora uma casa sem pagar. Porque lá gosta muito de estrangeiro”. Ainda que diversas, as trajetórias pessoais dos entrevistados reforçam este acolhimento comunitário citado por Kunta, Aziz e Ousmane. Khar relatou ter sido acolhida por sua irmã, senegalesa que estava há mais tempo no Brasil. Um amigo do tio de Aziz o recebeu em sua casa quando este chegou a São Paulo. “Eu cheguei em 2014, eu não conhecia ninguém aqui. Ele comprava comida pra mim, me dava um lugar pra dormir, arrumou um trabalho pra mim, ele não quer me ver em problema”. Amath também falou sobre sua chegada e acolhimento em São Paulo:

Na cultura senegalesa tem uma coisa que se chama, por exemplo, você tem nomes que são primos, mesmo que você não é da mesma família considera como primo, por exemplo, uma pessoa que tem nome da Silva, uma pessoa que tem nome de Souza, então tem um cruzamento dos nomes na cultura senegalesa, então a gente considera como parente. Isso é uma coisa pra melhorar a integração. Eu tenho um primo aqui que me ajudou no início quando eu cheguei, fiquei 15 dias na casa dele até que eu consegui um local bem perto do centro porque gosto de morar no centro, há 10 minutos daqui. Depois de 15 dias, como estava com pouca grana, consegui morar em uma pensão, que cada um tem seu quarto. Daí desde esse tempo eu moro nesse mesmo quarto, nunca mudei [risos], aqui na Bela Vista, há 10 minutos do centro.

Fily e João vieram para o Brasil há mais de 30 anos, ambos como estudantes. Fily foi apoiado primeiro pela família de sua namorada brasileira e por uma professora brasileira que conheceu em Lisboa e que dava aulas na USP – assim, como alguém de outra geração e em outro momento histórico, precisou se valer de outras situações de apoio que não as redes familiares ou baseadas em nacionalidade. Em seu caso, lançou mão de laços profissionais e pessoais prévios, construídos em outras bases. Já João, assim como muitos conterrâneos, também contou com a rede de senegaleses em sua chegada.

Quando eu cheguei, logo que eu cheguei na Universidade de São Paulo, encontrei as pessoas africanas. Tinha um senegalês em particular que também estava lá, me acolheu, me orientou, me deu a base para começar a andar e aqui é a mesma coisa, novamente quando as pessoas vêm, na maioria das vezes já tem um parente aqui, o que torna a coisa um pouco mais fácil. Ou então, a pessoa quando ela chega, já sabe que tem uma associação de senegaleses, então busca primeiro se filiar a este novo grupo e a partir daí tecer sua rede e tentar avançar na vida.

A união entre os senegaleses, entretanto, vai além do momento da chegada. A religião, através da constituição de espaços religiosos, surge como um eixo de grande importância para o estabelecimento destas redes de apoio mútuo, tópico que será aprofundado no capítulo *Dimensões da religiosidade*. Ainda assim, além da religião, conforme adiantado por João, os senegaleses em São Paulo também contam com um espaço de representação, a Associação dos Senegaleses. Fily apenas mais recentemente começou a participar deste espaço, em suas palavras “mais como veterano, como o mais antigo”. Fily eventualmente é convidado a participar de reuniões na associação, onde acaba por atuar como um conselheiro, diante dos anos de vivência que possui no Brasil. Elogia a organização da associação e o trabalho esta que desenvolve para a comunidade:

Os senegaleses realmente conseguiram centralizar as coisas deles em torno de um escritório independente de qualquer coisa, da profissão. Você foi lá, você viu. É de todo mundo, então lá centraliza, eu achei ótimo, porque aí todo mundo sabe o que está acontecendo com todo mundo, porque todo mundo vai lá, faz a carteira, se você precisar de alguma coisa eles têm as prerrogativas pra fazer as coisas, inclusive eles me ajudam pra caramba [...] Eles se juntam para discutir as questões não ligadas a religião, mas ligadas a comunidade em geral, eles fazem eleições para eleger um presidente, e um *bureau*, que é um *staff* que trabalha nessas questões de tesouraria, eles têm uma carteira, não sei se o Amath mostrou, tem uma carteira pra quem é sócio, tem uma cotização, não sei se é mensal. Eu só vivia paralelamente a essas coisas, só agora que eu estou começando a participar mais como veterano, como o mais antigo, eles me chamam pra participar, eles são muito bem organizados, essa moça que eu falei, a Cleide¹⁰³, que trabalha com o DPU, ela é tipo como uma consultora, porque como a gente não entende muito bem as leis brasileira, sempre que acontece alguma coisa ela está sempre presente para dizer quais são as posições em termo de lei no Brasil em relação a essas comunidades porque o Itamaraty e o Ministério da Justiça lidam mais com a pessoa como pessoa jurídica, você tem que se constituir como uma pessoa jurídica, então o que acontece? O cara tem que ter uma embaixada ou um consulado senão ele não tem respaldo para lidar com os poderes públicos do Brasil, qual a alternativa que o pessoal encontrou? A associação. A associação não é nenhuma representação oficial de Senegal, mas a embaixada dá pra eles as prerrogativas pra certas tarefas. Por exemplo, se eu preciso de um documento tem que ir até Brasília, muitos deles não têm condições se você vai viajar, até porque em muitos ônibus nem deixa ele entrar porque está sem documento. Então eles, naquele escritório que você viu, eles pagam aluguel, pagam *pro labore* pras pessoas que prestam serviço, muitos são estudantes então eles têm uma

¹⁰³ Se refere a Cleide Aparecida Vitorino, advogada que possui amplo histórico de atuação e militância, prestando consultoria jurídica a associações da diáspora africana no Brasil.

compreensão do português suficiente pra entender o que está escrito nas leis, questões de chancelaria, essas coisas... É muito bem organizado e o atual presidente é um cara que chegou aqui na minha época, hoje ele é empresário, trabalha com comércio internacional, é fazendeiro, casado com brasileira. E ontem, por exemplo, a reunião foi justamente pra discutir as questões de qualidade de vida do pessoal que vem aqui.

Na página oficial da associação em uma rede social, seu compromisso é definido como: “proximidade, escuta, eficiência e apoio real às preocupações dos senegaleses”. Diante da não existência de órgãos consulares em São Paulo, os senegaleses estavam – antes da criação dessa entidade – em uma situação de desamparo institucional que ampliava a vulnerabilidade a que estavam sujeitos. A associação, neste contexto, constituiu-se como uma referência, auxiliando na obtenção de documentos, orientação jurídica e organização de eventos e outras esferas. Este quadro, entretanto, pode sofrer alterações em um futuro próximo, pois no primeiro semestre de 2020 foi aberto um Consulado Honorário do Senegal em São Paulo – e suas ações, bem como as reações da comunidade à criação do consulado, poderão ser documentadas e analisadas em futuras pesquisas. A visita à associação e a entrevista a seu Secretário Geral, Amath, reforçaram em mim a impressão de que esta possui um grande reconhecimento pela comunidade de senegaleses que vivem na cidade. João falou a respeito da importância que a associação assume para a comunidade: “toda e qualquer política, ela só é forte, através de uma associação, de um grupo e em função disso”. Aziz também elogiou o trabalho desempenhado pela associação:

A gente somos senegaleses. É normal nós participar se tem alguma coisa, se precisa de nós, vou lá se tem reunião, se precisa da gente a gente vai pra lá. Mas coisa de trabalho são eles que faz, é trabalho deles. Porque você sabe não pode misturar muita coisa. Eles são uma associação fazendo um trabalho bom. Acho que eles tão fazendo um trabalho bom. Tem muita coisa que a gente precisa se você for lá eles vão fazer na hora. Se você não tem dinheiro eles te ajudam fazer tudo essas coisas. Eles tão fazendo um trabalho bom. É o trabalho deles. Coisa da associação é coisa da associação, coisa da vida é coisa da vida.

Em entrevista a Giovana Fleck (2018), Mor Ndiaye, presidente da Associação dos Senegaleses de Porto Alegre, esclarece que as associações fazem parte do cotidiano do Senegal, tendo como objetivo não apenas ajudar uns aos outros, mas também a preservação da cultura: “No Senegal, faz parte da nossa vida formar associações. É o que nos aproxima. Todas as comunidades senegalesas têm associações, é natural. Cada bairro tem a sua. Elas não precisam funcionar com renda própria ou com uma sede, basta termos a união”.

As redes estabelecidas pela comunidade senegalesa constituem-se como um alicerce da mesma, seja através dos diferentes espaços e eventos religiosos, seja através da Associação. Estes locais e eventos possibilitam a manutenção de um grande vínculo da comunidade, com

espaços de confraternização, de visibilidade, de trocas. Um porto seguro diante da imensidão da cidade, um modo de superação de problemas comuns. Em entrevista concedida a Débora Fogliatto (2019), Omar Mourid, vice-presidente da Associação dos Senegaleses de Porto Alegre, afirma que estar junto é uma estratégia adotada pela comunidade como um todo: “Juntos somos mais fortes. A gente tem muito a educação de permanecer juntos e de compartilhamento. Se não, fica ruim sozinho. A gente sempre mantém nossa força, e nossa força é estar juntos sempre. Se estivéssemos separados seria bem mais difícil”.

3.2.2 A recepção dos ‘estranhos’

Para o sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (2016), que estuda as interações humanas na pós-modernidade, o fluxo de estranhos que se dirige às cidades traz uma perspectiva assustadoramente imprevisível para alguns, um colapso de uma ordem previsível na qual sabe-se como proceder. O que esperar de quem sabemos muito pouco? Ousmane, um dos senegaleses entrevistados, em poucas palavras resumiu esta questão ao dizer: “coisa que você não conhece, é estranho pra pessoa”. George Martine (2005), em seu livro *A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21*, destaca o medo e ansiedade como fatores que fazem com que muitos imigrantes vivenciem a xenofobia, manifestada pelo estranhamento ao “outro”, aos seus costumes, cultura, língua e muitas vezes no receio de que este “roube” seus empregos e tome seu espaço na cidade. Para João, outro dos senegaleses entrevistados, não é possível “tapar o sol com a peneira”. Para ele, “desde os primórdios o preconceito vai sempre existir. Porque o preconceito também não deixa de ser uma forma de proteção, às vezes as formas deste preconceito é que são questionáveis”. Fily também relata a existência de xenofobia e como ele acabou por ser afetado, inclusive fisicamente por esta violência:

Muitas vezes o brasileiro se acha invadido: “esse estrangeiro tá aqui!” Eu já vi isso, porque muita gente acha que eu não sou senegalês, porque eu tenho pele um pouco mais clara, porque eu sou de uma etnia *fullah*, então quando os brasileiros me veem eles não sabem que eu sou de lá e eles falam impropérios sobre os caras, então tem muita violência em decorrência. Eu mesmo, [retira uma prótese de dentes de sua boca e me mostra] perdi três dentes pra defender um senegalês, isso foi ano passado.

Outra entrevistada que leva em seu corpo as marcas da violência é Khar. Mas além das marcas na pele, leva constantemente a lembrança de um sistema que coloca imigrantes e brasileiros em patamares diferentes de proteção e acesso à justiça.

Eu tenho uma vizinha, na mesma casa, uma vez ela briga com minha irmã, ela pegou a comida que eu fez, caldo com carne quente, ela joga em mim. Juro. Ela joga em mim. E nesse dia ela ligou pra polícia. Polícia chegou, graças a Deus. O polícia quando ele chegou, ele tirou muita foto comigo, meu perna, tudo. Queimou muito. Gente foi na polícia, foi no hospital, muito difícil. E a polícia fala comigo: “tem que cuidar, porque você é estrangeira, ela é brasileira. Ela vai ficar muito protegida”. Eu sou estrangeira, fica muito difícil comigo. É muito difícil.

É deste modo que o migrante e o refugiado, destes fluxos migratórios contemporâneos, acabam por ser muitas vezes penalizados por uma condição que não é fruto exclusivamente de uma escolha, mas uma consequência da globalização que tem acentuado as desigualdades entre países e as violências entre eles (AGIER, 2001; MARTINE, 2005): um mundo globalizado que traz consigo uma indiferença globalizada. Para Bauman (2016), estes “portadores de más notícias”, transportam a realidade que preferíamos desconhecer, ou ignorar, para a porta de nossas casas, fazendo com que percebamos nossa própria vulnerabilidade de um bem-estar arduamente conquistado. Ainda assim, guerras, misérias e catástrofes ecológicas seguem acontecendo todos os dias em quase todo o planeta; deste modo, as pessoas seguirão buscando melhores lugares para se viver. A socióloga Caterina Koltai (2009) defende que neste contexto, é necessária a assunção de responsabilidades coletivamente: se a migração é uma realidade, suas consequências devem ser enfrentadas pelos países e governos locais de modo a garantir uma vida digna aos novos cidadãos.

O processo de globalização que se fortaleceu nos últimos anos, em especial nas últimas décadas do século XX, possui uma discrepância significativa entre seu discurso de “completa integração” e sua prática. Embora exista uma promessa de igualdade, a lógica que sustenta as sociedades modernas e capitalistas é a da diferença (OLIVEIRA, Regina, 2013). Achille Mbembe (2018) vai além: ressalta que a própria subsistência do capitalismo necessita de pressupostos raciais de modo a legitimar opressões e explorações. Stuart Hall (2012) defende que a compressão do espaço-tempo consolidada no mundo contemporâneo, contribui para a integração e conexão de comunidades e organizações. Ao mesmo tempo, enquanto as fronteiras estão abertas para o fluxo de capitais e mercadorias, as mesmas são fechadas ou de difícil ultrapassagem para muitos trabalhadores migrantes¹⁰⁴. O estadunidense Immanuel Wallerstein, conhecido como ‘o sociólogo da descolonização’¹⁰⁵, também se posiciona a este respeito: (1979, p.19) “o capital nunca permitiu que suas aspirações fossem determinadas por fronteiras

¹⁰⁴ Vale ressaltar que esta limitação não se dá apenas para os imigrantes trabalhadores, mas especialmente para imigrantes com poucos recursos econômicos.

¹⁰⁵ Immanuel Wallerstein ganhou esta alcunha pelo apoio que brindou a movimentos anticoloniais e pela difusão do conceito de sistema-mundo que contribuiu para a expansão do olhar para além dos espaços nacionais.

nacionais”. A este respeito, Fily disse em uma interessante comparação entre a mobilidade do ser humano e a mobilidade do capital:

O dinheiro vai circulando, circulando, circulando e não é tributado, o ser humano é bloqueado, ele não pode seguir o dinheiro dele. O dinheiro produzido pelo Brasil vai pra Londres, mas o brasileiro não pode ir atrás. Então o dinheiro sai daqui vai pra lá, quando eu vou, eles falam: “não, você não! Seu dinheiro pode vir”.

A pobreza, a fome, o subdesenvolvimento econômico, a seca, as guerras, mudanças arbitrárias de regimes políticos, as mais diversas consequências do capitalismo existem, fazendo com que, apesar das dificuldades impostas, as migrações sejam uma realidade (HALL, 2002), tão ampla e irrefreável quanto os fluxos patrocinados do capital e da tecnologia (HALL, 2006). O maior acesso às mídias, meios de comunicação e de transporte, estimula consumos, através da ostentação de bens e luxos, criando expectativas de outras possibilidades de vida (MARTINE, 2005). Na lógica do capitalismo, a cidade rica traz a promessa não apenas da ‘sobrevivência’, mas de outras oportunidades, da realização dos desejos (OLIVEIRA, Regina, 2013). Quando migram, muitas vezes as pessoas são frustradas em seus sonhos ao se depararem com realidades de cidades que segregam e apartam os diferentes (MARTINE, 2005).

Segundo Adela Pellegrino (2003), no livro *La migración internacional en América Latina y el Caribe: tendencias y perfiles de los migrantes*, existe uma diferenciação na recepção de imigrantes e refugiados a partir de uma variedade de fatores¹⁰⁶ culminando em uma diversidade de discriminações, como a racial e por classe social, fazendo com que dificuldades de adaptação e até maus-tratos sejam situações frequentes. Do mesmo modo, a cor da pele ou os traços impactam diretamente no modo como os imigrantes são tratados. O gênero também é um destes fatores que gera diferenciação. Não é à toa que negros¹⁰⁷ e mulheres imigrantes sentem na pele como a exclusão pode ser ainda mais cruel na cidade¹⁰⁸. A lista poderia continuar: religião, situação migratória, orientação sexual e tantas outras características ou

¹⁰⁶ As hierarquias da alteridade, termo cunhado pelo sociólogo Ramón Grosfoguel e por Chloe Georas, pesquisadora com formação em direito e estudos culturais, são a tradução deste cenário, no qual as populações imigrantes são recebidas de diferentes modos pelas populações das cidades receptoras, dependendo de suas classes sociais, raças, gêneros, religião e outras variáveis. Mais do que uma apreensão simbólica da diversidade, as hierarquias da alteridade se concretizam na forma como os imigrantes são inseridos na sociedade de recepção. O Estado, também opera a partir de hierarquias da alteridade, ainda que estas por vezes não sejam claras. Para tal, estabelece as diferenças principalmente através de legislações de migração (MACHADO, 2020).

¹⁰⁷ Pesquisas indicam que no Brasil, a vida de refugiados negros é mais difícil que a de refugiados brancos. Vale ressaltar, entretanto, que esta situação não configura que a vida de refugiados brancos seja fácil (MACHADO, 2020).

¹⁰⁸ Informações do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2005), IBGE (2011) e Fundação SEADE (2005) apresentam em comum os impactos das desigualdades sociais, raciais e de gênero: homens e mulheres brancas recebem mais do que homens negros, que por sua vez recebem mais do que mulheres negras (OLIVEIRA, Reinaldo, 2013).

escolhas pessoais que muitas vezes são utilizadas como justificativa para que pessoas sejam melhor ou pior recebidas.

O filósofo camaronês Achille Mbembe é uma referência acadêmica no estudo do pós-colonialismo, abordando questões relativas ao racismo e o devir-negro no mundo, cujas fronteiras são cada vez mais porosas. Para Mbembe (2018, p.21), hoje muitos países buscam flexibilizar as formas de discriminação – e, portanto, de dominação – realizando um “racismo sem raças”, no qual a biologia é substituída (ou somada) pela cultura e pela religião. Em pleno século XXI ainda pode ser observada a incongruência de sociedades que possibilitam a coexistência das mais formidáveis conquistas técnicas e científicas com as mais violentas formas de rejeição e marginalização (KOLTAI, 2009). É deste modo que a segregação de pessoas que vivem nas sociedades capitalistas modernas e contemporâneas não se configura como uma exceção, mas como um marco no contexto da cidade e do urbano, (OLIVEIRA, Regina, 2013), podendo ser observada de diversos modos, em diferentes contextos e por vezes, tendo mais de um fator como justificativa. Isso é o que podemos observar na fala de Aziz, um dos entrevistados, que relata ter vivido preconceitos por ser imigrante, negro e muçulmano. Ele traz o relato cru de um desses episódios:

Um dia eu entrei no metrô e o cara perguntou: “você é muçulmano?” Ele ficou há mais de dois metros. Ele falou: “você não tem bomba?” Eu falei: “sim, vai explodir daqui uns minutos”. Eu fala, nós temos problemas mais grandes do mundo: 1 – nascer preto é um problema, porque é difícil pra gente aceitar; 2- nascer muçulmano, porque a gente acha que a gente é terrorista; 3 – morar em uma cidade que não é seu, porque tem todo tipo de pessoas que você encontra. Têm que ser pessoas que usa a cabeça. Esses três coisas, você anda, chama a gente de preto, de negão, de macaco, um dia eu falei com um amigo lá, mas ele tava de brincadeira, ele me falou “macaco”, porque eu tava comendo banana me fala assim, eu falei: “tem macaco branco e macaco preto, macaco branco não come banana?”. Todo mundo come banana, o branco come banana, todo mundo do mundo come banana, não precisa colocar essas coisas na cabeça de nós, tem que ser tranquilo.

Alguns entrevistados, quando perguntados sobre racismo e outras formas de violência reconheceram prontamente a existência de casos, ainda que muitas vezes estes não sejam contra eles. Outros, em um primeiro momento, pareciam querer falar apenas coisas boas sobre o acolhimento que recebem, como se não conhecessem este tipo de situação – no entanto, ao longo da entrevista, acabaram por, aos poucos, contar casos de preconceitos que sofreram. Aziz, foi um destes casos. Ao mesmo tempo em que ressalta enfaticamente um grande acolhimento por parte dos brasileiros, contou diversos episódios em que sofreu violências. Fily e Khar trouxeram outra questão surpreendente: para eles os negros brasileiros por vezes tratam os imigrantes negros com maior hostilidade do que os brancos. Nas palavras de Khar: “tem muita

pessoa, que tem mesmo corpo como nós, mesmo pele como nós, que eles ficam mal aqui com nós. Eles não nos aceitam, não falam com nós”. Fily atribui esta configuração a um desconhecimento e uma crença, por parte de alguns negros brasileiros, de que os imigrantes negros teriam privilégios. Esta é uma questão que poderia ser aprofundada em outros estudos, de modo a se ter um panorama mais amplo, confirmando ou refutando esta sensação relatada por Fily e Khar, assim como quais as possíveis explicações para esta situação.

Para Amath, representante da Associação dos Senegaleses, a xenofobia não é tão intensa quanto o racismo¹⁰⁹, uma realidade vivenciada diariamente por ele e por conhecidos: “é uma realidade que não é só do Brasil, é no mundo inteiro e precisa ser denunciado, precisa que a gente enfrente essa situação, não esconde essa realidade, tem que ter debate tem que ter essa polêmica pra que a gente consegue resolver essa situação”. As imbricações entre xenofobia e racismo fazem com que seja difícil identificar quando começa um e termina outro. Talvez a perspectiva mais adequada seja a de que ambos se intensificam, de tal modo que o imigrante negro sente a seletividade com a qual ocorre a “aversão ao estrangeiro”, perpetrada principalmente contra imigrantes negros (MATTOS, 2016). Diversos estudos sociológicos e antropológicos a respeito das relações raciais têm apontado que o preconceito racial em alguns estados, como São Paulo, ainda que seja forte, é negado especialmente nos espaços públicos e privados (OLIVEIRA, Reinaldo, 2013). Para João Vargas (2013), o *apartheid* racial que existe no Brasil, assim como em alguns outros países do mundo, acaba por gerar barreiras simbólicas e concretas que impactam diretamente a cidadania de grande parte da população, gerando uma suspeita constante em relação às pessoas negras.

Percebi a estranheza de membros dessa comunidade e de outros países africanos, em relação ao preconceito racial sofrido no cotidiano em outras ocasiões. No ano de 2015 eu coordenava o projeto Trilhas da Cidadania, de ensino de português e aspectos da cidadania e cultura brasileira para imigrantes e solicitantes de refúgio. Em uma oportunidade excepcional de aliar teoria à prática, durante um semestre atuei também como professora de uma turma do projeto, formada por estudantes oriundos de diversos países, principalmente do continente africano, em sua maioria negros. Em uma aula um dos alunos trouxe um questionamento: “por que quando caminho nas ruas muitas vezes as pessoas atravessam?”. Diante de tal questão, logo ecoada pelos outros alunos que disseram ter a mesma experiência, mudei os rumos do encontro e começamos a conversar sobre história do Brasil, escravidão e suas consequências para os negros até os dias atuais. Para eles tudo aquilo era novo: em seus países de origem, eram negros,

¹⁰⁹ Munanga (2009a) ressalta que o racismo tem como pressuposto a crença de que existem raças superiores e raças inferiores dentro da espécie humana.

que viviam em meio a outros negros. O racismo com base na cor da pele era uma experiência com a qual não estavam acostumados, impactando inclusive na compreensão dos limites entre racismo e xenofobia.

Embora muitas vezes seja apresentada uma ideia de que no Brasil há uma igualdade racial, o que se observa é que a inserção da população negra ocorreu sem possibilitar condições sócio econômicas semelhantes às da população branca, limitando significativamente as possibilidades de ascensão através da delimitação da oferta e acesso à educação de qualidade e ao mercado de trabalho. Não por acaso, os trabalhadores negros e negras são predominantes em trabalhos informais, de menor remuneração e sem carteira de trabalho assinada. Para muitas pessoas há uma associação direta entre a ocorrência de crimes na cidade de São Paulo e a pobreza. Dentro deste contexto, em que muitos negros são relegados à pobreza, comumente passam a ser vistos como criminosos (CARRIL, 2013). É deste modo que a segregação da população negra possui uma ampla conexão com questões referentes à classe social (OLIVEIRA, Reinaldo, 2013): raça e classe consolidam-se como variáveis de uma mesma realidade de exploração, na qual práticas racistas impossibilitam a ascensão econômica dos negros (MUNANGA, 2009a). João discorre a respeito do racismo no Brasil:

Nós vivemos em um país racista, a história do Brasil, foi uma história escravocrata, onde não se deu oportunidade à classe negra no Brasil, e nós como africanos, quando chegamos, nós temos um pouco mais de repúdio em relação a isso porque nós não convivemos com esse tipo de preconceito [...] quando a gente chega aqui a gente se depara com o preconceito eu posso dizer, não de raça, porque raça é o ser humano, mas o preconceito de cor, porque se não fosse a nossa cor preta, que não é nossa raça, a raça é negra [...]. Então esta questão de você julgar a pessoa pela cor, sem saber quem é, pra nós isso é muito... atinge a nossa alma e nós não ficamos calados, diferentemente de várias situações que eu tive as vezes até que intervir aqui, onde eu tive que falar pra pessoa: “não, você tem que dar uma resposta, não precisa ir pra briga, não precisa usar a violência, mas mostra pra pessoa que...”. Eu trabalhei em grandes empresas multinacionais, minha experiência quase toda foi em multinacionais, onde eu tive cargo de gerência, e quando eu atendia as pessoas, as pessoas queriam falar com o responsável e eu me dispunha pra ajudar a pessoa e a pessoa não me considerava como o responsável. Eu tinha que ir pra minha sala, sentar, fingir o estereótipo pra pessoa falar: “ah desculpe, eu não sabia”. Mas a gente sabe como que é a história, porque não se tem referência em algo que você possa tornar como praxe, não se tem referência na sociedade negra brasileira, apesar de existir, mas pra nós é comum, o nosso presidente é preto, o nosso bandido é preto, o policial é preto, o gari é preto, é tudo preto, o piloto do avião é preto, quem vai encher o pneu da sua bicicleta é preto, todo mundo é preto, então nós não temos esse choque, apesar da gente saber que no mundo afora isto realmente é um fator de discernimento, é um fator de reconhecimento, é um fator de separação, de segregação.

As disputas históricas pelo espaço urbano acabaram por gerar uma perceptível divisão espacial da cidade de São Paulo, na qual, a partir de múltiplos interesses imobiliários, houve o

afastamento das populações negras e pobres para áreas menos valorizadas da cidade, especialmente suas periferias. Uma breve olhada no Mapa da Desigualdade, publicação de Rede Nossa São Paulo (2019) deixa claro como esta realidade, embora com matizes, segue sendo atual. Na região central e distritos vizinhos (mais ricos) residem as menores porcentagens de pessoas negras – em relação ao total da população da cidade: Moema possui 5,82% de pretos e pardos; Alto de Pinheiros 8,06%; Itaim Bibi 8,26%; Jardim Paulista 8,52%; Vila Mariana 8,67. A gigantesca diferença, entretanto, somente fica escancarada quando observados os distritos com maiores quantidades de pretos e pardos – não por acaso todos periféricos e com grandes índices de pobreza: Guaianases com 51,49% de pretos e pardos; Pedreira com 52,44%; Capão Redondo com 53,90%; Jardim Helena com 54,73%; Itaim Paulista com 54,78%; Cidade Tiradentes com 56,07; Lajeado com 56,15%; Parelheiros com 56,61%; Grajaú com 56,81% e Jardim Ângela com impressionantes 60,11%. Os bairros ocupados pela classe média e alta, em sua maioria formadas por brancos, são os espaços em que em geral estão localizadas áreas de consumo, serviços e equipamentos de cultura e lazer com uma maior infraestrutura. O afastamento físico, portanto, gera desigualdades de acesso a esta estrutura urbana, uma escassez de recursos necessários para o desenvolvimento de uma cidadania saudável, como escolas públicas de qualidade, creches, áreas de lazer e parques (OLIVEIRA, Reinaldo, 2013).

Lourdes Carril (2013), no artigo *Quilombo, favela e periferia*, destaca que esta configuração, entretanto, não se manteve estática. Com o passar dos anos, o custo de vida em alguns locais da periferia aumentou, a partir de uma legislação mais estrita em relação a loteamentos clandestinos, que levou a uma diminuição da oferta de lotes populares, assim como a uma relativa melhoria de infraestrutura em algumas regiões. Com isso alguns trabalhadores optaram por fazer um movimento inverso de retorno ao centro da cidade, diminuindo custos e tempo de transporte para seus trabalhos. O compartilhamento do mesmo espaço geográfico na cidade, entretanto, não significa igualdade de condições de vida: continua existindo uma hierarquia socioeconômica, que acaba por muitas vezes direcionando os pobres e negros para os subterrâneos da cidade, habitando locais de maior precariedade¹¹⁰ (OLIVEIRA, Reinaldo, 2013), mesmo quando estes subvertem “a ordem vigente” e residem em áreas de maior poder aquisitivo ou dotadas de infraestrutura urbana. Os senegaleses que vivem no Brasil são, em sua maioria, negros e pobres, e não por acaso, parecem se enquadrar neste caso: ainda que muitos morem em áreas centrais, em geral alugam e dividem quartos ou moram em cortiços, muitas

¹¹⁰ Em uma demonstração da existência de vulnerabilidade social, podem ser encontrados nas regiões centrais da cidade, cortiços, prédios ocupados, ademais da grande quantidade de pessoas em situação de rua (VILLALOBOS, 2015).

vezes em condições bastante difíceis e irregulares¹¹¹. Com a quebra da homogeneização espacial, passam a existir diversas periferias, com melhores ou piores condições. De repente, a periferia está no centro e o centro na periferia, e ainda assim, os muros visíveis e invisíveis seguem apartando (CARRIL, 2013). É deste modo que se estabelece um duplo *apartheid*: racial e econômico, no qual negros e pobres convivem e sofrem com a ausência do direito à habitação e à cidade no Brasil (OLIVEIRA, Reinaldo, 2013).

Lefebvre (2001) escreve sobre a “tragédia dos *banlieusards*”, pessoas forçadas a viver em guetos residenciais longe do centro da cidade, um afastamento provocado por uma segregação socioeconômica. Perante este cenário, o direito à cidade é exigido por ele como uma recuperação coletiva do espaço urbano por grupos marginalizados, que vivem nos distritos periféricos da cidade. Curiosamente, esta não aparenta ser a realidade vivida pela maioria dos senegaleses que geralmente afirmam viver no centro¹¹² da cidade, assim como Amath, que vive no centro desde que chegou a São Paulo. O centro, pelo menos nesse sentido, parece assumir sua potência como “lugar de todos”, ainda que a presença dos estrangeiros surja como uma resistência em contraposição às tantas políticas que buscam sua exclusão.

Esta configuração dos senegaleses pode ser pensada à luz do artigo *El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas*, das antropólogas Veena Das e Deborah Poole (2004). O *modus operandi* praticado pelo Estado, de modo a contribuir para a marginalização de grupos sociais, não se dá apenas a partir de uma noção de espaço, mas também em outras formas de incidência no cotidiano da vida das pessoas, através de suas leis e burocracia. De modo a reforçar esta teoria, estão os muitos relatos de violências e exclusão apresentados pelos entrevistados, não apenas nos preconceitos sofridos, mas principalmente na ausência de ações efetivas da esfera pública que contribuam para uma vida com dignidade. Situações observadas em diversos aspectos vividos por grande parte da comunidade senegalesa, como a precariedade da moradia, situação documental instável, realização de trabalhos em condição de vulnerabilidade, que gera por vezes violências e perda de mercadorias. Ainda assim Das e Poole (2004) ressaltam que existe uma agência dos atores sociais marginalizados, uma resistência

¹¹¹ Interessante observar uma continuidade desta configuração no tempo: em meados do século XIX, a maior parte dos negros que viviam no centro da cidade de São Paulo, residiam em quartos de aluguel, localizados em casas de cômodo e porões da Sé (CARRIL, 2013).

¹¹² A noção do que seria o centro de São Paulo não é estática, variando com as mudanças que ocorrem na cidade com o passar dos anos. Diante disto, especialistas possuem diferentes definições dos bairros que comporiam a zona central da cidade. Segundo a Prefeitura de São Paulo, a região central está atualmente sob administração pública da Subprefeitura da Sé, sendo composta pelos distritos da Bela Vista, Bom Retiro, Cambuci, Consolação, Liberdade, República, Santa Cecília e Sé (VILLALOBOS, 2015).

cotidiana, que subverte, questiona, e traz novas possibilidades, como será abordado principalmente nos capítulos “Dimensões da religiosidade” e “Outros usos da cidade”.

3.2.3 A São Paulo que é nossa – o encontro com a alteridade

“Quando eu cheguei por aqui eu nada entendi. Da dura poesia concreta de tuas esquinas”. A música *Sampa*, de Caetano Veloso (1978), trata do encontro com uma cidade desconhecida, do estranhamento, dos desafios iniciais, mas também com os encantamentos, com a adaptação necessária neste processo vivido pelo eu-lírico, mas também por todos que nasceram em outras cidades, estados e países e que escolheram São Paulo para viver. “E foste um difícil começo. Afasto o que não conheço e quem vem de outro sonho feliz de cidade. Aprende depressa a chamar-te de realidade. Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso”. Quais as impressões dos entrevistados ao chegar à cidade? Como este encontro ecoa em suas vidas ainda hoje?

As primeiras impressões relatadas pelos entrevistados sobre São Paulo, de modo geral são positivas. Um misto de choque diante das diferenças geográficas e culturais. Khar conta que não tinha a intenção de ficar no Brasil para trabalhar, mas que o acolhimento e as possibilidades que encontrou na metrópole – “Aqui no São Paulo tem muita oportunidade!” – fizeram com que mudasse de ideia e decidisse tentar sua vida na cidade. “A primeira coisa em Brasil, falo: ‘uau!’. Eu falo pra minha irmã: ‘eu vou ficar aqui até seis meses para passear’, porque eu vi, é um país que tem paz. Todo mundo abriu a mão¹¹³ quando você chega, gente estrangeira, todo mundo”. As boas primeiras impressões, entretanto, em pouco tempo foram suplantadas pela dureza do dia a dia, especialmente da situação de precariedade que encontrou para desenvolver um trabalho. Khar também destacou a violência como um problema encontrado na cidade: “O coisa que eu não gosto muito, é coisa de... não tem muita segurança, seguridade, tem que ter cuidado muito, porque tem muita coisa ruim aqui. Não pode ficar na rua até uma 1 hora, 10 horas da noite não”. Ela continua seu relato:

Primeira coisa que eu pensei. Depois de seis meses, quando eu comecei pra, o primeiro mês quando eu pego meu carrinho com comida, ah, toda noite eu chorei, eu chorei muito, porque no Senegal, você pergunta – ele sabe [Fily] – ninguém, não faz assim, pega comida coloca no carrinho, não. Tem que abrir um restaurante pra vender. Porque lá a loja não é caro, não tem esse problema. Policial não fala: “não”. Eu fui, você sabe, qual que ficou muito difícil pra mim, quando eu comecei pra vender lá no Brás, eu perdi muito, porque policial pega meu carrinho, pega meu comida muitas vezes. Muitas. Eu

¹¹³ Com esta expressão se refere a que as pessoas a ajudaram quando chegou à São Paulo.

perdi muito. Eu chorei muito. Eu fala: “agora não quero mais ficar, quero voltar no meu país”. Porque lá tem paz, tem o conselho familiar. Porque, você vai sentir que você tem família aqui, seu mãe, seu irmã, tem todo mundo. E quando você tem uma coisa aqui difícil, você precisa do seu família perto de você. Perto.

Baba, fez o caminho inverso. Ao chegar em São Paulo não gostou da cidade, com muita gente e intensa movimentação. “Quando eu cheguei aqui era um susto, né? Muita gente. A movimentação, pegar metrô, não sabia pegar metrô daqui, sabe? Então, o mercado de trabalho também aqui é diferente do Sul, aí fiquei 48 horas aqui [risos]”. Diante disto decidiu procurar um lugar mais tranquilo para morar. A partir da indicação de outros senegaleses, foi para Carazinho, cidade localizada no interior do Rio Grande do Sul, a 289 quilômetros¹¹⁴ de Porto Alegre. Morou um ano no local e mudou-se para Porto Alegre, onde viveu por um ano e seis meses. Somente após este período, em suas palavras, tomou coragem e decidiu vir para São Paulo tentar a vida. Hoje Baba diz não trocar São Paulo por nenhuma outra cidade do Brasil.

Eu acabei de chegar no país, eu nem falava, nem ‘oi’ eu sabia falar. Eu falei porque procurar um lugar mais tranquilo pra poder aprender a cultura, a idioma, sem pressão [risos], entendeu? Aí eu achei lugar que eu procurava, que era esse cidadinho que tinha... o Carazinho. São 32 mil habitantes, não é tão grande, aí dava pra trabalhar numa boa e estudar um pouco língua, né? [...] Hoje em dia eu não troca em nenhuma cidade daqui do Brasil por São Paulo. [...] São Paulo eu gosto da diversidade daqui, é uma cidade de arte também, que eu gosto de arte. As pessoas também têm, nem tempo pra por isso, esse preconceito que é tão falado que não dou tanto bola, né? Como se fala, não dou bola nisso, mas existe uma coisa real que existe em São Paulo acho que é menos, entendeu? É uma cidade onde todo mundo tem seu espaço, você encontra aqui tipo a comunidade asiático, aqui no Liberdade. De 2013 pra cá, o centro tá sendo tomado pelos africanos, tem muitos africanos, entendeu? Então você sente essa diversidade aqui em São Paulo, tem bairro italiano também, então, eu acho que é o encontro do mundo em São Paulo, é uma coisa que eu adoro, eu já conheci várias nacionalidades, várias pessoas de outras nacionalidades aqui, então você vai conhecendo outras culturas, sem viajar.

Moustapha também ressaltou a presença de outras nacionalidades na cidade: “Eu gosto de São Paulo porque São Paulo tem muito africano, tem muito do país da África. Eu gosto de São Paulo”. Ainda assim não deixou de contar uma situação que passou e que disse não saber ao certo se esta teve conexão com o fato de ser imigrante: em determinado momento quebrou seu pé, foi a um hospital em São Paulo e disseram que ele deveria esperar: “Ninguém ajudou. Eu fui no hospital 10 horas da manhã, saiu 17 horas da tarde”. Moustapha somente conseguiu atendimento ao se deslocar, com o apoio de Aziz para outro hospital¹¹⁵. Amath, assim como

¹¹⁴ Distância rodoviária.

¹¹⁵ Aziz Mbaye também relatou o episódio vivido por ele e por seu amigo Moustapha Dieng “Nós chegou no hospital, não sei se nós que não somos daqui ou nós que não entendeu, a gente quando chegou primeiro levou e ficou lá, o pessoal falou, fica aí e espera, ele chegou lá 8 horas da manhã até 17 horas. A gente falou, se você não

Baba e Moustapha, também disse gostar de São Paulo e de sua configuração cosmopolita. Aponta, entretanto, as muitas dificuldades encontradas pelos estrangeiros que decidem fazer sua vida na cidade – tanto no âmbito burocrático e prático quanto no âmbito simbólico. Neste contexto, Amath ressaltou a importância da organização da comunidade senegalesa através de uma associação.

São Paulo é uma cidade que eu gosto. Porque gosto desse movimento de São Paulo, final de semana, quinta-feira, sexta-feira, até sábado com esse barulho [risos]. O samba em cada rua é uma coisa bem legal. Atrás disso você percebe outra São Paulo, muito triste com desigualdade, você vê na rua pessoas com uma situação muito difícil que nem têm onde morar, você passa no centro e percebe essa dificuldade, tô falando de São Paulo. Em São Paulo, desde que eu cheguei aqui no Brasil eu me envolvi muito nas questão social, porque tô ajudando muito a comunidade senegalesa pra se organizar, pra melhorar a vida aqui no Brasil, porque têm muitos jovens que tão chegando aqui, já tem alguma experiência na vida, já se formou, mas têm dificuldade pra se integrar no Brasil, então a gente tem, acho que há dois anos e meio, a Associação junto com eles. Sempre me falam: “você tem que ajudar pessoas pra organizar aulas de português, tudo isso”. A maior dificuldade que a gente tem é essa questão da documentação que os estrangeiros como nós não consegue ter. Tá muito difícil correr atrás e talvez prejudica. Eu tô me lembrando no primeiro ano de curso eu não consegui ter bilhete pra transporte, quando fui na SPTrans: “você tem que registrar o RG ou o registro nacional do estrangeiro”, “e se eu ainda não tenho isso?” “se você não tem, não dá pra fazer”. Então eu tava pagando do meu próprio bolso pra ir na escola. Outro problema também é o acesso a essa informação, é muito difícil pra comunidade entendimento quando você vai na prefeitura, no hospital, as estruturas não estão preparado pra entendimento dos imigrantes, tudo que tão falando em português... Tem essa questão cultural, essa questão de xenofobia, essa questão de racismo que também é uma realidade que a gente estamos confrontando todos os dias, essa parte é muito problema em São Paulo, então eu acho que São Paulo, falando de imigração no Brasil, a cidade de São Paulo é a cidade referência que você encontra todo tipo de nacionalidade que tem no Brasil, eu não sei os dados real, mas sei que a maior parte dos imigrantes estão morando aqui em São Paulo, então falta estrutura preparada pra acolhimento, para atendimento, para orientação, tudo isso.

Kunta também destacou o multiculturalismo de São Paulo, mas em especial falou a respeito das oportunidades que podem ser encontradas em sua área de trabalho, a música. Embora Kunta tenha ressaltado que deseja seguir vivendo na cidade, porque “O meu ponto de referência para economia, para trabalho, de verdade é São Paulo, porque aqui eu me senti muito bem, de verdade. Principalmente no centro antigo”, disse ter vontade de conhecer outras cidades do país, porque segundo ele, assim pode conhecer mais da cultura do Brasil, um país continental e com grande diversidade. Kunta contou também que uma experiência que teve em São Paulo e que não gostou: uma vez, andando de bicicleta rumo a uma entrevista, foi interpelado pela

quer pegar ele fala que nós vamos pra outro hospital. Tem um outro amigo brasileiro em outro hospital, eles tirou tudo, lá eles tratou ele bem”.

polícia, que pediu seu documento. Ainda assim, disse entender que estavam fazendo o seu trabalho.

[São Paulo é uma] cidade grande, com muitas coisas, muitas possibilidades também. Que tem uma diversificação da cultura aqui também, tem muitas nacionalidades, e para cultura tem muita cena, muito espaço que tá aqui e que se busca, dá pra entrar e fazer shows, mostrar seu trabalho e tem muitas conexão também aqui, por coisa de música que a gente tá fazendo, urbana, *hip hop*. Conheço muita gente aqui que chegou: "Oi faz *hip hop*, pa pa pa...", leva você para o estúdio, você vai lá toca com eles e depois começa a ter uma rede de gente, aí começa a tocar, a mostrar seu trabalho, gente começa a indicar você. Aqui é pleno da cena, São Paulo tem muitas coisas pra fazer aqui.

Ao ser perguntado a respeito de suas impressões sobre São Paulo, Ibrahima adotou uma postura menos incisiva. Segundo ele, ao estar em um país e em uma cidade que não os seus de origem, você não deve amar ou não amar o que encontra, mas se acostumar com a cultura do país no qual você está. Neste caminho, segundo Ibrahima, você não pode esquecer suas tradições e tampouco “falar mal” das tradições dos outros. Já Aziz não poupou palavras para descrever o quanto gosta de São Paulo e como se sente acolhido pelos brasileiros:

São Paulo foi uma cidade maravilhosa. Eu gostei dessa cidade. Quando nós estávamos viajando em outra cidade fica lá dois dias, três dias eu falei pra eles: “vamos acabar esse show pra voltar pra terra de nós, o que é isso!”. Em São Paulo até de madrugada a gente anda. Você sai em outras cidades 19 horas, sai na rua você não vai ver ninguém mais. Cidade boa, a gente tem mais amigo brasileiro do que senegalês, eles amam nós de verdade. Tem as festas, quando ele te convida se você não ir, eles não vão falar com vocês mais.

Ousmane ao falar de São Paulo contou que vive tranquilo na cidade. Mora no mesmo local desde que chegou e procura ser respeitador e fazer amizades com as pessoas. “Aqui na rua todo mundo me conhece: senhora, senhores, tudo me conhece, é tudo meu amigo. Não tô fazendo barulho, não tô fazendo bagunça, nada. Tem pessoa que é ruim, não é todo mundo, todo lugar tem”. A grandiosidade de São Paulo também foi destacada por João.

São Paulo foi uma cidade que me surpreendeu bastante, porque você só se dá conta do tamanho e da força deste país, você estando em São Paulo. São Paulo é realmente uma situação a par, porque dificilmente São Paulo retrata o Brasil. São Paulo retrata muito mais o mundo, do que realmente o Brasil, mas é uma cidade muito acolhedora, São Paulo é uma cidade muito formadora, eu acho que em todos os aspectos, tanto aspecto acadêmico, quanto aspecto de vida social, aspecto de preparo para o futuro. Nós estamos em um cruzamento de todas as tendências mundiais que a gente pode encontrar aqui em São Paulo. Então hoje eu vejo São Paulo, como, não um exemplo a seguir – porque exemplo a seguir é querer ser muito prepotente – mas pelo menos um caminho a se

estudar. Lógico, a cidade hoje enfrenta vários desafios, porque é normal na história da humanidade, sempre as cidades onde nós tivemos muito mais população, os desafios sempre foram maiores, porque são cidades que também ofereciam mais condições e o ser humano, pela sua natureza, sempre vai buscar as melhores condições para viver ou sobreviver. Mas São Paulo hoje é uma cidade acolhedora, hoje você tem mais ou menos, você deve ter em torno de 10 mil senegaleses aqui em São Paulo.

Ainda que, por vezes, seja comum a difusão de um estereótipo segundo o qual a imensidão e intensidade de São Paulo mostram-se assustadoras para todos os imigrantes que aqui chegam, Fily rompe com esta ideia. Os diferentes relatos mostram como a experiência vivida pelos imigrantes na cidade de São Paulo não é monossêmica.

Todo mundo fala do gigantismo de São Paulo e da coisa da impessoalidade, que a pessoa perde a individualidade no meio desse blá, blá, blá. Pra mim isso ao invés de defeito, a insensibilidade, o anonimato no meio de tanta gente, pra mim isso foi mais um fator para me proteger porque aqui tem uma questão muito importante que é a questão racial no Brasil. Se o negro brasileiro já tem problemas pra se inserir na sociedade nacional, apesar de toda a sua contribuição que foi determinante para a construção do Brasil por causa de seu trabalho [...], mesmo assim o pessoal está completamente marginalizado dentro desse processo dos dividendos.

Os relatos predominantemente positivos dos entrevistados em relação à cidade, surgem com mais força do que as críticas neste momento. Estes se apresentam através de um destaque relativo às oportunidades e diversidade que em São Paulo teriam encontrado. Talvez em parte porque, apesar dos desafios que enfrentam, conseguem muitas vezes melhores oportunidades do que teriam em seus países de origem: viver na cidade de São Paulo permite-lhes não apenas sobreviver, mas também auxiliar na sobrevivência dos parentes que estão no Senegal. É possível que haja também uma necessidade de justificar repetidamente a opção de vida que realizaram ao decidir migrar. Dentro desta lógica, há em sua maioria uma valorização da cidade, a despeito de difíceis vivências cotidianas que acabam por emergir vez ou outra em suas narrativas. Outra possibilidade que pode ter impactado é o fato de que desejavam demonstrar apreço pelo país para serem simpáticos com uma entrevistadora brasileira.

3.2.4 *Uma roupa que não serve mais*

O “estar e viver em um novo país” exige uma intensa adaptação, o que Stuart Hall (2006) chama de “tradução”. Para ele, as pessoas que foram dispersadas de sua terra natal, retêm fortes vínculos com seus lugares de origem, carregando traços das tradições, das linguagens, das histórias pelas quais foram marcadas. Entretanto, sem a ilusão de que um retorno ao passado é possível, pois agora existe algo “no meio”, estas pessoas tornam-se o produto de várias

histórias, passando a habitar no mínimo duas identidades (HALL, 2002). A distância de amigos; o confronto com diferentes costumes, lugares e novas maneiras de pensar; as saudades, outra língua; os olhares de estranheza que precisam ser enfrentados no dia a dia e mais do que tudo, a necessidade de garantir condições básicas de vida, como alimentação e moradia. Diante de tantas urgências, seria, portanto, a possibilidade de uma vida na cidade com mais qualidade e prazer, algo supérfluo para imigrantes e refugiados?

Para Bauman, em contraposição à ideia de que as pessoas possuem apenas uma identidade fixa, decorrente de sua nacionalidade¹¹⁶, está a concepção de que a identidade – assim como os imigrantes em sua corporeidade – possui movimento, como uma decorrência das circunstâncias em que o indivíduo vive, das fontes de aprendizado e trocas que encontra em seu caminho, das relações que estabelece, em um processo marcado por sua historicidade assim como pelos processos sociais. Stuart Hall (2002), por sua vez, chega a defender que o sujeito na pós-modernidade seria composto por várias identidades contraditórias, de modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas em uma metamorfose constante. A busca por identidade viria do desejo de segurança e é exatamente por isso que, para Bauman (2005), a palavra que melhor traduz os conceitos e desdobramentos doutrinários que a identidade possui é a palavra “pertencer”. Maffesoli (2006), em seu famoso livro *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, defende que a necessidade de pertencer, de fazer parte, faz com que formemos parte dos grupos, ou como ele diz, das “tribos”, partilhando emoções e sensações. Mais do que isso, a pessoa ou persona somente existe a partir da relação com o outro. Para Sarlo (2014), em alguns locais em que a exclusão e a violência assumem a dianteira, a identidade pode se tornar mais do que um adjetivo de pertencimento, sendo inclusive um escudo de proteção física, ao possibilitar o reconhecimento do imigrante como parte de um grupo¹¹⁷. Neste espaço coletivo o sujeito encontra pares, com os quais realiza um “enfrentamento e reapropriação da história e da cultura” (OLIVEIRA, Regina, 2013 p.175). O desejo de estar vinculado às identidades do grupo social gera, muitas vezes, uma busca por viver próximo das pessoas que formam este grupo (OLIVEIRA, Reinaldo, 2013), de modo a poder usufruir com maior facilidade das forças materiais e simbólicas que possuem.

É deste modo que ocorrem processos de territorialização, formando-se enclaves que, ao reunir grupos, possibilitam a criação de espaços de organização, gerando um fortalecimento

¹¹⁶ Para Hobsbawm (1990) a identificação dos indivíduos com suas nações não exclui outras formas de identificação social.

¹¹⁷ Embora Sarlo (2014) tenha como referência a cidade argentina de Buenos Aires, a referência não deixa de ser pertinente para outras metrópoles.

destes ao viabilizar forças para enfrentar desafios cotidianos, assim como lutas por cidadania. Este processo de constituição de territórios étnico-raciais ocorreu e segue ocorrendo com diversos grupos, como quilombolas, italianos, chineses, japoneses. A população negra na cidade de São Paulo, diante da segregação, constituiu ao longo do tempo territórios negros, espaços de modo geral em áreas de pouco interesse da elite que congregam famílias e diferentes referências, como escolas de samba, organizações sociais e culturais, terreiros de umbanda e candomblé, entre outros (OLIVEIRA, Reinaldo, 2013) – que, no entanto, não deixam de ser disputados no processo contínuo de produção e transformação do espaço urbano, de modo que exista uma condição constante de transitoriedade. Gentrificação, renomeações, derrubamentos, são todas formas diversas de apagamentos dos não desejados, que ainda assim, teimam em existir e ocupar os espaços das cidades.

A representação numérica dessas comunidades não é o fator primordial para a definição de um território. Mesmo quando estes grupos não constituem a maioria, as marcas que deixam, acabam por constituir na cidade lugares de memória, de inscrição social, cultural e política dessas comunidades – que podem ou não ser ter o reconhecimento institucional devido.

Com a identificação destes marcadores culturais e simbólicos é possível localizar no tempo e no espaço a vida coletiva de diferentes grupos na cidade (BENEDITO, 2013). É interessante observarmos como este processo parece ocorrer também com os senegaleses que vivem em São Paulo, em sua conexão especialmente com a região central da cidade. Amath falou a respeito da centralidade dos senegaleses e de como a Praça da República, e adjacências, consolidou-se como uma referência para a comunidade:

A referência na cidade de São Paulo com a comunidade é a República. Quando você chega na República você não vai se perder mais, porque tem uma forte comunidade senegalesa que estão morando ao redor, estão trabalhando, tem loja, restaurante. Na São João já tem mais de cinco, seis lugares de referência da comunidade, você vai na Barão de Itapetininga têm senegaleses vendendo arte, a 12 quadras tem a mesquita senegalesa, que todo domingo também tem uma forma de igreja, a gente se encontra lá. O ponto de referência mesmo é a República. Quando você chega na República você não pode ficar três minutos sem encontrar um senegalês na rua [risos]. Outro lugar que eu tenho amigo é o Brás, quando você vai lá a maioria dos senegaleses estão trabalhando com vendas.

Kunta comenta a este respeito, levantando uma hipótese curiosa a respeito da territorialização dos senegaleses em centros¹¹⁸:

¹¹⁸ Cabe ressaltar que imigrantes de outras nacionalidades, como os bolivianos, os coreanos e africanos provenientes de diferentes países, também optaram por residir no centro de São Paulo no momento de suas chegadas. Com o passar dos anos parte destes passou a viver em outros locais da cidade.

Aqui a gente tá no centro, você sabe, senegaleses gosta de.... até se você vai para Nova York ou Paris, africanos gostam de ficar nos centros, maioria no centro, com problema de seguro também talvez, por problema de se ver rapidinho, problema de morar perto para não pegar trânsito, para chegar trabalhar, para pedir, aquele negócio... aqui a maioria dos africanos e senegaleses mora aqui no centro, República, São João, Santa Cecília, Marechal, Bela Vista, aquela região que a gente está seguindo a maioria..., porque um senegalês quando chega aqui não vai se perder, ele chega ele vai ter mais ou menos alguém que vai indicar um lugar para ir. Eu queria morar em outros lugares, mas no centro a gente está acostumado de centro também, porque tem tudo perto e quando tudo tá perto você não precisa sair muito longe, porque senegalês tá assim, afetivo com comunidade também, precisa de uma festa, perto não precisa sair muito longe, senegalês não gosta muito de trânsito e de estar muito longe de outros irmãos. Essa é nossa particularidade, a gente fica perto.

Esta escolha da maior parte dos senegaleses vem em consonância com uma reivindicação de muitos movimentos de moradia: o direito que o trabalhador deve ter a não apenas trabalhar no centro, mas também de morar e viver nesta região da cidade. Deste modo, se reduziriam as distâncias percorridas diariamente e se teria um acesso a uma melhor estrutura de serviços, que deveria estar igualmente disponível para todos que vivem na cidade.

O desenvolvimento das comunicações e dos transportes possibilita uma maior vinculação entre os migrantes e os lugares de origem, amenizando a distância dos costumes e do referencial afetivo (PELLEGRINO, 2003). Deste modo, além de estar ‘perto’ dos conterrâneos que vivem em São Paulo, os imigrantes senegaleses também estão de algum modo ‘perto’ de familiares e amigos que vivem no Senegal: pude observar em diversos momentos que a comunidade residente em São Paulo faz um intenso uso do celular para acessar redes sociais e se comunicar com os familiares e amigos do Senegal. Diante dos altos custos das passagens de avião, o retorno ao Senegal para visitas é acessível apenas para um pequeno número de imigrantes que vive no Brasil. Ainda assim, os vínculos são fortes e constantes, através da internet, de remessas¹¹⁹ enviadas aos familiares que ficaram, e da vinda constante de líderes religiosos do Senegal ao Brasil. Os imigrantes senegaleses, deste modo, realizam um processo de migração transnacional, no qual mantém múltiplos e fortes vínculos com o país de origem (SANTOS, 2020) Em oposição a ideia de que os imigrantes se “desenraizam” para incorporar-se em outra sociedade, está a ideia de que estes imigrantes contemporâneos, podem também ser chamados de transmigrantes – em vidas que atravessam fronteiras internacionais (SCHILLER; BASCH; BLANC, 2019). Estes laços constantes, embora amenizem, não fazem

¹¹⁹ Remessas são recursos, em geral parte de suas remunerações, enviados pelos imigrantes aos seus países de origem. O envio geralmente ocorre através de transferências bancárias, depósitos, empresas de envio de dinheiro e também por meio de terceiros que, ao viajar ao país de origem do imigrante, possam entregar o dinheiro pessoalmente a seus familiares.

com que as saudades desapareçam: estas se afirmam entre “as memórias do passado e o desejo do futuro” (COSTA; GOMES, 1986). João falou a respeito deste sentimento em sua entrevista:

Saudades é algo muito pesado. Porque é que nem se fala né? Você tirou a árvore, o tronco, mas a raiz ficou. A raiz você não consegue mover sem ela morrer, é difícil, entendeu? A saudade é grande, eu tenho meus pais vivos ainda, tenho meus irmãos um pouco também no mundo, tenho família na França, tenho dois irmãos que estudaram aqui, no Rio de Janeiro, um se formou em Engenharia Mecânica, o outro fez Engenharia Naval, eles estão um pouco no mundo, tem um irmão no Canadá, então a saudade é muito grande e pelo tamanho do mundo, apesar das fronteiras não existirem mais, mas ainda o deslocamento entre Brasil - África, Senegal em particular, tá muito difícil, hoje nós não temos uma linha direta, você sempre tem que passar ou por outro país africano ou pela Europa, ou pelos Estados Unidos, mas a saudade ela é muito forte porque nossos costumes são muito ligados à família, às amizades e isso faz com que se você não tiver uma cabeça bem feita você perde o norte, isso faz com que esses eventos religiosos contribuam muito para amenizar um pouco esses impactos, mas a saudade é pesada porque a nossa essência é a família, o respeito aos mais velhos, você chega sozinho em um país assim que você não conhece, chega uma hora que por mais que você tente viver, tenta fazer, tenta seguir, tenta obedecer, chega uma hora que você balança, é natural, é normal, e nisso é a hora de você chamar o pai, chamar a mãe, chamar um tio, chamar uma tia, ir na casa de um amigo mas tendo aqui, que nem no caso do Fily, pra essa pessoa te dar uma injeção de ânimo de novo pra você falar...uff!... entendeu? Mas a saudade é algo muito difícil de se trabalhar inclusive. Conheci muita gente que chegou no primeiro ou segundo mês pegou as malas e foi embora. Falou; "não, não é isso"...que nem eu te falei, eu tenho um pai e uma mãe que trabalharam e tudo, eles trabalharam, eles sempre nos ensinaram a ter uma independência, a saber que um dia o pai não vai estar mais, a mãe não vai estar mais, você vai ter que encontrar seu caminho. Que nem meu pai falava: "18 anos pra mim é a idade que o homem fica em casa, a partir dos 18 anos você vai caçar seu rumo porque a casa é minha, você vai ser mais forte do que eu inclusive, é a lei da natureza" [risos]. Mas é algo que eu falo assim, tudo o que a gente faz, tudo o que a gente empreende, é para tentar também cobrir um pouco essas lacunas, da saudade, saudade em todos os sentidos, não só a saudade de parentes e de amizades, mas da comida, dos cheiros, dos gostos, das danças, sabe? Das roupas, de tudo, entendeu? Então tudo isso constitui a saudade, tudo isso. Eu tô aqui no centro, daqui a pouco eu vou comer no restaurante senegalês, eu falei: "não vou até o centro dar dinheiro pro Macdonald's sabendo que eu tenho uma irmã aqui que vende um prato a R\$ 10, você come bem", pelo menos não é o mesmo tempero que minha mãe, mas pelo menos já lembra um pouco né? [risos] e é isso, saudade vai ser eterna, isso com certeza.

Além da busca de um acolhimento através de amigos que também vivam no país de destino – aqui, o entrevistado menciona verbalmente Fily, confirmando-o como uma referência para muitos –, a participação em outras instâncias e atividades desenvolvidas pela comunidade, contribui para suavizar os momentos difíceis enfrentados e as saudades das coisas e pessoas que ficaram no Senegal. A realização de atividades performativas e rituais, tendo como base lugares da memória, contribuem para fortalecer lembranças do passado e permitir que outras pessoas e gerações conheçam parte da cultura ali expressada (DUQUE, 2018). Conforme citado por João, as atividades religiosas realizadas pela comunidade – questão que será aprofundada no capítulo “Dimensões da Religiosidade” – cumprem um importante papel. O processo de

rememoração não ocorre de modo arbitrário, mas tendo como base índices comuns, no qual a percepção pessoal é abrangida pela percepção coletiva. “São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo” (BOSI, 2018, p.31). Estas saudades do lugar de origem, são compostas por memórias de um período anterior à emigração, passando por um processo de reinvenção no contexto de migração e de contato com outras culturas (FELDMAN-BIANCO, 1992). Segundo a psicóloga e escritora brasileira Ecléa Bosi (2018, p.16): “do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade”. Fily também reforça esta ideia, mostrando como a memória é um dos aspectos que faz parte do processo de constituição das identidades e de manutenção de vínculos com o Senegal.

Agora que bateu a saudade. Depois que eu vi tantos senegaleses, aí me traz aquela memória. Ontem eu fiquei emocionado na reunião [da Associação dos Senegaleses de São Paulo] porque eu era um cara meio isolado. Então esse isolamento um pouco anestesia a gente. Porque a gente não tem percepções materiais da tua memória. Então eu vivia no meio dos brasileiros ou dos estrangeiros. E de repente eu me encontro todo dia... Até a língua tinha esquecido, e agora todo dia, eu posso dizer que fiquei uns 15 anos sem falar a língua nativa de lá, só falava o francês, que é a língua colonial, agora depois que eu me mudei pra cá¹²⁰, eu me mudei pra aqui há cinco, seis meses, eu falo todo dia a língua, eu tô lembrando, agora eu voltei a falar a língua wolof, que eu não sabia mais falar, então tudo isso me traz coisas [afetivas]¹²¹, que eu nunca fui saudosista e agora eu tô percebendo que eu sou sim [risos]. Então agora eu tenho vontade...eu vejo os caras, eles vão falando coisas que você conhece todo dia. As línguas, as figuras de linguagem que não tem em português e francês e lá tem, as roupas você vê todo dia, então tem muito disso.

A possibilidade de poder acessar mais facilmente a comunidade senegalesa, a partir da residência mais próxima da comunidade e da existência da associação, trouxe a Fily saudades de sua terra natal, as lembranças de um tempo distante. O relato de Fily parece reforçar a premissa de que o presente é muito importante no processo de construção da memória: o processo corporal e presente da percepção possui relação direta com o afloramento do passado (BOSI, 2018). Quando ele retoma o contato com pessoas e imagens ligadas ao Senegal, como vestimentas típicas, a escuta do idioma, diversas lembranças emergem surpreendendo o entrevistado, que neste trecho de seu relato demonstrou grande emoção. A coletividade assumiu um papel de grande importância para reavivar lembranças que já haviam se dispersado. A memória que traz o passado também mostra sua força, ocupando a consciência e modificando ações: a memória supera um caráter de restauração e assume um lugar de geradora do futuro. Se Fily há muitos anos, em seu caminho como imigrante e cidadão que buscava a sobrevivência

¹²⁰ Se refere ao centro de São Paulo, local que residia no período em que deu a entrevista.

¹²¹ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

no Brasil, trilhou um caminho em que muitas das conexões com Senegal ficaram em um segundo plano, ele agora parece fazer um caminho inverso, no qual se reafirma como senegalês, africano e negro, recordando não de modo isolado, mas inserido em redes de relações em grupos, instituições e culturas. Desde seu retorno à cidade de São Paulo, Fily passou a frequentar constantemente a Associação dos Senegaleses de São Paulo, auxiliando conterrâneos que estão há menos tempo na cidade, proferindo aulas sobre a cultura africana e participando de apresentações culturais de música com influências africanas.

Ainda que os vínculos com o lugar de origem sejam importantes, cabe destacar que estas pessoas inevitavelmente se depararão com a realidade da nova cidade, com a qual terão que de algum modo se relacionar: a vivência exclusiva em guetos dificilmente será possível (HALL, 2006). É neste contexto que Bauman (2005, p.46) apresenta o conceito de “subclasse”, um grupo heterogêneo de pessoas rejeitadas na sociedade capitalista por não serem mais necessárias para o perfeito funcionamento do ciclo econômico. A este respeito, Achille Mbembe (2018, p.15) se pronuncia:

Se, ontem, o drama do sujeito era ser explorado pelo capital, a tragédia da multidão hoje é já não poder ser explorada de modo nenhum, é ser relegada a uma “humanidade supérflua”, entregue ao abandono, sem qualquer utilidade para o funcionamento do capital.

O estigma que lhes é conferido faz com que, com certa constância, a não existência destas pessoas seja desejada. Dentro deste grupo, que pode incluir pessoas sem-teto, em situação de rua, entre outros, também muitas vezes estão considerados os imigrantes não documentados e os refugiados. Aos “não desejados” lhes é negada, a priori, a possibilidade de ambicionar novas identidades que lhes possibilitaria uma ancoragem mais estável no mundo social. Estes são “excluídos dos espaços sociais em que as identidades são buscadas, escolhidas, construídas, avaliadas, confirmadas ou refutadas”. Este banimento do contexto almejado, de ‘meia aceitação’ pelos outros, acaba por gerar um amplo desconforto no sujeito (OLIVEIRA, Regina, 2013). Aziz, um dos entrevistados, conta como continuamente era apontado pela polícia como estrangeiro, alguém que nunca estaria no mesmo patamar que os brasileiros e que, portanto, não deveria ambicionar ter os mesmos direitos.

Eu tava trabalhando no Brás, aconteceu muito de polícia [vir], você coloca sua mercadoria, eles passa, você fala: “amigo você está passando por cima da mercadoria”, ele fala: “tô aqui na minha terra”, a gente fala: “tá bom, a gente não tem terra”. Nós já acostumou com isso.

O ‘se acostumar com isso’ foi a forma que Aziz encontrou para seguir em frente. Seguir em frente, ir levando, sobrevivendo, entretanto, está distante da possibilidade de ter acesso a uma cidadania plena. Aos cidadãos de ‘segunda classe’, não é permitido almejar a igualdade. Embora exista em algum grau uma mistura espacial em alguns espaços – afinal, a cidade de São Paulo recebe em seu território diferentes povos – fica claro que este quadro não é suficiente para garantir uma democratização *per se* do espaço urbano, existindo uma imensa distância social. Infelizmente, a organização do espaço urbano parece se basear em uma estrutura na qual existem posições de superioridade e inferioridade social, na qual a subordinação de classes, raças e gêneros geram distância espacial e segregação (GARCIA, 2013). Aqui, ingressa ainda o componente da nacionalidade. Para o antropólogo brasileiro-congolês Kabengele Munanga (2004, p. 227), que estuda, entre outras questões, o racismo na sociedade brasileira, a diferença, entretanto, não deveria ser uma limitação: “somos diferentes biologicamente, economicamente, sexualmente; mas isso não impede que possamos ter igualdade de oportunidades e de direitos”. O acesso a uma vida mais digna, com direitos sociais e uma perspectiva de direito à cidade, não ocorre de modo espontâneo para as populações mais vulneráveis, exigindo, ao contrário, um comprometimento estatal na promoção de políticas públicas que, além do aspecto universal, tenham um viés territorial e de ação afirmativa, de modo a possibilitar uma interação entre as partes e o todo, assim como um efetivo combate ao racismo, segregação e às desigualdades, sejam estas urbanas, sociais, raciais ou de gênero (OLIVEIRA, Reinaldo, 2013).

4 DIMENSÕES DA RELIGIOSIDADE

A chegada do islamismo no Brasil teve início no final do século XVIII, com africanos islamizados que foram escravizados e embarcados em navios negreiros para o Brasil. Oriundos principalmente da região do Sudão Central, atualmente norte da Nigéria, se tornavam escravos em guerras travadas entre muçulmanos mais tradicionais e menos tradicionais, do islã africanizado. Os vencidos se tornavam escravos dos vencedores, sendo vendidos ao Brasil. Apesar dos conflitos que travavam no continente africano, aqui passaram a ser entendidos externamente como portadores de traços identitários comuns: todos eram escravos e adeptos do islã. Este grupo passou a ser identificado no Brasil como malê¹²²: conjunto de pessoas, seguidores do islamismo, provenientes de diversos locais¹²³, que tinham em comum o fato de terem sido trazidos ao Brasil como escravos. Os malês, diferentemente da maior parte dos africanos escravizados no Brasil, em geral sabiam ler e escrever, o que lhes possibilitava assumir outras atividades, como aquelas ligadas ao comércio e a serviços urbanos. Ademais, possuíam um senso de justiça, aprendido em sua vivência do islã – o que lhes garantia maior organização, e uma postura mais crítica em relação aos seus direitos, resistindo à escravidão¹²⁴. Conseguiram, ainda que com muita luta, conquistar espaço na economia e na manifestação de suas crenças, tendo fundado escolas, locais de oração e pregado a fé islâmica, a despeito da proibição (AGUIAR, 2007; RIBEIRO, 2011).

Para a antropóloga Lidice Meyer Pinto Ribeiro (2011) são três as fases de implantação do islamismo no Brasil: o islamismo de escravidão, já abordado; o islamismo de imigração, que ocorre após a Primeira Guerra Mundial, a partir da imigração de povos árabes, constituindo uma comunidade islâmica no Brasil; e o islamismo de conversão, ocorrido especialmente a partir do final do século XX com uma crescente conversão de brasileiros à religião islâmica. Embora Ribeiro trate em seu artigo, *Negros islâmicos no Brasil escravocrata*, apenas da primeira fase, em que ocorreu a vinda de escravos islamizados, nos aprofundaremos em uma etapa posterior, iniciada principalmente no início do século XXI com uma nova onda migratória ao Brasil, tendo como foco os senegaleses. Estes ao chegar ao país dirigiram-se principalmente

¹²² *Imalê* em língua iorubá significa muçulmano.

¹²³ Ainda que viessem de diversos locais cabe destacar que: “havia entre os malês uma predominância de iorubás ou nagôs, vindos da África Ocidental, principalmente da Nigéria”. (AGUIAR, 2007, p.50).

¹²⁴ A Revolta dos Malês foi um dos exemplos de resistência contra a escravidão, tendo ocorrido na noite do dia 24 para 25 de janeiro de 1835, na cidade de Salvador, Bahia. Neste movimento pela tomada do poder (REIS, 2003), as camadas populares reivindicavam uma melhor condição de vida, na qual houvesse uma superação da intolerância religiosa, preconceitos e violência por eles sofridos (RIBEIRO, 2011).

para as regiões sul e sudeste do país, sendo encontrados especialmente nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Caxias do Sul, Chapecó, Passo Fundo e Santa Maria (DIAZ, 2017). Para que possamos nos centrar em práticas religiosas da comunidade senegalesa residente em São Paulo, será feita uma aproximação prévia ao islamismo, para melhor compreensão do significado das narrativas coletadas. Deste modo objetiva-se a identificação do como o “ser muçulmano” pode se relacionar com a apropriação dos espaços públicos na cidade de São Paulo.

4.1 Aspectos históricos e culturais do islamismo

O islamismo é a segunda religião com maior número de adeptos na África, logo após do cristianismo. Ainda que as pesquisas demográficas no continente sejam incompletas e as informações por vezes conflitantes, projeções indicam que o continente africano possui, ao se considerar sua população total de mais de um bilhão e cem mil habitantes, cerca de 11% de ateus e de outras religiões, 48% de cristãos e 41% de muçulmanos, em um total de aproximadamente 470 milhões de pessoas que praticam o islamismo (BROWN; JAMES, 2019). É importante a diferenciação entre árabe e muçulmano: enquanto a primeira palavra expressa um povo¹²⁵, a segunda se refere aos que creem no islamismo. Os muçulmanos possuem diversas origens e estão em muitos locais no mundo (AL-KHAZRAJI, 2014). Entre os 15 países africanos com maior porcentagem de população muçulmana está o Senegal¹²⁶: segundo estatísticas recentes, – de 2016 – cerca de 90% dos senegaleses são muçulmanos e aproximadamente 5,5% cristãos (BROWN; JAMES, 2019). Esta configuração se confirma ao observarmos informações sobre os imigrantes senegaleses que residem em São Paulo, não apenas através do contato que tive com a comunidade, mas também reforçada pela maior parte dos entrevistados, inclusive Amath, o Secretário Geral da Associação dos Senegaleses de São Paulo, que constatam que a maioria da comunidade é muçulmana. Além disso nove de nossos dez entrevistados também se identificam deste modo¹²⁷.

Não apenas no Brasil, mas em muitos países do mundo, nos quais a religião majoritária não é islâmica, é possível observar, além da existência de uma aura de estranhamento e

¹²⁵ O chamado mundo árabe é formado pelos países e povos que adotaram a língua árabe. Atualmente é constituído por 22 países, 12 dos quais são asiáticos: Arábia Saudita, Bahrein, Catar, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Iraque, Jordânia, Kuwait, Líbano, Palestina, Síria, Sultanato de Omã e dez africanos: Argélia, Comores, Djibuti, Egito, Líbia, Marrocos, Mauritânia, Somália, Tunísia, Sudão (SQUARISI, 2019).

¹²⁶ O Senegal está em 11º lugar, logo após Somália, Marrocos, Tunísia, Saara Ocidental, Mauritânia, Argélia, Djibuti, Líbia, Níger e Sudão.

¹²⁷ Apenas João Ursulin Pinto disse ser católico, enquanto todos os outros entrevistados disseram ser muçulmanos.

exotismo em relação ao islamismo (COSTA; LIA, 2016), uma grande desconfiança em relação aos muçulmanos, a chamada islamofobia¹²⁸, ampliada após os ataques de 11 de setembro de 2001¹²⁹ nos Estados Unidos, ao ser realizada uma associação direta entre o ser muçulmano e ser terrorista (INSTITUTE OF RACE RELATIONS, [entre 2002 e 2019]). Uma série de pré-julgamentos muitas vezes são direcionadas aos muçulmanos: violentos, opressores, machistas, extremistas, fanáticos, entre outras. Enquanto as acusações seguem intensas contra eles, muitos muçulmanos passam a ser vítimas da violência: segundo pesquisa da Associação Francesa de Vítimas do Terrorismo, 80% das vítimas de terrorismo no mundo são muçulmanas (SOARES, 2019). Como forma de superar o desconhecido e os preconceitos, muitas vezes difundidos a partir de interesses políticos e econômicos definidos (KHALIL; NASSER FILHO, 2003), nos debruçaremos em informações basilares sobre o islamismo para vislumbrarmos, ainda que brevemente, o que significa ser muçulmano e como ocorre o islamismo no Senegal.

Islão, islã ou islamismo¹³⁰ é uma religião monoteísta que teve início no século VII¹³¹, tendo como marco inicial a figura de Maomé,¹³² – Muhammad, Mohammad ou Moḥammed em árabe – profeta, nascido em Meca¹³³, que teria recebido do anjo Gabriel os princípios básicos que norteiam a fé islâmica. A partir de então as profecias foram articuladas e transcritas¹³⁴ no Alcorão¹³⁵ – *Al-Qurán*, em árabe – ou Corão, um texto considerado pelos seus seguidores como a palavra literal de Deus – *Allah*¹³⁶, em árabe. Para os muçulmanos, diversos mensageiros, como Jesus Cristo, Adão, Abraão, Moisés, Noé, foram enviados por Deus para trazer sua mensagem à humanidade (KHALIL; NASSER FILHO, 2003). O profeta Maomé, no entanto, teria sido o

¹²⁸ Medo ou hostilidade em relação aos muçulmanos, que pode se manifestar de muitas maneiras, incluindo atos de racismo anti-muçulmanos. A islamofobia, desde o 11 de setembro e a "guerra contra o terrorismo", se tornou uma característica de muitas sociedades ocidentais e se manifesta de várias formas, incluindo legislação contra aspectos visíveis do Islã – como o uso do *burka* e do *niqab* e do prédio de mesquitas e minaretes. (Tradução nossa. Original, disponível em: <http://bit.ly/1GDAnJd>). (INSTITUTE OF RACE RELATIONS, [entre 2002 e 2019])

¹²⁹ Data na qual membros da Al-Qaeda colidiram com aviões nas Torres Gêmeas do World Trade Center, em Nova Iorque, no Pentágono, em Washington e derrubaram outro avião, matando quase 3.000 pessoas. Desde aquele dia, nota-se uma tendência por parte do Ocidente, a estereotipar pessoas, estados e nações árabes e muçulmanos, e liderados pelos Estados Unidos, tem perpetrado uma controversa ‘guerra ao terror’. (Tradução nossa. Original disponível em: <http://bit.ly/1GDAnJd>). (INSTITUTE OF RACE RELATIONS, [entre 2002 e 2019])

¹³⁰ Optou-se neste trabalho pela utilização dos termos islã e islamismo.

¹³¹ Século VII do calendário gregoriano, calendário seguido pelas sociedades majoritariamente cristãs, como o Brasil. Neste momento tem-se início o calendário islâmico.

¹³² Optou-se neste trabalho pela utilização do nome Maomé, versão comumente utilizada no Brasil.

¹³³ Meca era um núcleo estratégico para a região neste período: localizada próxima do porto de Djedda, no mar Vermelho, constituía-se como um ponto comercial de muita importância para o comércio com Egito, Iêmen, Mesopotâmia e Síria e, portanto, recebia pessoas de crenças e interesses diversos (SALINAS, 2009).

¹³⁴ Este processo de articulação e transcrição foi feito por seus seguidores, pois Maomé não sabia ler ou escrever (SANTOS, 2017).

¹³⁵ Optou-se neste trabalho pela utilização do termo Alcorão.

¹³⁶ Para o Islã, *Allah* está acima da imaginação e da concepção humana, sendo proibida a sua representação (COSTA, 2016 a).

derradeiro e definitivo, ao ser escolhido por Deus para trazer a palavra final, em um momento em que a humanidade teria atingido um desenvolvimento que possibilitava a compreensão destas revelações que deveriam reger sua conduta (UNESCO, 2013). De acordo com esta doutrina, Maomé assume um papel fundamental ao completar a missiva divina e constituir o Alcorão, livro sagrado do islamismo, de modo a corrigir equívocos provocados por alterações e traduções, lacunas e outros erros humanos ocorridos na difusão de outras escrituras ao longo do tempo. (KHALIL; NASSER FILHO, 2003)

As pregações de Maomé ganharam repercussão especialmente entre as camadas mais pobres do povo árabe, fazendo com que seus poucos discípulos iniciais logo se convertessem em muitos. Esta configuração talvez possa ser explicada pelo fato de que em contraposição ao feudalismo europeu existente no período, a *Umma* ou *Ummah*, – comunidade muçulmana – não fazia distinção entre os crentes, congregando a todos. A atenção que Maomé recebeu foi contrabalanceada com perseguições e repúdio de muitos, fazendo com que fosse necessária sua fuga para Medina – fato conhecido como Hégira, ocorrido no ano de 622 da era cristã, data que se tornou o início do calendário muçulmano (SALINAS, 2009). Segundo Salinas (2009), os ricos comerciantes locais demonstraram desconforto com suas pregações que destacavam a necessidade de conversão, ética e solidariedade, ante a perspectiva de juízo final. Ademais os grandes mercadores acreditavam que o monoteísmo, pregado por Maomé, poderia ameaçar a ampla movimentação comercial existente em Meca, em grande parte como decorrência de peregrinações provenientes de todo o Oriente para os santuários de diversas divindades. Este receio não se confirmou nos anos seguintes, ainda que o islamismo tenha recebido muitas adesões, Meca continuou a ser um centro religioso e passou a ter peregrinações também por conta da adesão ao islamismo.

O islamismo possui importantes elementos em comum com o cristianismo e o judaísmo, as outras religiões monoteístas que também surgem no Oriente Médio¹³⁷. Todas são religiões que possuem a crença em um Deus único, onisciente, onipotente e responsável pela criação do universo, acreditam na existência de profetas e no dia do juízo final, em que todos serão julgados e as ações em vida definirão o destino de cada um. (KHALIL; NASSER FILHO, 2003). Ademais, as três religiões possuem uma base expansiva, e por conseguinte o objetivo de que sua verdade religiosa seja apresentada a todos (ROCHA PINTO, 2009). Ainda assim, o

¹³⁷ Oriente Médio é o nome dado para uma área situada entre Ásia, África e Europa, uma área sem definição de fronteiras precisas, pois seus limites dependem da análise geopolítica ou geográfica realizada. Segundo a visão mais difundida, é composto atualmente por 15 países: Afeganistão, Arábia Saudita, Bahrain, Catar, Emirados Árabes Unidos, Iêmen, Irã, Iraque, Israel, Jordânia, Kuwait, Líbano, Omã, Síria e Turquia.

islamismo possui características específicas, ou não negociáveis, como a crença em um monoteísmo bastante estrito, no qual não existe multiplicidade em Deus, mesmo que relativa. Por isso, a doutrina cristã da Trindade – que define Deus em três pessoas distintas, mas uma mesma substância: o Pai, o Filho – Jesus Cristo¹³⁸ – e o Espírito Santo – é impensável no islamismo (CUYPERS, 2009).

Islã é o aportuguesamento da palavra em árabe *islam*, que significa submissão e o ato de submeter-se. Possui a mesma raiz das palavras *salam*, que significa “paz” e *muslim*, que significa “aquele que se submete à vontade de Deus”. Esta relação etimológica reforça um ponto fundamental do islamismo: a crença de que “somente a partir do momento em que o ser humano se submete, incondicionalmente, à vontade divina, ele pode atingir a paz em sua plenitude” (KHALIL; NASSER FILHO, 2003, p. 17). O homem, no islamismo, foi criado por Deus e é seu representante na terra, devendo adorá-lo e refletir os atributos divinos de perfeição: “Consagra-te à religião, um homem de fé pura, e segue a índole elevada com que Deus fez o homem” (Alcorão Sagrado, 30:30). Cabe destacar, no entanto, que, diante da liberdade que o homem possui, ele pode seguir caminhos errados e fazer coisas não adequadas aos olhos de Deus. A desobediência a Deus é fruto de soberba, de ingratidão, da crença em uma autossuficiência que não existe e traz consequências para o homem. (KHALIL; NASSER FILHO, 2003).

A religião islâmica possui cinco pilares fundamentais que devem ser seguidos por seus praticantes:

1º- a *Shahada* ou *chahadda*, a proclamação de fé, a declaração do muçulmano de que não existe nenhum deus além de *Allah*, de que apenas *Allah* deve ser adorado e que Maomé é seu mensageiro;

2º- a *Salah*, a oração de reafirmação da submissão a Deus que deve ser feita cinco vezes ao dia, com o corpo voltado para Meca;

3º- *Zakah*, uma obrigação do muçulmano que detém melhor condição financeira de prestar apoio aos mais pobres, contribuindo anualmente com 2,5% de seu patrimônio individual;

4º- Jejum e abstenção de atividades deleitosas – como sexo, jogos e diversões – durante o Ramadã, nono mês do calendário islâmico, do nascer ao pôr do sol;

¹³⁸ No islamismo é impensável a hipótese de Deus possuir um filho (CUYPERS, 2009).

5º- Peregrinação a Meca, cidade sagrada na Arábia Saudita, que deve ser realizada ao menos uma vez na vida por todo muçulmano que possua condições físicas e financeiras para isso.

Para o inglês Albert Hourani (1995), autor de *Uma História dos Povos Árabes*, esta unidade dos ritos básicos de devoção, assim como o aspecto comunal de todos – peregrinar juntos, jejuar em um mesmo mês, orar em um mesmo local, contribuiu para a união da população muçulmana no mundo (HOURANI, 1995 apud SALINAS, 2009).

Ainda que a adoração a Deus no islamismo ocorra de diversas formas por meio de ações diárias que vão além da oração – como fazer o bem, não mentir, não ser arrogante e cuidar da família, a mesquita, templo de oração e culto a Deus – indo, portanto, além de uma perspectiva individual, ela assume também o papel de centro da vida social, a partir do qual ocorre a organização dos muçulmanos para suas vidas comunitárias. A submissão total a Deus, pregada no islamismo, é reforçada pelo significado da palavra mesquita em árabe: *masjid*, que significa “lugar de prostração”, ou seja, o contato da face com o piso, uma expressão de grande submissão, ainda mais intensa do que o ajoelhar-se (KHALIL; NASSER FILHO, 2003, p.17). A maior parte das mesquitas segue o modelo da construção realizada pelo arquiteto otomano Sinán, que morreu no ano de 1588: um edifício que possui uma cúpula rodeada por quatro minaretes – torres por onde são feitos os chamados para as orações diárias. Entretanto, diante da expansão da religião para diversos países e das diferentes condições encontradas, edifícios com diferentes arquiteturas hoje podem ser considerados como mesquitas, desde que tenham como objetivo a adoração a Deus.

No islamismo, algumas coisas são proibidas por Deus e suas práticas constituem pecado: a ingestão de carne de porco, – que segundo o Alcorão possui características naturais que não são boas para o ser humano; a ingestão de carne de animais não sacrificados de acordo com o ritual islâmico; a ingestão de álcool, que pode gerar a embriaguez; e, pelo mesmo motivo, o uso de outras drogas que possam afetar a lucidez. Os malefícios da utilização destas substâncias seriam maiores que os benefícios, razão pela qual são proibidas – para que as pessoas tenham a possibilidades de desenvolver outras ações capazes de oferecer uma felicidade menos efêmera. (KHALIL; NASSER FILHO, 2003, p.17). Também são ilícitos – *haram* – atos como os de cometer adultério, assassinato, mentir, roubar (AL-KHAZRAJI, 2014). Por outro lado, outras práticas são estimuladas, como a busca pelo conhecimento: “buscai o conhecimento – e a ciência – até na China, se necessário”, diz um excerto do Alcorão. Talvez por isso, enquanto na Europa, durante a Idade Média, livros eram incinerados e intelectuais e cientistas presos ou queimados vivos, no Oriente Médio as maiores bibliotecas do mundo eram criadas e

preservadas, como a de Bagdá que possuía mais de 600 mil volumes no século XI. A limpeza também é apresentada aos crentes como uma prática fundamental, como pode ser visto em um preceito corânico que ressalta que “a limpeza é um ato de fé”. Diante disso, a higiene pública adquire grande importância. A cidade de Bagdá chegou a ter 6.000 banheiros públicos (SALINAS, 2009).

As interpretações do que é ser um muçulmano impactam também a vida dos nossos entrevistados, que de modo geral afirmam que há uma grande diferença entre os preconceitos amplamente difundidos e o significado de ser um muçulmano praticante. Ousmane fala um pouco a respeito:

Porque tem brasileiro, qualquer outro país também, que vê na televisão muçulmano, acha [que] vai entrar no caminho das pessoa, tomando as coisas, entrar com uma bomba, entrar com umas coisas feio, matar gente. Eu sei que é diferente, muçulmano não fazer mal pra gente, muçulmano não fuma, muçulmano não bebe, muçulmano praticante – tem muçulmano que é brincadeira – muçulmano praticante é diferente. Muçulmano praticante ele tem tudo as coisas que muçulmano não faz, não é tudo. Você sabe tem pessoa que é praticante e tem pessoa que faz o que quiser.

A compreensão da religião como um todo – e especificamente do Alcorão – é muito importante, pois estes preceitos religiosos influenciam diretamente os padrões das sociedades, ainda que não constituam os únicos fatores de influência (MENEZES, 2017). Ademais, ainda que possam ser destacadas questões basilares do islamismo, é fundamental não obscurecer o fato de que o islamismo, assim como o cristianismo e como muitas outras religiões, é múltiplo, com diversas vertentes religiosas¹³⁹, posições e posturas diferentes em relação a muitos assuntos. Generalizações são contraproducentes. O islã não é monolítico, tendo sofrido variações ao longo dos tempos e espaços. Em um contexto de globalização, desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação, a mobilidade de muçulmanos para diversos países do mundo impacta diretamente as formas de expressão do islamismo. Isto pode ser observado ao longo da história, em sua integração com culturas bastante diferentes, do Marrocos à Indonésia (CUYPERS, 2009). Existem diferentes interpretações e práticas do Islã em cada sociedade.

Ademais, existem duas grandes divisões sectárias em relação à sucessão de Maomé, visto que ele não possuía filhos: entre xiitas e sunitas e uma tradição mística que atravessa essas duas tradições, o sufismo¹⁴⁰ (ROCHA PINTO, 2009), cujos seguidores buscam uma união

¹³⁹ As correntes possuem diferentes interpretações do Alcorão, das *Hadith* – coleção de tradições; da *Sunna* – corpo de costumes e práticas da comunidade islâmica com base no registro verbal transmitido do profeta Maomé; e da *Shari’a* ou *Sharia* – Lei Sagrada. (COSTA; LIA, 2018)

¹⁴⁰ Fily em sua entrevista comentou a respeito do sufismo: “Se trata de uma prática do islamismo em que a meditação e o lado místico são levados muito a sério. É o caso dos dervixes no Irã, na Turquia”. Os dervixes são

mística com a divindade através de uma busca experiencial do sagrado que se manifesta em todas as coisas (SOUZA, 2005). Enquanto os xiitas acreditam que a família do Profeta Maomé é composta por seres iluminados, responsáveis por guiar os muçulmanos, os sunitas acreditam que o Profeta e sua família não possuem caráter sagrado, ainda que sejam seres superiores. Desse ponto de vista, a comunidade de fiéis pode escolher os líderes que a guiará. A ascensão e relevância de cada uma das divisões sectárias variam tendo como base o contexto histórico, cultural e político de cada território. Pluralidade é a palavra que talvez melhor defina essa comunidade mundial definida como Islã (ROCHA PINTO, 2009). Baba, um dos entrevistados na pesquisa, comentou a respeito desta diversidade:

O muçulmanismo tem vários tipos, como que posso chamar? Partes, grupos. Tem os xiitas, os sunitas, mas somos todos muçulmanos, é tipo *catolique*, evangelismo, todos acreditam em Deus e Jesus, mas cada um segue uma entidade diferente. O muçulmanismo também é assim. Aí os sunitas eles são mais tipo radical, posso dizer, eles querem seguir exatamente como vivia o profeta, querem fazer nada, nada, tipo, que seja ao contrário disso.

Mais adiante vamos conhecer mais como ocorre a expressão do islamismo no Senegal e como tem se dado o processo de adaptação do islamismo praticado pelos senegaleses no Brasil, mais especificamente em São Paulo. Embora a diversidade seja um aspecto importante a ser considerado, é possível perceber que muitas vezes o Islã é apresentado de um único modo e como se fosse imutável, sendo frequentemente destacadas pela mídia quase que exclusivamente questões que acabam por chocar os contemporâneos, como violência, extremismos, condição da mulher (CUYPERS, 2009). Não se trata de diminuir a importância destas questões, mas de enfatizar como o Ocidente tem construído uma visão específica do que é o Oriente, de modo a constituir uma relação de dominação, legitimando guerras e invasões em diversos países do mundo, especialmente no Oriente Médio. Esse é o argumento básico de Edward Said (2007) em seu importante livro *Orientalismo*. Nesse processo, as contribuições históricas que o Oriente trouxe ao mundo são ignoradas, sendo criada uma ideia de ‘atraso’ e ‘medo’ concernente ao Oriente e de ‘desenvolvimento’ relativa ao Ocidente. Neste contexto são ‘esquecidas’ as contradições existentes no Ocidente, como ditaduras, desigualdades e opressões.

um ramo do islamismo sufi. A palavra ‘dervixe’ possui origem persa e significa ‘mendigo’, pois muitos sufis abandonavam suas posses materiais e muitas vezes faziam voto de pobreza, adotando uma postura de austeridade. Os dervixes são conhecidos principalmente pela forma como meditam, realizando rodopios muito rápidos em transe. Para eles esta é uma forma de purificação e completa união com Deus.

As sociedades contemporâneas de árabes e muçulmanos sofreram um ataque tão maciço, tão calculadamente agressivo em razão de seu atraso, de sua falta de democracia e de sua supressão dos direitos das mulheres que simplesmente esquecemos que noções como modernidade, iluminismo e democracia não são, de modo algum, conceitos simples e consensuais que se encontram ou não, como ovos de Páscoa, na sala de casa. (SAID, 2007, p. 15)

O historiador e antropólogo brasileiro, Paulo Gabriel Hilu da Rocha Pinto (2009, p. 9), ressalta que religião e política, no caso do Islã, “produzem um discurso sobre a essência do Islamismo, quando o mesmo fenômeno não produz discursos semelhantes sobre o Cristianismo, o Judaísmo ou o Budismo”. Segundo ele, esse discurso ocorre porque o islamismo “foi eleito como sendo a alteridade da consciência euro-americana globalizada” e as tensões e conflitos, entre muçulmanos e não muçulmanos possuem como cerne processos políticos. Assim a valorização “excessiva das dimensões religiosas dos conflitos do Oriente Médio é uma forma de ocultar os processos políticos e sociais que existem”.

A queda do Império Turco Otomano no final da Primeira Guerra Mundial e a partilha do Oriente Médio pelas potências da época, especialmente Inglaterra e França, gerou uma situação sensível na região, ao se privilegiar os interesses geopolíticos e econômicos das potências em oposição aos da população que habitava a região. Clãs e etnias foram separados ou unidos geograficamente; estados foram criados e alguns povos ficaram sem estado, como os curdos. Esses processos históricos e políticos, marcados por exclusões, discriminações étnicas e sociais não aconteceram de modo incólume. Conflitos surgiram e se multiplicaram na região e acabaram por assumir também elementos religiosos ao conjugar atores que atuam nas duas esferas, religiosa e política. O surgimento do Hamas e do Hezbollah e a luta de Bin Laden, ainda que possuam questões religiosas presentes, possuem causas prioritariamente políticas, referentes aos conflitos regionais em que estes grupos estão inseridos (SOUZA, 2009).

O islamismo, assim como outras religiões, possui também uma dimensão política, porque, entre outras coisas, todas se relacionam com a questão do poder. Porém, para Rocha Pinto (2009, p. 11), “essa ideia de que não existe separação entre política e religião no Islã é uma ficção que alguns orientalistas inventaram e vários fundamentalistas islâmicos adotaram com gosto”. O antropólogo destaca que as diversas tradições religiosas, como o cristianismo, budismo e judaísmo sempre se aliaram à elite política, buscando com isso impor suas ortodoxias. Essa relação, embora seja inerente aos diferentes grupos religiosos, é representada pela mídia como uma alteridade ameaçadora quando se trata do mundo muçulmano.

Todas as religiões existem em contextos históricos, culturais e políticos específicos, portanto estes devem ser levados em consideração, de modo que as diferentes tradições

religiosas não sejam pensadas isoladas, como se fosse possível a expressão das mesmas sem qualquer influência de seu tempo e meio. Ainda assim, cabe considerar que as religiões, de modo geral, possuem em seu discurso uma ética universalista de fraternidade, solidariedade e respeito (ROCHA PINTO, 2009). Para o historiador marxista francês, Claude Cahen (1992) é importante, no entanto, a consideração de que o islamismo, ou outras grandes religiões, não possuem uma doutrina social, mas compreender que estas possuem exigências éticas de natureza moral (CAHEN, 1992 apud SALINAS, 2009).

4.2 O islamismo chega ao Senegal

A vocação missionária do islamismo, assim como de outras religiões, como o cristianismo e o budismo, trazia aos crentes o dever da propagação e conversão de infiéis, de levar a religião dos árabes para além das fronteiras da península (UNESCO, 2013). Toda a narrativa histórica do processo de islamização da África, aqui especificamente da África Ocidental, possui variados relatos e perspectivas díspares. Em grande parte, esta diversidade decorre da multiplicidade dos atores que produzem essas narrativas. A maior parte dos textos que possuem grande reconhecimento sobre a história da região foi produzida pelos colonizadores e, portanto, apresenta, como todo texto ou pesquisa, uma perspectiva que é fruto de suas experiências e interesses. Sabe-se que, neste contexto, o islã africano era temido pelas potências imperialistas, que consideravam o potencial que possuía para aglutinação e organização social. João, um dos senegaleses residentes em São Paulo entrevistados para esta pesquisa, aborda o assunto em sua entrevista:

Não esqueçamos que o africano tem toda a sua história oral, não escrita, algo que é bom e algo que é ruim, é ruim porque quando a pessoa morre, vai embora, se a família não perpetuar aquilo, é ruim porque quem escreveu a história da África não foram os africanos, foram os europeus, cada um escreveu da forma que quis, da forma que entendeu, da forma que sentiu.

Não propomos aqui uma ruptura com os textos coloniais, posto que também é importante conhecê-los, mas consideramos oportuna a adoção de outras perspectivas, que possam ser consideradas e reinterpretadas para além dos limites eurocêntricos. Entendemos o pós-colonial como uma transcendência da colonialidade dos saberes, tão presente nos estudos referentes ao islamismo e a busca por uma descolonização epistêmica (MOTA, 2018). Deste modo, ainda que não exaustivo, nosso relato é pautado na análise de estudos de diferentes autores e principalmente em confluências que surgem deste processo.

Pouco tempo após o surgimento do islamismo, ainda no século VII, muçulmanos migraram para o continente africano. A primeira região invadida pelos árabes na África foi a província bizantina, atualmente Egito¹⁴¹. A islamização da região ocorreu de modo rápido, diante da pouca capacidade de resistência das tropas bizantinas e da acolhida que a população copta ofereceu aos que a libertariam do jugo bizantino. O processo de entrada do islamismo no continente africano como um todo, foi gradual, tendo ocorrido de diferentes modos em cada região e em diferentes períodos¹⁴². Mais do que uma cópia do islamismo tal qual surgido na Ásia, o islamismo africano ganhou novos contornos no processo de conversão das variadas populações africanas: constituiu-se a partir de um diálogo entre a doutrina islâmica e as características e culturas locais. Neste processo de islamização muitas vezes ocorria um tipo de sincretismo, no qual convertidos não abandonavam suas crenças ancestrais (UNESCO, 2013).

A consolidação do islamismo na região do Senegâmbia¹⁴³ como uma religião de massas, ocorreu essencialmente durante os séculos XVI e XVII. Neste período populações jalofas, fulas, mandingas, entre outras, já demonstravam grande comunhão com a comunidade islâmica e realizavam o exercício ritual dos cinco pilares do islamismo. Autores divergem sobre como se deu a difusão da religião, mas uma extensa bibliografia afirma que os estrangeiros foram fundamentais neste processo, especialmente os comerciantes muçulmanos que acabaram por estabelecer relações políticas e econômicas com governantes locais. Trabalhos mais recentes, como o do historiador Rudolph Ware, apontam o protagonismo dos muçulmanos negros da região, no processo de islamização do ocidente africano (MOTA, 2018).

O processo de tomada do controle dos territórios do interior da África Ocidental por parte da França ocorreu ao longo de diversas décadas. No Senegal teve início nos anos 1850. Ainda que amparadas por um discurso civilizatório, sabe-se que as ações militares lideradas pelo general Faidherbe possuíam interesses comerciais na região, especialmente no comércio de diversos produtos como mel, goma arábica, amendoim, entre outros. Os wolof, os mouros e os tokolor, desde a primeira metade do século XIX, controlavam a passagem de mercadorias ao longo do rio Senegal, principal via de comunicação entre o interior do país e a costa. Faidherbe, em seus escritos, ressaltava que estes povos realizavam muitas ações bárbaras, assim como pilhagens e cobrança de taxas, ameaçando ainda mais os interesses comerciais franceses

¹⁴¹ Após o Egito, países como Argélia, Líbia, Marrocos e Tunísia também estiveram entre os primeiros em que ocorreu a expansão árabe islâmica (AGUIAR, 2007).

¹⁴² Para maiores informações a respeito do processo de islamização da África recomenda-se a leitura de Síntese da coleção História Geral da África: Pré história ao século XVI. (UNESCO, 2013).

¹⁴³ Região compreendida entre os rios Senegal até próximo da atual Serra Leoa, incluindo as duas margens do rio Gâmbia (RIBEIRO, 2010).

(LÓPEZ DE MESA, 2012). O discurso colonialista e etnocêntrico¹⁴⁴ surge constantemente nos mais diversos escritos da época, especialmente entre o final do século XIX e a primeira metade do XX (MENEZES, 2017).

A colonização surge travestida como uma oportunidade aos povos da região de sair da barbárie e caminhar rumo ao progresso. Para os europeus, fatores como a concepção de família que os muçulmanos possuíam, ou a mistura de assuntos seculares com assuntos religiosos, reforçavam a justificativa da necessidade de instauração de outro modelo social, cultural, político e econômico, não por acaso o modelo adotado pela Europa naquele momento. A dominação, entretanto, não ocorreu sem resistências, seja por meio de batalhas ou pela não adoção dos modelos trazidos de cima para baixo pelos franceses. Os muçulmanos, entre outras coisas, muitas vezes não faziam diferença entre a lei civil e a lei religiosa. (LÓPEZ DE MESA, 2012).

A religião islâmica prosseguiu no continente, assim como derivações da mesma, conforme o ocorrido no Senegal, que adota majoritariamente o mouridismo¹⁴⁵ – da palavra árabe *murīd*. Esta nova doutrina religiosa, derivada do Islã, e que possui como base o sufismo, ramo místico do islã, foi fundada por um seguidor de Maomé, o Cheikh Ahmadu Bamba Mbacke, também conhecido como Serin Tuubaa – 1850-1927 – no final do século XIX (TEDESCO; MELLO, 2015). Solidariedade, trabalho pesado, paz, desapego dos bens materiais e tolerância eram defendidos por Bamba como o meio para o contato com Deus (DIAZ, 2017). Para Amath, um jovem senegalês que vive no Brasil, Ahmadu Bamba foi uma grande personalidade da religião muçulmana, dito por muitos como um homem sábio que ajudou na construção de um modelo social e econômico com base na religião islâmica. Baba descreve Bamba como um resistente, alguém que se opôs à dominação francesa, assim como Ousmane, que o descreveu como um lutador. Kunta, outro senegalês residente no Brasil, ao se referir ao Cheikh destaca o caráter pacífico de sua resistência, comparando-o a Gandhi. Baba fala a respeito desta diversidade existente no Senegal:

Nós senegaleses temos também outras entidades que são mouridismo, que é mais forte hoje no Senegal, criado por um senegalês e o tijanismo. Tijanismo veio dos árabes,

¹⁴⁴ Jean-Loup Amselle em *Etnias e espaços: para uma antropologia topológica*, ressalta que ao considerar os povos presentes no período pré-colonial como tribos ou etnias, reforçava-se uma ideia de raça, inferiorizando essas sociedades em relação às europeias (MENEZES, 2017).

¹⁴⁵ O sistema de irmandades sufis é particularmente desenvolvido no Senegal, onde grande parte da população muçulmana pertence a três irmandades, duas importadas - a Qadiriyya e a Tijâniyya (Tidiana), respectivamente vindas de Bagdad e Fez (PIGA, 2003) – e uma nascida no Senegal, a Murîdiyya (Mouridia) (DIAZ, 2017).

entendeu? Então, os mourides, eu sou mouride, é tipo, somos todos muçulmanos, a gente tem também regras pra seguir, acreditar em Deus, nunca usar violência.

A rápida expansão do mouridismo na região, ocorreu por diversos fatores, tais como: sua organização móvel, que possibilitava o alcance de pessoas de diferentes locais, através de pequenos grupos que se reuniam periodicamente para rezar e discutir problemas, as chamadas *dahiras*; a adoção de um discurso que valorizava a cooperação, a obediência e o trabalho, assim como uma hostilidade existente em relação à ocupação estrangeira. Este quadro, de ampliação do número de participantes na fraternidade Mouride no centro produtor do amendoim, principal produto de exportação e de interesse dos franceses, incomodou as autoridades imperialistas. Não por acaso os franceses enviam Ahmadu Bamba para o exílio em dois momentos (TEDESCO; MELLO, 2015). A trajetória do xeique, e especialmente sua resistência pacífica ao projeto imperialista na região e a reação dos franceses, é relatada pelos entrevistados. Segundo Baba Cissé:

O Cheikh Ahmadu Bamba que é o fundador do mouridismo, ele era um resistente. Antes dele chegar existia outros resistentes, tipo, um deles é meu avô, ele era rei africano, senegalês, o nome dele é Alboury Ndiaye. Ele brigou porque chegou os franceses que queriam também implantar a cultura deles, religião, tudo isso... Aí teve essa resistência, mas eles utilizaram a violência, a guerra entre eles, mataram muitos franceses também os franceses mataram muitos reis lá... e o Cheikh Ahmadu Bamba quando ele chegou, ele era contra. Ele quis, tipo, praticar religião dele, lutar pra que os franceses deixar os seguidores deles tranquilos, coisas que eles não aceitaram, tentaram matar ele, acusaram ele de tentar criar uma guerra santa no Senegal. Ele negou, mas mesmo assim foi preso. Levaram ele fora de Senegal durante sete anos e sete meses, torturando ele, tentando matar, fazendo muita coisa, mas Deus fez vários milagres... aí ele ensinou que, imagina, você ficar sete anos e sete meses com seus inimigos, fora de seu país, longe de sua família, dos seus seguidores, da sua terra e mesmo assim, nunca ele usou a violência, nem verbal, nem física.

A letra do hino nacional de Senegal, composta por Leopold Sedar Senghor (1960), poeta e primeiro presidente do país, parece reforçar esta perspectiva, em que, em consonância com os ensinamentos de Ahmadu Bamba, trabalho pesado e paz devem assumir a dianteira: “Seremos fortes sem ódio e de braços abertos. A espada, vamos colocá-la na paz da bainha, porque o trabalho será nossa arma e nossa palavra”¹⁴⁶. A trajetória de Bamba constituiu uma série de relatos místicos sobre suas migrações forçadas, esta ‘aura’ milagrosa, característica dos grupos religiosos de vertente sufi, contribuiu para seu engrandecimento frente aos crentes (SANTOS

¹⁴⁶ Tradução nossa do original: *Nous serons durs sans haine et des deux bras ouverts. L'épée, nous la mettrons dans la paix du fourreau, Car le travail sera notre arme et la parole* (SENGHOR, 1960).

GONÇALVES, 2019), transformando-o na personificação de seus ensinamentos (TEDESCO; MELLO, 2015). Diante da tradição de transmissão oral de seus adeptos, uma fama de santidade de Bamba acabou por se espalhar por toda a região – persistindo até hoje, como os relatos coletados sugerem.

Alguns entrevistados, como Ousmane e Baba, relataram com muita admiração e firme convicção alguns de seus milagres, como quando ao estar no navio rumo ao Gabão, onde seria exilado, ao ser proibido pelos franceses de rezar no navio, Bamba teria pulado ao mar, caminhado sobre as águas até um tapete que se materializou sobre ela, rezado no tapete e retornado ao navio onde estava preso. Outro relato dos entrevistados refere-se à ocasião em que Bamba ficou frente a frente com um leão faminto e mesmo assim o teria subjugado, saindo com vida deste episódio. Há ainda uma lenda segundo a qual 13 soldados coloniais que iam executar Bamba teriam caído mortos, sem que ele tivesse feito algo para isso (DELATTRE, 2015). Fily, um dos entrevistados, falou em sua entrevista a respeito da trajetória de Bamba, assim como sobre sua aura mística e sobre como este misticismo pode se tornar uma arma política:

Pois então, quem fundou essa seita se chama Cheikh Ahmadu Bamba que, de mero agricultor versado no alcorão, frequentou escolas fora do Senegal, entre os mouros na Mauritânia e a partir de suas leituras, se insurgiu contra os franceses. Ele foi preso no Senegal, foi exilado no Gabão, em prisões do tipo Ilha Grande – Brasil, Ilha do Diabo – Guiana Francesa, ou Tarrafal – Cabo Verde, eram prisões políticas. A partir daí, criou-se toda uma mitologia no entorno dele, mas simbolicamente, sempre inspirada no Antigo Testamento. [...] Este profeta, só pra mostrar um pouco das rapsódias que o messianismo usa, quando foi preso em Saint Louis, antiga capital do Senegal, foi jogado numa jaula com leões, no dia seguinte, quando abriram a prisão, os leões atacaram os franceses que faziam a guarda e acabaram com eles. Isto está no Antigo Testamento, quando da prisão do Daniel com os leões, no outro dia os leões estavam mansinhos aos pés dele. Outro caso que consta na Bíblia do Novo Testamento, quando esse messias, esse profeta senegalês, foi transportado de navio do Senegal à prisão no Gabão, na Floresta de Mayombé, título do principal livro do Pepetela¹⁴⁷, onde houve muita guerrilha. Durante a viagem, na hora da oração ele quis rezar; os franceses lhe disseram: “Você diz que não provoca os outros e não invade coisa de outrem; o navio é nosso, se rezar no navio estará invadindo nossa propriedade e, se não rezar, estar infringindo a lei de Deus. Como é que vai fazer?”. Aí traz à mente a história de Jesus e Pedro andando na água pela força da fé. Ele pegou a esteira, jogou na água, no Oceano Atlântico, subiu em cima e fez a oração dele. Deu a Deus o que é de Deus, e aos brancos o que é dos brancos. O messianismo é muito interessante por causa disso, do ponto de vista político ele usa todos os mitos populares, todos os fundamentos mitológicos das religiões em que o povo acredita, e os transforma em força política contra seus algozes.

A cidade onde viveu e morreu Ahmadu Bamba, Touba, localizada ao leste de Dakar, se tornou uma ‘cidade santa’, representando um local de ligação da terra com o reino dos céus.

¹⁴⁷ Pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, famoso escritor angolano. Sua obra aborda a história contemporânea de Angola.

Não por acaso acabou por se converter como destino de milhões de peregrinos¹⁴⁸ ao longo dos anos (DIOP et al., 2010) que se deslocam especialmente para o Grande Magal Touba¹⁴⁹, principal evento religioso do Senegal, celebração que recorda a volta de Bamba do exílio imposto pela França (SANTOS GONÇALVES, 2019). Esta centralidade territorial religiosa possibilitou uma expansão política e econômica dos mourides, inclusive com a assunção de funções políticas por lideranças religiosas. Escolas corânicas foram fundadas e um conjunto de manifestações e ritualidades, como trabalhos voluntários coletivos e festas, contribuíram para a constituição de uma identidade de grupo, e por conseguinte um coletivo que em um contexto colonialista, tornou-se uma força de resistência simbólica, influenciando a luta pela independência no país (DIOP et al., 2010).

Paul Marty, em seu estudo sobre o Islã no Senegal – *Études sur l'Islam au Sénégal*, publicado em 1917, a partir de observações etnográficas e documentações, avalia o Islã na região a partir de uma perspectiva arabocêntrica. Entre outros assuntos questiona a devoção dos crentes: “os deveres do culto são admitidos por todos, mas praticados com mais ou menos fervor ou exatidão”. Sobre o cumprimento da peregrinação aos lugares santos do Islã destaca: “não é considerada no Senegal, mesmo pelos mais fervorosos marabutos, como uma obrigação religiosa”. Nesse sentido, defende que o Islã no Senegal está aquém do árabe, por não seguir os cinco pilares da religião ‘corretamente’, sendo marcado por particularidades, crenças populares e superstições. Em seu objetivo de fortalecer a atuação francesa na região – posto que Marty era um oficial militar francês e administrador colonial – apresenta estratégias que visam o enfraquecimento da comunidade islâmica, tais como, a obstrução das pregações religiosas muçulmanas e a promoção da educação francesa entre as populações locais. Em relatório enviado à administração colonial do Senegal, Marty relatava sua crença de que o mouridismo provavelmente desapareceria assim que Ahmadu Bamba falecesse (MOTA, 2018). Sua previsão mostrou-se equivocada: a expansão seguiu, mesmo com a morte¹⁵⁰ do xeique. Os

¹⁴⁸ Durante o Magal, diante da grande quantidade de fiéis, por vezes é necessária a espera de horas para conseguir aproximar-se do mausoléu de Bamba e dos seus descendentes. Na atualidade são oferecidos pães, cafés e arroz aos crentes, itens também oferecidos aos indigentes. Durante o Magal são recrutados policiais para cuidar da segurança, e homens para cuidar da higiene. Alguns mourides aproveitam esta oportunidade para encontrar os seus chefes espirituais e receber conselhos sobre o ano vindouro outros, mais motivados, leem o Alcorão durante horas na grande mesquita. Os que dispõem de alguma habitação, continuam a celebrar o Magal até mais tarde, os que não têm onde ficar, voltam à estrada assim que terminadas as suas ações de graça. (DELATTRE, 2015).

¹⁴⁹ Todos os adeptos do mouridismo devem participar. Caso não seja possível realizar a peregrinação até a cidade santa, devem enviar uma contribuição financeira e participar da celebração correspondente realizada no local onde se encontre (IGLESIAS, 2010).

¹⁵⁰ A morte de Ahmadu Bamba ocorreu sem a presença de qualquer testemunha, o que gera ainda hoje incertezas sobre o que ocorreu. O xeique foi encontrado sem vida em uma caixa de areia na qual costumava meditar (SANTOS DOS SANTOS, 2020).

crentes são conclamados a cultivar a terra e produzir muito amendoim, trabalho pesado que garantiria a sobrevivência e a salvação eterna. O poder econômico advindo daí contribuiu para que o mouridismo se tornasse a confraria religiosa com mais participantes no Senegal, com grande poder político (UNESCO, 2010).

Atualmente, no Senegal é possível situar territorialmente os principais grupos religiosos: no norte do país estão concentrados os muçulmanos que fazem parte de irmandades sufis, como o mouridismo. Os mourides são a maioria da população, a vertente religiosa mais praticada no Senegal. No sudoeste do país estão concentrados os cristãos, especialmente os católicos. A vida diária no Senegal é caracterizada por um espírito de tolerância entre as diferentes religiões. A liberdade religiosa, assim como a separação entre estado e religião estão expressos na Constituição senegalesa, que declara a secularidade do Senegal, ao mesmo tempo em que garante a liberdade de culto. Os senegaleses muçulmanos possuem a opção de escolher, em relação ao direito privado e da família, qual lei preferem seguir: a lei da sharia ou a lei civil (Fundação Pontifícia ACN, 2018). João, um dos entrevistados, falou a respeito desta convivência entre as diferentes religiões no Senegal:

Eu sou senegalês, mas eu sou católico. No Senegal 90% da população é muçulmana, o restante se divide entre católicos, protestantes e hoje essas novas religiões que estão entrando, mas nós sempre tivemos convívio muito duradouro dentro da paz. Eu frequento igrejas, eu frequento mesquitas, meus amigos a mesma coisa, não tem problema. No meu primeiro casamento aqui, um dos meus padrinhos é muçulmano, mas mesmo assim foi no altar.

Os Baye Fall, irmandade fundada por Cheikh Ibrahima Fall, fazem parte de um ramo do mouridismo, que se baseia no exemplo ofertado por Ibrahima Fall¹⁵¹, que como discípulo, dedicou sua vida a Ahmadu Bamba (ROBERTO, 2018). Os Baye Fall acreditam que a dedicação ao bem-estar dos outros, concretizada através do trabalho, seria a melhor forma de se conectar com Deus, mais ainda do que rituais, como as orações ou o jejum no mês do Ramadan. Por este posicionamento, são criticados muitas vezes por outros grupos muçulmanos no Senegal, por possuírem uma menor ortodoxia e associados à marginalidade por aspectos físicos¹⁵² que os diferenciam da maioria: muitos usam roupas coloridas com retalhos, longos colares em couro e madeira e *dreadlocks* nos cabelos¹⁵³. Entre os mourides, entretanto, eles são

¹⁵¹ Ainda que a figura de Ibrahima Fall seja reverenciada por todos os mourides, os Baye Fall lhe conferem mais importância (DIAZ, 2017).

¹⁵² Alguns são criticados também por aspectos comportamentais, como ida não regular à mesquita e uso de álcool e maconha (DIAZ, 2017).

¹⁵³ Embora adotados por muitos, estes signos não são obrigatórios entre os Baye Fall, sendo utilizados de acordo com a vontade e gostos do crente: nunca, periodicamente ou constantemente. Outros adereços como braceletes,

respeitados em sua forma prática de seguir a religião. Ainda que estas configurações não sejam estanques, existindo exceções dentro da Mouridia – como Baye Fall que se dedicam mais intensamente às orações, ou mourides clássicos que atuam de modo mais prático, de modo geral os diferentes grupos podem ser identificados deste modo. Mactar Sylla, um Baye Fall residente na Inglaterra, reforça esta percepção em entrevista¹⁵⁴ concedida a Oriana Concha Diaz (2017):

Baye-fall é ação. Um mouride pode ficar horas a rezar e o baye fall faz comida para ele, lhe traz água, faz as coisas para ele. O baye fall sempre deve dar, não necessariamente coisas materiais, sobretudo deve oferecer serviço e agir para os outros. O mouride que se apega às cinco rezas cotidianas é até mais acomodado. Ser um verdadeiro baye fall é duro e esforçado.

Os altos índices de analfabetismo existentes no Senegal, tanto na época em que viveu Ahmadu Bamba, quanto atualmente¹⁵⁵, podem explicar o grande sucesso deste subgrupo que possui uma forma mais prática de vivenciar a religião. Em uma perspectiva mais inclusiva, os níveis de instrução não se tornam um empecilho para as aspirações religiosas dos indivíduos: mesmo quem não pode ler o Alcorão possui a oportunidade de ‘se aproximar de Deus’. Em seu modo específico de rezar, os Baye Fall realizam uma lenta dança circular, o *zīkr baye fall* ou *dikhr*, na qual os participantes por vezes acompanhados de instrumentos de percussão, cantam e gritam os nomes de *Allah* (DIAZ, 2017). Fily falou a este respeito: “eles têm um cancionário muito forte, com ladainhas que até parecem mantras noites a fio”. Também são utilizadas no Senegal, por Baye Fall mais radicais, técnicas para sair do próprio corpo e atingir estados místicos mais elevados, como ficar sem comer durante muito tempo ou realizar atos de autolesão (DIAZ, 2017).

4.3 Muçulmanos senegaleses em São Paulo

Para o antropólogo estadunidense, Clifford James Geertz (2008), as religiões constituem-se não apenas como sistemas culturais que possibilitam modelos interpretativos da realidade, mas também acabam por tornar-se modelos de ação para a vida cotidiana. A partir deste cenário o islamismo se desenvolve de diferentes modos, nos diferentes locais em que

pulseiras e cintos também são utilizados, assim como diversos amuletos de proteção. Embora se destaquem por sua aparência, os Baye Fall ressaltam não se importar com isto ou com o que outras pessoas pensam deles, pois para eles o interior é mais importante do que o exterior, expressado em aspectos físicos e em ações, e Deus sabe o que está no coração de cada pessoa (DIAZ, 2017).

¹⁵⁴ Entrevista concedida por Skype em 2 de agosto de 2016.

¹⁵⁵ Indicadores socioeconômicos do Senegal indicam que 45,4% dos senegaleses que possuem 10 anos ou mais são alfabetizados (SÉNÉGAL, 2015).

chega, dependendo dos contextos locais. Como a comunidade de senegaleses residentes em São Paulo concretiza sua fé, em suas ações diárias realizadas nos diferentes espaços da cidade? Para avançar nesta investigação é fundamental partirmos de uma informação, que se torna significativa à luz do contexto histórico já apresentado: a maior parte dos senegaleses que imigram para o Brasil são muçulmanos mourides. Esse é, de fato, um elemento fundamental para entendermos suas afirmações identitárias. As *dahiras*, associações religiosas, presentes em diversos países do mundo, cumprem um importante papel nesse sentido, pois possibilitam a manutenção dos laços entre os mourides, independentemente de seus deslocamentos (DIAZ, 2017). Ousmane, um dos senegaleses entrevistados fala a este respeito: “a comunidade dele [Ahmadu Bamba] tá em todo lugar que tá pessoa que tá lá, ele fazer uma comunidade. Ele tem casa na América, tem casa na Espanha, na Itália, vários lugar”.

No Brasil não é diferente. Podem ser encontradas *dahiras* em diversas cidades¹⁵⁶ que possuem uma significativa presença de senegaleses (DIAZ, 2017). Essas, ao oferecer orientação cultural e religiosa, e propiciar ações de solidariedade entre seus associados¹⁵⁷, contribuem para a coesão social de seus membros no atual local de moradia. Ao mesmo tempo, as *dahiras* exercem funções que contribuem para a manutenção de laços dos migrantes com o Senegal, especialmente canalizando suas ações para a capital da confraria mouride, a cidade de Touba. Entre as diversas ações que podemos destacar está a coleta de fundos para o envio à cidade santa, posto que, caso um senegalês não possua condições de ir a Touba durante o Grande Magal, deve enviar sua contribuição financeira de onde estiver e participar de celebração local desta importante data para a confraria. Além da celebração no Senegal, os recursos enviados pelos mourides localizados em outros países contribuem para o financiamento de projetos sociais em Touba. Do mesmo modo, as *dahiras* coletam recursos, através da contribuição individual de cada associado, para o financiamento da vinda ao Brasil de líderes religiosos do Senegal – Marabus¹⁵⁸, ou para a realização de festas religiosas da comunidade senegalesa no país, como o Magal Touba. Deste modo a comunidade mouride acaba por se estruturar em uma

¹⁵⁶ Ousmane Fall relatou que em São Paulo atualmente utilizam uma sala alugada com este propósito, mas que a comunidade possui o objetivo de comprar uma casa: “nossos filhos que tão aqui muçulmanos vai estudar lá, pessoas que queira saber o que é muçulmano verdadeiro vai vê lá”.

¹⁵⁷ Tais como: acolhida dos novos imigrantes, no caso de óbito de um membro, auxílio para repatriação do corpo (SANTOS GONÇALVES, 2015), cuidados em casos de doenças ou acidentes (IGLESIAS, 2010). Ousmane Fall, senegalês entrevistado, relata ser responsável por esta atuação social: “se tem um cara que tá aqui, que não tem dinheiro para trabalhar, nós ajuda pra ele trabalhar, nós ajuda pra aluguel, casa”.

¹⁵⁸ A visita dos marabus aos países que possuem uma comunidade senegalesa no mundo, tem como objetivo levar ensinamentos religiosos e reforçar os laços das comunidades com o Senegal, gerando sentimentos de esperança, coletividade e solidariedade (SANTOS DOS SANTOS, 2020).

rede, gerando um modelo alternativo de desenvolvimento¹⁵⁹, através dos fluxos financeiros que os imigrantes mourides enviam para Touba, consolidando a cidade como um referencial físico e simbólico (SANTOS GONÇALVES, 2015; IGLESIAS, 2010). Fily falou em sua entrevista a respeito desta atuação mouride, que, ao mesmo tempo em que possui um viés local, alcança uma atuação transnacional:

Eles não dependem do Estado, são muito bem organizados como migrantes. São tão bem organizados que mal dependem da embaixada. Eles têm toda uma hierarquia deles, religiosa eclesiástica, que funciona do ponto de vista da administração pública. Eles se cotizam toda semana caso alguém fique doente ou morra ou perca o emprego. Isso no mundo inteiro. Tenho quase certeza que estão também na Rússia, na China. Eles são de uma importância [tamanho] que têm artistas americanos filhos desses migrantes senegaleses, como é o caso do Akon¹⁶⁰: o pai dele é descendente. O Jimmy Cliff¹⁶¹ se converteu pra essa seita [...]. Acho que aqui é diferente, por estarmos em terra estrangeira. Mas tudo que ocorre aqui, é supervisionado lá no Senegal, porque as atividades religiosas sazonais, como o Magal, que é um tipo de romaria que acontece na cidade fundada pelo profeta Cheikh Ahmadu Bamba. Todo ano eles fazem e todo ano eles mandam pessoas para Buenos Aires, São Paulo, Nova Iorque, Amsterdam, Paris, para participar dos eventos. Parte dos dízimos recolhidos mundo afora vai para sustentar o arcabouço dessa organização. Ele não serve apenas pra manter a comunidade daqui.

A disseminação de imigrantes da confraria no mundo é tão significativa que contribuiu para a consolidação da alcunha “diáspora mouride”. Diversos autores chegam a ressaltar que a própria trajetória de exílio de Bamba faz com que a emigração seja entendida não apenas como uma alternativa, mas como uma perspectiva constante para os mourides. Se a migração de modo geral possui como uma de suas marcas a dualidade espacial, a diáspora mouride reforça esta perspectiva através da geração de efeitos nas sociedades de origem e de destino concomitantemente. Esta pertença relacional transnacional, ameniza a distância física e faz com que seja mais suportável a exposição a adversidades no país de destino (TEDESCO; MELLO, 2015).

¹⁵⁹ Ainda que acabe por contribuir para o desenvolvimento do Senegal, cabe destacar que a confraria possui essencialmente como objetivo o desenvolvimento e expansão da fé mouride. Neste contexto Touba acaba por ser beneficiada por assumir espacialmente a representação desta fé. Embora esta configuração alcance um resultado positivo de redistribuição social da riqueza arrecadada pelos marabus, é importante ressaltar, por outro lado, a existência de um grande contraste entre o nível de vida da hierarquia religiosa e da classe política do país – posições que por vezes se sobrepõe – e a pobreza no Senegal (IGLESIAS, 2010).

¹⁶⁰ É o nome artístico de Aliaune Damala Bouga Time Puru Nacka Lu Lu Lu Badara Akon Thiam. Famoso cantor estadunidense, de ascendência senegalesa. Entre seus estilos estão principalmente o *rap*, o *R&B* e o *hip hop*. É também compositor e produtor. Possui um projeto de criação de uma cidade futurista no Senegal, próxima de Dakar. Inspirada no filme *Pantera Negra*, Akon planeja que a cidade venha a ter uma estrutura moderna, sustentável e funcione com uma criptomoeda.

¹⁶¹ É o nome artístico de James Chambers, famoso músico jamaicano de *reggae* e *ska*. Após a conversão para o islamismo, ele adotou o nome El Hadj Naïm Bachir.

4.3.1 *A festa do Magal Touba na cidade de São Paulo*

Baba, um dos entrevistados, relata que o Magal Touba mobiliza em São Paulo mais de 2.000 ou 3.000 pessoas – segundo ele, quase toda a comunidade. Quase todos participam desta grandiosa festa, nas palavras de Aziz, tornando-se uma oportunidade de reencontros: “um dia muito grande que a gente tem. Se você perdeu um amigo faz tempo aqui no Brasil, tem que esperar esse dia pra ver”. Baba conta também que cada senegalês contribui¹⁶² com R\$ 200 para a compra de comidas e outras coisas necessárias para a celebração. Conversando com ele, pergunto se brasileiros podem participar e, diante de sua resposta positiva, peço a gentileza de que me convide.

Foi assim que no dia 17 de outubro de 2019¹⁶³ fui no período da tarde à Quadra dos Bancários, localizada no centro de São Paulo, próxima à Praça da Sé, para conhecer a principal celebração da comunidade senegalesa. Embora diversos entrevistados tivessem feito breves relatos a respeito do Magal Touba, não deixei de me surpreender e ficar impressionada. O local alugado para o evento, possui uma quadra poliesportiva, arquibancadas, um palco, cozinha, banheiros. Sua grande estrutura, entretanto, parecia quase pequena para abrigar todas as pessoas que ali estavam. A ampla quadra estava cheia de homens, a maior parte sentada em tapetes ou na arquibancada rezando cânticos que ressoavam por todo o espaço. Alguns filmavam ou fotografavam com seus celulares. Nas laterais das quadras foram colocadas mesas e cadeiras. Do lado esquerdo, ao fundo, se concentravam as mulheres senegalesas, parte delas preparando alimentos. Do lado direito da quadra se concentravam mais senegaleses e convidados brasileiros. Sentei-me ali e iniciei uma conversa com uma brasileira casada com um senegalês. Simpática e desinibida, começou a me explicar a respeito das diferenças nas vestimentas das mulheres muçulmanas em geral – não africanas – e das muçulmanas africanas. Segundo ela, enquanto as primeiras geralmente cobrem os cabelos e usam roupas mais discretas e mais largas, as muçulmanas africanas usam vestidos coloridos, muitas vezes mais colados ao corpo. Em nossa conversa informal, ela contou que havia se convertido ao islamismo, mas que não se sentia à vontade com a divisão espacial relativa às mulheres. Preferia então ficar no local

¹⁶² Aziz falou a este respeito: “Na festa gasta mais de R\$ 60 mil porque todo mundo tem que participar. Se eu dou R\$ 100 nessa festa eu tenho certeza que ano que vem vou dar R\$ 200, R\$ 300. Deus paga de volta, Deus depois devolve”.

¹⁶³ Esta data muda a cada ano, pois é marcada de acordo com o calendário muçulmano, que de acordo com Baba Cissé, depende da lua para ser definido. Sobre este assunto Amath Touré disse que as datas das celebrações podem mudar entre uma e duas semanas, de modo que apenas cerca de dois meses antes a comunidade fica sabendo quando será a celebração.

destinado aos brasileiros em geral: “não consigo ficar lá escondida, prefiro ficar com os brasileiros. Eu passo um tempão me arrumando pra ficar escondida?”. João, um dos senegaleses entrevistados falou a respeito da participação das mulheres senegalesas em eventos e dos lugares sociais que ocupam no Senegal e no Brasil:

Há algo que é muito paradoxal. Nós somos taxados de machistas – africano é muito machista – mas esteja certa que nossas sociedades a maioria são matriarcais. A pessoa fala: “como assim? O africano é tudo machista, casa com duas, três mulheres, a mulher faz tudo”, mas são talvez coisas que cabem outro desenvolvimento, uma outra instância. As mulheres são muito ativas na vida social africana, em particular no Senegal, são muito ativas. A gente fala, fala, fala, mas dependemos muito delas. Então aqui também em São Paulo elas participam ativamente desses eventos. O último evento que eu fiz¹⁶⁴ foi este mês dia 20, na quadra do Sindicato dos Bancários de São Paulo. E quem tava na cozinha? Eram as mulheres, e quem eram os ajudantes? Eram os homens. Elas que comandavam, por quê? Elas vêm com o *know how* delas, mas como se iria fazer um evento para duas mil pessoas, a logística era delas, elas que são responsáveis e os homens só ajudam. Mas isso são coisas que não são mostradas, que não são vistas. A mulher africana é muito de pôr a família pra frente e ela ficar na retaguarda. Há um pouco de conotação religiosa? Sim. Há um pouco de conotação tradicional? Sim, também. Porque na maioria das situações a mulher africana prefere dar mais visibilidade ao marido dela que é o provedor de fora pra dentro. Então você tem esse comportamento cultural, mas elas são nossas gerentes das economias do lar e tudo mais. Hoje em dia, ainda mais com toda essa abertura da mulher, que ela conseguiu seu espaço no mundo, a mulher africana também não ficou pra trás – talvez a um ritmo um pouco mais devagar, mas também hoje a cada ano que passa o processo engata as marchas devagar pra gente tentar chegar a um equilíbrio social [...] A mulher senegalesa hoje está muito presente também nesses eventos. As vezes o que a gente vê é uma forma que pode até parecer segregação. Por exemplo: quando elas participam desses eventos sempre tem um lugar reservado pra elas, isso é mais uma questão religiosa, da religião muçulmana, mas elas vão, elas são muito bem atendidas, elas são respeitadas, elas são muito bem paparicadas.

Em dado momento, a moça com quem conversava confidenciou que seu esposo, que estava rezando na quadra, viu que estávamos conversando e lhe enviou uma mensagem preocupado com o que tanto falávamos. Ainda que expusesse ali um controle realizado por seu marido, fez questão de destacar que embora muitos acreditem que as roupas são impostas pelos esposos, isto não é real: a escolha pelas vestimentas se baseia nos preceitos do Alcorão, especialmente a partir da ideia de que a mulher não deve “tentar o homem”. Em sua entrevista, Khar (Fatou), a única senegalesa entrevistada formalmente para esta pesquisa, reiterou a função que as mulheres assumem no Magal Touba: “toda festa eu faço comida pra eles, eu faço tudo pra eles. Aqui eu não dorme o dia de Magal, um dia antes eu não dorme. Eu passo o dia lá cozinhando, fazendo tudo”.

¹⁶⁴ João Ursulin Pinto trabalha com sonorização de eventos, sendo muitas vezes contratado pela comunidade senegalesa.

Facetas diferentes dos lugares sociais destinados comumente às mulheres pela comunidade senegalesa, surgem nas diversas narrativas. As aparentes contradições parecem ressaltar como simplificações não são capazes de traduzir o complexo panorama, no qual, cultura e religião, acabam por assumir um papel preponderante. Os avanços ressaltados por João rumo a um maior equilíbrio social entre os gêneros, ou mesmo um bom tratamento e respeito pelas mulheres, concretamente não significam que exista uma igualdade de condições: de modo geral os homens seguem sendo os provedores, enquanto as mulheres são responsáveis pelo gerenciamento da casa. Mesmo quando as mulheres desenvolvem uma profissão, contribuindo ativamente para o sustento da família, muitas vezes isso acaba por significar uma jornada dupla, na qual a cozinha/casa continuam sendo sua responsabilidade – um cenário encontrado em muitos países do mundo. Como demonstrado nas falas de Khar, esta configuração não é necessariamente rechaçada pelas mulheres senegalesas. Khar, aparenta diversas vezes estar muito feliz em seu casamento e além da jornada de trabalho que, assim como seu marido realiza vendendo nas ruas de São Paulo, ressalta que é responsável por cozinhar em sua casa, por não gostar que ele coma na rua e gostar de fazer comida para seu esposo: “Não gosto que ele compre comida na rua não. Café de manhã também. Toda hora me levanto mais cedo pra fazer pra ele, quando eu termino aqui de noite, também eu vou fazer meu comida na minha casa”.

A comida, ou sua fartura, assume um papel importante na celebração do Magal Touba. Baba contou que Ahmadu Bamba deu orientações em relação a como deveria ocorrer a celebração: “Chamem pessoas, matem de galinha até uma vaca, tudo que vocês podem comprar, fazer uma festa legal, pra gente comer bem, orar, essas coisas, pra mim agradecer a Deus essa vitória que ele me deu esse dia”. Estando presente neste dia pude entender ao que ele se referia: vi pessoas carregando bacias de comida, que eram distribuídas entre os homens que rezavam na quadra. Logo estes se dividiam em pequenos grupos, se agachavam ao redor destas bacias e comiam coletivamente com as mãos, em um momento de compartilhamento coletivo. A comida não parava de chegar e era também servida, juntamente com refrigerantes, água e frutas, nas mesas¹⁶⁵ para as outras pessoas presentes. Aziz também comentou a respeito:

Na festa de Magal Touba, dono de festa fala isso: tem que começar de comer às 6 horas da manhã, tem que comer até lambear seu prato, se não tem isso a festa não é boa. As pessoas que tão lá têm que comer até barriga cheia, levar sacolinha com comida pra casa, se ninguém não leva a festa não é boa.

¹⁶⁵ As pessoas sentadas nas mesas comiam em pratos e com talheres.

Não aguentei comer todo o meu prato, diante da imensa quantidade de comida. Reparei que em algumas mesas próximas, pessoas, aparentemente em situação de rua, comiam o banquete com grande felicidade e sem a mesma dificuldade que eu sentia. Aziz, ao falar sobre pessoas em situação de rua e da relação que os senegaleses possuem com elas, disse que no Magal a mesma comida feita para os senegaleses e convidados é distribuída gratuitamente para estas pessoas em situação de maior vulnerabilidade: “Por exemplo, se essa festa for sábado, na sexta-feira nós vamos fazer comida pra quem mora na Luz, no Brás. Nós não têm muito dinheiro, mas o pouquinho que nós têm, nós vamos fazer as coisas pra conseguir dar pra eles”.

Com o passar da tarde, uma nova configuração se formou na Quadra dos Bancários. As mulheres aos poucos foram embora e retornaram superproduzidas, com vestidos imponentes, maquiagem e cabelos impecáveis. Algumas inclusive usavam as mesmas estampas de seus vestidos nas roupas de seus filhos, gerando um curioso espetáculo visual. A mudança para o ‘traje de gala’ era para o jantar. Foi neste período também que encontrei três dos meus entrevistados: vi brevemente Kunta e fui muito bem recebida por Baba e Amath, que se sentaram na mesma mesa em que eu estava com outros brasileiros. Ambos também estavam vestidos com roupas especiais para a ocasião e me explicaram mais sobre a celebração. Em meio ao som das rezas, o clima estava suave. Enquanto conversávamos, tiramos fotos e rimos.

Além do Magal Touba, Amath relatou outras duas festas também realizadas pela comunidade: o dia 4 de abril, que é o dia da independência do Senegal¹⁶⁶; e o dia 22 de abril – data do nascimento do profeta do Islã, Maomé. Todas as três celebrações constantes no calendário da comunidade são realizadas em espaços fechados alugados para este fim. João contou que esta configuração é diferente no Senegal, onde as celebrações acontecem principalmente em espaços públicos:

Eu tenho a minha firma de eventos, então geralmente quando eles têm eventos religiosos eles me contratam para fazer toda a parte de sonorização. Então eu posso dizer: mais ou menos duas vezes por ano eles têm esses encontros religiosos. Então geralmente isso é feito em locais fechados. No Senegal se faz em local aberto, na rua, porque lá é cultural, mas aqui não, aqui se faz em local fechado. Então você tem vários lugares onde eu já trabalhei com eles. Teve um ano, acho que já faz um tempinho, deve ter uns quatro ou cinco anos atrás, ou um pouco mais, um amigo meu senegalês, que inclusive trabalhou muito na prefeitura aqui, onde ele foi o pioneiro do primeiro dia da Independência do Senegal aqui em São Paulo. Eu me lembro que na época a prefeitura patrocinou o palco, foi feito aqui na praça da Republica. Então você tem participação até hoje. Dentro da prefeitura a gente busca ter maior visibilidade, desmistificar um pouco a questão do preconceito no bom sentido, o pré-conceito, saber antes o que será a realidade. Porque dentro dos nossos costumes a gente sabe que o mal-entendido, mal compreendido pode

¹⁶⁶ Celebrado desde 2018 pela comunidade senegalesa em São Paulo.

trazer muitos problemas, e na verdade o que a gente busca é simplesmente compartilhar nosso saber, aprender com os outros e viver em paz.

Embora São Paulo possua uma grande quantidade de espaços públicos e equipamentos culturais, contraditoriamente não há espaço para a realização da maior festa da comunidade senegalesa que vive na metrópole. A ocupação – ou não ocupação – dos espaços públicos também reflete escolhas governamentais, impactando diretamente na qualidade de vida que as populações esquecidas podem ter na cidade.

4.3.2 *Dahiras e Mesquitas*

Além das festas, realizadas esporadicamente, existe todo um arcabouço de ações realizadas no dia a dia da comunidade. Baba explicou um pouco a respeito da dinâmica semanal de orações dos mourides e dos muçulmanos em geral em São Paulo. Enquanto o subgrupo mouride tem o domingo como dia de ir à *dahira* para realizar orações, sexta-feira é o dia de todos os muçulmanos irem à mesquita. Segundo Baba, foi definido um dia específico pelo profeta para que os crentes pudessem se conhecer e manter vínculos: “o muçulmano tem a sexta-feira como um domingo santo, como *catolique*, os cristãos, eles vão nas igrejas nos sábados e domingos, né? Nós é sexta-feira. Então sendo mouride, ou não sendo mouride, sendo muçulmano tem que ir toda sexta-feira”. A comunidade senegalesa em São Paulo não conta com uma mesquita em seu formato tradicional, realizando suas orações em salas alugadas no centro da cidade. Fily comentou a respeito:

A rigor podemos ver que no Brasil eles têm que se adaptar aos brasileiros. Por exemplo, uma das mesquitas é uma antiga loja de mezanino na Barão de Itapetininga e a outra mesquita já foi garagem, alugada como a Igreja Universal faz, ao invés de uma mesquita estilo arábico mouresco. Aqui se readapta aos brasileiros, com os horários daqui, assim como os brasileiros se acostumam com eles. Mas a essência está presente.

Na cidade de São Paulo não é possível escutar as chamadas para orações que ressoam desde os minaretes das mesquitas, experiência inesquecível para quem tem a oportunidade de visitar países de maioria muçulmana. Tampouco é comum ver muçulmanos fazendo as tradicionais cinco orações diárias voltada à Meca publicamente nos espaços da cidade. Como então fazem os muitos imigrantes muçulmanos senegaleses que trabalham como ambulantes nas ruas da cidade? Diante da frequente impossibilidade de, em meio ao trabalho, deslocar-se

até os espaços identificados como mesquitas¹⁶⁷, eis a resposta: a adaptação citada por Fily, também se faz presente. Em um estacionamento no centro da cidade, em um canto, buscando estar apartado de olhares dos que passam, descubro um senegalês¹⁶⁸ que vende relógios a poucos metros de meu edifício. Ele estende um pequeno tapete, retira os sapatos, ajoelha-se e faz suas orações. Este processo geral de adaptação, entretanto, é relatado por muitos imigrantes senegaleses como um período bastante desafiador.

A permanência dos considerados religiosamente “adequados” sempre é garantida. Por outro lado, quanto mais distinta a vida religiosa do grupo, maiores as dificuldades de incorporação à comunidade local. Assim, analisar o acolhimento religioso recebido pelos imigrantes, bem como as diferentes formas de negociação de sua presença religiosa, no espaço público da localidade que os recebe, constitui uma abordagem para a compreensão dos fenômenos migratórios (COSTA; LIA, 2018, p. 187).

Além das dificuldades provocadas por diferenças linguísticas e culturais, há um estranhamento pela maioria da população local em relação às práticas da religião muçulmana (COSTA; LIA, 2018). Para a maior parte dos imigrantes senegaleses, suas crenças os colocam em uma situação ainda mais desafiadora, sendo necessária a criatividade em um constante processo de criar e recriar muitas de suas práticas.

4.3.3 Celebração Baye Fall

Buscando compreender a presença religiosa no espaço público da cidade de São Paulo, conversei com alguns senegaleses que vendiam nas ruas. Logo soube que todas as segundas-feiras, a partir das 19 horas, na Praça da República, região central da cidade, ocorre uma importante celebração religiosa dos Baye Fall. Fiquei surpresa, pois embora residisse próximo, nunca soube ou tive contato com esta atividade recorrente. No dia 26 de junho de 2018 me dirigi pela primeira vez ao local indicado¹⁶⁹. Logo visualizei perto do coreto da praça, um pequeno grupo de senegaleses próximo a duas caixas de som sobre pedestais e um microfone – toda a estrutura ligada num gerador. Aproximei-me discretamente e enquanto se organizavam

¹⁶⁷ Vale destacar que não é obrigatório para os muçulmanos realizar as orações diárias no interior de uma mesquita.

¹⁶⁸ Posteriormente, com o apoio de Fily, pude conversar brevemente com este rapaz, que sempre cumprimentava à distância. Ele sempre com um grande sorriso no rosto. Disse chamar-se Malek. Quase não fala português e tem pouco domínio do francês, deste modo a conversa ocorreu em wolof. Malek que vende relógios em cima de uma caixa de papelão próximo à Estação da Luz, contou ser casado no Senegal e ter filhos que ficaram lá. Riu da minha inabilidade em pronunciar corretamente seu nome em um primeiro momento.

¹⁶⁹ Retornei diversas outras vezes em 2018 e 2019, tendo sempre observações similares, mas encontrando também alguns de meus entrevistados: Moustapha Dieng, tocando percussão e Ousmane Fall, fazendo as orações.

e chegavam mais senegaleses¹⁷⁰, muitos vestidos com as coloridas roupas características dos Baye Fall, atentei às poucas pessoas que observavam ao redor, principalmente pessoas em situação de rua, algumas claramente alteradas, possivelmente pelo uso do álcool e de outras substâncias psicotrópicas. Eventualmente alguns policiais passavam à distância sem realizar qualquer interferência no encontro que se estruturava. Aziz em sua entrevista comentou a este respeito, dirigindo-se diretamente a mim:

Se você tem a oportunidade de ver a prefeitura, fala isso pra eles: que o senegalês está agradecendo por essas coisas. Mesmo no Senegal tem as cidades onde não pode fazer isso, tem lugar que você fica tocando e chega policial. Mas aqui, desde 2015 até agora, nunca tem esse problema, nunca, nunca [...]. Eles nunca ajudou em nada, mas eles poderiam falar: “você não vão fazer isso aqui”, mas nunca aconteceu isso. Os policiais vêm lá... eles mesmo cuida de nós, fala: “22h tem que parar”, 21h45 a gente para. Mas eles poderiam falar: “aqui não pode, tem que procurar um lugar pra fazer isso”, mas eles mesmo já sabe... tem muito amigo de nós que tá em muito país que quer fazer essas coisas mas a prefeitura de lá não dá essa oportunidade pra eles, nós que tem essa oportunidade, tem que agradecer. Eles não fazer um papel. Nós não pedir autorização. Você sabe o senegalês, foi lá, nós fica fazendo, fica fazendo...então as pessoas gosta muito dessas coisas que eles tão fazendo. A gente não atrapalhar nada. A gente vem lá se divertir, senegalês e brasileiro, de todo país do mundo.

Apesar de, nas palavras de Aziz, a prefeitura nunca ter ajudado em nada, ele agradece por nunca ter sido incomodado por eles. Diante da ausência de auto identificação como cidadão, não há espaço para esperar qualquer apoio por parte estatal, não há espaço para almejar direitos que não são seus. ‘Não ser atrapalhado’ é visto como uma benesse por quem pouco tem. É necessária uma gratidão por poder estar ali, assim como não incomodar e “não atrapalhar” os brasileiros.

A parca presença policial na celebração não me deixava segura. Acredito que mesmo que houvesse uma ampla presença e uma melhor iluminação na região, não me sentiria segura, ainda mais sendo mulher e estando sozinha. Como moradora da região, sei que a grande desigualdade social e econômica presente tem como consequência um aumento nos índices de criminalidade. Ainda assim, mesmo com receio, fui ao local desta vez e voltei muitas outras para novas observações. Eu sabia que a presença dos senegaleses e dos curiosos minimizava os riscos através da ocupação daquele espaço público, que geralmente naquele horário estaria ermo. Para Jan Gehl (2015), há uma conexão clara entre a ampliação e fortalecimento da vida na cidade, com um sentimento de segurança ao se caminhar pelos espaços. Os senegaleses em

¹⁷⁰ Nesta oportunidade observei pela primeira vez a forma como se cumprimentavam: um pegava a mão do outro e a encostava em sua testa. Em seguida o outro fazia o mesmo movimento. Não consegui ouvir o que falavam durante este momento.

sua ocupação deste espaço público reforçavam esta afirmação: ironicamente os imigrantes, dos quais muitos têm receio, eram os responsáveis por trazer uma maior sensação de segurança aquele espaço da Praça da República, às segundas-feiras à noite.

Aos poucos o pequeno grupo se ampliou, outros senegaleses chegaram e posicionaram-se em duas fileiras, uma de frente para a outra, formando um corredor no meio. De repente, os sons ficaram mais fortes. Agora, enquanto um pequeno grupo tocava instrumentos de percussão, um homem percorria o corredor entoando cânticos no microfone, enquanto os outros o acompanhavam na reza, cantada em árabe e wolof. Um dos senegaleses em determinado momento passou para recolher contribuições em dinheiro de todos os que participavam e assistiam – estas eram recolhidas em um pote. As fileiras previamente formadas transformaram-se numa roda, que girava e cantava ao redor do cantor principal que estava no centro. Algumas pessoas que assistiam se animaram com os batuques e também passaram a dançar: um senhor em situação de rua fez passos de capoeira e outro, passos de samba. A celebração religiosa, neste momento, parecia uma animada festa. Aziz em sua entrevista fez questão de destacar que o encontro não se trata apenas de uma manifestação artística ou de lazer, mas um momento com um significado mais profundo para os que ali se encontram.

Esse coisa é diferente de cultura, essa coisa é da religião, que eles tá fazendo na praça, é muito diferente. Tem pessoas que mistura isso, que acha que tudo isso é cultura. Sim, é cultura, mas é cultura junto com religião. Junto. Tem muita gente que mistura isso, que foi lá na praça [e depois me diz]: “eu quero que você faz um show pra mim”. Esse não é de show. Estão fazendo oração.

No final da cerimônia, era possível contar cerca de 40 participantes senegaleses, todos homens¹⁷¹. Um deles ofereceu café a todos os presentes, servido em duas grandes garrafas térmicas. Em conversas informais com senegaleses entendi que o café, feito com uma especiaria do Senegal e conhecido como Café Toubá, é um momento de compartilhamento e acolhimento com os que estão presentes, assim como muitos árabes e turcos oferecem chá ou como paraguaios e argentinos oferecem mate. O café aqueceu o corpo na noite fria e parece ter dado energia a todos, que seguiam em seus cantos-danças-rezas, há horas. Após um período, outro senegalês passou com uma sacola, recolhendo os copos plásticos já vazios, fazendo com que não ficassem vestígios físicos na praça de tudo o que havia acontecido ali. Este ato parece reforçar a importância da higiene dentro do islamismo, conforme apresentado previamente

¹⁷¹ Embora tenha perguntado a vários senegaleses entrevistados se havia uma participação de mulheres nestes encontros e todos tenham dito que sim, nas diversas outras vezes em que estive presente nunca vi mulheres senegalesas participando diretamente da cerimônia.

neste capítulo, sendo traduzida em um cuidado com o espaço público. Poderia também indicar um intento de ‘não incomodar’, e com isso obter a aceitação e acolhimento dos brasileiros. Ousmane, líder religioso da comunidade Baye Fall, em sua entrevista, falou a respeito destes encontros:

De segunda-feira tem comunidade que fazer outro, tem comunidade que também canta, bater tambor, na Praça da República, lá eu que chefe de lá, e se todo mundo juntar, cantar, bater tambor, conversar, depois que terminou eu pega 10 ou 15 minutos para falar com as pessoas, sobre a sua vida, cada uma dá valor para cada uma. Não é problema de cristão, não é problema de muçulmano: toda pessoa é igual, cada uma respeitar cada uma. O nosso pastor fala do mesmo jeito, cada um respeitar o outro: se quer convidar um cristão, convida; se quer convidar um muçulmano, convida. Conversando tudo certo. Ninguém vai roubar ninguém, ninguém melhor que ninguém, porque todo mundo Deus que manda para nós aqui, se Deus quiser você nascer aqui, se Deus quiser eu nascer no Senegal.

Moustapha e Aziz me contaram que a ideia dos encontros religiosos na praça surgiu deles, junto com outros três amigos. No aniversário de um deles, diante da percepção de que não havia iniciativa semelhante dos Baye Fall na cidade, decidiram fazer a celebração religiosa nesse formato. Embora pudessem realizar estes encontros em uma das salas alugadas pela comunidade, surgiu a ideia de fazê-los em um espaço público, de modo a que os brasileiros que residem em São Paulo pudessem conhecer mais a respeito da cultura e especialmente da religião professada por este grupo de senegaleses, buscando com isso possibilitar uma aproximação. A Praça da República, um dos pontos principais de referência para a comunidade senegalesa em São Paulo, foi o local escolhido. Embora a praça possua uma localização central, com fácil acesso ao transporte público, é possível perceber que os encontros dos Baye Fall são de modo geral pouco frequentados por brasileiros, se considerada a imensa quantidade de pessoas que vivem ou circulam na região. A Subprefeitura da Sé estima que cerca de 3,5 milhões de pessoas circulam por dia em seu território de atuação, formado por oito distritos¹⁷² centrais da cidade de São Paulo (SÃO PAULO, 2020a). Embora seu território seja muito mais amplo, indo além do distrito da República, onde está localizada a Praça e adjacências, fica claro que a média aproximada que pude observar, de 20 brasileiros assistindo à celebração por semana, esta aquém da que poderia ser – especialmente se considerado que parte dos presentes eram pessoas em situação de rua que continuamente estão na praça e esposas brasileiras dos senegaleses que participam da cerimônia. Ademais, em conversas informais com brasileiros moradores da região, pude perceber que os encontros são pouco conhecidos. Ainda assim, os encontros podem

¹⁷² Bom Retiro, Santa Cecília, Bela Vista, Consolação, República, Liberdade, Cambuci e Sé.

ter outros sentidos. Para João, um senegalês católico, este encontro semanal promovido por parte da comunidade, possui um significado que vai além da ideia de compartilhamento com os brasileiros, mas uma importância para os próprios senegaleses em uma conexão com suas culturas:

Sempre quando você está no exterior muitas coisas te fazem falta, você sente falta até do cheiro da terra... da árvore que tinha no seu quintal. Então tudo isso que nos define, a gente só consegue ter isso a gente se juntando. E com todos os problemas que a gente vive aqui e tudo mais, é uma forma que eles têm dentro desses pequenos encontros rápidos. Rápido, tem que se definir o que é rápido. As vezes eles ficam duas horas ou mais ali, mas é uma forma deles clamarem por essa união que eles têm entre si e uma forma também de espantar todas as durezas, de cada um se dar um apoio. É como se você tivesse que ir pra igreja e participar de uma comunhão na igreja. Então aquilo lá é a comunhão deles, que eles fazem. As vezes o *modus operandis* que não é bem conhecido e que assusta, mas é uma forma só de se dar as forças e renovar as energias.

O ‘susto’ citado por João, também foi percebido por Moustapha Dieng. Moustapha relatou que no início dos encontros, alguns brasileiros se assustavam e achavam que eram africanos “fazendo macumba”. Apesar dos estranhamentos, os encontros, como indicado por João, em um país estrangeiro, adquirem também um caráter de fortalecimento dos laços entre os imigrantes. O conforto através das palavras proferidas durante o ritual religioso, da crença que aquele grupo compartilhava, mas também a oportunidade de encontrar os conterrâneos e viver um momento juntos, com conversas, antes e depois da cerimônia, mas também com a possibilidade de neste momento reconectar-se com sua terra natal.

5 CULTURA, LAZER E TRABALHO: USOS DA CIDADE

5.1 São Paulo além da religião

No capítulo anterior, pudemos vislumbrar algumas formas de apropriação dos espaços da cidade pelos senegaleses, especialmente as que possuem um aspecto religioso mais diretamente envolvido: as celebrações dos Baye Fall que ocorrem na Praça da República, ou as idas a diferentes locais para realizar orações, sejam estes, mesquitas, *dahiras* ou as próprias ruas da cidade. Agora, trataremos de outras configurações do uso do espaço urbano – as quais não necessariamente estão desvinculadas de questões religiosas, mas que de todo modo referem-se aos âmbitos da cultura, do lazer e do trabalho.

Se a cidade, como a antropóloga francesa Colette Pétonnet (2008) destaca, é o lugar de todas as misturas, o que há para ser revelado no encontro de seus diferentes espaços, mobiliários e corpos?

5.1.1 Celebrações da Copa do Mundo de Futebol

Como moradora do centro de São Paulo, em muitos momentos caminho por suas ruas, o que por vezes acaba por me proporcionar descobertas e encontros. Terça-feira, 19 de junho de 2018, foi um destes dias. A Copa do Mundo de Futebol ocorria na Rússia e, neste dia, um dos jogos seria entre Polônia e Senegal. Ao caminhar pelo centro, por volta das 14 horas, me deparei com uma grande movimentação: cerca de uma centena de pessoas caminhava com grande animação pelo meio das ruas, cantando, dançando e tocando instrumentos. Os gritos de “*Allez Senegal!*”, “*Vai Senegal!*”, em francês, assim como a grande bandeira que vinha à frente do grupo – nas cores verde, amarelo e vermelho – deixaram claro que a festa que ocorria ali era a celebração da vitória do Senegal nesta partida¹⁷³. Eram em sua maioria homens, a não ser por quatro ou cinco mulheres. Todos negros, majoritariamente jovens, aparentando ter entre 18 e 40 anos. Muitos vestiam a camisa da seleção senegalesa. Nas mãos, alguns traziam o celular, com o qual tentavam registrar um pouco desse momento, outros, instrumentos de sopro e percussão. Os brasileiros que caminhavam por ali olhavam com curiosidade e sorrisos aquele ‘carnaval fora de época que ocorria nas ruas do centro. Parte destes, inclusive optou por acompanhar o grupo e filmar a celebração. Já entre os que estavam em carros, foi possível

¹⁷³ Neste jogo o placar final foi: 2 para o Senegal e 1 para a Polônia.

observar que alguns não demonstravam a mesma alegria pela passagem do grupo: a interrupção do tráfego gerou buzinas e reclamações. Entre outros locais, o grupo passou pela rua Conselheiro Nébias e seguiu para a Praça da República. A celebração prosseguiu, mas eu não pude seguir a acompanhando. Por onde passavam, ainda que temporariamente, as ruas tornavam-se um espaço de socialização popular, de diversão, superando seu uso estrito pelos automóveis.

A segunda partida de Senegal na Copa, desta vez contra o Japão, ocorreu a partir das 12 horas, no dia 24 de junho de 2018, domingo. Desta vez me adiantei e pesquisei previamente com senegaleses que vendem nos arredores da Praça da República¹⁷⁴, se haveria um novo encontro da comunidade e qual seria o local. O espaço escolhido para assistir a partida foi a AJ Club¹⁷⁵, casa noturna e espaço para baladas e *shows* na rua Vitória, centro de São Paulo. Dentro do espaço lotado, os senegaleses acompanhavam por dois telões cada lance da partida. Estavam concentrados, tensos. Com meus 160 cm de altura me senti minúscula em meio ao grupo, formado majoritariamente por homens com altíssima estatura. Cada um dos dois gols de Senegal foi celebrado com muita vibração e cantos, assim como cada um dos dois gols do Japão foi motivo de grande decepção. Enquanto o jogo ocorria, do lado de fora, talvez para ter mais espaço, algumas pessoas optaram por ficar nas calçadas, inclusive mulheres e crianças. Neste local, alguns jornalistas entrevistavam os presentes, entre eles um senegalês e sua esposa, uma brasileira, que carregava um bebê no colo, filho de ambos. Neste momento aproveitei para me aproximar de uma das pessoas que estavam sendo entrevistadas, e que se apresentava como representante da Associação dos Senegaleses, Amath Touré, que já conhecemos mais cedo neste trabalho. Foi nessa ocasião que conversamos brevemente e anotei seu contato para posteriormente agendarmos uma entrevista.

O resultado, um empate, não foi suficiente para ofuscar a alegria dos senegaleses presentes: ao final da partida, a exemplo do que ocorrera no jogo anterior, eles ocuparam as ruas com música e danças. Dessa vez o grupo era um pouco menor, mas havia mais mulheres e crianças senegalesas, assim como mais brasileiros acompanhando a festa. Este grupo diverso, que ocupava o meio das vias, seguiu em um percurso de cerca de um quilômetro até a rua Guaianases, onde formou uma roda. Enquanto alguns jovens senegaleses tocavam

¹⁷⁴ O primeiro a me informar o local no qual a comunidade assistiria à segunda partida foi Cheick Seck, um senegalês que possui uma loja de roupas e acessórios na avenida Ipiranga, Centro de São Paulo.

¹⁷⁵ Em seu *site* <www.ajclub.com>, acesso em: 8 março de 2019, a AJ Club apresentava-se como um local onde todas as culturas e todos os ritmos são abraçados: “um lugar onde os brasileiros, latinos, africanos, europeus, asiáticos e o mundo inteiro se reúne, afinal todos têm algo em comum: a boa música”. Ao passar em frente ao local em janeiro de 2019, ele aparentava ter sido fechado permanentemente.

instrumentos, homens e mulheres entravam no centro da roda para dançar com grande entusiasmo. Um momento inusitado ocorreu quando um senhor brasileiro, que passava perto da celebração com um carrinho cheio de frutas para vender, foi surpreendido: alguns senegaleses aproximaram-se e começaram a pegar suas frutas – especialmente mexericas, laranjas e bananas – e jogá-las em direção à roda de música e dança, proporcionando uma “chuva” de frutas que logo eram agarradas e comidas pelos participantes. O senhor ficou claramente assustado e tentou afastar-se da aglomeração, provavelmente acreditando que ficaria com o prejuízo de sua mercadoria. Em pouco tempo, entretanto, o susto foi substituído por felicidade: cerca de quatro senegaleses aproximaram-se e pagaram cerca de R\$ 400 ao proprietário do carrinho, que comemorou a rápida venda de sua mercadoria e jogou para a roda as últimas frutas que haviam sobrado. A festa durou aproximadamente 40 minutos. Ao seu final o chão ficou coberto por cascas e restos de frutas. Um dos senegaleses pegou um saco de lixo e começou a recolher a sujeira, logo sendo auxiliado por outros¹⁷⁶. Em poucos minutos já não havia vestígios da festa e da chuva de frutas que ocorreu no lugar.

Dias depois, no dia 28 de junho de 2018, às 11 horas, ocorreu uma partida classificatória para as oitavas de final: Senegal contra Colômbia. Um grande número de senegaleses novamente foi à AJ Club assistir a esta partida decisiva da Copa. O resultado: 1 a 0 para Colômbia, destruiu o sonho dos senegaleses de representar a África nas oitavas da Copa do Mundo de Futebol¹⁷⁷. Diferentemente dos outros dias em que o Senegal jogou, ao final da partida não houve festa, danças ou músicas. Um clima de tristeza se abateu sobre os presentes, que em pouco tempo foram embora. Um número reduzido de senegaleses ficou no local para dar entrevistas aos jornalistas presentes, do lado de fora do estabelecimento, nas calçadas. Com um meio sorriso no rosto falavam do orgulho da torcida senegalesa ser reconhecida por sua alegria e da promessa de agora torcer pelo Brasil. Baba, um dos narradores desta pesquisa, naquele período era Secretário Geral da Associação Senegalesa de São Paulo e também foi um dos entrevistados pela mídia presente. Contou, em entrevista ao jornal Brasil de Fato (DOLCE, 2018), que foi sua ideia a reunião da comunidade em um mesmo local para torcer pela seleção

¹⁷⁶ A preocupação com a limpeza do espaço por parte dos senegaleses, também ocorreu nos estádios em que ocorreram as partidas nas quais o Senegal jogou durante a Copa do Mundo de 2018. Os torcedores do Senegal recolheram o lixo dos estádios ao final dos jogos que assistiram. Este fato foi noticiado em diversos sites nacionais e internacionais. Uma dessas notícias pode ser acessada no site do jornal “O Tempo”: Não é coisa só do Japão: Senegaleses limpam estádio após vitória na Copa. Disponível em: < <https://www.otempo.com.br/superfc/copa-2018/não-é-coisa-só-do-japão-senegaleses-limpam-estádio-após-vitória-na-copa-1.1858592>>.

¹⁷⁷ Esta foi a segunda participação do Senegal em uma Copa do Mundo de Futebol. Na primeira participação, em 2002, a seleção chegou às quartas de final, o melhor resultado alcançado por uma seleção africana até hoje (DOLCE, 2018).

do Senegal. Falou também a respeito das semelhanças com os brasileiros e da repercussão que as celebrações dos senegaleses tiveram:

Foi ótimo! Estamos ganhando mais espaço. No começo, nem pensamos que íamos bombar na internet, mas o povo brasileiro se juntou na festa, inclusive os negros brasileiros, que puderam nos ter como espelho, porque a cultura senegalesa é muito parecida com a cultura brasileira: as religiões, o ritmo da música, a alegria do povo brasileiro. Os africanos em geral também estão sempre alegres, gostamos de festa. É muito importante a participação de times africanos na Copa, mostra as raízes dos brasileiros e dos negros da diáspora.

A pouca visibilidade que a comunidade senegalesa possui na mídia, foi substituída neste período por uma série de matérias em muitos sites e canais de televisão, tendo também uma significativa repercussão nas redes sociais. De modo geral as celebrações eram ressaltadas positivamente, com frases como: “Melhor momento da Copa do mundo até agora!”¹⁷⁸. Em entrevista à jornalista Bárbara Muniz Vieira (2018) do portal de notícias G1, Marcelo Alves de Araújo Santos, dono de uma lanchonete na esquina das ruas Guaianazes e Aurora, manifestou sua torcida: “Estou torcendo para o Senegal. Todo mundo merece ter seu momento de felicidade. São bons fregueses, consomem e pagam direitinho. Eu torço por eles porque gosto de ver a alegria deles”. A cultura esportiva que muitas vezes gera rivalidades, contribuiu para uma aproximação. De repente os senegaleses já não pareciam tão diferentes, em seu apreço pelo futebol e sua intensa alegria: características muitas vezes atribuídas como um estereótipo do que é ser brasileiro. A possibilidade de identificação somente surgiu a partir da ocupação das ruas pela comunidade: estas se tornavam a vitrine de suas culturas e local de encontro. Eles estavam ali e era impossível ignorá-los.

5.1.2 O trabalho na cidade

Muitos senegaleses trabalham como ambulantes na cidade, fazendo dos espaços públicos o local de trabalho. Mais do que uma opção, o comércio informal surge por vezes como a única alternativa de sobrevivência, ainda que muitos possuam outras experiências

¹⁷⁸ Tradução nossa. Original disponível em: <<https://twitter.com/SamCowie84/status/1009122376829882369>> Frase escrita por Sam Cowie, jornalista britânico que vive no Brasil e escreve para os jornais The Guardian, Al Jazeera, BBC, The Intercept, The Financial Times, entre outros. O tweet teve 1,6 mil curtidas e 620 compartilhamentos. Texto completo: “*Victory to Senegal. Now the fans are parading through downtown São Paulo thumping drums. Cyclists stopping to take selfies, taxi drivers honking their horns, smiles everywhere. Best World Cup moment so far*”.

laborais prévias¹⁷⁹, formações ou habilidades diversas, como o domínio de vários idiomas ou habilidades artísticas, como é o caso de alguns dos entrevistados nesta pesquisa. Para os que completaram a graduação, muitas vezes são encontrados entraves para o reconhecimento de seus diplomas, fazendo com que tenham que, diante da necessidade de sobrevivência, optar por subempregos. Esse não é um fenômeno incomum em processos migratórios. Sujeitos que migram de um país a outro estão particularmente sujeitos a exploração laboral, baixos salários, ausência de contratos, negação de direitos, precarização. Mesmo profissionais com formação e experiência, em seu país de origem, tendem a se inserir em postos menos qualificados do mercado de trabalho dos países receptores.¹⁸⁰ Esta diferenciação ocorre não apenas pela condição de imigrante, mas atrelada a outros fatores, como raça, gênero e origem nacional, de modo que não existe uma homogeneização na situação dos imigrantes no mercado de trabalho. Na prática isto se traduz em situações de maior privilégio no país de destino para alguns grupos de imigrantes e maior precarização para outros: alguns imigrantes são considerados desejáveis, enquanto outros, indesejáveis (VILELA, 2011).

No caso específico dos imigrantes senegaleses, estes vivem cotidianamente uma política de violência, sendo relegados a um trabalho subvalorizado e de modo geral com modestas possibilidades de renda. Muitos chegaram, especialmente a partir de 2012, em um contexto em que o país possuía um crescimento das oportunidades de emprego – Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2003 a taxa média de desemprego correspondia a 12,5%; em 2014 o país alcançou a menor taxa de sua história, com 4,8%¹⁸¹. Com isso, muitos senegaleses neste período assumiram postos formais de trabalho, como a construção civil que possuía grande demanda (UOL, 2015). A partir de 2015, entretanto, a crise econômica internacional alcançou fortemente o Brasil, gerando uma ampliação do desemprego e consequentemente, dos trabalhos informais para todos que vivem no país. Na medida em que a força de trabalho dos imigrantes passa a ser considerada excedente ou supérflua em um contexto de crise, Fily mostra-se bastante preocupado com essa situação enfrentada também pela comunidade senegalesa, assim como com a violência que a conjuntura pode gerar:

¹⁷⁹ Ainda que não se possa generalizar, vale ressaltar que no Senegal uma significativa parte dos imigrantes já trabalhava com vendas. O país possui o setor terciário, de serviços bastante desenvolvido e o setor produtivo com pouca representação (KLEIDERMACHER, 2013).

¹⁸⁰ Inúmeros trabalhos o demonstram; sugere-se, entre outras referências, a consulta ao dossiê “Migrantes no mercado de trabalho: Precarização e discriminação”, publicado em 2017 na Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana.

¹⁸¹ Entre 2002 e 2010, Luiz Inácio Lula da Silva era o presidente do Brasil. Entre 2011 e 2016 Dilma Rousseff era a presidenta do país. Ambos pertenciam e pertencem ao Partido dos Trabalhadores (PT).

Muita gente chega com diploma e o cara não sabe como se orientar, o cara acaba indo trabalhar como camelô. Têm 8.000 camelôs senegaleses aqui, quando lá se você contar, nenhum deles era vendedor, aí chega aqui transforma tudo em vendedor. O lavrador virou vendedor, o contador virou vendedor, o músico virou vendedor, o engenheiro de logística virou vendedor. Então é interesse pro próprio brasileiro, portanto, que a gente oriente essas pessoas pra poder trabalhar nas áreas que eles têm como especialização deles, do próprio interesse deles e do Brasil. Por que o cara é formado em Engenharia Logística e você vai colocar ele pra ficar vendendo na Praça da República, quando muitas vezes o Brasil tem carência desses caras? Nos editais, os brasileiros [ficam] procurando pessoas que trabalham, por exemplo, com engenharia logística, numa empresa francesa [...] então tem que ter um engenheiro de logística que saiba falar francês pra lidar com essas questões alfandegárias, aduaneiras, então muitas vezes ele tem que ser despachante aduaneiro pra lidar com transporte ultramarino e turismo [...] E muitos desses caras falam mais de duas línguas, pelo menos três línguas eles falam [...] então o cara chega aqui, não tem emprego, não tem documento como ele vai sobreviver? Muitos deles têm família, têm filhos lá, aí ele não tem alternativas reais para ele exercer a profissão original dele e é obrigado a vender. Aí se transforma em 8.000 camelôs competindo com os brasileiros, que de fato têm razão, porque o brasileiro coloca relógio pra vender aqui, o senegalês coloca relógio pra vender, o cara coloca um moletom pra vender aqui, o senegalês coloca um moletom pra vender..., É claro que o cara se sente invadido, com razão. Agora qual é a alternativa? [...] Tem que achar uma forma desse cara não se tornar um competidor do brasileiro fazendo aquilo que ele de fato sabe fazer, porque senão essa questão da violência vai continuar, porque os brasileiros estão sempre desempregados, todo mundo tá virando camelô. O Michel Temer¹⁸² tá achando que os brasileiros tão trabalhando, porque o cara sai do emprego formal pra virar vendedor de bugiganga. Aí vem o venezuelano entra nessa, já tinham os bolivianos e os coreanos e os chineses. Agora vêm os africanos. Você chega aqui tem mais de dez nacionalidades. Só na República, você vai ver: etíope, queniano, angolano, moçambicano, tem tudo isso.

Apesar da discriminação estigmatizante que os senegaleses e muitos outros grupos imigrantes sofrem, estes desempenham um papel fundamental nas sociedades em que se integram, contribuindo não apenas em aspectos culturais, mas também para o desenvolvimento econômico local, através do consumo, e pagamento de impostos. Segundo o economista francês, que coordenou pesquisa sobre a contribuição de imigrantes nas sociedades de destino, Hyppolyte d'Albis, “A maioria dos imigrantes estão em idade de trabalhar e por isso ajudam a diminuir a taxa de dependência na maioria das populações, promovendo um dividendo demográfico que é benéfico às economias dos países receptores”. O pesquisador especialista em imigração da OIM, Jasper Tjaden, reforça esta perspectiva: “Eles trazem novas ideias, novos talentos. Há de certa forma um consenso de que a contribuição deles à sociedade é positiva também pelo pagamento de impostos e arrecadação aos sistemas de segurança social” (WENTZEL, 2018).

¹⁸² Presidente em exercício no momento da entrevista. O governo de Michel Temer ocorreu entre setembro de 2016 e 2018, tendo sido empossado após o impeachment da presidenta titular, Dilma Rousseff.

Ao redor da Praça da República, principalmente em calçadas da avenida Ipiranga e na rua Barão de Itapetininga, uma rua fechada para carros, estão alguns desses imigrantes senegaleses, vendendo em barracas produtos identificados como de origem africana: roupas, tecidos, adornos – como tiaras, bolsas, brincos, faixas e turbantes. Embora muitas vezes seja criada uma imagem generalizada do que seria a “vestimenta africana”, há uma grande diversidade de vestimentas diante da variedade de marcas identitárias dos povos existentes no continente africano. As roupas mais comumente encontradas à venda em São Paulo são quase todas estampadas com a técnica *batik*, que consiste em um tecido de algodão pintado manualmente com uma camada de cera (DINIZ, 2016). Foi possível notar, através da observação etnográfica, que os diferentes tecidos utilizados e vendidos por muitos imigrantes africanos em São Paulo, de modo geral possuem em comum os seguintes aspectos: repetição de estampas geométricas, geralmente abstratas; mistura de cores e estampas contrastantes, em geral com menos de cinco cores primárias.

Parados em pé atrás de suas barracas, eles contrastam com o movimento quase constante de pessoas que, por trabalharem na região, se deslocam apressadamente pelo calçadão, muitas indo para ou saindo da Estação República de metrô, ou dos pontos de ônibus, ambos localizados na avenida Ipiranga. Em uma das barracas conheci uma senhora senegalesa de 60 anos, que se apresentou como “Mama”¹⁸³, dizendo ser conhecida assim por todos. Ela se destacava no dia cinzento com suas roupas coloridas: vestido e turbante em azul e amarelo. Durante a conversa que mantive com ela, diversas pessoas que passaram a cumprimentaram em francês – “*Ça va bien?*” (“Tudo bem?”), ao que ela respondia: “*Ça va!*” (“Tudo bem!”). Rapidamente foi possível perceber que ela era uma referência para outros imigrantes na região, que a tratavam com grande respeito. Em diversos momentos pude observar tratamento similar oferecido por senegaleses mais jovens a Fily, que era inclusive chamado por alguns como “pai” ou “tio”. Esta posição parece estar associada à diferença de idade: para os senegaleses, os mais velhos assumem uma posição de autoridade que deve ser respeitada, sendo responsáveis por aconselhar e chamar atenção em determinadas situações (ROBERTO, 2018).

Enquanto Mama segurava minha mão, me contou um pouco a respeito de sua história: chegou em São Paulo em 2007, tendo trabalhado por seis meses como faxineira e posteriormente iniciado a trabalhar na área que realmente gosta: passou a importar tecidos da África e confeccionar roupas e adereços para vendê-los em sua barraca. Com o tempo criou sua marca “Mama Nossa Cultura”, participou de desfiles e feiras, como a Feira Preta, e suas peças

¹⁸³ Posteriormente soube que seu nome é Diamou Fallou Diop e que também é conhecida como *Grand Mama* e *Mama África*.

exclusivas passaram a ganhar projeção, sendo inclusive usadas por reconhecidos artistas brasileiros, como os músicos Elza Soares, Liniker e Luedji Luna. Como próximo sonho, Mama confidenciou informalmente o desejo de ter uma loja para vender sua produção. Por dificuldades de agendamento, não chegamos a fazer uma entrevista propriamente dita, mas tive oportunidade de revê-la algumas vezes no curso da pesquisa.

A poucos metros do espaço de Mama está a barraca de uma de nossas entrevistadas, Khar (Fatou), que vende roupas, tecidos e acessórios, mas que, ao contrário de Mama, sonha em trabalhar com produção de comidas – segundo ela, posto de trabalho ocupado por grande parte das mulheres da comunidade senegalesa. Ainda assim, é interessante notar que, embora a maioria dos senegaleses que vivem na cidade sejam homens, nos diversos dias em que passei no entorno da Praça da República, parte significativa das barracas na região estava a cargo de mulheres. Khar contou que quando chegou haviam poucas mulheres trabalhando com vendas nas ruas, mas que com o tempo esta configuração mudou, pois, o trabalho ambulante traz maiores possibilidades de ganhos financeiros¹⁸⁴. Contou também que seu esposo trabalha com comércio ambulante na Lapa, e que ela tentou conseguir na prefeitura a autorização para ter um ponto, para também vender na região, mas não teve sucesso: “Eu procurei muito, muito na prefeitura pra pegar um ponto lá pra ficar, é muito difícil e quando eu vê moça que dá [o ponto], ela fala pra mim: ‘aqui não pode ficar sem pagar. Não pode ficar sem ponto’”. A solução foi trabalhar na rua Barão de Itapetininga, ao lado de outros senegaleses: “Aqui [arredores da Praça da República] a gente pode ficar, não tem problema, porque eles conhecem, eles sabe, faz muito tempo que gente da África fica aqui. Mas lá [Lapa] não é assim, lá não pode”.

Baba, em sua entrevista, também abordou este quadro, no qual o comércio, principalmente de rua, passa a ser o trabalho da maioria da comunidade. Ele encadeia essa atividade a uma marca que aponta como característica dos senegaleses em seu país, mas que, segundo ele, possui variações em outros lugares nos quais se estabelecem¹⁸⁵:

Então, Senegal é um país onde eu acho que 60% da economia vem do comércio. Então, a imigração senegalesa aqui no Brasil é um pouco específico. Por que? Os senegaleses que moram em Paris, que moram em Londres, Canadá... 90% são estudantes, eles vão pra estudar, depois se quiserem ficar também, vai ficar pra trabalhar no seu ramo, mas

¹⁸⁴ Segundo diversos senegaleses com quem pude conversar, a preferência por trabalhar como ambulantes ou camelôs e não em um emprego fixo também estaria ligada a uma possibilidade de maior independência neste tipo de trabalho, com uma liberdade de estabelecer seus próprios horários. Outros alegaram que trabalhar no comércio informal foi a única alternativa que encontraram em um contexto de crise.

¹⁸⁵ Assim como no Brasil, em Barcelona e Buenos Aires, a maioria dos imigrantes senegaleses trabalham como vendedores informais nas ruas das cidades. Mais informações a respeito podem ser obtidas no artigo de Jeremías Pérez Rabasa e Verónica Jaramillo Fonnegra (2019): *La Criminalización de la Migración y el Rol de las Empresas Transnacionales en los Países de Destino: el caso de los senegaleses en Barcelona y Buenos Aires*.

aqui no Brasil tipo é o inverso, 90% dos senegaleses que estão aqui no Brasil não têm formação, ou seja, são analfabetos. Eles estudaram o alcorão ou eles não têm estudo nenhum. E então, o que eles podem fazer? Vender, comprar as coisas no Brás, ou 25 de Março e vender na rua, porque a língua vai ser uma barragem pra eles terem o trabalho que eles querem realmente, então o que sobra pra eles vai ser o trabalho pesado que eles não vão querer ou algumas coisas que eles não vão aceitar de trabalhar, de fazer, aí por isso eles preferem trabalhar com vendedor da rua ou feirista. E a outra parte são aqueles que têm restaurante aqui no centro ou loja pra vender roupas, então é isso, isso que eu conheço que pessoas tão fazendo.

É interessante observarmos a configuração citada por Baba, em comparação com as realidades vividas pelos entrevistados: apenas Fily, Baba, João e Amath não trabalham vendendo roupas ou em restaurantes – Fily atualmente dá aulas de francês, Baba possui uma agência de viagem, João realiza a sonorização de eventos e Amath trabalha como representante da Associação dos Senegaleses e com importação. Todos os quatro tiveram a possibilidade de estudos acadêmicos, realizados dentro e fora do país, de modo a conseguir melhores oportunidades laborais. Aziz, Ibrahima, Moustapha e Kunta realizam trabalhos artísticos remunerados, mas estes nem sempre são constantes, sendo necessária a realização de outros tipos de trabalhos para sobreviver¹⁸⁶. Moustapha, Kunta e Aziz declararam trabalhar com comércio – Aziz na região do Brás, local onde muitos outros conterrâneos realizam o mesmo tipo de atividade. Embora Ibrahima não tenha relatado a realização de outros tipos de trabalho, – não artísticos – alguns meses depois da entrevista, em uma das caminhadas pela região central, encontrei-o trabalhando em um restaurante senegalês¹⁸⁷. Khar e Ousmane declararam atualmente trabalhar exclusivamente com venda de roupas, acessórios e tecidos.

Ainda assim, é necessário observar que os dados também são produto das condições objetivas nas quais o pesquisador ou pesquisadora e os participantes da pesquisa se encontram,

¹⁸⁶ Aziz Mbaye falou a respeito da inconstância de trabalho para os artistas senegaleses que vivem em São Paulo: “Nós tá trabalhando, nós precisa de ajuda mesmo. Ele [aponta Ibrahima Sarr] tem problema de pagar aluguel, eu tem problema de pagar aluguel, ele [aponta Moustapha Dieng] tem problema de pagar aluguel. Se prefeitura conseguir abrir coisa que eles vão conseguir dar aula, que vai ganhar um dinheiro por mês, que vai ter certeza que vai conseguir fazer isso, isso e isso, mas nós não têm isso. A gente tem show, tem que guardar, as vezes a gente fica um mês sem show, dois meses. Tem que comer, tem que pagar aluguel..., por isso se você tem oportunidade de falar pra eles [Prefeitura de São Paulo], nós quer muito ajuda deles, ganhar uma coisa que ele vai conseguir guardar, pagar aluguel, mandar pra família, se eles dão essa oportunidade vai ser bom pra nós mesmo, tamos pedindo essa ajuda pra eles. Qualquer lugar a gente foi a gente não representa Senegal, não representa Brasil, a gente representa São Paulo. Você vai num lugar entra lá eles fala: “Seneáfrica de São Paulo”, a gente tá defendendo as cores do Brasil, de São Paulo, a gente tamo fazendo isso, igual eu te fala: a gente tá fazendo um projeto com brasileiro dentro, não é africano mais, é de São Paulo. Ele precisa de ajuda de prefeitura, eles não precisa de ganhar R\$ 100 mil, depois comeu tudo e acabou. Precisa colocar eles num lugar que eles vão conseguir pegar alguma coisa pra fazer. É melhor ensinar de pescar do que de dar o peixe, se eu não tá aqui como você vai fazer? Não quero ajuda em dinheiro, mas ajuda pra ter coisa pra fazer, se você tem a oportunidade de falar isso pra eles vai ser bom pra nós”.

¹⁸⁷ Posteriormente soube que Ibrahima Sarr mudou-se de São Paulo, em busca de outras oportunidades de trabalho. Não consegui identificar em qual cidade do Brasil Ibrahima se encontra atualmente.

não devendo ser transportados para a comunidade como um todo, mas entendidos como um recorte. As circunstâncias – quem pôde participar da pesquisa e o fato de que os entrevistados em grande parte foram indicados por outros entrevistados – impactam os resultados encontrados. As numerosas indicações de Fily colaboraram, por exemplo, para que muitos dos entrevistados tivessem uma atuação artística – Fily possui uma conexão forte com este mundo, sendo ele próprio um músico e também tendo uma filha dançarina. Do mesmo modo, não por acaso as entrevistas mais longas e mais aprofundadas foram dadas pelos senegaleses com maior domínio do português, Fily e João, os mais velhos entre os entrevistados e que vivem há mais tempo no Brasil. Ambos também não trabalham com comércio e possuem formação superior; ademais, João se identifica como católico. Talvez, por todas estas questões que os diferenciam em alguns aspectos da maioria dos imigrantes senegaleses que vivem na cidade, trouxeram falas por vezes mais analíticas do que dos outros entrevistados, muitas vezes se referindo mais a um “eles” do que um “nós”, reforçando a ideia de acreditarem possuir um distanciamento da realidade vivida pela comunidade.

Em relação à importância do trabalho para a comunidade que vive em São Paulo, João relatou que, muitas vezes este vai além de uma necessidade de sobrevivência pessoal, sendo de grande importância para os parentes que ficaram no Senegal:

Eles buscam sobreviver, mas eles buscam também meios de ganhar recursos para também mandar ajuda aos familiares. Você tem em Senegal uma população jovem, mais de 50% da população tem uma faixa etária de 20 anos. Nós temos muitos problemas de oferta de oportunidade para a população jovem, e jovem você sabe como ele é, quando chega a um lugar e não se adapta, pula o barco e vai para outro lugar, isso é normal, isso é natural. Então aqui eles encontraram essa possibilidade de trabalhar, lógico as vezes até dentro da informalidade, mas conheço bastantes que estão na formalidade e que justamente tem essa principal meta que é ajudar os familiares lá.

Aziz também abordou em sua entrevista o fato de que o trabalho duro desenvolvido pela maioria dos conterrâneos que residem em São Paulo, em grande parte está associado com a necessidade de contribuir com os familiares. Ele mesmo envia dinheiro para seus quatro filhos que estão no Senegal. Esta configuração foi reforçada em muitos outros diálogos que pude estabelecer com senegaleses, inclusive entrevistados nesta pesquisa. Segundo Omar Mourid, vice-presidente da Associação dos Senegaleses de Porto Alegre, “Se não conseguirmos enviar [dinheiro aos familiares], não adianta ficar aqui”. Não é à toa que segundo dados do Banco Mundial, no ano de 2017, cerca de 10% do Produto Interno Bruto do Senegal foi composto pelas remessas enviadas pelos migrantes (FOGLIATTO, 2019).

Em um contexto de crescentes desigualdades sociais e econômicas entre os países, o envio de remessas não se restringe aos senegaleses, constituindo-se como uma prática de imigrantes de distintas nacionalidades, conforme abordado em diversos estudos. Não por acaso, contribui fortemente para o desenvolvimento de seus lugares de origem, sendo para alguns países em desenvolvimento, o fluxo de financiamento externo que possui maior dimensão. Mas, diferentemente de outros fluxos de financiamento externo, as remessas possuem maior previsibilidade e estabilidade, beneficiando diretamente as famílias e sendo utilizadas em suas despesas cotidianas (TOLENTINO et al., 2011).

Mais do que uma ajuda, Aziz compreende a remessa de valores para os familiares senegaleses como uma responsabilidade, como uma espécie de função atrelada ao cumprimento das obrigações familiares. Um senegalês, diz Aziz, “não tá trabalhando só pra ele”:

A gente não tá aqui pra trabalho só pra nós, eles não tá aqui pra trabalho só pra eles, a gente tá aqui pra trabalho pra uma cidade inteiro, não vou falar só pra uma família. Tem dia que a gente acorda e não tem nenhum dinheiro pra comprar café da manhã, mas do Senegal eles te ligam, e falam: “Ibrahima, não tem dinheiro pra pagar o aluguel”, porque eles acham que quando sai do Senegal aqui é melhor. Vou falar a verdade, aqui é melhor, aqui é bom pra viver quando você tem dinheiro. Quem fala que lá é melhor do que aqui tá mentindo, se lá tava melhor a gente ficava lá [...] quando tem um problema no Senegal eles acham que você precisa, que você me ajuda nisso, mesmo se você guarda R\$ 100 pra comer esse mês, você vai mandar pra ele. Tem que trabalhar 24 horas, não é fácil... Passa o dia inteiro pra tocar, dança não é fácil, dá aula aqui, dá aula lá... Se fosse só pra eu, tem um queijo, tem um almoço de R\$ 10, mas a gente cansa pra ajudar a família – todo mundo tá esperando nós, todo mundo precisa de ajuda de você. Por isso não é fácil, tem que pagar seu aluguel, pagar as coisas pra comer, depois ajudar no Senegal, guarda um pouquinho de dinheiro se você conseguir ir no Senegal, porque passagem pro Senegal - Brasil é R\$ 5 mil, depois compra presente pra mãe, compra presente pra pai, prima, primo, compra presente. Porque quando nós éramos criança eles que tavam viajando primeiro [compravam], agora é responsabilidade de nós fazer isso de novo. Por isso senegalês trabalha 24 horas e não pode trabalhar com coisa errada.

Ainda que esteja em curso no mundo uma ampliação do número de mulheres que migram¹⁸⁸ para diferentes países do mundo¹⁸⁹, é possível observar que este processo não acontece de modo equânime em todos os continentes ou países, dependendo em grande parte de fatores culturais, como tradições familiares e crenças religiosas. Em sociedades tradicionais, o patriarcado – ademais de afetar uma série de interações sociais e familiares – afeta de maneira abrangente a participação feminina na tomada de decisões, assim como o papel que lhes é

¹⁸⁸ Segundo Hania Zlotnik (2005) embora o crescimento total do número de mulheres migrantes nas últimas décadas seja constante, este ainda é bastante pequeno. De 1960 a 2005 este crescimento foi inferior a 3 pontos percentuais (de 46,8%, em 1960, para 49,6%, em 2005).

¹⁸⁹ Atualmente um pouco menos de metade da população migrante do mundo é composta por mulheres (INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION, 2017).

destinado em relação ao cuidado da família, afetando também a possibilidade de migração das mesmas. Na África Ocidental, de modo geral, há um forte aspecto de gênero na migração, sendo esta muitas vezes realizada por homens, existindo inclusive em alguns casos, uma pressão pela migração de filhos e cônjuges, de modo que possam, a partir do exterior, enviar remessas que contribuam para o sustento das famílias. (INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION, 2017).

Na região do Senegâmbia a migração é assumida como uma estratégia familiar, tanto que comumente as famílias, entre seus membros, reúnem um recurso e o investem na cobertura dos gastos iniciais que possibilitem a migração de um dos jovens da família (KAPLAN, 2003). A mobilidade espacial deste modo, configura-se como uma possibilidade de mobilidade social. A fala de Aziz – de que um senegalês “não tá trabalhando só pra ele” – adquire, assim um aspecto moral, assumindo também o sentido mais prosaico de uma espécie de retorno antecipado a partir de um investimento. Omar Mourid, vice-presidente da Associação dos Senegaleses de Porto Alegre, parece confirmar em sua entrevista a Débora Fogliatto (2019), a razão para aquilo que tão facilmente pode ser observado nas ruas de São Paulo: a significativa diferença numérica entre a presença masculina e feminina na cidade, apesar da população do Senegal ser composta praticamente pela mesma porcentagem de homens e mulheres. A Agência Nacional de Estatística e Demografia do Senegal estima que a população total em 2020 é composta por 16.705.608 pessoas, das quais, 8.391.358 são mulheres e 8.314.250 são homens (SENEGAL, 2020). Diz Omar:

Algumas mulheres vêm, acompanhar os maridos ou não. Mas a gente não tem o costume de viajar com a família inteira, temos uma cultura diferente nesse sentido. Por exemplo, se o homem é casado, a mulher deve cuidar das crianças e o homem dá o sustento da casa. Elas podem trabalhar, não quer dizer que não trabalhem. Mas são responsáveis pela casa, e muitas preferem ficar em casa. Então homens migram e elas permanecem cuidando da família.

A participação limitada de mulheres na presente investigação – decorrente da própria realidade a que se faz referência e em de dificuldades intrínsecas à metodologia, que já foram detalhadas – lamentavelmente não permitiu a exploração dessas interpretações, atreladas a diferenças de gênero, por meio das narrativas. Este é, no entanto, um interessante foco de trabalho que poderá ser explorado no futuro.

A presença principalmente de jovens senegaleses na cidade, sendo poucas vezes observada a presença de senegaleses com mais idade, também pode ser compreendida a partir de aspectos culturais. Aos 18 anos, o jovem filho passa a assumir a responsabilidade de cuidar

da família. Ademais, geralmente os mais jovens são os enviados pelas famílias a outros países pois sua força de trabalho possibilitaria maiores rendimentos, de modo a auxiliar os parentes que ficam no país de origem (KLEIDERMACHER, 2013). É o que Ousmane, em sua entrevista, aborda:

Se lá no Senegal você nasce, se tem 18 anos, fica de homem. Antes que eu tenha 20 anos eu fiquei com toda a responsabilidade do meu casa. Meu pai não fazer nada, meu mãe também não fazer nada. Pai trabalha, guarda dinheiro, mãe guarda dinheiro também. Eu que toma tudo a responsabilidade, eu que compra roupa para eles, paga comida, paga tudo de casa, é diferente. Então se você fazer 18 anos, com a sua luta, luta a sua vida, então cuidar da vida de família também. É a responsabilidade.

Kunta ressaltou em sua entrevista o fato de que o foco dos senegaleses que residem em São Paulo é o trabalho, diante das dificuldades econômicas existentes e da falta de empregos no Senegal. No entanto, em uma via de mão dupla, para Kunta os imigrantes também acabam por contribuir com o Brasil nesse processo: “A maioria é trabalhador, trabalhador mesmo, trabalha sete dias por sete e está contribuindo também eu acho para a economia deste país. Tá pagando aluguel, pagando imposto, as coisas”. Com sua fala, Kunta acaba por contrastar o estigma do migrante como um parasita social com uma interpretação do migrante como alguém que contribui com a sociedade em que se insere – a contribuição, não apenas econômica, mas cultural e social, é reforçada por diversos autores, como Luiz Paulo Teles Barreto (2007), ex presidente do Comitê Nacional para os Refugiados. A fala de Kunta surge como uma sinalização da necessidade de reconhecimento subjetivo e social, que possibilite a legitimação de si próprio, e dos outros senegaleses como indivíduos e como grupo.

Esta perspectiva de enfrentamento de preconceitos e por vezes de invisibilidade é reforçada por Aziz, ao falar da realidade de quem trabalha com comércio informal nas ruas, uma realidade que pode passar por situações de grande violência. Em contrapartida, Aziz relata momentos de expressões de afeto e solidariedade por parte de outras pessoas que se encontram em uma situação de vulnerabilidade na cidade, as pessoas em situação de rua:

Aqui no Brasil morador de rua [é] que gosta mais de nós. Se você está trabalhando e aconteceu um problema com a polícia eles vêm pegar a sua mercadoria e morador de rua que ajuda nós mais. Eu pode jurar isso pela cabeça de minha mãe, eles que amam nós mais aqui no Brasil. Mesmo se tá chovendo, lá que eles tá, em um lugar que eles fica, eles fala: “vamos fazer isso agora, não pode você voltar”. Eles falam: “oi irmão, tudo bem?”. Eles dá abraço, eles chama nós de irmão. Eles que são mais amigos de nós. Nós também ajuda eles. Eu quero comer, a gente não tem nada, mas o pouquinho que nós têm, nós leva no restaurante pra comer junto. Acho que essas coisas também eles amam nós mais.

Àqueles a quem o reconhecimento é muitas vezes negado, com uma exclusão de direitos, com precário acesso à justiça, com a não valorização de seu modo de vida ou ausência de estima social, só resta a ancoragem mútua. Diante de um maquinário estatal que promove a exclusão, os que menos têm se apoiam estabelecendo relações que contribuem para o acolhimento – embora este processo seja permeado por dificuldades.

Ouvi de muitos senegaleses com os quais conversei, reclamações sobre violentas ações da fiscalização e policiamento, realizadas principalmente na região do Brás e da rua 25 de Março. Por vezes presenciei o grito de “olha o rapa¹⁹⁰!” e em seguida os vendedores correndo assustados com suas mercadorias. Também existem diversos relatos de confrontos diretos entre policiais e vendedores, que tentam evitar o confisco de seus produtos. Pude observar também em algumas outras ruas centrais ações mais amenas. Nelas os policiais se aproximavam lentamente dos locais ocupados pelos vendedores ambulantes – dentre os quais os senegaleses, de modo que os mesmos pudessem sair com suas mercadorias a tempo, antes da fiscalização os alcançar. Um tempo após a passagem dos policiais, os vendedores retornavam aos locais prévios. Estas observações foram reforçadas em entrevista de um camelô senegalês a Bruno Ribeiro (2018), do jornal O Estado de S. Paulo: “Tem o ‘polícia’ gente boa, que chega devagar, avisa que vai passar, para o pessoal recolher tudo e ir embora. Tem policial que é folgado, chega brigando, xingando”. Outra hipótese levantada pela reportagem é de que a redução da velocidade do passo dos policiais ocorreria quando estes estão em desvantagem numérica, buscando evitar um confronto com os vendedores.

Segundo o atual prefeito de São Paulo, Bruno Covas¹⁹¹, as ações de fiscalização são realizadas por agentes fiscais em conjunto com a Guarda Civil Metropolitana (GCM) e a Polícia Militar. A participação da Polícia Militar acontece por meio da Operação Delegada, convênio estabelecido entre a prefeitura e o governo do Estado de São Paulo, por meio do qual o município paga para que policiais militares trabalhem durante suas folgas na repressão ao comércio irregular de ambulantes nas ruas da capital (RIBEIRO, 2018).

Através de situações de observação foi possível perceber que os senegaleses além de viverem próximos uns aos outros na região central, geralmente estabelecem pontos fixos de venda, trabalhando como camelôs com suas barracas localizadas ao lado de outros senegaleses. Isso se dá mesmo quando vendem produtos similares, o que sugere que eles se constituem como um grupo que se apoia e protege – que, ao menos dentro de uma situação de vulnerabilidade

¹⁹⁰ Termo usado como sinônimo da chegada de fiscalização/policiais.

¹⁹¹ Prefeito de São Paulo entre 2018 e 2020, pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB).

em um país que não é o seu, se baseia mais nos laços de proteção mútua do que de competição e concorrência. A Praça da República, e adjacências, não é o único local na cidade em que podem ser encontrados senegaleses trabalhando nas ruas. Os bairros do Brás, Lapa, Luz¹⁹², Mooca, Capão Redondo, entre muitos outros, também são espaços de trabalho – em geral bairros com grande movimentação diante do fácil acesso às estações de trem e metrô. Ainda assim, o centro se constitui como uma referência, escolhida também para o comércio em função do grande fluxo de pessoas. João falou um pouco a respeito desta diversidade de locais utilizados como pontos de venda pelos senegaleses.

Nós temos aqui no centro de São Paulo, ali na praça da República, no Brás, tem em outros municípios, tem no ABC, tem no litoral, até no Sul do Brasil tem. Então o senegalês, ele é de rua, ele gosta dessa coisa de, – como diz em francês – *Côtoie*, quer dizer, se aproximar das pessoas, porque ele tem que vender para sobreviver. A principal atividade da maioria desse pessoal é isso: é o comércio de arte, de bugigangas que hoje todo mundo vê. Então eles estão na rua, na zona norte, na zona sul, na zona leste. Aonde você vai, você vai encontrar senegaleses andando pela rua, tentando tirar o ganha-pão.

Uma rua que também possui grande importância para os senegaleses que trabalham com comércio, seja este formal ou informal em São Paulo¹⁹³, é a rua 25 de Março. Nela, considerada o maior centro comercial da América Latina, as mercadorias revendidas pelos senegaleses podem ser compradas por preços mais acessíveis do que em outros locais da cidade, de modo a possibilitar maiores lucros com a revenda desses produtos. Segundo Simone Assis Alves Roberto (2018) estas mercadorias são compradas pelos senegaleses com notas fiscais. Deste modo, a situação de irregularidade a que por vezes são acusados não estaria ligada aos produtos, mas à venda em locais não autorizados pela prefeitura municipal. Não são incomuns, entretanto, outras narrativas, que alegam que os materiais comercializados possuem origem duvidosa, se tratando muitas vezes de produtos falsos¹⁹⁴. Quiçá, mais importante do que a fronteira que separa o formal do informal, o legal do ilegal, seja uma lógica capitalista que acaba por criar, em muitas cidades do Brasil e do mundo, reduzidas e precárias oportunidades laborais para

¹⁹² No bairro da Luz também conhecido como Santa Ifigênia, local no qual residem atualmente, os senegaleses podem ser encontrados principalmente próximo à estação de metrô e trem. Eles expõem suas mercadorias, principalmente tênis, calças, blusas e relógios, em cima de caixas de papelão ou em pedaços de lonas. As lonas, com cordões para fechamento, facilitam a rápida retirada no caso da chegada de fiscalização.

¹⁹³ Esta rua é não apenas referência para os imigrantes que vivem em São Paulo, mas também para os que residem em outras cidades e estados do Brasil. Muitos viajam periodicamente para São Paulo para comprar mercadorias na rua 25 de Março e então retornam para as cidades onde vivem e trabalham (ROBERTO, 2018).

¹⁹⁴ Em muitas matérias esta perspectiva é citada por entrevistados, geralmente lojistas e alguns representantes do poder público, como pode ser visto em: *Vida ambulante* (THOMÉ, 2017) e *Aumenta nº de imigrantes no comércio irregular; conflitos crescem no Brás* (RIBEIRO, 2018).

muitos trabalhadores, que precisam se submeter às condições existentes para sobreviver. Esta configuração, que gera entre outras atividades informais, o trabalho do camelô, acaba por incidir nos espaços públicos. As culturas dos senegaleses, seus contextos econômicos, as redes que constituem, também impactam diretamente em seus trabalhos e relações com os espaços da cidade, conforme pudemos ver.

5.1.3 Equipamentos culturais e parques

Os imigrantes senegaleses utilizam os equipamentos culturais da cidade? As respostas dos entrevistados trazem um vislumbre do quanto os equipamentos culturais de São Paulo estão longe ou próximos da comunidade senegalesa. Khar disse ter ido a dois espaços culturais – mas para participar de feiras vendendo seus produtos: o Espaço Cultural Lélia Abramo¹⁹⁵, mantido pelo Sindicato dos Bancários e Financieiros de São Paulo, Osasco e Região (SINDICATO DOS BANCÁRIOS, 2020), e a Casa de Cultura Ipiranga – Chico Science¹⁹⁶, um espaço municipal, de utilização gratuita, que em suas redes sociais afirma ter como foco a realização de ações afirmativas para a população local (CASA DE CULTURA CHICO SCIENCE, [entre 2010 e 2020]). Porém, embora o foco da aproximação tenha inicialmente sido comercial, Khar conta como pôde assistir um pouco das apresentações culturais:

[O Espaço Cultural Lélia Abramo] é perto da Bela Vista, metrô Brigadeiro. Fui lá duas vezes, porque eu conheço uma mulher que trabalha lá no Sindicato com gente da banca e prefeitura [...] Ela organizou uma feira lá, eu fui lá pra vender. Porque ela falou pra gente: “a gente vai ajudar você. Você vem e vende e depois de vender a gente vai tirar 15%”. [...] E quando eu foi aqui na Precon, feira de prefeitura, não paga nada, lá é grátis. A gente ajuda a gente. Eu fui lá e tem outra lá no Centro Cultural Ipiranga. Eu conheço uma amiga que me convidou lá e fui e ficou muito legal também, eu conheci a cultura dela, a dança do brasileiro lá. Foi o dia da Independência de Angola e eles trazem o artista de Angola. Tem muito coisa, ficou muito legal. Eu fui trabalhar, ela me convidou pra fazer como expositora com o meu esposo pra vender.

Do mesmo modo, a relação que, Aziz, Moutapha e Ibrahima possuem com espaços culturais, é prioritariamente relacionada ao trabalho, e não à fruição: devem-se aos shows que fazem com o grupo Höröyá, com seu próprio grupo, o Seneáfrica, e às aulas que realizam de dança e percussão. Essas atividades lhes possibilitaram conhecer diversos equipamentos culturais da cidade de São Paulo. Entre os locais em que principalmente dão aulas, citaram o

¹⁹⁵ Localizado na região central de São Paulo.

¹⁹⁶ Localizada na zona sul de São Paulo.

Espaço Cultural Cachuera, espaço localizado em Perdizes¹⁹⁷. Moustapha, Ibrahima e Aziz também relataram terem desenvolvido um trabalho com o Teatro Oficina Uzyna Uzona – mais conhecido como Teatro Oficina – localizado no bairro do Bixiga¹⁹⁸. Em sua página em uma rede social, o importante Teatro Oficina é definido como um lugar de produção de arte e conhecimento que possui como linha estética a antropofagia, norteando as peças teatrais e as demais ações do grupo de mesmo nome. Para tal, desenvolve processos de co-criação entre artistas, misturando em seus ritos teatrais diversas expressões artísticas, como música, artes plásticas, vídeo e dança (TEATRO OFICINA, [entre 2016 e 2020]). Os três realizaram no ano de 2018, a preparação corporal e musical de elenco para o espetáculo Roda Viva, com direção do famoso diretor teatral Zé Celso Martinez Correa. Neste espetáculo, Ibrahima assumiu também como coreógrafo.

Aziz relatou a ampla aproximação que os três possuem com as unidades do Serviço Social do Comércio (SESC), entidade privada, mantida por empresários do comércio, bens, turismo e serviços. Tendo como objetivo proporcionar o bem-estar e a qualidade de vida aos trabalhadores destes setores e seus familiares, o SESC realiza atividades culturais e de lazer, gratuitas e pagas que podem ser acessadas pela população em geral (SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO, 2020). Aziz evidencia a importância dessa rede de equipamentos culturais para a sobrevivência profissional dos colegas:

Se tem dez, eles [se refere a Moustapha e Ibrahima] participou em oito. Eles não sabe o nome dos lugar que eles foi, mas eles tocou. Eles viajam muito pra dar aula. Ele já participou Sesc de Vila Madalena, de Vila Matilde, Teatro Oficina, Sesc Pompeia, Sesc de Pinheiros, na Barra Funda tem um, eu não sabe o nome... A gente tocou em tudo os SESC em São Paulo! Aqui mesmo [Sesc 24 de Maio] a gente tocou no ano passado, lá em cima.

Kunta também relatou possuir uma estreita relação com o SESC, tendo tocado em algumas de suas unidades e inclusive feito o lançamento de seu último disco na unidade do Sesc Belenzinho. No Sesc Pinheiros, contou ter feito a produção do Sarau Senegal em janeiro de 2019, com a participação da Conexão Diáspora, banda da qual Kunta faz parte, sendo formada por artistas da Colômbia, Brasil, Estados Unidos e Senegal. Relatou também que esta banda tocou com ‘casa cheia’ no Aparelha Luzia, local privado que se define como espaço cultural e quilombo urbano, com produção artística e política de pessoas negras. No local são promovidas festas, shows, cursos, exposições e debates, algumas destas atividades com entrada gratuita

¹⁹⁷ Bairro situado na zona oeste de São Paulo.

¹⁹⁸ Bairro situado na zona central de São Paulo.

(APARELHA LUZIA, [entre 2015 e 2020]). Tocou também no Centro Cultural Olido, espaço municipal localizado no centro da cidade, que integra em suas atividades música, dança, artes, cinema, exposições, palestras, shows e literatura, sendo a maioria com entrada gratuita (CENTRO CULTURAL OLIDO, [entre 2015 e 2020]). A Casa das Rosas – Espaço Haroldo de Campos de Poesia e Literatura, na Avenida Paulista, é um espaço público gerido por uma organização social, e foi um dos espaços citados por Kunta. Ali, ele realizou a produção do Dia da Consciência Negra em novembro de 2018, com a participação de diversos artistas senegaleses, inclusive de sua banda.

Kunta elogiou as Fábricas de Cultura, espaço público estadual, com diversas unidades localizadas na periferia da cidade de São Paulo, onde são realizadas atividades culturais gratuitas, como cursos de iniciação artística, shows, espetáculos de teatro, dança e circo, palestras, oficinas e exposições. As unidades – geridas por organizações sociais – contam com bibliotecas, espaço para estudo com acesso à internet, estúdios de gravação e captação de áudio (SÃO PAULO, [entre 2017 e 2020]). Segundo Kunta: “gente me chama em algum lugar, eu vou e toco pra gente”. Ele destacou, entre os espaços em que não tocou mas que acessou como público e gostou, o Itaú Cultural, centro cultural localizado na avenida Paulista, que funciona com entrada gratuita¹⁹⁹ (ITAU CULTURAL, 2020).

Amath e Baba relataram um outro tipo de relação com os espaços culturais da cidade. Para eles estes espaços constituem-se como espaços de fruição e aprendizagem, superando seus usos como locais para trabalho. Baba contou frequentar eventualmente a Biblioteca Mário de Andrade, localizada no centro de São Paulo, para leitura. Disse desejar conhecer o Museu Afro Brasil, localizado no Parque Ibirapuera – região sul da cidade, afirmando sugestivamente: “quero ir lá pra conhecer o que eles pensam da cultura africana, o que eles sabe”. Disse também que gostaria de conhecer os museus localizados no bairro da Luz, centro de São Paulo, sem nomeá-los particularmente. Concentrados ali estão a Pinacoteca de São Paulo, a Estação Pinacoteca e o Museu de Arte Sacra de São Paulo, além do Museu da Língua Portuguesa, fechado desde 2015 em função de um incêndio que destruiu toda a sua estrutura. Amath relatou conhecer uma série de equipamentos culturais da cidade e frequentá-los com uma certa constância. Disse também desejar conhecer um “antigo espaço que era um presídio” sobre o

¹⁹⁹ O Itaú Cultural se define como “uma organização voltada para a pesquisa e a produção de conteúdo e para o mapeamento, o incentivo e a difusão de manifestações artístico-intelectuais”. Além de exposições, cursos, apresentações culturais diversas, a organização promove prêmios voltados para os artistas nacionais funciona de terça a domingo (ITAU CULTURAL, 2020).

qual uma amiga teria comentado. Perguntei se seria o Memorial da Resistência, e Amath disse acreditar que sim.

Outra coisa que eu gosto muito do Brasil, que eu amo, é a literatura, a arte. [Eu] já foi no Museu Afro Brasileiro, Biblioteca Mário de Andrade, gosto muito de passa o tempo [risos], Ibirapuera que talvez uma vez por mês, duas vezes a gente vai lá visitar, coisa bem interessante. Centro Cultural [Banco] do Brasil, a gente foi. Eu tenho uma amiga, [...] que me ajudou a conhecer vários lugares do Brasil [...] O Museu da Língua Portuguesa, a Pinacoteca, todos esses lugares a gente já foi. Pra eu, eu sempre falei isso, aprender a língua portuguesa não é só falar as palavras, é conhecer a cultura, conhecer o país onde você tá morando, as realidade, qual é a cultura, quais são as pessoas que participou nesse conjunto do Brasil, quais são as referências do Brasil, tudo isso a gente tem que estudar, tem que saber. O Museu Afro Brasil foi o lugar que atraiu mais minha atenção, porque lá você vê essa questão da realidade, da diversidade do Brasil [...] é bem retratada essa questão da escravidão, que talvez a gente esquece que faz parte da história, que a gente precisa debater sobre esse assunto porque história não é pra esconder, é pra ajuda pra conscientizar as pessoas. Então foi o lugar que ativou mais minha atenção. Eu tenho um amigo também que é senegalês que participou [...] da construção do museu, porque ele trabalha com arte, ele mora no Brasil há mais de 25 anos. Então ele participou na identificação de algumas peças de artesanato. Também outra coisa importante que ele me falou foi que o próprio presidente do Senegal da época foi lá e visitou o museu.

O Museu Afro Brasil²⁰⁰, local destacado por Amath, é uma instituição pública, sendo subordinado à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo e administrado por uma OS, a Associação Museu Afro Brasil - Organização Social de Cultura. Em sua página *web*, ressalta que o museu²⁰¹ “destaca a perspectiva africana na formação do patrimônio, identidade e cultura brasileira, celebrando a Memória, História e a Arte Brasileira e a Afro Brasileira” (SÃO PAULO, 2020b). A Biblioteca Mario de Andrade, visitada tanto por Amath, quanto por Baba, é a maior biblioteca pública da cidade, sendo gerida pela Secretaria Municipal de Cultura da Prefeitura da Cidade de São Paulo. A entrada é gratuita e os horários de funcionamento variam de acordo com o espaço da biblioteca a ser visitado²⁰² (SÃO PAULO, 2019b).

João disse que já frequentou bastantes espaços de cultura mas que hoje vai apenas eventualmente a estes espaços para levar seus filhos pequenos. Os locais para onde os leva são principalmente o CCJ, Centro Cultural da Juventude, localizado na Brasilândia, e unidades das Fábricas de Cultura, local em que já trabalhou desenvolvendo projetos que ocorriam nas escolas da periferia. Ele sinaliza para uma barreira simbólica no acesso a esses espaços, nem sempre

²⁰⁰ Localizado na zona sul de São Paulo.

²⁰¹ O museu funciona de terça-feira a domingo, das 10 horas às 17 horas. A entrada custa R\$ 15 inteira e R\$ 7,50 a meia, com gratuidade aos sábados (SÃO PAULO, 2020b).

²⁰² A Sala de Estudos e Sala de Convivência, por exemplo, funciona de segunda a sexta, das 8h às 21h30 e aos sábados, domingos e feriados, das 8h às 19h30 (SÃO PAULO, 2019).

considerados pelas políticas culturais. João nos mostra como iniciativas como a gratuidade, por exemplo, não são eficazes por si mesmas na democratização do acesso a espaços de cultura:

Quando eu trabalhei nas Fábricas de Cultura, eu percebi que, como eu moro na periferia também, o jovem negro na periferia, vê aquilo como acesso proibido, porque não é da cultura dele [...] porque a gente sabe que aquilo que você não conhece você tem medo, você tem receio, você não quer nem tocar. Então primeiro a gente tem que ter equipamentos que, antes de mais nada, deixam a pessoa a vontade. Acho que é um desafio sim, mas para você entender e compreender e vencer esse desafio, você tem que se infiltrar. Uma vez eu escrevi um projeto para Fábricas de Cultura e falei pra eles: "você reclamam que não pode tocar *funk* nesses eventos que a gente faz, mas o *funk* é a realidade da juventude da periferia, porque não se lança um desafio de *funk* sem palavra? é da periferia! Claudinho e Buchecha, que são os precursores, eles não faziam *funk* assim. Por que não se lança um desafio assim? De repente a gente pode até se surpreender, é uma forma de vocês também abrirem as portas [...] os equipamentos existem, mas não há uma política de absorção dessa população de baixa renda, de periferia, para lotar estes espaços [...] o povo tem medo. Então sobre esses equipamentos eu acho que devem ser repensados, se repensar a forma da população ter acesso a isso. [...] a última exposição da Tarsila [do Amaral] no Masp, eu acho um absurdo você ficar seis horas, sete horas em uma fila pra você ver uma exposição de arte. Eu acho um absurdo, é inexplicável. Então tem que se pensar em formas de você corrigir isso, num plano de marketing [...] Por que o Masp não é cheio assim o ano inteiro? Por que a Biblioteca Mário de Andrade não é cheia assim o ano inteiro? Por que o Teatro Municipal está vazio? [...] O Anhangabaú agora está sendo reformado, mas passou muitos anos sem ter eventos corriqueiros. Houve uma época em São Paulo onde aconteciam muitos eventos gratuitos culturais no vão do Anhangabaú, se não me engano era na época do Paulo Maluf, toda sexta-feira uma banda ia tocar [...] As praças públicas não são mais fomentadas, por isso que elas têm problemas de conservação: as pessoas vão para dormir, porque ela não tem uma ocupação como se deveria ter. São equipamentos que eu acho que os gestores precisam repensar a forma de trazer o público pra lá.

Apesar da subutilização de praças e parques com atividades que promovam uma maior utilização e apropriação dos mesmos, é interessante observar que eventos tradicionalmente realizados em locais abertos no Senegal, como o Grande Magal Touba, são geralmente realizados em locais fechados, em São Paulo. João diz que há um interesse da comunidade em realizar eventos em locais abertos que possibilitem uma maior troca com os outros moradores da cidade, mas que pouco espaço é dado à comunidade senegalesa para a realização deste tipo de atividade. Para João existem motivos que fazem com que esta configuração exista em relação aos imigrantes africanos: uma tentativa de negação e apagamento cultural, somada a interesses econômicos que sobrepujam outras perspectivas mais humanas de cidade.

Uma coisa que eu posso dizer sobre espaços públicos, eventos públicos geralmente em São Paulo, é a questão da cultura. Hoje em dia o que a gente vive é o sucateamento da cultura, não só em São Paulo, onde é pior, mas a nível Brasil, eu faço uma comparação com tudo do que eu sei sobre a Europa. O europeu valoriza muito a cultura, muito, mas muito, ao passo de a cada verão inventarem festivais fazerem coisas que realmente

reúnem o povo em praças públicas, coisas que aqui em São Paulo infelizmente está desaparecendo, por várias razões. [...] [E] muito mais da cultura negra, porque a gente vê que outros povos têm suas manifestações culturais na rua – mas ainda aí a gente entra um pouco do lado do preconceito: a cultura negra africana brasileira ainda gera muito desconforto. Então por isso que hoje em dia você vê muito menos presença desses eventos em praças públicas, do que por exemplo festival de Nossa Senhora de Achiropita, outras coisas que vão e levam muito mais investimento e retorno financeiro – porque você vende, você tem uma troca – do que eventos onde realmente o africano [está]. E isso que eu acho que as pessoas precisam entender: não é que o africano não dá lucro, é que a nossa forma de vida é que é diferente. Eu vou fazer um evento, eu não vou te cobrar! Se você quiser participar você participa, mas o evento é para todos. Há também uma conotação religiosa? Sim. Tradicional? Sim. Por que? Porque o que é riqueza pro africano não é riqueza pro ocidente. Então, de repente, como eu já escutei na prefeitura: “a gente tem mais investimento do que retorno”. É triste. Mas eu acho assim: isso também cabe à gente, nós, como senegaleses, como africanos, de repente redesenhar uma estratégia, tentar entrar – sem perder a nossa essência –, nessa busca que os órgãos públicos querem e tentar ofertar alguma coisa que também amenize um pouco os ânimos, porque a gente sabe que quando se fala de política é uma coisa, quando se fala de vida social no dia a dia é outra coisa totalmente diferente.

Vale ressaltar, entretanto, que esta queixa não atinge apenas os senegaleses e migrantes de maneira geral, constituindo-se como um reflexo de escolhas estatais, que acabam por reduzir o acesso de grupos sociais aos espaços públicos da cidade. Ainda assim, alguns avanços têm sido obtidos nos últimos anos como fruto de grande pressão popular, e grupos migrantes aos poucos assumem mais locais da cidade. A comunidade boliviana é um destes exemplos: realiza²⁰³ todos os domingos a Feira da Kantuta, na praça da Kantuta, no Pari – bairro adjacente à região central; a festa da independência da Bolívia, no Memorial da América Latina; e a Festa de Alasitas, tradicional celebração em homenagem a Ekeko, deus andino da abundância, também no Memorial da América Latina, localizado na Barra Funda. Ademais, em 2014, a comunidade também teve regularizada pela prefeitura a feira cultural e gastronômica da rua Coimbra, tradicional ponto de referência dos bolivianos na cidade. O Museu da Imigração, localizado na Mooca, também demonstrou uma evolução ao longo dos anos. Conhecido antigamente como Memorial do Imigrante, possuía sua programação voltada quase exclusivamente às chamadas migrações históricas, sobretudo aquelas entre o fim do século XIX e início do século XX, como a de italianos e japoneses. Após um período de reformas, em 2014 reabriu já com uma nova proposta: dialogar ao mesmo tempo com o passado e com o presente (DELFIM, 2019). Deste modo, sua programação passou a também considerar as migrações contemporâneas e os migrantes de diferentes nacionalidades passaram a cada vez mais ocupar os espaços do museu.

²⁰³ A feira teve início em 2001, sendo realizada informalmente na praça Padre Bento, também localizada no Pari. A partir de 2004 esta passou a ser reconhecida pelos órgãos oficiais, e passou a ser realizada na Praça da Kantuta

Para João, a não atração das populações que residem nos entornos dos equipamentos de cultura, ocorre em parte, pela não identificação com seus espaços e programas. Andrea Semprini (1999), semioticista italiano, destaca que a palavra diretamente conectada ao multiculturalismo é “diferença”. É através da diferença que acontece a experiência cultural, buscada por parte dos entrevistados. Deste modo, em um processo de reconhecimento do outro, de suas culturas, há a necessidade de espaços que além do tradicional, possibilitem, os diálogos e a criação de novas formas culturais a partir destes encontros. Para a concretização deste percurso há uma necessidade do reconhecimento das diferenças culturais dos públicos e a criação de estratégias que incorporem a diversidade no funcionamento dos espaços públicos e equipamentos culturais.

João também abordou a ausência de segurança e o estado de conservação de praças e parques, subutilizados diante do receio da população de permanecer nestes espaços e ser vítima da violência, assim como, da necessidade de transporte que possibilite a democratização do acesso aos diferentes espaços públicos da cidade. As tarifas do transporte público atuam efetivamente como mais um fator de exclusão ao não permitir que as pessoas acessem livremente a cultura, a educação, a saúde, entre outros bens e serviços, mesmo que estes estejam disponíveis a elas. Deste modo a mobilidade humana apresenta-se como um fator fundamental para o acesso a outros direitos (FIX; RIBEIRO; PRADO, 2015). João contou que no passado frequentava muito parques, principalmente o Parque da Luz, o Parque Ibirapuera²⁰⁴ e o Parque da Cantareira, mas que atualmente evita estes espaços:

[O acesso a estes locais] está cada vez mais restrito, de repente devido a problema de segurança, problema de falta de emprego, problema disso, problema daquilo [...] O Parque do Carmo que vive sem luz. Como você pode abrir um parque as 6 horas da manhã que não tem luz? Então eu acho que é isso: você tem instrumentos, você tem equipamentos, mas eu acho que precisa achar outra forma de gestão. E mais uma vez, não adianta dizer que o Parque Ibirapuera é só pra pessoas da redondeza, não! Você tem que criar infraestrutura para o pessoal que mora longe, na periferia ir até o parque, linha de trem, linha de ônibus, metrô, qualquer coisa, para que a pessoa possa ir, não depender unicamente de veículo, é a questão da acessibilidade.

O chamado de João por uma política pública que integre as pessoas aos diferentes espaços públicos da cidade de modo a permitir uma real apropriação dos mesmos, não toca apenas à realidade dos imigrantes senegaleses, mas a todos os grupos cuja perspectiva de vida em consonância com o horizonte de direito à cidade é dificultado. Segundo João, os africanos

²⁰⁴ Amath declarou frequentar o Parque Ibirapuera e Kunta disse ter conhecido o parque e gostado do local.

possuem uma especificidade cultural que impacta diretamente a forma como se relacionam entre eles e os diferentes espaços das cidades:

O africano não tem essa cultura de ir em bibliotecas, de ir em centro..., por que? Porque a nossa cultura no dia a dia é uma roda, tá todo mundo em roda, todo mundo conversando, todo mundo discutindo, todo mundo polemizando, todo mundo falando. Porque a nossa sociedade se construiu em cima disso, dessa roda, a noite, nas noites de verão, os nossos patriarcas, nossas matriarcas, ficavam no meio da roda contando anedotas, contando histórias, fábulas, então isso pra nós era o nosso centro. Era não; é o nosso centro de compartilhamento, nosso centro de troca, de ensino, porque a história africana sempre foi oral, nunca era escrita, mas hoje você tem realmente essas ferramentas eu posso dizer, esses equipamentos.

Não é possível ignorar que a África, de modo geral, possui a oralidade como marca identitária: “Nas sociedades tradicionais africanas as narrativas orais configuram os pilares onde se apoiam os valores e as crenças transmitidas pela tradição e, simultaneamente, previnem as inversões éticas e o desrespeito ao legado ancestral da cultura” (DUARTE, 2009). Este modo de transmissão das culturas inevitavelmente gera reflexos nas relações que muitos africanos estabelecem entre eles e os espaços das cidades. Concomitantemente, não é possível olvidar que as tradições se modificam com o passar do tempo, gerando novas configurações, interesses e práticas nas diferentes sociedades – Amath, Baba e Fily, por exemplo, destacaram frequentar e gostar de bibliotecas na cidade de São Paulo. Ademais, a amplitude do continente africano e sua diversidade inviabilizam a realização de generalizações de qualquer tipo. Quando feitas por entrevistados, devem ser compreendidas como uma prática narrativa interessada.

Apesar dos desafios citados por João, Fily destaca que existem importantes ações ocorrendo na cidade que contribuem para a apropriação de equipamentos culturais. Para Fily, o protagonismo do trabalho de intervenções com as comunidades migrantes tem sido do Sesc, assim como da Secretaria Municipal de Cultura (SMC), em grande parte porque seu edifício e espaço cultural – a Galeria Olido²⁰⁵ –, estão localizados, em suas sugestivas palavras, “no meio da diáspora”. Mas em uma via de mão dupla, Fily ressalta que a presença dos imigrantes nos espaços públicos também traz importantes consequências para a cidade.

Eles [imigrantes] estão trazendo um tipo de vida sadia ao centro velho, porque o centro velho, do centro cultural – que era da época do Plínio Marcos, da Boca do Lixo, todos os teatros que tinha aqui no centro, você vinha aqui no centro da cidade, como o Caetano falava dos Novos Baianos, da avenida Ipiranga com avenida São João, o Bar Brahma,

²⁰⁵ Uma das atividades realizadas no local pela comunidade senegalesa, foi a celebração do dia da Independência do Senegal, no dia 4 de abril de 2018.

aquela Casa da Calabresa que ficava na avenida São João – São Paulo com aquela cultura pujante, que se perdeu com o advento do *crack* aqui no centro, está voltando. Quando veio a Cracolândia, com aquelas máfias chinesas, nigerianas, sei lá o que, isso aqui se transformou em *no man's land*, terra de ninguém, e com a vinda desses caras [os imigrantes], com esse comércio deles, se tornou em um lugar mais seguro, porque até pouco tempo atrás andar aqui era um perigo. Agora você pode andar, porque os senegaleses não são ladrões, não bebem, não fumam maconha, fazem as cantorias deles – tudo bem, são estrangeiros, da mesma forma como acontece em todo mundo o estrangeiro incomoda o outro –, mas diante do que o centro tinha se tornado eu achei melhor a presença deles aqui do que ser ocupado por traficantes.

A busca pela construção de um significado posiciona a fala de Fily como uma fala política, militante. Em seguida Fily se baseia em um elemento deplorável – a ideia de limpeza étnica – para requalificar o entendimento desse povo, no centro da cidade, a partir de um contraponto quase poético entre as imagens que mobiliza:

Acho que nesse sentido; não se trata de uma limpeza étnica, como aconteceu em Ruanda, Burundi ou Sarajevo. É o contrário: essas etnias são um fator limpador e não poluidor. O outro que está vindo não está vindo sujar, ele está sendo detergente, igual àquela ostra que vive na água poluída para absorver aquela parte suja da água. Eu acho que é um pouco isso que está acontecendo aqui no centro. Porque hoje em dia tem uma vida cultural. Os meninos da periferia que vinham aqui fazer aquelas batalhas de *hip hop* no largo São Bento – hoje em dia eles ocupam um espaço na Galeria do Rock, Galeria Olido, você vai lá e têm eventos todo dia. Não é mais um lugar abandonado. Uma mazela social – que é a instalação do vício –, hoje em dia está diferente. Pelo menos está se convivendo com as duas coisas que fazem parte, o *yin* e o *yang*. [...] Eu acho muito importante para o centro da cidade em geral. Tá tendo exposições aqui sobre Jamaica, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Centro Caixa Cultural, sobre África, tá tendo no Tomie Ohtake exposição sobre a África, no Instituto Moreira Salles, também tá tendo sobre a África... Acho que simultaneamente São Paulo está tendo, pelo menos uns quatro ou cinco eventos ligados a essa questão de transumância, sem contar que o Sesc tem organizado eventos ligados à Organização Internacional da Francofonia junto com a Unesp, onde teve conferências... Fizemos o Sarau dos Refugiados, também aqui no Sesc Pinheiros... Então têm espaços onde o pessoal tá podendo se olhar, tanto nós, como os brasileiros.

Embora Fily não tenha abordado em sua entrevista os espaços culturais e parques que conhece, ademais da biblioteca da Aliança Francesa – que frequentava assiduamente enquanto morava no centro –, ao longo da pesquisa tive conhecimento sobre sua ida a alguns equipamentos culturais. Estive com Fily em unidades do Sesc; na Biblioteca Mário de Andrade; na Biblioteca da Escola de Comunicação e Artes da USP – quando já havia se mudado para o Butantã –; no Espaço Cultural Cachuera e no Teatro de Arena Eugênio Kusnet, localizado no centro de São Paulo. Ademais Fily realizou um show musical – com voz e violão – no Sarau Afrobase, evento que acontece periodicamente no Espaço Cultural Afrobase, no Rio Pequeno, zona oeste da cidade.

Uma diversidade de espaços foram identificados como de uso pelos entrevistados: bibliotecas, parques, centros culturais, museus e teatros. Entre estes, cerca de metade são públicos e metade privados. Ainda assim, quase a totalidade destes espaços e equipamentos possui momentos de gratuidade – por vezes para algumas atividades, por vezes em dias definidos – contribuindo para a democratização do acesso. O centro foi a região com maior número de locais citados, fato que pode se relacionar com a grande concentração de equipamentos na região, mas também com o local de residência da maior parte da comunidade – e de nossos narradores. Enquanto alguns entrevistados com grande frequência se deslocam a equipamentos culturais – especialmente os artistas –, outros apenas muito pontualmente o fazem. Entre todos, Ousmane foi o único que relatou não conhecer pessoalmente nenhum equipamento cultural de São Paulo, conhecendo apenas de vista uma “sala de cultura da Paraíso”, bairro na zona sul de São Paulo, referindo-se a um local que não pude identificar.

Tanto Ousmane quanto Moustapha disseram não conhecer muitos espaços porque, segundo eles, têm como foco o trabalho e por isso possuem por rotina a ida diretamente de casa para o trabalho e do trabalho para casa, excetuando-se idas eventuais a espaços e atividades religiosas²⁰⁶.

À luz das narrativas, chegamos a uma conclusão surpreendente e reveladora de suas experiências urbanas: o acesso aos espaços culturais pela maioria deles parece estar diretamente ligado à ocorrência de oportunidades de trabalho nestes espaços. Se esta configuração consiste em uma escolha ligada à necessidade de sobrevivência, pode também estar diretamente relacionada a outros fatores. Vale lembrar que aspectos religiosos podem incidir diretamente neste tipo de opção. Segundo a antropóloga Liliana Suárez Navaz (1996, p. 29), a confraria mouride “possui uma ideologia que enaltece o trabalho duro, os sacrifícios cotidianos e as privações de vida no estrangeiro como atividades santificantes”²⁰⁷.

Deste modo, embora muitos dos entrevistados, ao atuarem artisticamente ou com vendas de produtos, tenham conhecido alguns equipamentos culturais da cidade, suas interações

²⁰⁶ Embora Kunta conheça diversos locais em São Paulo, também relatou ter como foco o trabalho e circular pouco pela cidade: “Eu tô mais focalizado no trabalho que eu tô fazendo, quando eu tenho para entrevistar eu entrevista, quando tem para trabalhar trabalho em minha casa é esse lugar que eu quando eu saio eu saio no lugar que eu sei que hoje eu vou no Sesc, é Sesc, eu não anda muito pra andar, entendeu? Eu sou focalizado nas coisas que eu tô fazendo aqui, e andar com um amigo legal também. Eu sou uma pessoa muito focalizado porque eu fico mais tempo também para casa porque lá tem meu estúdio lá, pra mandar o projeto, fazer música lá também, para fazer edição de vídeo também, faz vídeo também. Se dá tempo para não sair muito, quando eu saio é só para uma coisa que é certo. Que já tá combinado, como você, só isso. Eu não anda pra andar, aqui também para entrar em alguns lugar não é fácil para estrangeiro que tá aqui”.

²⁰⁷ Tradução minha do original em espanhol.

mostram-se restritas aos momentos pontuais de trabalho, não assumindo outras possibilidades de fruição.

5.2 Formas de apropriação dos espaços públicos: intersecções

Por meio das entrevistas e da observação, é possível perceber alguns aspectos que se repetem nas diferentes formas de apropriação dos espaços públicos da cidade de São Paulo pelos imigrantes senegaleses, especialmente as manifestações de alegria por meio de música e dança, geralmente com a presença de instrumentos de percussão. Isso é observado tanto nos eventos essencialmente religiosos – como a celebração que ocorre às segundas feiras na Praça da República –, quanto nos encontros realizados em São Paulo após as partidas da Copa do Mundo de Futebol, no ano de 2018. Em todas estas atividades, que ocorreram em espaços públicos, foi possível observar uma grande curiosidade dos brasileiros, que muitas vezes fotografavam e filmavam o que viam.

Grande parte das relações entre os senegaleses e espaços da cidade possui a religião como base, gerando reflexos tanto nas atividades que possuem diretamente um caráter religioso quanto em eventos e ações de cunho não diretamente religioso. É deste modo que, por exemplo, o trabalho parece assumir não apenas uma função de sobrevivência, constituindo-se como uma demanda religiosa para os mourides: através do trabalho duro podem se aproximar do divino. Aspectos culturais e religiosos também informam a participação das mulheres: elas, ainda que em menor quantidade, diante da significativa diferença numérica entre homens e mulheres que residem em São Paulo, estão presentes na maior parte das ações desenvolvidas pela comunidade. Tal presença, ainda assim, não exclui o fato de que a elas são destinados lugares sociais específicos, no qual os maridos assumem uma grande relevância em relação a como se dá suas participações nos diversos eventos e espaços.

Ao subverter as hierarquias da cidade, nas diferentes formas de apropriação dos espaços públicos, os senegaleses geralmente não “pedem autorização” aos órgãos públicos. Ocupam ruas, calçadas e praças, seja para celebrar gols, seja para expressar suas culturas ou mesmo conseguir seu “ganha pão”. Não pedem licença, não pedem desculpa; parecem de algum modo dizer: “aqui estamos!”. Este estar, entretanto, usualmente não ocorre com brutalidade. O cuidado com os espaços públicos, como as já mencionadas coletas do lixo produzidos após celebrações²⁰⁸, bem como as relações de solidariedade com pessoas em situação de rua, também

²⁰⁸ Durante a Copa do Mundo de 2018, também foi noticiado em diversos *sites* nacionais e internacionais que os torcedores do Senegal recolheram o lixo do estádio ao final dos jogos que assistiram. Uma dessas notícias pode

se repete nos diferentes relatos e observações. João ressaltou algo que pude testemunhar reiteradamente em diferentes espaços ocupados pelos senegaleses, e escutar nos relatos de entrevistados: a profusão de sorrisos, um latente orgulho por suas culturas e desejo de compartilhá-las com os brasileiros. Uma prática no sentido de acolher, com um desejo de também ser acolhido e valorizado:

A comunidade senegalesa aqui busca realmente abrir um leque para mostrar, – para revelar, na verdade – a cultura senegalesa, pela arte, pela música, pelas exposições de tecidos ou de objetos de arte que você deve ter visto aí no meio da cidade, por celebrar vários eventos religiosos e tudo mais, eles querem mostrar a essência de ser senegalês. O Senegal é um país de muita cortesia. Nós temos um lema que a gente chama de *Teranga*, que é a arte de você saber receber bem. Não é à toa que no Senegal praticamente 50% do PIB é baseado no turismo, então realmente isso aí é uma coisa da essência do senegalês, saber receber. Por isso que você sempre vai ver eles sorridentes, ver sempre eles amigáveis, amáveis, no sentido de querer se fazer aceitar e querer também compartilhar tudo que a pessoa também pode oferecer, então isso é o senegalês.

De fato, embora a *Teranga* faça parte da cultura senegalesa, sendo uma prática observável em grande parte da comunidade, não garante que todos compartilharão desta mesma prática. Ainda que a essencialização, feita com atributos positivos por membros da própria comunidade, cumpra uma função de legitimação de um grupo em um contexto de exclusão, deve se ter cuidado para não reduzir toda a complexidade cultural, apagando ambivalências individuais e gerando imagens homogeneizantes.

Não por coincidência, o local da cidade em que a maior parte das ações dos senegaleses ocorre é o mesmo no qual a maior parte da comunidade vive: o centro. Baba entende que a busca por esta centralidade está muito ligada também ao fato de grande parte dos senegaleses serem comerciantes e buscarem estar próximos de ruas de comércio popular, bem como ao receio de viver em outras regiões e ficar mais expostos à violência: “O medo de morar nos bairros, porque lá tem mais violência, tudo essas coisas que acontece tipo aqui no Brasil, eles vêm na televisão – aonde acontece são nos bairros, então ele se sente mais seguro no centro do que morar no bairro”.

Essa parece ser uma comunidade que busca, no contexto de uma megalópole, a facilidade de viver sem a necessidade de grandes deslocamentos – e que busca também manter uma proximidade com a comunidade imigrante. É deste modo que os senegaleses muitas vezes subvertem as imposições sociais que geralmente recaem sobre os pobres e negros: uma vida na

ser acessada no *site* do jornal O Tempo, “Não é coisa só do Japão: Senegaleses limpam estádio após vitória na Copa”. Disponível em: <www.otempo.com.br/superfc/copa-2018/não-é-coisa-só-do-japão-senegaleses-limpam-estádio-após-vitória-na-copa-1.1858592>. Acesso em: 4 janeiro de 2019.

periferia, distante dos trabalhos, com pouco acesso a uma estrutura com maior oferta e qualidade de equipamentos culturais e serviços públicos. Os senegaleses em sua ocupação do centro de São Paulo também contribuem para a superação de um imaginário segundo o qual o centro se constituiria apenas como uma região de comércio. Projeções indicam que em 2020 478,6 mil pessoas devem residir na região central, correspondendo a cerca de 4% da população total da cidade, estimada em 11 milhões 754 mil pessoas²⁰⁹ (SÃO PAULO, 2018). Ainda que esta porcentagem seja relativamente pequena em comparação com outras regiões de São Paulo, em números absolutos é muito expressiva correspondendo a uma população total próxima da de cidades de grande porte²¹⁰. Diante de tal amplitude, nenhuma generalização conseguiria abarcar a multiplicidade de vidas e relações encontradas na região central de São Paulo – com seus diversos moradores e frequentadores, de diferentes origens, idades, condições sociais e econômicas, de modo que a palavra ‘diversidade’ talvez seja a mais adequada para descrever este cenário (VILLALOBOS, 2015).

As atividades desenvolvidas pelas pessoas nos espaços públicos podem ser divididas entre necessárias e opcionais. As necessárias são as que as pessoas precisam fazer e incluem ações como trabalhar, fazer compras, ir à escola, deslocar-se até um meio de transporte. As opcionais incluem passeios, festas ou mesmo sentar-se em um banco de uma praça para descansar. Ao longo dos anos tem ocorrido, de modo geral, um processo em muitas cidades do mundo no qual há uma diminuição das atividades necessárias e ampliação das atividades opcionais: os espaços públicos cada vez mais passam gradualmente a ter um maior uso recreativo e cultural (GEHL; SVARRE, 2018). Esta equação, entretanto, possui variações, principalmente em países emergentes, nos quais a necessidade ainda dita a maior parte das atividades (GEHL, 2015). Com os senegaleses em São Paulo é possível observar que embora as atividades necessárias possuam grande destaque, como a ocupação que fazem das ruas do centro vendendo mercadorias como ambulantes, também são realizadas atividades opcionais, como as pontuais comemorações da Copa do Mundo. Como classificar, dentro destas categorias, as práticas religiosas que acontecem na cidade, como o Magal Touba ou as celebrações religiosas na Praça da República? Se em um primeiro momento é possível entendê-

²⁰⁹ Em 1950 a população do centro era de cerca de 351 mil pessoas, correspondendo a 16,3% do total da população, então de 2 milhões 151 mil pessoas. Nas décadas seguintes houve uma progressiva diminuição do número total de moradores da região em comparação com a população total: 1960: 11,7%; 1970: 7,5%; 1980: 6,2%; 1991: 4,7%; 2000: 3,5%. A partir de 2010 se observa um pequeno crescimento do número de moradores do centro: 2010: 3,8%. Projeções indicam que esta tendência de crescimento deve prosseguir lentamente: 2020: 4%; 2030: 4,3%; 2040: 4,4%;

²¹⁰ O termo ‘cidade grande’ é comumente usado em urbanismo para designar cidades que possuem mais de 500 mil habitantes.

las como opcionais, não é possível esquecer que para os mourides as práticas religiosas constituem-se como um dever. Para os senegaleses imigrantes, as atividades religiosas assumem ainda mais fortemente um caráter de necessidade ao contribuir também para um sentimento de acolhimento e pertencimento. Já em relação a apropriação de equipamentos culturais e parques, poucos entrevistados parecem ter uma prática de deslocar-se a estes locais sem ser por motivos de trabalho, apenas para fruição, aprendizados e trocas. Ainda que não se possa afirmar que há uma relação direta entre esses fatores, foi possível observar que, entre os entrevistados, principalmente os que possuem maiores graus de estudo e melhores condições financeiras, são os que mais frequentam estes espaços. Esta constatação parece corroborar a ideia que, a desigualdade econômica da população gera impactos no acesso da mesma aos conteúdos artísticos-culturais.

Por diversas vezes alguns entrevistados, ressaltaram que a união entre os senegaleses faz com que de certo modo, ainda que muitas vezes sem laços sanguíneos, constituam-se como uma grande família: em práticas de acolhimento e apoio. Ainda assim, nos diversos diálogos que pude estabelecer com senegaleses, por vezes emergiram relatos de diferenças e discussões com outros conterrâneos que vivem na cidade, de modo a lembrar-nos que familiares também podem divergir e que o recurso à imagética familiar é, sobretudo, metafórico. As redes, formadas pela comunidade, em grande parte através dos vínculos religiosos, mas também através da Associação dos Senegaleses de São Paulo, se fortalecem mutuamente, impactando também as diferentes ações cotidianas desenvolvidas pelos senegaleses na cidade. É assim que muitos se conhecem, frequentam os mesmos espaços e se apoiam quando necessário. É deste modo também que as redes contribuem para a manutenção de uma identidade coletiva dos imigrantes senegaleses, através da preservação das ‘tradições’ – palavra citada como de grande importância por alguns dos entrevistados.

6 CONCLUSÃO

A realidade a partir da qual esta dissertação de mestrado toma seu mote principal – a imigração motivada por razões econômicas – não pode ser negada ou ignorada. Ela existe e seguirá existindo enquanto as sociedades mantiverem altos índices de desigualdade social e econômica, assim como outras situações de grande violência – inclusive simbólica – que atinjam seus cidadãos. Na correlação de forças das cidades, imigrantes e refugiados encontram-se muitas vezes em uma situação de vulnerabilidade em relação aos nacionais, ainda mais intensa em casos de indocumentados, permanentemente sujeitos a explorações e uma ameaça de deportação. O desconhecimento de costumes e práticas legais, as barreiras culturais e de linguagem, são alguns dos aspectos que os deixam a mercê de opressões e violências (GRAEME, 1998). A impossibilidade de exercer o direito ao voto, no caso brasileiro – o nosso país é o único da América do Sul no qual o imigrante não pode votar nem ser votado²¹¹ – também impacta diretamente para que suas demandas sejam preteridas (DELFIM, 2016). Ao mesmo tempo, a força que transforma a cidade em mercadoria mostra a todo momento sua potência. A crescente concentração de riqueza e poder nas mãos de uma pequena elite política e econômica reforça ainda mais uma cidade para poucos: muros, condomínios fechados, grades, policiamento, câmeras, ocupam não apenas o espaço privado, mas também o público, alijando ainda mais os que já são excluídos (HARVEY, 2014).

As entrevistas de história oral realizadas com imigrantes senegaleses que residem em São Paulo, assim como as observações etnográficas feitas no curso da pesquisa, trouxeram importantes aportes para o estudo de suas realidades e vivências. Os senegaleses, em suas diferentes formas de apropriação dos espaços públicos de São Paulo, podem ser encontrados em diversos locais, mas principalmente no centro da cidade, subvertendo a noção de que o local destinado para os sujeitos e grupos marginalizados é sempre a periferia da cidade. É no centro de São Paulo que buscam a sobrevivência, trabalhando principalmente como vendedores ambulantes nas ruas da região. É neste local, também, que orgulhosamente expressam suas culturas, crenças religiosas, sorrisos abundantes e intensa demonstração de solidariedade e união, evidenciadas por redes de apoio mútuo. Ainda que os relatos em sua maioria sejam de amor por São Paulo, com elogios ao acolhimento proporcionado pelos brasileiros, abundam histórias de preconceitos e violências sofridos pela comunidade. Um dos entrevistados perdeu

²¹¹ Segundo a Constituição Federal do Brasil, apenas brasileiros natos ou estrangeiros naturalizados brasileiros têm direito a voto. Há uma exceção, entretanto: imigrantes com nacionalidade portuguesa podem, depois de três anos ininterruptos vivendo no Brasil, requerer direito a voto no Ministério da Justiça (DELFIM, 2016).

dentes em um destes episódios; outra entrevistada teve sua perna queimada com caldo quente jogado em sua direção.

O fato de que, dos dez entrevistados, nove sejam homens parece refletir a configuração da migração senegalesa no Brasil, e reproduzida em São Paulo. Ao mesmo tempo, essa composição traz em si a clareza de que há um papel social destinado à mulher senegalesa: o de cuidado e apoio ao homem, que deve se responsabilizar pelo sustento da família. As dificuldades para conseguir entrevistadas do sexo feminino parecem, entre outros aspectos, evidenciar o reforço de uma cultura patriarcal – que não é específica do Senegal, evidentemente –, na qual o homem deve autorizar a participação da mulher em atividades que não digam respeito ao zelo pela família.

A despeito da prevalência de homens entre nossos entrevistados, a enorme variedade de condições sociais e econômicas, de motivos de migração, de idade, de tempo de vivência no Brasil, entre outras, enriqueceu a pesquisa. Longe de querer configurar-se como um retrato único de toda uma comunidade ou de uma época – a abordagem qualitativa não tem pretensão de generalização ou representatividade –, a pesquisa trouxe narrativas individuais diversas, que se mostram como igualmente importantes para um caminho de compreensão de um todo. Buscou-se, assim, ir além das abordagens que privilegiam o universal em detrimento do individual, rumo a uma postura que reconhece e valoriza também as experiências individuais como experiências históricas. Os sujeitos também são agentes no processo de construção da história (SANTHIAGO, 2008). Os senegaleses existem e resistem, na feitura de suas histórias individuais e coletivas na cidade de São Paulo.

A religião mostrou-se como base da maior parte das relações estabelecidas entre eles e com pessoas de outras nacionalidades, impactando também as relações com os diferentes espaços da cidade. O trabalho surge como fator de grande importância para muitos, indo além de uma necessidade de sobrevivência dos imigrantes e de seus familiares que estão no Senegal, caracterizando-se também como um imperativo de ordem religiosa: os mourides valorizam o trabalho duro como forma de aproximação com o divino. Para alguns, somente há espaço no dia a dia para uma rotina que inclua o trabalho e as celebrações religiosas.

Os espaços ocupados pelos senegaleses na cidade são os que eles ocupam sem pedir licença, como as calçadas para a venda de suas mercadorias, a Praça da República para a realização de celebrações religiosas, ou as ruas para comemorar a participação da seleção do Senegal em partidas da Copa do Mundo de Futebol. Entretanto, seus eventos religiosos mais importantes, como o Magal Touba, embora possuam um caráter agregador e brasileiros sejam convidados a participar – principalmente pessoas em situação de rua –, são realizados

majoritariamente em locais fechados. Os narradores desta pesquisa também citaram alguns equipamentos culturais que puderam conhecer para desenvolver trabalhos, alguns privados e outros públicos. Pouco citados foram os lugares conhecidos por curiosidade ou para lazer, sem relação direta com trabalho.

Os espaços públicos da cidade, principalmente localizados no centro, têm grande importância para a comunidade – constituem-se como locais de referência onde ocorrem encontros, trocas e acolhimento. Configuram-se como portos seguros e como locais de manutenção de tradições e vínculos com o Senegal e sua cultura. Os senegaleses de modo geral realizam a ocupação destes espaços expressando orgulho de suas raízes e desejo de compartilhamento, bem como respeito aos espaços públicos, expresso no cuidado e limpeza dos mesmos. Parece, de fato, haver um desejo de aceitação e valorização.

A hipótese inicial de que os imigrantes podem vivenciar uma experiência de cidadania e sensação de pertencimento a partir de situações que proporcionem espaços da cidade mais híbridos e plurais não pôde ser completamente confirmada. Na prática, além das calçadas onde os senegaleses trabalham no centro da cidade e se relacionam mais diretamente com pessoas de diferentes nacionalidades, estão consolidados poucos espaços que possuem a participação de senegaleses.

Embora residam em São Paulo, a interação deles com brasileiros nos espaços públicos da cidade restringe-se sobretudo aos momentos em que desenvolvem o trabalho como ambulantes. Não se trata de minimizar a importância desta relação com as ruas e com as pessoas que vivem em São Paulo – que compõe a maior parte do dia a dia destes imigrantes enquanto trabalham –, mas de compreender que ela é bastante restrita. Ainda que estejam em São Paulo, de certo modo esses sujeitos ainda estão no Senegal: convivendo em grande parte com a própria comunidade, participando de manifestações tradicionais de seu país de origem, tendo pouco acesso aos equipamentos culturais da cidade e mantendo um vínculo muito ativo com os parentes que vivem no Senegal e com as lideranças religiosas locais. Esta equação não apresentaria problemas se fosse fruto de uma escolha após um processo democrático de construção de possíveis usos dos espaços e equipamentos culturais públicos da cidade. Mas este processo de modo geral não ocorre, e esta – para muitos imigrantes senegaleses – é a única opção: ser um cidadão do Senegal e não poder ser também efetivamente um cidadão do Brasil, usufruindo dos espaços da cidade e vivendo com real dignidade.

Possibilitar aos imigrantes não apenas o acesso, mas também a apropriação dos espaços e equipamentos culturais públicos, é um desafio que exige criatividade, escuta e participação dos diferentes atores – Estado, movimentos sociais e principalmente imigrantes e refugiados.

Só assim a reinvenção da cidade é possível e as estruturas, objetos e práticas que existem de modo separado poderão se recombinar em novas formas, que estimulem tanto os nacionais quanto os imigrantes (CANCLINI, 2015), em um processo de hibridismo cultural.²¹² Alguns entrevistados apontam questões que devem ser observadas em ações de planejamento e estímulo à participação da comunidade senegalesa nos espaços públicos da cidade: a valorização da oralidade; o foco no trabalho – por sobrevivência ou motivos culturais/religiosos; o medo do desconhecido; a refração a programações pensadas unilateralmente. Questões como essas só podem ser observadas e repensadas a partir de um diálogo constante com os diferentes moradores da cidade, incluindo aí os imigrantes – diálogo este que costuma ser escasso nas ações de planejamento, formulação e implementação de políticas culturais amplas, voltadas aos diferentes sujeitos e grupos que compõem, e com sua presença constroem, o espaço urbano.

As entrevistas e observações deixaram claro que não há atalho nesse sentido, se o que se busca são políticas culturais e urbanas eficazes que possibilitem uma democratização. É necessário o estabelecimento de laços com as populações locais, de modo a construir coletivamente os diferentes espaços públicos, possibilitando oportunidades de expressão e de realização de atividades alternativas. Ainda assim, não devemos ter uma visão romantizada de qualquer processo que se proponha a ir além do ‘existir lado a lado’. O ‘existir e construir juntos’ é certamente um grande desafio. Como Canclini (2015) pontua, a hibridação não é sinônimo de fusão sem contradições.

Embora existam iniciativas de origem privada que têm de algum modo possibilitado a participação pontual de senegaleses em atividades culturais e em movimentos de inserção em espaços e equipamentos diversos, cabe aos governos o desafio de assumir suas funções²¹³, não somente de garantir direitos básicos aos seus novos – e por vezes antigos – cidadãos, mas também uma vida com mais qualidade: aberta aos embates, mais significativa e prazerosa, na qual uma perspectiva de direito à cidade também seja garantida. Nesse âmbito, os espaços e equipamentos culturais públicos não podem ser negligenciados, pois se caracterizam como lugares de vida pública: de trocas, de encontros e vivências múltiplas. Para David Harvey (2014), os espaços da cidade são passíveis de controle social e apropriação, privadas ou público-estatais, o que faz necessária uma ação política por parte dos cidadãos para que os espaços públicos – como ruas, praças e parques – e os bens públicos – como saúde, educação ou cultura

²¹² Tanto para Néstor García Canclini (2015) quanto para Stuart Hall (2006), hibridismo cultural é uma prática possibilitada pelo encontro de diferentes culturas, trazendo consigo a ruptura da ideia de pureza.

²¹³ Sobre este assunto Harvey (2014) destaca que a autoridade estatal se faz necessária para proteger os comuns contra o poder dos interesses econômicos de curto prazo.

– possam ser apropriados, de modo a tornarem-se comuns. A garantia do direito à cidade, como preconizado no Estatuto da Cidade (CARVALHO; ROSSBACH, 2010) e no Plano Diretor Estratégico Municipal (SÃO PAULO, 2015), é uma tarefa que inevitavelmente passará por políticas de valorização da diversidade, indo além da ideia de tolerância mútua²¹⁴. Jane Jacobs (2018, p.263) deixa claro o ponto de partida para a construção de cidades vivas: “as cidades têm capacidade de oferecer algo a todos, mas só porque e quando são criadas por todos”.

Em entrevista à Zabalbeascoa (2016) Jan Gehl afirma que uma cidade viva está sempre em construção: “quando não muda, morre”. Esta máxima serve como lembrete: tudo o que está registrado nesta pesquisa pode a qualquer momento adquirir novas configurações, variando a partir dos diferentes cenários políticos, econômicos e sociais do Brasil e do mundo. Durante a última etapa desta pesquisa, por exemplo, foi aberto um Consulado Honorário do Senegal na cidade de São Paulo, situação que deve trazer consequências para a comunidade. Do mesmo modo, o país e o mundo têm enfrentado – pelo menos até outubro de 2020, quando a redação deste texto foi finalizada – uma das mais graves crises sanitárias por conta da COVID-19, situação que também deve impactar as relações que os senegaleses possuem com a cidade. Mas a máxima relativa à construção constante de uma cidade viva, mais do que tudo, pode e deveria também servir para nos inspirar na construção de outras sociedades possíveis. Lugares melhores para um maior número de pessoas, com mais oportunidades e dignidade. Diversas experiências do mundo mostram que este caminho existe, mas tem que ser construído caso a caso, de acordo com as realidades locais. A pesquisa atenta aos desafios sociais do presente – sem por isso abrir mão da fundamentação e da responsabilidade com a produção de conhecimento – pode colaborar nisso.

²¹⁴ Bauman (2013), destaca que a solidariedade mútua não é estabelecida na nova interpretação da ideia de direitos humanos básicos, limitando-se à ideia de tolerância mútua.

REFERÊNCIAS²¹⁵

ACNUR. **Dados sobre o Refúgio no Brasil:** Uma análise estatística (janeiro de 2010 a outubro de 2014). 2014. Disponível em: <https://goo.gl/uksIGF>. Acesso em: 02 fev. 2019.

AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. In: **Mana**, Rio de Janeiro, v.7, n. 2, p.7-33, out.2001. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/mana/v7n2/a01v07n2.pdf> Acesso em: 04 out. 2020.

AGUIAR, Gilberto Orácio. Negros malês: a religiosidade islâmica atualizada no Instituto Cultural Steve Biko. In: **Ciberteologia - Revista de Teologia & Cultura**, São Paulo, Ano III, n. 13, p. 49-50, set./out. 2007. Disponível em: https://ciberteologia.com.br/images/edicoes/pdf/edicao_20200707140931.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

ALCÂNTARA, Maurício Fernandes de. **Gentrificação**. In: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. 2018. Disponível em: <http://ea.ffe.usp.br/content/gentrificacao>. Acesso em: 05 out. 2020.

ALIANÇA FRANCESA. **Biblioteca Multimídia Claudie Monteil**. 20-. Disponível em: <https://www.aliancafrancesa.com.br/bibliotecas/biblioteca-multimedia-claudie-monteil/>. Acesso em: 07 de ago. 2019.

AL-KHAZRAJI, Taleb Hussein. **Islamismo**. São Paulo: Bella Editora, 2014. 108p.

ALMEIDA, Alexandra Cristina Gomes de. Uma Reflexão Sobre a Etnografia no Contexto dos Estudos do Refúgio no Brasil. In: MACHADO, Igor José de Renó. (org.). **Etnografias do Refúgio no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2020. 210p.

ALMOULOUD, Saddo Ag. **Histórico do Fórum África - Retrospectivo dos Temas Debatidos nas Diferentes “Semanas de África” 2001-2011 pelo Fórum África**. Não publicado. 2012.

APARELHA LUZIA. **Sobre**. Facebook. [entre 2015 e 2020]. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/aparelhaluzia/about/>. Acesso em: 08 jul. 2020.

ASSIS, Glaucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo:** rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros. 2004. 340p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280714>. Acesso em: 3 ago. 2018.

ASSOCIAÇÃO CACHUERA. **Sobre**. Facebook. [entre 2010 e 2020]. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/cachuera/about/>. Acesso em: 08 jul. 2020.

BARRETO, Luiz Paulo Teles. Discurso da delegação brasileira no Diálogo de alto Nível das Nações Unidas sobre Migração e Desenvolvimento. In: **Refúgio, migrações e cidadania**. Caderno de Debates 2, Brasília: ACNUR; IMDH, 2007. p. 29-33.

²¹⁵ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT NBR 6023).

BASSANEZI, Maria; SCOTT, Ana; BACELLAR, Carlos; TRUZZI, Oswaldo. **Atlas da Imigração Internacional em São Paulo 1850-1850**. São Paulo: Editora Unesp, 2008. 144.p

BASTOS, Antonio Fagner da Silva; MELLO, Sérgio Carvalho Benício de. Criando Espaços de Lazer: As Lutas Políticas pela Ressignificação da Avenida Paulista. **PODIUM Sport, Leisure and Tourism Review**. Vol.6, n. 1, p. 43-61. Janeiro/Abril.2017. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/podium/article/view/9316>. Acesso em 05 out. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Tradução por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 112p.

BAUMAN, Zygmunt. **A Cultura no Mundo Líquido Moderno**. Tradução por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, 112p.

BENEDITO, Vera Lúcia. Cor e territórios na cartografia das desigualdades urbanas. In: OLIVEIRA, Reinaldo José de (org). **A cidade e o negro no Brasil: Cidadania e território**. São Paulo: Alameda, 2013. p.95-128.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: Ensaio de Psicologia Social**. 3.ed. 1.reimpressão.São Paulo: Ateliê Editorial, 2018. 224p.

BOTELHO, Isaura. Os equipamentos culturais na cidade de São Paulo: um desafio para a gestão pública. In: **Revista Espaço e Debates**. São Paulo: Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos. v.23. n.43-44. jan/dez, 2003. Disponível em http://centrodametropole.fflch.usp.br/sites/centrodametropole.fflch.usp.br/files/inline-images/espaco_debates.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

BRASIL. Casa Civil. Lei nº 9.459, de 13 de maio de 1997. **Altera os arts. 1º e 20 da Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, que define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. 1997a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19459.htm. Acesso em: 05 out. 2020

BRASIL. Casa Civil. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. **Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências**. 1997b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19474.htm. Acesso em: 05 out. 2020

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Lei nº 11.961, de 2 de julho de 2009. **Dispõe sobre a residência provisória para o estrangeiro em situação irregular no território nacional e dá outras providências**. 2009a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11961.htm. Acesso em: 10 mar. 2019.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Decreto nº 6.975, de 7 de outubro de 2009. **Promulga o Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do Mercado Comum do Sul – Mercosul, Bolívia e Chile**. 2009b. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6975.htm. Acesso em: 10 fev. 2019.

BRASIL. Senado Federal. **Estatuto do Estrangeiro: regulamentação e legislação correlata – 2. ed.** – Brasília: Coordenação de Edições Técnicas, 2013. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/508142/000986045.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 13 set. 2018.

BRASIL. **Governo prorroga visto humanitário para haitianos.** 14/09/2016. Disponível em: <http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2016/09/governo-prorroga-visto-humanitario-para-haitianos>. Acesso em: 05 fev. 2019.

BRASIL. Secretaria-Geral. Decreto nº 9.199, de 20 de novembro de 2017. **Regulamenta a Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, que institui a Lei de Migração.** 2017a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9199.htm. Acesso em: 05 out. 2020.

BRASIL. Senado Federal. **Nova Lei de Migração é sancionada com vetos.** 2017b. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/05/25/nova-lei-de-migracao-e-sancionada-com-vetos>>. Acesso em: 22 dez.2018.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Comitê Nacional para os Refugiados. **Refúgio em Números 3ª Edição.** Brasília, 2018. Disponível em: [file:///C:/Users/beatsaudio/Downloads/REF%C3%9AGIO%20EM%20N%C3%9AMEROS_1104%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/beatsaudio/Downloads/REF%C3%9AGIO%20EM%20N%C3%9AMEROS_1104%20(1).pdf). Acesso em: 13 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Comitê Nacional para os Refugiados. **Refúgio em Números 4ª Edição.** Brasília, 2019a. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/refugio-em-numeros>. Acesso em: 20 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Portaria Interministerial nº 10, de 5 de dezembro de 2019. **Dispõe sobre a concessão e os procedimentos de autorização de residência aos nacionais da República do Senegal, que tenham processo de reconhecimento da condição de refugiado em trâmite no Brasil.** 2019b. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-interministerial-n-10-de-5-de-dezembro-de-2019-231852423>. Acesso em: 05 out. 2020

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Divisão de Temas Educacionais e Língua Portuguesa - DELP. **Histórico do Programa:** Introdução. 2020a. Disponível em: <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/G/historico/introducao.php>. Acesso em: 12 set. 2020

BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. **Perguntas Frequentes:** Processos de Reconhecimento da Condição de Refugiado. 2020b. Disponível em: <<https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/perguntas-frequentes>>. Acesso em: 17 ago. 2020.

BROWN, Davis; JAMES, Patrick. **Religious Characteristics of States Dataset Project - Demographics v. 2.0 (RCS-Dem 2.0), COUNTRIES ONLY.** Fev.2019. Disponível em:

<https://www.thearda.com/Archive/Files/Descriptions/RCSDEM2.asp>. Acesso em: 05 out. 2020.

BUENOS AIRES. **BA Migrante**, 2018. Disponível em <http://www.buenosaires.gob.ar/noticias/ba-migrante>. Acesso em: 08 nov. 2018.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas**. 4.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015. 388p.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. **Vários escritos**. 5 ed. São Paulo: Duas cidades, 2011.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço público e "nova urbanidade" no contexto do direito à cidade. **Confins**, n. 18, 2013. Disponível em: < <https://confins.revues.org/8391?lang=pt> > Acesso em: 06 set. 2018.

CARRIL, Lourdes F. B. **Quilombo, favela e periferia**. In OLIVEIRA, Reinaldo José de (org). **A cidade e o negro no Brasil**: Cidadania e território. São Paulo: Alameda, 2013. p.145-160

CARVALHO, Celso Santos; ROSSBACH, Ana Claudia (org). **O Estatuto da Cidade Comentado**. São Paulo: Ministério das Cidades: Aliança das Cidades, 2010. Disponível em: <http://www.cidades.gov.br/images/stories/ArquivosSNPU/Biblioteca/PlanelamentoUrbano/EstatutoComentado_Portugues.pdf>. Acesso em: 05 set. 2018.

CASA DE CULTURA CHICO SCIENCE. **Sobre**. Facebook. [entre 2010 e 2020]. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/casadeculturachicoscience/about/>. Acesso em: 08 jul. 2020.

CENTRO CULTURAL OLIDO. **Sobre**. Facebook. [entre 2015 e 2020]. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/centroculturalolido/about/>. Acesso em: 08 jul. 2020.

COELHO, Teixeira. **Dicionário crítico de política cultural**: Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997.

COSTA, Jéssica Pereira da. **O Islã, os muçulmanos e seus conceitos – vocabulário de conceitos para o estudo do Islã e dos muçulmanos**. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2016. 59p. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/o-islã.pdf>. Acesso em: 05 out. 2020.

COSTA, Jéssica Pereira da; LIA, Cristine Fortes. Senegaleses e Caravaggio: a relação entre muçulmanos e católicos na serra gaúcha através da ótica do jornal Pioneiro. In: ARENT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antonio; SANTOS, Rodrigo Luis. (Orgs.) **Migrações**: religiões e espiritualidades. São Leopoldo/RS: Editora Oikos, 2016.1193p.

COSTA, Jéssica Pereira da; LIA, Cristine Fortes. Imigrantes senegaleses: a presença muçulmana na Serra Gaúcha. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (RIHGRGS)**, Porto Alegre, v. 155, p. 185-209, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/revistaihgrgs/article/view/86564/51342>. Acesso em: 05 out. 2020.

CUYPERS, Michel. Corão e Bíblia – similaridades? [Entrevista] **Revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU)**, São Leopoldo/RS, Edição 302, p.6-8, ago./2009. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao302.pdf>. Acesso em: 05 out. 2020.

DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus márgenes. Etnografías comparadas. **Cuadernos de Antropología Social**, Universidad de Buenos Aires, Argentina, n°. 27, p. 19-52, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1809/180913917002.pdf>. Acesso em: 05 out. 2020.

DELATTRE, Thomas. O grande Magal, a maior peregrinação do Senegal. **Le Journal International**. 28 de janeiro de 2015. Disponível em: https://www.lejournalinternational.fr/O-grande-Magal-a-maior-peregrinacao-do-Senegal_a2325.html. Acesso em: 20 jun. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução por Aurélio Guerra Neto et alii, 5.ed. São Paulo: Editora 34, 1996. 110p. (Vol.3)

DELFIM, Rodrigo Borges. Direito ao voto ainda é sonho distante para imigrantes que vivem no Brasil. **MigraMundo**. 02 de outubro de 2016. Disponível em: <https://www.migramundo.com/direito-ao-voto-ainda-e-sonho-distante-para-imigrantes-que-vivem-no-brasil/>. Acesso em: 16 ago. 2020.

DELFIM, Rodrigo Borges. Museus de imigração em SP e SC vivem desafio de dialogar ao mesmo tempo com passado e presente. **MigraMundo**. 28 de maio de 2019. Disponível em: <https://www.migramundo.com/museus-de-imigracao-em-sp-e-sc-vivem-desafio-de-dialogar-ao-mesmo-tempo-com-passado-e-presente/>. Acesso em: 04 ago. 2020.

DIAW, Papa Singane. **A escrita tradutória de Ken Bugul em Riwan ou le chemin de sable**. 2018. 167 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/34406/1/2018_PapaSinganeDiaw.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

DIAZ, Oriana Concha. **Islã, migração e tecnologias digitais: reflexões sobre a Muridiyya transnacional a partir de Caxias do Sul (RS)**. 2017. 145f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23575/1/IslaMigracaoTecnologias_Diaz_2017.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

DIOP, Majhemout; et al. **A África tropical e a África equatorial sob domínio francês, espanhol e português**. In: MAZRUI, Ali A; WONDJI, Christophe. (Orgs.). História geral da África VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010. p.67- 88. Disponível em: <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/UNESCO,%20Historia%20da%20Africa/africa%20desde%201935.pdf> . Acesso em: 05 out. 2020.

DOLCE, Júlia. **Senegaleses se despedem da Copa felizes com a visibilidade no Brasil**. Brasil de Fato. 28 de junho de 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/06/28/senegaleses-se-despedem-da-copa-felizes-com-acolhida-brasileira/>. Acesso em: 28 jul. 2020.

DOMINGUES, Petrônio. Ações afirmativas para negros no Brasil: o início de uma reparação histórica. **Rev. Bras. Educ.** Rio de Janeiro, n. 29, p. 164-176, Ago.2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n29/n29a13.pdf>. Acesso em: 05 out. 2020.

DORING, Katharina. Mbalax – Música Popular no Senegal: Uma tradição moderna entre herança colonial e World Music. **Sankofa**. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana Ano IX, N°XVII, p. 118-136, ago.2016. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/sankofa/article/view/119064> Acesso em: 05 out. 2020

DUARTE, Zuleide. A tradição oral na África. **Estudos de Sociologia**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE. v. 15. n. 2, p. 181-189. Disponível em: <file:///C:/Users/beatsaudio/Downloads/235328-108470-1-PB.pdf.>. Acesso em: 02 out.2020.

DUQUE, João Manuel. Ritualidade da arte: performatividade da memória. **REVER**, Ano 18, nº 1, jan/abril 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/37371/25446/>. Acesso em: 13 maio 2020.

EMBAIXADA DO SENEGAL. **O Livro na Rua – Senegal**. Brasília: Thesaurus Editora, 2010. Disponível em: <http://funag.gov.br/biblioteca/download/785-Livro-na-rua-Senegal.pdf>. Acesso em: 05 out.2020.

FARIAS, Márcio. **Relatos de imigrantes africanos na cidade de São Paulo sobre Preconceito**. Dissertação de mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social. PUC-SP, 2015.

FELDMAN-BIANCO, Bela. Saudade, imigração e a construção de uma nação (portuguesa) desterritorializada. **Revista Brasileira de Estudos de População**. Campinas, v.9, n.1, 35-49, 1992. Disponível em: https://www.rebep.org.br/revista/article/view/513/pdf_487. Acesso em: 18 maio 2020.

FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). **Desafios da antropologia brasileira**. Brasília: ABA Publicações, 2013. 344p. Disponível em: http://www.portal.abant.org.br/publicacoes2/livros/Desafios_Antropologia_Brasileira-Bela_Feldman-Bianco.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

FELDMAN-BIANCO, Bela. O Brasil frente ao regime global de controle das migrações: Direitos humanos, securitização e violências. **TRAVERSSIA** – Revista do Migrante, São Paulo, ano XXXI, n. 83, p. 11-36, maio – agosto de 2018.

FIX, Mariana; RIBEIRO, Giovani Espíndola; PRADO, André Doca. Mobilidade urbana e direito à cidade: uma entrevista com Lúcio Gregori sobre transporte coletivo e Tarifa Zero. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais (RBEUR)**, Recife, v. 17, n.3, p.175-191, set/dez. 2015. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/5145/4706> Acesso em: 05 out. 2020.

FLECK, Giovana. ‘Espaços de integração são necessários nesse momento’: senegaleses promovem festival em Porto Alegre. **Sul 21**. 12/10/2018. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/ultimas-noticias/geral/2018/10/1-festival-de-arte-e-cultura->

senegalesa-busca-integrar-a-comunidade-me-torno-da-tradicao-africana/. Acesso em: 13 fev. 2020.

FOGLIATTO, Débora. ‘Juntos somos mais fortes’: rede de contatos mantém comunidade senegalesa unida em Porto Alegre. **Sul 21**. 29 de dezembro de 2019. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/migrantes/2019/12/juntos-somos-mais-fortes-rede-de-contatos-mantem-comunidade-senegalesa-unida-em-porto-alegre/>. Acesso em: 25 jun. 2020.

FUNDAÇÃO PONTIFÍCIA ACN. **Relatório 2018 Liberdade Religiosa no Mundo: Senegal**. 2018. Disponível em: <https://religious-freedom-report.org/pt/report-pt/?report=2798> Acesso em: 05 out. 2020.

GARCIA, Antonia dos Santos. Relações de gênero, raça e classe na cidade d’Oxum: educação e segregação espacial. In: OLIVEIRA, Reinaldo José de (org). **A cidade e o negro no Brasil: Cidadania e território**. São Paulo: Alameda, 2013, p.129-144.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução por The interpretation of cultures. 1.ed., 13.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008. 323p.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Ed. Perspectiva. São Paulo, 2015.280p.

GEHL, Jan e SVARRE, Birgitte. **A vida na cidade: como estudar**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2018. 184p.

GRAEME, Hugo. **Migrações internacionais não-documentadas: uma tendência global crescente**. Travessia: Revista do Migrante, São Paulo, ano 11, n. 30, jan/abril 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução por Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. 222p.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 7.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Tradução por Adelaine La Guardia Resende...[et al.]. 2.ed. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006.

HARVEY, David. O direito à cidade. **Revista Piauí**, Edição 82, Julho de 2013. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-direito-a-cidade/>. Acesso em: 05 out. 2020.

HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. Tradução por Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes – selo Martins, 2014. 296p.

HOBBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1990.

HÖRÖYÁ. **Info**. 2019. Disponível em: <https://www.grupohoroya.com/info>. Acesso em: 14 maio 2020.

IGLESIAS, José Luis Gázquez. **Dahira Mouride Matlaboul Fawzaïni: el papel de la diáspora religiosa en el desarrollo de Senegal**. Anais 7º Congreso Ibérico de Estudios

Africanos, Lisboa, 2010. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/2223>
Acesso em: 05 out. 2020.

INDOVINA, Francesco. O Espaço Público: tópicos sobre a sua mudança. **Cidades, comunidades e territórios**, n. 5, dez.2002, p.119-123. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/cct/article/view/9168/6615> Acesso em: 05 out. 2020.

INSTITUTE OF RACE RELATIONS. **Definitions**. [entre 2002 e 2019]. Disponível em: <http://bit.ly/1GDAnJd>. Acesso em: 22 dez. 2019.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION (IOM). **World Migration Report 2018**. Genebra, 2017. Disponível em https://www.iom.int/sites/default/files/country/docs/china/r5_world_migration_report_2018_en.pdf Acesso em: 05 out. 2020.

ITAU CULTURAL. **Quem somos**. 2020. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/quem-somos>. Acesso em: 08 jul. 2020.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Tradução por Carlos S. Mendes Rosa. 5. ed. São Paulo: WWF Martins Fontes, 2018. 532 p.

JANESICK, Valerie. Oral History, Life History and Biography. In: TRAINOR, Audrey; GRAUE, Elizabeth (ed) **Reviewing Qualitative Research in the Social Sciences**. London/ New York: Routledge, 2013.

JUBILUT, Liliana Lyra. **O Direito internacional dos refugiados e sua aplicação no orçamento jurídico brasileiro**. São Paulo: Método, 2007. 240p. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2018/02/O-Direito-Internacional-dos-Refugiados-e-sua-Aplica%C3%A7%C3%A3o-no-Ordenamento-Jur%C3%ADdico-Brasileiro.pdf> Acesso em: 05 out. 2020.

KALY, Alain Pascal. O ser preto africano no “paraíso terrestre” brasileiro. Um sociólogo senegalês no Brasil. **Lusotopie**, p. 105-121, 2001. Disponível em: <http://www.lusotopie.sciencespobordeaux.fr/kaly.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.

KAPLAN, Adriana. **Los procesos migratorios Senegambinos en Cataluña**. Barcelona, mosaico de Culturas. Barcelona: Museu Etnologic. Disponível em: http://www.mgf.uab.cat/esp/scientific_publications/art_revista_de_ciencias_web.pdf. Acesso em: 11 maio 2018.

KHALIL, Muhammad Jaafar; NASSER FILHO, Omar. **Um diálogo sobre o islamismo**. Curitiba: Criar Edições, 2003. 167p.

KLEIDERMACHER, Gisele. Entre confradías y venta ambulante: una caracterización de la inmigración senegalesa en Buenos Aires. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 38, p. 109-130, 2013. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5205443> Acesso em 05 out. 2020.

KOLTAI, Caterina. A recepção nacional do estrangeiro no mundo globalizado. In: VIEIRA, Liszt (org.). **Identidade e Globalização: impasses e perspectivas da identidade e a diversidade cultural**. Rio de Janeiro: Record, 2009. 205p. p.137-149.

LABMOB. **Avaliação de Impacto da Paulista Aberta na Vitalidade Urbana (Relatório Técnico)**. Rio de Janeiro: PROURB/UFRJ, 2019. 153p. Relatório Técnico. Disponível em: < http://www.labmob.prourb.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/11/Relatorio_Avaliação-Impacto-Paulista-Aberta-Vitalidade-Urbana_090919.pdf >. Acesso em: 04 março 2020.

LACERDA, Bernardo. Não é coisa só do Japão: Senegaleses limpam estádio após vitória na Copa. In: **O Tempo**. 19/06/18. Disponível em: < <https://www.otempo.com.br/superfc/copa-2018/não-é-coisa-só-do-japão-senegaleses-limpam-estádio-após-vitória-na-copa-1.1858592> >. Acesso em: 04 jan. 2019.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução por Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2001. 143p.

LÓPEZ DE MESA, Julián. Faidherbe el Orientalista y Mohammed el Profeta. La construcción del discurso colonial en Senegal (1854-1889). **Memoria y sociedad**. Bogotá, v. 16, n. 33, p. 136-152, Dez. 2012 . p.136-152. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/meso/v16n33/v16n33a07.pdf> Acesso em: 05 out. 2020.

MACHADO, Igor José de Renó. Refúgios e hierarquias de diferença. In: MACHADO, Igor José de Renó. (org.). **Etnografias do Refúgio no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2020. 210p.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Tradução por Maria de Lourdes Menezes. 4.ed. Forense Universitária, 2006. 297p.

MAGALHÃES, Valeria Barbosa de. **O Brasil no sul da Flórida: subjetividade, identidade e memória**. 2006. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-05122006-104145/pt-br.php>. Acesso em: 12 set. 2020.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa de (Org.). **História oral e migrações: método, memórias, experiências**. São Paulo: Letra e Voz, 2017. 176p.

MARTINE, George. **A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21**. São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 3-22, Sept. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392005000300001&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 05 out. 2020.

MATTOS, Alice Lopes. **Racismo e Xenofobia no Brasil: Análise dos Instrumentos Jurídicos de Proteção ao Imigrante Negro**. 2016. 76f. TCC (Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Direito) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/2796/monografia%20VERS%c3%83O%20FINAL.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 05 out. 2020.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Tradução por Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018. 320p.

MENEZES, Rafael Farias. **Limites e possibilidades de uma visão afrocentrada a partir da obra de Ibn Khaldūn**. 2017. 110f. Dissertação (Mestrado em História) INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, Universidade de Brasília, Brasília. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/31137/1/2017_RafaelFariasdeMenezes.pdf Acesso em: 05 out. 2020.

MERCOSUL. Cartilha da Cidadania do Mercosul. Compilação de normas relacionadas com o cidadão e a cidadã do MERCOSUL. [2018 ou 2019]. Disponível em: <http://www.cartillaciudadania.mercosur.int/pt>. Acesso em: 07 fev. 2020.

MÜLLER, Maria Lúcia Rodrigues; SILVA, Áurea Gardeni Sousa da. A Experiência de Estudantes Africanos no Brasil. **Revista da FAEBA** – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 25, n. 45, p. 55-70, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeaba/article/view/2283> Acesso em: 05 out. 2020.

MOTA, Thiago Henrique. **História atlântica da islamização na África Ocidental: Senegâmbia, séculos XVI e XVII**. 2018. 388f. Tese (Doutorado em História Social) Programa de Pós-Graduação em História Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-B24JZ4/1/ppghistoria_thiagohenriquemota_tesedoutorado.pdf Acesso em: 05 out. 2020.

MUNANGA, Kabengele. As facetas de um racismo silenciado. In: SCHWARCZ, Lilia M. & QUEIROZ, Renato (orgs.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp, 1996. 315p.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 4.ed. São Paulo: Autêntica, 2009a. 96p.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo: histórias, línguas, culturas e civilizações**. 2.ed. São Paulo: Global, 2009b.

NERUDA, Pablo. **Arte de Pajaros**. Buenos Aires: Debolsillo, 2004. 160p.

NETO, Ramiro Januário dos Santos. **Os imigrantes senegaleses na cidade de São Paulo: direitos humanos, discriminação e legislação migratória pertinente**. 2017. 181f. Tese (Doutorado em Direito) Universidade de São Paulo, São Paulo.

O GLOBO. **Sírios terão visto humanitário para entrar no Brasil**. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/sirios-terao-visto-humanitario-para-entrar-no-brasil-10127566>>. Acesso em: 06 fev. 2019.

OLIVEIRA, Anita. **A política cultural e o espetáculo urbano: uma reflexão sobre o direito à cidade no Rio de Janeiro**. 2004. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói.

OLIVEIRA, Ione. **Imigrantes e refugiados para o Brasil após a Segunda Guerra Mundial**. 2013. Anais do XXVII Simpósio Nacional De História (ANPUH), 27, Natal. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371328609_ARQUIVO_Refugiadoseimi-grantes-Anpuh-2013.pdf. Acesso em: 05 out. 2020.

OLIVEIRA, Regina Marques de Souza. Identidade do jovem negro e metrópoles: enunciados da diáspora em São Paulo e Paris. In: OLIVEIRA, Reinaldo José de (org). **A cidade e o negro no Brasil: Cidadania e território**. São Paulo: Alameda, 2013. p.161-226

OLIVEIRA, Reinaldo José de. **Interfaces entre as desigualdades urbanas e as desigualdades raciais no Brasil: observações sobre o Rio de Janeiro e São Paulo**. In: OLIVEIRA, Reinaldo José de (org). **A cidade e o negro no Brasil: Cidadania e território**. São Paulo: Alameda, 2013. p.43-94

PELLEGRINO, Adela. **La migración internacional en América Latina y el Caribe: tendencias y perfiles de los migrantes**. Santiago de Chile: Cepal/Eclac, Naciones Unidas, Março/2003. (Serie Población y Desarrollo, n.35). Disponível em: <http://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/7172/S033146_es.pdf;jsessionid=9F8FB76AEE51E26059B18D819A618108?sequence=1>. Acesso em: 09 set. 2018.

PERAMEZZA, Vilma. **Fechar a Paulista é uma estratégia política primária e excludente**. UOL Notícias. 02/09/2015. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/opiniao/coluna/2015/09/02/fechar-a-paulista-e-uma-estrategia-politica-primaria-e-excludente.htm>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

PEREIRA, Alexandre Branco. Viajantes do tempo. In: MACHADO, Igor José de Renó. (org.). **Etnografias do Refúgio no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2020. 210p.

PÉREZ RABASA, Jeremías, y JARAMILLO FONNEGRA, Verónica. La Criminalización de la Migración y el Rol de las Empresas Transnacionales en los Países de Destino: el caso de los senegaleses en Barcelona y Buenos Aires”. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas** V.13 N.1. Dossiê: Migrações na América Latina e na Europa em perspectiva comparada. 2019.

PÉTONNET, Colette. 2008. Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. **Antropolítica**, Niterói, n. 25, p. 99-111. Disponível: <http://www.marcoareliosc.com.br/08petonnet.pdf>. Acesso em: 05 out. 2020.

MAZRUI, Ali A; WONDJI, Christophe. (Orgs.). **História geral da África VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010. p.67- 88. Disponível em: <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/UNESCO,%20Historia%20da%20Africa/africa%20desde%201935.pdf> . Acesso em: 05 out. 2020.

MEKARI, Danilo. **Refugiados visitam e aprendem no parque mais antigo de São Paulo**, 2013. Portal Aprendiz. Disponível em <http://portal.aprendiz.uol.com.br/arquivo/2013/10/31/refugiados-visitam-e-aprendem-no-parque-mais-antigo-de-sao-paulo/>. Acesso em: 19 fev. 2018.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. 200p.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da desigualdade 2019**. 2019. Disponível em: https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2019/11/Mapa_Desigualdade_2019_tabelas.pdf. Acesso em: 13 ago. 2020.

REIS, João José. **Rebelião Escrava no Brasil: A história do levante dos Malês em 1835.** Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.680p.

RIBEIRO, Bruno. Aumenta nº de imigrantes no comércio irregular; conflitos crescem no Brás. **O Estado de S. Paulo.** 25/05/2018. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,aumenta-n-de-imigrantes-no-comercio-irregular-conflitos-crescem-no-bras,70002323411>. Acesso em: 04 set. 2020.

RIBEIRO, Francisco Aimara Carvalho. **Cabo Verde na montagem do circuito Atlântico de tráfico de escravos.** Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO: Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276665998_ARQUIVO_ANPUHRJ2010.pdf Acesso em: 05 out. 2020.

RIBEIRO, Lidice Meyer Pinto. Negros Islâmicos no Brasil Escravocrata. **Revista USP**, São Paulo, n. 91, p.139 -152, Set./Nov. 2011. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/34861/37599>. Acesso em: 05 out. 2020.

ROBERTO, Simone Assis Alves. **Senegaleses e o comércio ambulante em Pelotas-RS:** etnografia do encontro, acolhimento e dispersão. 2018. 147f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/4256/1/Simone_Assis_Alves_Roberto_Disserta%20c3%a7%c3%a3o.pdf Acesso em: 05 out. 2020.

ROCHA PINTO, Paulo Gabriel Hilu da. [entrevista]. **O Islã:** representações de uma Religião Universal. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU)**, São Leopoldo, Edição 302, ago./2009. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2700-paulo-gabriel-hilu-da-rocha-pinto> Acesso em: 05 out. 2020.

ROLNIK, Iara. Um olhar sobre o território na estratégia do Bairro-Escola. In: SINGER, Helena (org.). **Territórios Educativos: experiências em diálogo com o Bairro-Escola.** São Paulo: Moderna, 2015. p.25-43. Disponível em: <http://www.fundacaosmbrasil.org/biblioteca/territorios-educativos-experiencias-em-dialogo-com-o-bairro-escola/> Acesso em: 05 out. 2020.

SÁ, Patricia Rodrigues Costa de. Uma curva para o sul: O Brasil na diáspora haitiana. In: Konrad Adenauer Stiftung. (Org.). **Fluxos Migratórios e Refugiados na Atualidade.** 1ed.Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2017, v. 7, p. 57-78. Disponível em: https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=081ac67e-e3f2-66ae-60a1-a39b251ecf66&groupId=265553 Acesso em: 05 out. 2020.

SAID, Edward W. **Orientalismo:** o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 480p.

SALINAS, Sérgio Samuel. **Islã:** Esse desconhecido. São Paulo: Anita Garibaldi, 2009. 286p.

SANTANA, Eder da Silva. **O Aluno Negro e o Ensino Superior:** Trajetória Histórica, Percalços e Conquistas (Análise do Perfil Sócio Econômico e Acadêmico do Discente da

SÃO PAULO (cidade). Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP. **Plano Diretor Estratégico do Município de São Paulo**: lei municipal nº 16.050, de 31 de julho de 2014; texto da lei ilustrado. São Paulo: PMSP, 2015. Disponível em: <<http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/marco-regulatorio/plano-diretor/texto-da-lei-ilustrado/>>. Acesso em: 12 set.2018.

SÃO PAULO (cidade). Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP. **Decreto nº 57.086, de 24 de junho de 2016**. Disponível em: < <https://leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/decreto/2016/5709/57086/decreto-n-57086-2016-institui-o-programa-ruas-abertas-nos-termos-da-lei-federal-n-12587-de-3-de-janeiro-de-2012-politica-nacional-de-mobilidade-urbana-2018-09-17-versao-compilada>>. Acesso em: 21 jul. 2020.

SÃO PAULO (cidade). Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP. Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania. **Ações da CPMig 2013-2016**. 2017. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/migrantes/programas_e_projetos/index.php?p=156229>. Acesso em: 13 set. 2018.

SÃO PAULO (cidade). Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP. Desenvolvimento Urbano. Infocidade. **Demografia – Tabelas**. 2018. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/urbanismo/dados_estatisticos/info_cidade/demografia/index.php?p=260265. Acesso em: 28 ago. 2020.

SÃO PAULO (cidade). Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP. Desenvolvimento Urbano. Informes Urbanos. **Imigrantes na cidade de São Paulo**: cinco anos de atendimento do Centro de Referência de Atendimento para Imigrantes - CRAI. 2019a. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/Informes_Urbanos/41_IU_IMIGRANTES_final.pdf. Acesso em: 19 set. 2020.

SÃO PAULO (cidade). Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP. Secretaria de Cultura. **História da Biblioteca Mário de Andrade**. 2019b. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/historico/>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

SÃO PAULO (cidade). Prefeitura do Município de São Paulo – PMSP. Subprefeitura da Sé. **Programação do tratamento à população em situação de rua**. 2020a. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/se/zeladoria_urbana/index.php?p=70488. Acesso em: 24 ago. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Cultura e Economia Criativa. Museu Afro Brasil. **Apresentação**. 2020b. Disponível em: < <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/apresentacao>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. **Fábricas de Cultura**. [entre 2017 e 2020]. Disponível em: < <http://www.fabricadecultura.org.br/home.asp>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

SARDENBERG, Agda (org.). **Territórios Educativos**: Trilhas da Cidadania, educação e refúgio na cidade. São Paulo: Moderna, 2016. (Coleção territórios educativos; v.3). 84p. Disponível em: https://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/wp-content/uploads/2016/09/Territorios_Vol3.pdf. Acesso em 05 out. 2020.

SARLO, Beatriz. **A Cidade Vista: mercadorias e cultura urbana**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014. 240p.

SCHILLER, Nina Glick; BASCH, Linda; BLANC, Cristina Szanton. De imigrante a transmigrante: teorizando a migração transnacional. **Cadernos CERU**, série 2, v. 30, p. 349-394, jun./2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/158717/153713> Acesso em: 05 out. 2020.

SEMPRINI, Andrea. **Multiculturalismo**. Bauru, São Paulo: Edusc, 1999.

SENEGAL. **Le Sénégal: Indicateurs Socio-Économiques**. 2015. Disponível em: <<https://www.sec.gouv.sn/dossiers/le-sénégal>> Acesso em: 19 jun. 2020.

SENEGAL. L'Agence Nationale de la Statistique et de la Démographie (ANSD). **Statistiques démographiques: Population**. 2020. Disponível em: http://www.ansd.sn/index.php?option=com_ansd&view=theme&id=9. Acesso em: 4 abril 2020.

SENGHOR, Léopold Sédar. **Pincez Tous vos Koras, Frappez les Balafons**, 1960.

SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. **Quem somos**. 2020. Disponível em: <<https://www.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/quem-somos/apresentacao/>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

SILVÉRIO, Valter Roberto. **Síntese da coleção História Geral da África: Pré-história ao século XVI**. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCar, 2013. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000227007> Acesso em 05 out. 2020.

SINDICATO DOS BANCÁRIOS E FINANCIÁRIOS DE SÃO PAULO, OSASCO E REGIÃO. **Espaço Cultural Lélia Abramo**. 2020. Disponível em: <<https://spbancarios.com.br/tag/espaco-cultural-lelia-abramo>>. Acesso em: 08 jul. 2020.

SOARES, Carina de Oliveira. A proteção internacional dos refugiados e o sistema brasileiro de concessão de refúgio. **Revista Âmbito Jurídico**, São Paulo, Revista 88, maio 2011. Disponível em: <http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=9430>. Acesso em: 08 ago. 2020.

SOUZA, Carlos Frederico Barboza de. O sufismo como dimensão mística do Islã. **Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v.4, n.7. p.76-94, dez./2005. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/528>. Acesso em: 05 out. 2020.

SOUZA, Carlos Frederico Barboza de. [entrevista] Sufismo: uma mística que busca o equilíbrio. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos (IHU)**, São Leopoldo, Edição 302, ago./2009. In: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2701-carlos-frederico-barboza-de-souza-3>. Acesso em: 05 out. 2020.

SQUARISI, Dad. 22 países árabes. **Correio Brasileiro**. 28/10/2019. Disponível em: <<http://blogs.correiobraziliense.com.br/dad/22-paises-arabes/>>. Acesso em: 22 jun. 2020.

SOARES, Patrícia. Islamofobia sufoca e aterroriza muçulmanos em todo o mundo. **Carta Capital**. 03/12/2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/islamofobia-sufoca-e-terroriza-muculmanos-em-todo-o-mundo/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

SUÁREZ NAVA, Liliana. Estrategias de pertenencia y marcos de exclusión: colectivos sociales y estados en un mundo transnacional. In: KAPLAN, A (coord.). **Procesos migratorios y Relaciones Interétnicas**. VII Congreso de Antropología Social, Zaragoza, 1996. 177p.

TEATRO OFICINA. **Sobre**. Facebook. [entre 2016 e 2020]. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/uzynauzona/about/>. Acesso em: 08 jul. 2020.

TEDESCO, João Carlos e MELLO, Pedro A. T de. Imigração e transnacionalismo religioso. Os senegaleses e a confraria Muride no centro-norte do Rio Grande do Sul. São Paulo: **Revista Nures**, Ano XI, n.30, maio-Ago./2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/27479/19441> Acesso em: 05 out. 2020.

TEDESCO, João Carlos. “Em nome de ...”: religião, trabalho e mercado. Senegaleses em frigoríficos do centro-norte do Rio Grande do Sul. In: TEDESCO, João Carlos; KLEIDERMACHER, Gisele. (Orgs.). **A imigração senegalesa no Brasil e na Argentina: múltiplos olhares**. Porto Alegre: EST Edições, 2017. p. 311–338.

TEIXEIRA, Moema De Poli. Relações raciais na sociedade brasileira. **Cadernos Penesb** – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira, Rio de Janeiro/Niterói, n. 7, p. 261-284, nov./2006.

THOMÉ, Leonardo. Vida ambulante. **Nós**. nº 66. 2017. Disponível em: http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/dc_nos_66_ambulantes/index.html. Acesso em: 13 fev. 2020.

THOMSON, Alistair. Histórias (co) movedoras: História oral e estudos de migração. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200005&lng=pt&nrm=isso. Acesso em: 05 out. 2020.

TOLENTINO, Nancy; ROCHA, Carlos; TOLENTINO, Corsino; PEIXOTO, João. (2011). Migração, remessas e desenvolvimento em África: o caso dos países de língua portuguesa. **Revista Internacional em Língua Portuguesa (RILP)**, Associação de Universidades de Língua Portuguesa (AULP), Migrações, III Série, n. 24, 2011, Lisboa. p.23-48. Disponível em: <http://aulp.org/wp-content/uploads/2019/01/RILP24.pdf> Acesso em: 05 out. 2020.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. **Análise do perfil socioespacial das migrações internacionais para o RS no início do século XXI: redes, atores e cenários da imigração haitiana e senegalesa**. Dissertação (Mestrado em Geografia), 2015, 249f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Instituto de Geociências, Programa de Pós-

Graduação em Geografia, Porto Alegre. Disponível em:
<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117357/000967373.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 05 out. 2020.

UOL. Economia. **Desemprego em 2014 foi de 4,8%, menor nível desde 2002, segundo IBGE**. 29/01/2015. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/empregos-e-carreiras/noticias/redacao/2015/01/29/desemprego-em-2014-foi-de-48-menor-nivel-desde-2002-segundo-ibge.htm>. Acesso em: 07 de setembro de 2020.

VARGAS, João H. As lutas por territórios negros no Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, Reinaldo José de (org). OLIVEIRA, Reinaldo José de (org). **A cidade e o negro no Brasil: Cidadania e território**. São Paulo: Alameda, 2013. p.11-42.

VEIGA, Edison. **Espaços culturais de SP estão concentrados no centro e na zona oeste**. 2015. Estadão. Disponível em: <https://sao-paulo.estadao.com.br/blogs/edison-veiga/espacos-culturais-de-sp-estao-concentrados-no-centro-e-na-zona-oeste/>. Acesso em: 08 fev.2019.

VELOSO, Caetano. **Sampa**. In: _____ *Muito Dentro da Estrela Azulada*. Phonogram, 1978.

VIDIGAL, Lucas. **Senegaleses que pediram refúgio no Brasil terão novo procedimento para obter autorização de residência**. G1. 06/12/2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/12/06/senegaleses-que-pediram-refugio-no-brasil-terao-novo-procedimento-para-obter-autorizacao-de-residencia.ghhtml/>. Acesso em: 14 maio 2020.

VIEIRA, Bárbara Muniz. **Senegaleses comemoram empate em jogo da Copa do Mundo no Centro de SP**. G1. 24/06/2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/senegaleses-comemoram-empate-em-jogo-da-copa-do-mundo-no-centro-de-sp.ghhtml>. Acesso em: 12 jul. 2020.

VILELA, Elaine Meira. **Desigualdade e Discriminação de Imigrantes Internacionais no Mercado de Trabalho Brasileiro**. DADOS – Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 54, no 1, 2011, p. 89 a 128. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582011000100003 Acesso em: 05 out. 2020.

VILLALOBOS, Wendy. O Bairro-Escola Centro. In: SINGER, Helena (org.). **Territórios Educativos: experiências em diálogo com o Bairro-Escola**. São Paulo: Moderna, 2015. p.81-108. Disponível em: <http://www.fundacaosmbrasil.org/biblioteca/territorios-educativos-experiencias-em-dialogo-com-o-bairro-escola/>. Acesso em: 05 out.2020.

WALLERSTEIN, Immanuel. **The Capitalist World Economy**. Cambridge University Press, 1979.

WENTZEL, Marina. **Como países como o Brasil podem se beneficiar da vinda de refugiados**. BBC News Brasil. 2 de setembro de 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45330780>. Acesso em: 17 ago. 2020.

ZABALBEASCOA, Anatxu. [entrevista]. **Jan Gehl**: Una ciudad viva siempre está en construcción. El País. 2016. Disponível em: https://elpais.com/elpais/2016/09/14/eps/1473804328_147380.html. Acesso em 08 jul 2020.

ZLOTNIK, Hania. International Migration Trends since 1980. In: UNFPA (Coord.). **International Migration and the Millennium Development Goals**. New York: UNFPA, 2005, p. 13-25. Disponível em: https://www.unfpa.org/sites/default/files/resource-pdf/migration_report_2005.pdf. Acesso em 05 out.2020.

APÊNDICE A - ENTREVISTA NA ÍNTEGRA: AMATH TOURÉ

Local: Associação dos Senegales de São Paulo

Data: 03/08/2018

Horário: 16h

Wendy: Você pode se apresentar por favor?

Amath: Meu nome é Amath, Amath Touré, como o famoso jogador Yaya Touré [risos]. Eu tenho 32 anos, moro no Brasil há três anos. Estou estudando no Brasil Administração. Já me formei em Economia e Gestão. Sou solteiro, sem filhos. Também eu sou o secretário geral da Associação dos Senegaleses aqui em São Paulo.

Wendy: Quando você saiu do Senegal?

Amath: Desde 2011. Não fui direto pro Brasil, depois que me formei da faculdade tive meu contrato de trabalho em Cabo Verde, um arquipélago que está na costa oeste da África, país lusófono que fala português, então daí, depois da faculdade, a primeira oportunidade de trabalho que eu tive foi nesse país, que eu gosto muito. Fiquei lá mais ou menos três ou quatro anos trabalhando numa rede de clinica dentária como responsável da rede, antes de chegar ao Brasil. Depois foi no final de 2014, final do ano, que eu falei que eu vou passar o final do ano no Brasil pra descobrir. Aí fiquei morando há três anos [risos].

Wendy: Por que você saiu do Senegal?

Amath: Eu estava um pouco mais jovem, 23/24 anos. Já terminei minha formação. Como eu estava também muito ativo nessa associação, eu dava palestra em uma ONG, aí tive contato com um responsável da administração de Cabo Verde que estava interessado no meu perfil, pra trabalhar com ele, por isso que ele me deu uma proposta. Tava bem assim, nessa idade eu falei: “não tenho nada pra perder, vou tentar ver, tentar ganhar experiência”. Por isso que eu sai do Senegal, por causa desse contrato de trabalho.

Wendy: Por que você decidiu conhecer o Brasil?

Amath: No Senegal você não tem muito contato com o Brasil nesse tempo, agora é diferente. Como eu morava no Cabo Verde tinha muitos amigos cabo-verdianos que estudou no Brasil, que têm muita ligação com o Brasil, então a gente costumava conversar sobre o Brasil. Então eu tive um colega de trabalho que se formou no Brasil, que estava casado com uma brasileira,

daí ele falou: “vai lá, visita, você vai gostar”. Antes de conhecer, como a maioria das pessoas, a gente tem essa imagem do Brasil, com violência, com aquelas coisas no Rio de Janeiro, que a gente só mostra isso, essa parte. A gente tava conversando todo dia e ele disse: “não Amath, vai lá, você vai descobrir outra coisa muito interessante”. Então decidi que eu vou visitar nesse final de ano, nesse longo final de ano [risos].

Wendy: Você veio sozinho?

Amath: Eu vim sozinho. Aproveitei pra participar de alguma palestra. Eu estava inscrito num programa de palestra sobre o Brasil pra conhecer mais sobre o Brasil. Passei primeiro por Ceará, Fortaleza, depois fui pro Rio de Janeiro. Daí vim pra São Paulo, daí quando cheguei em São Paulo eu fiquei: “São Paulo é a cidade que eu estava procurando mesmo”. Desde esse dia eu não saí de São Paulo, estou sempre aqui.

Wendy: Como tem sido sua vida em São Paulo?

Amath: No início você chega numa cidade como São Paulo, com quase não sei quanto milhão de pessoa, ritmo de vida é muito diferente, têm muitas coisas pra aprender, fiquei quase três meses melhorando meu português, fiquei fazendo curso de extensão na USP pra tentar se integrar. No início de 2015 com essas dificuldades que o Brasil tava confrontando, as coisas não estava tão fácil, eu falei: “não vou desistir, eu vou correr atrás”. Daí eu consegui ter meu emprego numa administração de imobiliária, um amigo que me ajudou. Eu fiquei um ano trabalhando nesse edifício. Eu fazia tudo, era o zelador, [folguista]²¹⁶, tudo, era o faz tudo. Um amigo falou: “não, se você está interessado a gente tem um emprego aqui, dá pra te ajudar, você trabalha, das 9 horas até as 17 horas, então a tarde você pode continuar seu estudo porque você vai precisar de trabalhar, você não pode ficar todo tempo sem trabalhar”. Eu fiquei quase cinco meses morando em São Paulo, gastando muito dinheiro, então eu fiquei lá quase um ano, então trabalhei um ano, nesse tempo eu consegui aprender muita coisa, agora ter uma rede também, então eu falei: “agora chega. Eu vou empreender”, então daí eu parei lá, peguei um pouco de dinheiro que eu tinha e lancei minha própria empresa. Até hoje abri minha própria empresa, eu tive muita experiência na área de negócio, eu já me formei em Economia e Gestão. Eu falei: “o que eu pode fazer aqui em Brasil? Comércio internacional”, então fui no Senac, fiz curso básico pra entender a legislação do Brasil nessa área, daí foram seis meses de curso, um certificado

²¹⁶ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

básico, eu falei: “já tá pronto, vou lançar minha empresa” e entrei nessa área. Até hoje eu estou trabalhando na intermediação comercial.

[Seu colega chega com café para todos]

Wendy: Você gosta do seu trabalho?

Amath: Gosto muito. Eu tive essa oportunidade no Brasil, então eu falei: “não vou parar isso, vou fazer curso”. Agora estou terminando o curso técnico de Administração, então pra ter mais qualificação, conquistei também uma bolsa para graduação na Faculdade Integrada Campos Salles.

Wendy: Você pode falar sobre onde você morou e onde mora atualmente?

Amath: Na cultura senegalesa tem uma coisa que se chama, por exemplo, você tem nome que são primo, mesmo que você não é da mesma família considera como primo, por exemplo, uma pessoa que tem nome da Silva, uma pessoa que tem nome de Souza, então tem um cruzamento dos nomes na cultura senegalesa, então a gente considera como parente. Isso é uma coisa pra melhorar a integração. Eu tenho um primo aqui que me ajudou no início. Quando eu cheguei fiquei 15 dias na casa dele até que eu consegui um local bem perto do centro, porque gosto de morar no centro, há 10 minutos daqui [pede licença e atende celular]. Depois de 15 dias, como estava com pouca grana, consegui morar em uma pensão, que era dividido o quarto, cada um tem seu quarto. Daí desde esse tempo eu moro nesse mesmo quarto, nunca mudei [risos], aqui na Bela Vista, há 10 minutos do centro.

Wendy: Você aprendeu português em Cabo Verde?

Amath: Aprendi a entender bem. Como lá fala creole, um dialeto que é uma mistura das línguas africanas com o português, que a gente usa bastante, você fala mais creole que o português, mas ajuda bastante, porque você já tem o costume de ouvir o português, tudo isso, então isso facilita. Depois quando cheguei aqui fui estudar mais pra melhorar, até hoje estudo.

Wendy: Você pode contar um pouco a respeito do que você achou de São Paulo e do que viveu aqui?

Amath: São Paulo é uma cidade que eu gosto. Porque gosto desse movimento de São Paulo, final de semana, quinta-feira, sexta-feira, até sábado com esse barulho [risos]. O samba em cada rua é uma coisa bem legal. Atrás disso você percebe outra São Paulo, muito triste com desigualdade, você vê na rua pessoas com uma situação muito difícil que nem têm onde morar,

você passa no centro e percebe essa dificuldade, tô falando de São Paulo. Em São Paulo, desde que eu cheguei aqui no Brasil eu me envolvi muito nas questão social, porque tô ajudando muito a comunidade senegalesa pra se organizar, pra melhorar a vida aqui no Brasil, porque têm muitos jovens que tão chegando aqui, já têm alguma experiência na vida, já se formou, mas têm dificuldade pra se integrar no Brasil, então a gente tem, acho que há dois anos e meio, a Associação junto com eles. Sempre me falam: “você tem que ajudar pessoas, pra organizar aulas de português, tudo isso”. A maior dificuldade que a gente tem é essa questão da documentação que os estrangeiros como nós não consegue ter. Tá muito difícil correr atrás e talvez prejudica. Eu tô me lembrando no primeiro ano de curso eu não consegui ter bilhete pra transporte, porque quando fui na SPTrans, eles falaram: “você tem que registrar o RG ou o registro nacional do estrangeiro”, e eu falei: “e se eu ainda não tenho isso?” “se você não tem, não dá pra fazer”. Então eu tava pagando do meu próprio bolso pra ir na escola. Outro problema também é o acesso a essa informação, é muito difícil pra comunidade, entendimento quando você vai na prefeitura, no hospital, as estruturas não estão preparado pra entendimento dos imigrantes, tudo que tão falando em português... Tem essa questão cultural, essa questão de xenofobia, essa questão de racismo que também é uma realidade que a gente estamos confrontando todos os dias, essa parte é muito problema em São Paulo. Então eu acho que São Paulo, falando de imigração no Brasil, a cidade de São Paulo é a cidade referência que você encontra todo tipo de nacionalidade que tem no Brasil. Eu não sei os dados real, mas sei que a maior parte dos imigrantes estão morando aqui em São Paulo, então falta estrutura preparada pra acolhimento, para atendimento, para orientação, tudo isso.

Wendy: Você chegou a sentir xenofobia, racismo?

Amath: Eu pessoalmente já estou preparado pra esse tipo de situação, porque desde os 16 anos eu trabalho com questões sociais, então eu já trabalhei como voluntário em várias ONGs, então eu não tenho essa percepção da vida, eu estou acostumado pra qualquer situação, mas isso é uma realidade. Xenofobia mais ou menos, mas questão de racismo a gente percebe todo dia, não é só estrangeiro, negro ou boliviano, mas é uma realidade que a gente vive todo dia no Brasil. Se não é ligado diretamente comigo, talvez com um amigo, com uma pessoa conhecida, tudo isso. A gente percebe. Eu trabalho com a associação, chega aqui e conta pra você: “hoje eu tive esse problema com isso, uma pessoa me chamar de isso, tudo isso”. É uma realidade, eu sempre falo, que não é só do Brasil, é no mundo inteiro e precisa ser denunciado, precisa que a gente enfrente essa situação, não esconde essa realidade, tem que ter debate tem que ter essa

polêmica pra que a gente consegue resolver essa situação. É uma situação que tem que ser discutida.

Wendy: Pode falar sobre coisas que você gosta e não gosta de São Paulo?

Amath: Tem uma parte do Brasil, a cultura bem parecida com as realidades da África, do Senegal. Tem outra parte também, por exemplo, a gente vai falar da liberdade que tem no Brasil. Aqui cada pessoa tem que escolher sua orientação, suas convicção. Quando você chega novo no Brasil assusta mesmo: “poxa, o que é isso?”. Não é carnaval e você vê cada um fazendo o que quer, sem problema, sem preconceito com isso. Então isso é uma coisa bem bacana. Isso pra nossa cultura é bem estranho, choca um pouco, mas daí com o tempo a gente acostuma. Outra coisa que eu gosto muito do Brasil, que eu amo, é a literatura, a arte. Já foi no Museu Afro Brasileiro, Biblioteca Mário de Andrade, gosto muito de passar o tempo [risos], Ibirapuera que talvez uma vez por mês, duas vezes a gente vai lá visitar, coisa bem interessante. Centro Cultural do [Banco do] Brasil, a gente já foi, eu tenho uma amiga, a Liliane que foi minha primeira professora de português em cada final de aula, como a gente tinha muito tempo, a aula terminava ao meio dia, a gente tinha até as 16 horas. “O que você gosta?”. “Eu gosto de fazer isso, fazer isso”, “Então vamos lá!”. Foi ela que me ajudou a conhecer vários lugares do Brasil, o centro cultural, como é que chama mesmo? O Museu da Língua Portuguesa, a Pinacoteca, todos esses lugares a gente já foi. Pra eu, eu sempre falei isso, aprender a língua portuguesa não é só falar as palavras, é conhecer a cultura, conhecer o país onde você tá morando, as realidade, qual é a cultura, quais são as pessoas que participou nesse conjunto do Brasil, quais são as referências do Brasil, tudo isso a gente tem que estudar, tem que saber.

[Entra Fily, Amath o apresenta, conversam em francês. Fily se despede e vai embora]

Wendy: O que você achou desses locais?

Amath: O Museu Afro Brasil foi o lugar que atraiu mais minha atenção, porque lá você vê essa questão da realidade, da diversidade do Brasil, onde tem várias exposição de arte, então é bem retratada essa questão da escravidão, que talvez a gente esquece que faz parte da história, que a gente precisa debater sobre esse assunto porque história não é pra esconder, é pra ajuda pra conscientizar as pessoas. Então foi o lugar que ativou mais minha atenção. Eu tenho um amigo também que é senegalês que participou, quando eu contei que fui lá, ele falou que ele participou da construção do museu, porque ele trabalha com arte, ele mora no Brasil há mais de 25 anos. Então ele participou na identificação de algumas peças de artesanato. Também outra coisa

importante que ele me falou foi que o próprio presidente do Senegal da época foi lá e visitou o museu.

Wendy: Tem algum espaço cultural ou parque que você ainda não conheceu mas que você quer conhecer?

Amath: Acho que tem, agora não lembro especificamente. Mas eu lembro que...conversei com... eu nunca tive lá, mas ele me falou que era um antigo espaço que era um presídio.

Wendy: Deve ser o Memorial da Resistência

Amath: Acho que é isso mesmo, ainda não fui, mas estava com muitas coisas na cabeça, que agora com trabalho com muitos cursos está difícil de ter espaço pra isso, mas eu já expliquei pra ela que qualquer coisa, mesmo se ela não tem tempo, eu ir visitar.

Wendy: Onde os senegaleses costumam se encontrar em São Paulo?

Amath: Praça da República. A referência na cidade de São Paulo com a comunidade é a República. Quando você chega na República você não vai se perder mais porque tem uma forte comunidade senegalesa que estão morando ao redor, estão trabalhando, tem loja, restaurante. Na São João já tem mais de cinco, seis lugares de referência da comunidade, você vai na Barão de Itapetininga têm senegaleses vendendo arte, a 12 quadras tem a mesquita senegalesa, que todo domingo também tem, como uma forma de igreja, a gente se encontra lá. O ponto de referência mesmo é a República. Quando você chega na República você não pode ficar três minutos sem encontrar um senegalês na rua [risos]. Outro lugar que eu tenho amigo é o Brás, quando você vai lá a maioria dos senegaleses estão trabalhando com vendas.

Wendy: Você pode falar sobre as manifestações culturais dos senegaleses em São Paulo?

Amath: A gente tem duas datas que mobilizam toda comunidade senegalesa que estão no Brasil, na diáspora como dizem, que se chama Magal Touba. Essa data é uma data ligada com a história de Senegal, com a referência que é o Cheikh Ahmadu Bamba. Que é uma grande personalidade da religião muçulmana, um grande homem que tem sabedoria, que ajudou na construção de um modelo social e econômico com base na religião islâmica. Então têm muitas pessoas que são discípulos, que são adeptas dessa religião muçulmana, que através deles, dos ensinamentos e conhecimentos dele. Cada ano no mundo inteiro, em Senegal e na diáspora, tem um dia que é o dia de comemoração dele, então qualquer lugar que tem senegaleses, a gente celebra. Essa festa aqui na cidade de São Paulo mobiliza mais de 2.000, 3.000 pessoas. Quase

toda a comunidade. Tem outra data também que é uma referência que é a data do nascimento do profeta do Islã, que é uma data que a gente também comemora, dessa mesma forma. Desde o ano passado a gente também iniciou o dia 4 de abril que é o Dia da Independência de Senegal. Então essas são três datas que a gente costuma colocar no calendário para a cada ano comemorar.

Wendy: Essas duas datas que você citou é o mesmo dia ou mudam a cada ano?

Amath: Muda porque depende, não é baseado no calendário grego, é baseado em outro calendário. Muda uma semana, duas semanas. Então sempre dois meses antes a gente fica sabendo de que dia vai ser.

Wendy: No dia 4 de abril você comentou que é feito um encontro. Nos outros dias o que é feito?

Amath: Cada ano a gente fala sobre uma temática que é muito importante, sobre migração, a gente costuma fazer uma missa, falando sobre a questão de migração ligando com o ensinamento do Cheikh, essa pessoa referência, o que ele falou sobre esse assunto, a gente pega isso. A gente faz comida pra todo mundo, convida amigos, é um momento de comemoração pra solidariedade, então muito solidariedade também, comida... como uma forma de...porque têm pessoas que se encontram uma vez por ano por causa desse evento, então a gente aproveita pra família, pra amigos, conhecimento, tudo isso.

Wendy: É feito num local específico ou vocês variam?

Amath: Como a gente costuma fazer: a gente aluga uma sala grande que tem capacidade e então faz esse evento. Começa de manhã até a noite, e cada um chega a hora que tem disponibilidade para participar.

Wendy: Onde fica a mesquita que você comentou?

Amath: Na rua Aurora.

Wendy: Além da celebração da Praça da República, tem alguma outra praça ou rua onde ocorre outra celebração?

Amath: É essa mesma, tem outra bom, que se passa na mesquita, bem privada. Essa que tá passando na República, também como tem essa cultura de tocar, não dá pra fazer em um lugar fechado, por isso a gente faz. É ligado com esse ensinamento do Cheikh que eu tô falando. Não

é questão de cultura só, é cultura religiosa, é ligada com religião, então a gente costuma fazer essa celebração a cada semana na Praça da República. Além da Praça da República não tem outra, é só esse mesmo.

Wendy: Você participa?

Amath: Talvez uma vez por três meses [risos]. Muito trabalho. Infelizmente é segunda-feira, você sabe como é segunda-feira, o dia mais cansativo da semana.

Wendy: Mulheres podem participar nessa celebração?

Amath: Qualquer pessoa pode participar.

Wendy: Tem alguma coisa que você sente falta do Senegal?

Amath: Ah claro! Eu sinto muita falta das minhas praias, porque lá tem bom praias. Sinto muito falta da minha família, amigos, sinto falta da comida senegalesa, da realidade, do transporte urbano, dos barulhos da cidade, sinto falta de tudo [risos]. Mas sinto mais falta da minha família, minhas irmãs²¹⁷, meu pai, mãe, tudo isso a gente sente sim falta, muita nostalgia.

Wendy: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Amath: Sim, a única coisa é pra entender que nesse momento a gente está confrontando com muita dificuldade, não só nós de Senegal, são todas as pessoas que estão vivendo no Brasil, então você está acompanhando a realidade política, tudo isso, eu não tenho o mesmo direito de falar sobre isso, mas eu tenho, porque eu me considero cidadão né, então não é só para os senegaleses mas para toda a comunidade imigrante do Brasil que estão confrontando com essa nova Lei de Imigração que não facilita muita coisa, então a gente não tá informando o que tá acontecendo. Tem muito caso de violência, que não é especificamente da comunidade senegalesa, mas todos os brasileiros estão sofrendo disso, mas fica mais triste pra uma pessoa que deixa seu país, vem até aqui e depois leva de volta para a família um corpo sem vida, então fica mais triste. Essa é uma questão que precisa ser debatida. A imigração é natural, não é só com o ser humano, mas com as outras espécies também, cada espécie tem imigração de um lado para outro lado, é uma coisa bem natural a imigração não é um problema, como tem gente falando sobre imigração, eu não gosto de participar desse tipo de evento, porque tem gente pegando imigração como uma forma de *business*, o imigrante não é tão vulnerável como eles

²¹⁷ Não foi possível identificar se o entrevistado se refere a irmãs ou irmãos.

estão pensando porque essa questão pra todo o Brasil você vê isso, essa questão da vulnerabilidade você encontra na cidade de São Paulo, pessoal que está vivendo numa situação mais pior, então o imigrante não está precisando de ajuda assim, específico, é só dar oportunidade porque com essa oportunidade ele pode crescer ele pode organizar sua vida, a vida de sua família. Então com a comunidade senegalesa também, a gente está se organizando, você já viu que a gente tem uma associação, tá se estruturando, a comunidade está participando desse chamamento, tem várias pessoas no curso, você já viu o Fily que já fez 30 anos no Brasil ajudando a gente. Nessa questão a gente está se preparando para ter uma comissão que vai cuidar só dessa questão ligado com pesquisa, questão que trabalha com questão acadêmico, porque têm oito professores senegaleses que estão dando aula nas grandes universidades federais do Brasil, a gente tá pensando em aproveitar essas pessoas pra divulgação da cultura, mostrar o que é a realidade desse país.

APÊNDICE B - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA: FILY KANOUTÉ

Local: Aliança Francesa

Data: 06/08/2018

Horário de início: 10h

Wendy: Você pode se apresentar por favor?

Fily: Eu sou Daffa Fily Kanouté, meu nome completo. Sou senegalês e estou no Brasil há 32 anos, cheguei em dezembro de 85, no dia 13 de dezembro no Rio de Janeiro e vim de Portugal, onde eu estudava como bolsista no Instituto Camões, num curso de extensão universitária que eu vim fazer na área de Letras. Vim no Brasil pra visitar a família da minha namorada e nesse período uma professora que eu conhecia, já de um curso que eu frequentei na Universidade de Lisboa, que é professora na USP, me recebeu e nós achamos por bem eu ficar aqui porque eu já gostava do Brasil, também como eu sou músico eu me interessava pela música brasileira que vinha praticamente pouco desde a África e [também optei em ficar] por questões afetivas, dessa moça que eu conheci na Universidade de Lisboa. Enfim foram as circunstâncias desse tipo que me fizeram chegar aqui e ficar.

Wendy: Você saiu de Senegal para estudar em Portugal?

Fily: Pra fazer pós-graduação lato sensu.

Wendy: Você veio com essa namorada?

Fily: Eu cheguei antes dela porque ela ia terminar o curso de arquitetura, como eu já tinha terminado meus dois anos de bolsista do Instituto Camões então eu vim antes. Eu cheguei em dezembro e ela chegou em junho ou julho de 86.

Wendy: Pode contar um pouco como tem sido sua vida por aqui?

Fily: Eu comecei a estudar na USP fazendo o mestrado e paralelamente eu trabalhava, dava aulas de francês, fazia traduções, não tinha bolsa e fiz monitoria na USP, como professor de francês instrumental pelo Departamento de Letras Modernas. Inclusive parte dessa formação, desse método de ensino, eu fiz aqui nesse espaço onde nós estamos. Isso foi 86, 87. Depois eu me separei dessa moça, conheci uma outra que também estudava na USP, com quem eu tive dois filhos. Entretanto eu parei de estudar, passei a trabalhar em um jornal de esquerda ‘A Hora do Povo’, eu era tradutor, tinha uma pequena coluna lá. E depois fui trabalhar como professor de Linguística e Gramática Portuguesa, em faculdades, cursinhos, e como consultor de língua

francesa da Wizard Idiomas, em Campinas. Então praticamente eu me afastei da vida acadêmica, até eu voltar a fazer matrícula com a mesma orientadora, mas abandonei de novo pela segunda vez. Ela já tinha me proposto fazer o doutorado direto como eu tinha tirado parte dos créditos. Fui morar em Minas, me separei da mulher e fui morar em Minas. Eu praticamente não voltei mais pra academia, fui trabalhar nas empresas, fiquei fazendo tradução corporativa pra Peugeot, Citroen e pra fornecedores de autopeças, empresas americanas, italianas, trabalhei pro Carrefour, enfim eu sai da área de humanas, porque eu parei de lidar com literatura, linguística e gramática para traduzir normas técnicas da Petrobrás, emissão de poluentes pra carros no Brasil e na América da Latina e só agora que eu tô voltando a trabalhar de novo com a parte acadêmica, dando cursos de literaturas africanas, sobre culturas africanas, trabalhando novamente com música africana é mais ou menos nessa fase que eu estou aqui. Nesse processo todo eu me mudei de São Paulo para o interior, depois pra Goiás, depois pra Minas Gerais, eu fui circulando um pouco e morando nesses lugares por causa desses trabalhos.

Wendy: Quando você voltou para São Paulo?

Fily: Eu voltei pra São Paulo pela última vez há dois anos.

Wendy: Seus filhos estão aqui?

Fily: Meu filho mora no Rio de Janeiro, ele foi estudar lá fazer engenharia florestal na UFRJ e minha filha também esteve lá, terminou o curso, depois ela voltou aqui em São Paulo, ela mora aqui. Meu filho mora no Rio, por causa do tipo de trabalho que ele faz, ele trabalha com as questões de licenciamento ambiental, identificação botânica, então ele viaja bastante. Ele mora no Rio mas até semana passada ele tava no Vale do Jequitinhonha, fazendo uma avaliação. Na semana que vem ele vai estar em São Paulo, pelo mesmo motivo, então ele viaja bastante.

Wendy: Antes de vir para cá, você já falava português?

Fily: Estudei na Universidade de Dakar, na Faculdade de Letras onde eu estudei português também. Por isso que eles me deram a bolsa pra Lisboa. Tem um convênio entre a Universidade de Dakar e alguns institutos de fomento de Lisboa como a Fundação Gulbekian, com o Instituto Camões, que é um órgão do Ministério da Cultura de Portugal.

Wendy: Você teve dificuldades quando chegou no Brasil?

Fily: Como eu vim em circunstâncias não traumáticas, portanto eu não saí por nenhuma contingência política ou de catástrofe natural, até de problemas sociais, como vem acontecendo

cada vez mais no terceiro mundo tornando essa transumância compulsória e um tanto desesperadora, então eu não tive problemas nesse sentido.

Wendy: Pode falar sobre coisas que você gosta e não gosta de São Paulo?

Fily: Todo mundo fala do gigantismo de São Paulo e da coisa da impessoalidade, que a pessoa perde a individualidade no meio desse blá blá blá. Pra mim isso ao invés de defeito, a insensibilidade, o anonimato no meio de tanta gente, pra mim isso foi mais um fator para me proteger, porque aqui tem uma questão muito importante que é a questão racial no Brasil. Se o negro brasileiro já tem problemas pra se inserir na sociedade nacional, apesar de toda a sua contribuição que foi determinante para a construção do Brasil por causa de seu trabalho, eu falo mesmo por questões econômicas porque a gente sabe que o Brasil se tornou um país possível economicamente porque o negro trabalhou e o advento da economia brasileira também veio do fato, se a gente for falar da acumulação primitiva dos meios, que aconteceu com o capitalismo mercador que é o mercantilismo que marcou o final da Idade Média, da Renascença, então todo esse comércio foi possível no continente africano antes mesmo das grandes descobertas e posteriormente o negro continuou servindo como subvenção de todas as possibilidades econômicas que teve na América Latina, mesmo assim o pessoal está completamente marginalizado dentro desse processo dos dividendos. Então quando nós chegamos aqui nos deparamos com dois problemas, primeiro: a gente sofre com racismo por sermos negros, então nós sofremos de racismo, como negros brasileiros sofrem também, mas além de sofrer esse racismo por parte do branco, nós também nos sentimos um pouco como invasores. Todas as prerrogativas que um negro brasileiro reivindica pra si, muitas vezes ele não tem, mas quando um estudante africano vem através de convênio ele não passa por todas as dificuldades que o negro brasileiro passa para ter acesso à universidade. Por exemplo, eu cheguei no Brasil fui entrar na universidade. Então quando eu cheguei aqui o que mais tinha de africanos no Brasil eram estudantes, não tinha essa onda migratória grande, então quem era o protagonista nesse processo? Eram estudantes. Então, portanto, eram pessoas que tinham um certo nível de cultura, de educação, ou muitas vezes até do ponto de vista do poder econômico, porque muitos dos caras que vinham ou o cara ele chegou por merecimento, porque ele passou nas provas e entrou, o que era a minoria, porque a maioria dos que vinha aqui, o pai tinha dinheiro pra custear a vida dele no Brasil, então era filho da elite. Então quando esse cara vem aqui, ele era de um patamar de poder aquisitivo na África que nem muitos brancos aqui tinham, porque eu conhecia colegas meus, africanos, que eram filho do vice-presidente, filho do vice presidente de Gana, filho do vice-presidente da Guiné Bissau, cara que o pai dele era presidente da maior companhia aérea,

e uns que tinha bolsas do USAID, que tinha convênio com o Itamaraty. Então essa pessoa chega e entra no Brasil e não tem medo de entrar na universidade da USP, por exemplo, e a gente entrava através das convenções internacionais. Eu não estou dizendo que eu sou esse perfil, eu vim aqui por minha conta, o que é um caso raro, meio aventureiro, eu fui com bolsa de estudo em Lisboa e eu resolvi que eu ia vir aqui através de um rabo de saia, ou pelo meu gosto pela música e também porque tinha uma pessoa que eu conhecia que podia me orientar nos estudos aqui, vários fatores. Então as dificuldades que conhecemos era isso, porque dentro da USP, por exemplo, não tinha uma cultura de convívio com negros dentro do campus, não só por parte dos alunos, como também por parte dos professores. Eu não tive dificuldade na Faculdade de Letras, mas eu tinha amigos que vinham da Angola, da Guiné Bissau, do Senegal, que estudaram na Faculdade de Economia, que fizeram Administração e lá só tinha filhos de ricos, era gente rica que estudava lá, a Escola Politécnica. Então a dificuldade que esse pessoal encontrava era dentro da sala de aula, o cara ele nunca conviveu com negro, durante 400 anos [risos], então aí chega lá e tem um criolinho, porque aqui o brasileiro, o negro pra ele é lá longe, entendeu? Mesmo dentro de casa o cara trabalhava fazendo faxina, era muito complicado naquela época. Hoje em dia você vê a criolada o tempo todo com uma estética de negro, do *black is beautiful*, que sai por aí, ta ta ta, faz desfile de moda, etc. Naquela época não tinha, você era jovem ou não tinha nascido, mas seu pai pode lembrar disso, era muito difícil quando eu cheguei aqui, o negro era um zero à esquerda e tinha um debate muito importante naquela época que era assim: a inserção dos negros dentro das mídias. Eu lembro de um debate que eu vi na televisão do Silvio Santos, no SBT há mais de 30 anos, mais ou menos, quem estava debatendo lá? Era o professor Hélio Santos, sempre ele, que lutou tanto pelas cotas, foi professor da PUC de Campinas, do PSDB, trabalhou no governo FHC, debatendo com o Hélio Mainardi, quem é Hélio Mainardi? É o pai do Diogo Mainardi. Sabe quem é o Diogo Mainardi? Você vê como o Diogo Mainardi é? O pai dele era pior do que ele. Você não conhece o pai dele? Porque o Diogo Mainardi é um intelectual de direita, o pai dele é um publicitário de direita. Então esse cara eu vi, na televisão, ele fala na televisão: “nós não vamos por negro na propaganda porque negro não vende”. Falando com todas essas palavras e o Hélio Santos na frente dele, porque na época ele já estava reivindicando as cotas, isso era há 30 anos atrás, eu recém-chegado no Brasil. Então a mentalidade da elite brasileira, dos brancos, era mais ou menos isso, e dentro das universidades, quer dizer, se os negros tinham problemas fora, em coisas tão simples como aparecer nos meios de comunicação de massa, imagina num lugar tão elitizado quanto a universidade onde só os filhos de rico estudavam. Então tinha meia dúzia de gatos pingados negros que estavam lá e 99% desses negros eram africanos, então a gente tinha

essa dificuldade com essas pessoas. Na área de humanas nem tanto, na área de humanas que a Faculdade de Economia e Administração também é humanas...você via... eu tive um amigo Quibemba, de Angola, ele abandonou o curso de engenharia na FEA de tão maltratado que ele foi, ele vinha chorar pra mim, eu era um pouco mais antigo, como era um negro porra louca, andava com os punks, era rastafári, era maconheiro, as pessoas tinham uma certa... porque eu não tava nem aí. Eu tinha rodado o mundo um pouco, então eu tinha desmistificado, convivi muito com latino-americano, estudei num departamento na Universidade de Lisboa para estrangeiros, onde tinha gente do mundo inteiro que estava lá na mesma condição que eu, então quando eu cheguei aqui eu já tinha desmistificado todo esse processo. Eu morava em Lisboa com brasileiros, era um casal de judeus, a minha namorada, cujo pai era um dos diretores da Sabesp, então quando eu cheguei aqui eu não tinha esse problema, só que os outros africanos que vieram diretamente do continente pra cá, eles se depararam com um murro na cara deles, porque o cara sai de lá “meu pai é fazendeiro”, ou sei lá o que... os caras chegam aqui, “seu pai é fazendeiro o que! Você é negro!”. Entendeu? E é tratado desse jeito. “Mas eu falo três, quatro línguas”. Esse rapaz abandonou o curso. Outro cara era da elite do Gabão, foi estudar na FEA, foi tão maltratado que ele abandonou o curso e foi fazer Letras. Porque lá ele não tinha problemas. Porque ele foi fazer Letras? Ele sai de um país de língua francesa que é o Gabão, ele fala francês desde criança, ele foi estudar francês numa faculdade de Letras em um país que o francês é uma língua estrangeira, então ele deu um baile nos caras, ele podia dar aula, até pros professores ele podia dar aula, então o que ele fez? Ele se deu bem, ele falou, não os caras estão me maltratando.... Numa velocidade muito grande ele fez o doutorado, se formou, o que ele fez pra se vingar? Ele foi dar aulas de língua francesa num centro de línguas adivinha da onde? Da FEA [risos], eu encontrei com ele, ele me contou, ele falava pros alunos, “eu estudava aqui o pessoal me maltratou”.... Ele mora aqui, ele é engraçado. Então mais ou menos esse problema que a gente teve dentro da academia. Agora outro problema é o nosso problema com os negros brasileiros, porque na cabeça deles não tinha esse negócio de convenções internacionais, todas as universidades têm convenções internacionais. Nos acordos comerciais de cooperação que o Brasil faz com o mundo, as bolsas para os países com o que o Brasil faz negócio, até para transferência de tecnologia, você estudou Relações Internacionais, você sabe disso: o Brasil quer vender aviões para o Senegal, o senegalês vai comprar do brasileiro desde que o Brasil se comprometa a formar engenheiros que possam eventualmente até consertar os aviões, isto está nas convenções internacionais. Agora vai falar pro negro daqui que o negro de lá não veio aqui pra tomar a vaga. Então tinha gente que falava: “os negros brasileiros não entraram na USP porque vocês tomaram as nossas vagas”. A gente ouvia isso, então muitas vezes a gente tinha

mais hostilidade por parte dos negros daqui do que dos próprios brancos...porque muitas vezes esses brancos que são mais classe média, eles têm uma cultura a respeito do mundo mais universal, que faz com que o cara saiba que tem critério, que não pode jogar tudo num mesmo balaio de gato, porque o cara eventualmente morou no Chile, no Paraguai, no Senegal, então o cara sabe que esse cara que tá aqui ele tem tanto estudo quanto eu, então nós tivemos também esse problema. Não sei se você lembra desse fato, em Brasília queimaram a casa de estudantes africanos com pessoal lá dentro. Faz pouco tempo, se você pesquisar no noticiário, provavelmente no Google, você vai ver que o pessoal estava dormindo aí o pessoal pegou igual fizeram com os índios, foram lá e tacaram fogo na casa deles, em Brasília, foi um brasileiro que fez isso. Quando eles foram procurar qual brasileiro que fez? Foi negro, então tem esses aspectos com que a gente se depara, isso foi a minha história. Agora é diferente essa situação, porque nós éramos poucos, éramos estudantes, a polícia parava a gente direto, aí você mostrava o documento, estudante de pós-graduação da USP e eles não entendiam nada, entendeu? Uma vez teve um evento de comemoração do dia do Japão lá na Casa da Cultura Japonesa, sabe onde é? Do lado do Instituto Butantã, na época eu morava no interior, eu dava aula lá e eu tinha uma disciplina na USP e eu só andava com os caras mais maloqueiros, aí tinha um coquetel e estava lá o reitor, o Fava, ele foi reitor depois teve o Gutemberg, depois o Villas Boas, Villa Lobos, esqueci, depois o Fava, aí tava todo aquele pessoal da Faculdade de História lá, aqueles maconheiros tudo, aí quando tem esses coquetéis eles vão lá, tem boca livre, tudo de graça, aí eu tava lá no meio deles. Tinha muitos que não eram estudantes, aí tava Roberto Rolemberg que é diretor de comunicação da USP, ele é diretor da rádio USP, Jornal da USP, toda a área de comunicação, ele é assessor de imprensa e ele é judeu. Aí o que aconteceu? Todo mundo tava lá, os caras servindo aqueles canapés, comendo *sushi* e *sashimi*, aquele camarãozão, tomando saquê num copo quadrado e o reitor tava lá com autoridades e com os estudantes no meio, aí eu tava lá e tava quietinho lá comendo, aí eu vi um dos assessores falando com esse Rolemberg aí, falaram entre eles, aí ele me chama lá no canto pra eu sair. Eu até hoje lembro desse cara, ele tem um programa na Rádio USP eu ouço esse programa, ele é metido a cara de esquerda, ele pode até ser mas ele tem uns problemas. Eu ironicamente eu usava chapéu, sempre usei chapéu de couro, tinha cabelo na época, uma jaqueta, aí ele pediu pra eu sair “por que você quer que eu saia?” “Porque esta festa é particular”, aí eu falei: “essa festa não pode ser particular dentro de uma universidade pública, não pode ter festa particular dentro da USP”. Aí ele ficou lá me olhando, eu peguei minha carteira abri e dei pra ele, carteira da USP da Pós Graduação.

Wendy: Ele falou alguma coisa?

Fily: Falar o que? Depois dessa! Eu que ia fazer um escândalo, mandar ele tomar no cu. Aí os meus amigos que tinham essas bandas punks, os excomungados, tudo doido, tinha um amigo meu que era judeu, mora aqui no Bom Retiro, estudou na Faculdade de Letras. “O que esse cara queria?” “Ah ele queria que eu me retirasse”. “Como esse cara pode fazer um troço desses? Ele é judeu também!”. Eu nem sabia. Esse é um caso que me aconteceu, pode colocar o nome dele se quiser e ele tá na USP até hoje. E os funcionários que trabalham na Rádio USP, que eram amigos meus, o Flávio que era arte finalista, com quem a gente ficava na época no Centro Acadêmico, tomando cerveja. Depois um dia eu contei pra eles, porque na época eu não conhecia o pessoal do jornal da USP, depois eu conheci, eu falei “esse cara eu já conversei, filho da puta, fez isso comigo”. O cara era um filho da puta mesmo [TRECHO INTERDITADO PELO ENTREVISTADO], tudo isso é verdade não é *fake news*. Hoje o que nós temos desse pessoal que vem aqui, eles são mais vulneráveis do que nós, eles são completamente vulneráveis. Muitos deles não estudaram, não têm condições econômicas como a maioria do pessoal daquela época, ou o cara vinha com bolsa ou os pais custeavam. Hoje em dia os caras pegam avião clandestinamente, pega barco vem pelo Haiti, pela Argentina. Você morou na Espanha, você deve ter ouvido falar dos caras que pegam os barcos pra sair lá naquelas ilhas, como chama? Ilhas Canárias. O cara atravessa o deserto e depois se transformam em escravos na Líbia. Então hoje em dia o que nós temos é uma praga. Antigamente não tinha nenhum problema desse tipo que não pudesse resolver até porque não era um problema demográfico. Hoje nós temos um problema demográfico até porque você está falando de ocupação de espaço.

Wendy: Você está falando sobre várias coisas que eu ia perguntar [risos]

Fily: É que você está falando com um professor [risos]

Wendy: Nessa época você também conheceu outros estudantes senegaleses?

Fily: Aliás ontem nós conversamos a respeito numa reunião quando estivemos. Hoje que eu saiba não tem nenhum estudante senegalês, parece que tem um na PUC, o Amath também, fora o Amath tem mais um só. Quando eu cheguei tinha vários, tinha uma menina que fazia arquitetura, tinha dois na Faculdade de Economia e Administração, tinha um cara que fazia pós-graduação em arquitetura, tinha eu na Faculdade de Letras, sem contar os que estavam nos outros estados, em Fortaleza tinha vários.

Wendy: Existe uma comunidade senegalesa articulada em São Paulo hoje?

Fily: O Amath deve ter te falado. O Amath faz parte do escritório, ele é um menino muito eficiente, ele é muito bom, tomara que ele tome o rumo que você está tomando, a gente precisa desses jovens. Ontem tivemos uma reunião, onde foram pessoas que foram eleitos porque é do Senegal, avaliamos em torno de 8.000 senegaleses em São Paulo, estatisticamente, se eu falo estatisticamente significa que oficialmente deve ter mais gente, e no Brasil 15.000 de acordo com a Polícia Federal, que nunca é o número certo, então e diante disso como não tem consulado aqui o pessoal já vinha se organizando através dos grupos religiosos, não sei se o Amath falou, porque lá senegaleses somos muçulmanos e por causa disso a sociedade é muito organizada em torno dessas comunidades confessionais. Então você tem a instituição política, que é laica, só que tradicionalmente o pessoal é muito mais ligado a esses grupos religiosos e muitas vezes leva muito mais a sério. Não é igual aos evangélicos aqui, os evangélicos é uma coisa que está surgindo, todo dia aparece uma igreja, é muito recente, agora esse fato religioso entre os senegaleses é uma coisa que vem do século XIX, da época da resistência contra a colonização francesa, então eles foram se constituindo como um elemento de resistência contra a penetração colonial e também como uma forma de resistência religiosa contra o catolicismo, então eles são muito fortes. Então o pessoal se reúne toda semana, eles se reúnem para fazer rituais de cantorias religiosas, eles ficam lá cantando, louvor, então isso serve como mecanismo para o pessoal se juntar em um primeiro momento, agora além disso eles se juntam para discutir as questões não ligadas a religião, mas ligadas a comunidade em geral. Eles fazem eleições para eleger um presidente, e um *bureau*, que é um *staff* que trabalha nessas questões de tesouraria, eles têm uma carteira, não sei se o Amath mostrou, tem uma carteira pra quem é sócio, tem uma cotização, não sei se é mensal. Eu só vivia paralelamente a essas coisas, só agora que eu estou começando a participar, mais como veterano, como o mais antigo, eles me chamam pra participar, eles são muito bem organizados. Essa moça que eu falei, a Cleide, que trabalha com o DPU, ela é tipo como uma consultora, porque como a gente não entende muito bem as leis brasileiras, sempre que acontece alguma coisa ela está sempre presente para dizer quais são as posições em termo de lei no Brasil em relação a essas comunidades porque o Itamaraty e o Ministério da Justiça lidam mais com a pessoa como pessoa jurídica, você tem que se constituir como uma pessoa jurídica, então o que acontece? O cara tem que ter uma embaixada ou um consulado senão ele não tem respaldo para lidar com os poderes públicos do Brasil. Qual a alternativa que o pessoal encontrou? A associação. A associação não é nenhuma representação oficial de Senegal mas a embaixada dá pra eles as prerrogativas pra certas tarefas, por exemplo se eu preciso de um documento tem que ir até Brasília, muitos deles não têm condições se precisar viajar, até porque em muitos ônibus nem deixa ele entrar porque está sem documento.

Então eles, naquele escritório que você viu, eles pagam aluguel, pagam *pro labore* pras pessoas que prestam serviço, muitos são estudantes então eles têm uma compreensão do português suficiente pra entender o que está escrito nas leis, cuida da tesouraria, questões de chancelaria, essas coisas, então é muito bem organizado. O atual presidente é um cara que chegou aqui na minha época, hoje ele é empresário, trabalha com comércio internacional, é fazendeiro, casado com brasileira, e ontem por exemplo a reunião foi justamente pra discutir as questões de qualidade de vida do pessoal que vem aqui. Muita gente chega com diploma e o cara não sabe como se orientar, o cara acaba indo trabalhar como camelô. Tem 8.000 camelôs senegaleses aqui, quando lá se você contar, nenhum deles era vendedor, aí chega transforma tudo em vendedor. O lavrador virou vendedor, o contador virou vendedor, o músico virou vendedor, o engenheiro de logística virou vendedor. Então é interesse pro próprio brasileiro portanto que a gente oriente essas pessoas pra poder trabalhar nas áreas que eles têm como especialização deles, do próprio interesse deles e do Brasil, porque o cara é formado em Engenharia Logística e você vai colocar ele pra ficar vendendo na Praça República? Quando muitas vezes o Brasil tem carência desses caras nos editais. Os brasileiros procurando pessoas que trabalham, por exemplo, como engenheiro de logística, numa empresa francesa, por exemplo, que recebe peças ou mercadoria que vêm da França, então tem que ter um engenheiro de logística que saiba falar francês pra lidar com essas questões alfandegárias, aduaneiras, então muitas vezes ele tem que ser despachante aduaneiro pra lidar com transporte ultramarino e turismo. O cara não fala português, só fala português, e muitos desses caras, falam mais de duas línguas, pelo menos três línguas eles falam. Então essas coisas hoje em dia é só colocar em pauta. Ontem eu até tive que sair cedo pra ir num ensaio geral que a gente ia fazer, mas eu já tinha adiantado esse lado pra eles, pra gente trabalhar nesse sentido com eles. Outro problema que a gente vem tendo, é que morreu seis senegaleses, eu tô falando só de seis senegaleses, agora imagina as outras nacionalidades, angolano, que tem mais angolano que senegalês, nigeriano... então o que que tá acontecendo pra esse pessoal morrer? Eventualmente eles se envolveram com o que não pode ou eles estão vivendo com os brasileiros, é questão da cultura da civilidade, porque todos eles moram aqui no centro da cidade, são todos muçulmanos, praticamente 99%, ninguém bebe, ninguém fuma maconha e eles moram no meio da Cracolândia, o pessoal tem costume de pedir dinheiro, então o que acontece? O cara fica vendendo as bugigangas dele na rua, tira R\$ 10, R\$ 15, R\$ 20, tem cara que pede dinheiro tem cara que faz isso faz aquilo e muitas vezes o brasileiro se acha invadido: “esse estrangeiro tá aqui!”. Eu já vi isso, porque muita gente acha que eu não sou senegalês, porque eu tenho pele um pouco mais clara, porque eu sou de uma etnia fullah, então quando os brasileiros me veem eles não sabem que eu sou de lá e eles falam impropérios

sobre os caras, então tem muita violência em decorrência. Eu mesmo, [retira uma prótese de dentes de sua boca e me mostra] perdi três dentes pra defender um senegalês, isso foi ano passado. O cara mora numa pensão num prédio e ele trabalha numa cervejaria, na rua Padre de Carvalho, que eles chamam cu do padre, eu morava lá perto e um vizinho, um cara que faz churrasquinho no Largo da Batata. Então o senegalês ele trabalha, ele carrega muitos pesos nessa cervejaria, então quando ele chega a noite ele quer dormir, porque ele acorda cedo, agora o churrasqueiro ele começa a trabalhar de noite, e quando ele chega ele quer lavar as coisas dele, ele bebe, levam os amigos dele pra fumar maconha, então os dois se desentenderam. O brasileiro só xinga: “esse africano tem mais que se fuder!”. E o rapaz ficou com medo, como ele sabe que eu estou aqui há muito tempo ele veio falar comigo. Eu chamei o cara, fui lá falar com ele, aí o cara falou “esse africano tem mais é que se fuder mesmo”. Aí eu falei: “você tá xingando o cara, se ele se fuder seu amigo também vai se lascar, ele vai se fuder também”. Aí um dia eles me encurralaram na rua João Dias, muito violento, seis caras, seis brasileiros, eu fui muito machucado. Eu não estou me lamentando não, só estou contando. Aí uma segunda vez, um outro rapaz da Guiné Conacri, que é irmão de uma amiga minha, que é cantora, bailarina famosa, o rapaz veio aqui como músico, tocava com outro amigo meu numa banda de *afrobeat*, que eu até encontro com eles toda semana no ensaio, perto da PUC, quando ele não ia tocar ele ficava bebendo no Largo da Batata e os caras começaram a maltratar ele, aí eu explicando pro cara: “esses africanos!”. O cara me deu um soco, caiu 3 dentes, caiu 2 [risos], o que eu fiz? Esse cara foi preso, não por minha causa, por outras vias, mas eu chamei a polícia pra ele, várias vezes [TRECHO INTERDITADO PELO ENTREVISTADO]. Isso foi por causa do bengali que é da Guiné Conacri. Aí com o Cheikh, eu briguei com ele: “eu tenho quase 60 anos você é um moleque, teu chefe, dono da cervejaria falou pra você se mudar da pensão, vai morar em outro lugar. Na sua idade era pra você vir me defender agora eu vou lá e eu apanho dos caras. A gente aconselha você a sair e você não quer sair”. Ele é orgulhoso. O que que aconteceu? Um dia de novo ele chegou lá pra mim, não “o cara tá xingando”, eu falei dessa vez... peguei o celular, liguei aí chegou a Rocam, aqueles policiais de moto: “o que tá acontecendo?”. Expliquei pra eles, nós fomos, subimos no prédio. Isso só pra você ver esses tipos de seis assassinatos como podem acontecer, porque eu interferi porque o Cheikh, o que poderia acontecer com ele? Ele podia ser morto pelos caras traiçoeiramente, porque ele estava batendo de frente, não queria sair. Isso quando os policiais subiram armados, aí chamaram o cara: “o que está acontecendo?”. Ele já tinha me agredido mas não quebrado meu dente. Eu só fiquei olhando. Por sorte ele não estava fumando maconha. O cara ficou me olhando com tanto ódio. Pegaram os documentos deles, registraram tudo, pra azar dele, quando nós descemos do

prédio, o dono da pensão, deve ser um cara rico porque tem vários prédios naquele lugar, ele estava fazendo visita lá. Ele perdeu a churrascaria, o carrinho que ele usava, alguém deve ter contado que o cara trouxe polícia dentro do prédio, aí eles falaram... “não o cara não fez isso” “eu chamei a polícia e da próxima vez eu não vou chamar a polícia eu vou diretamente pro tribunal”, depois disso que o outro quebrou meu dente, eu tenho cá pra mim que o outro, como o nome dele tinha ido pra polícia já, o que ele fez? Ele encomendou pra outro, entendeu? Porque não levou dois, três meses aconteceu o outro incidente. Agora como que eu vou provar? Eu vou ficar no meio dessa confusão? Isso porque eu moro aqui há 32 anos, esses dois meninos que mal falam português, o bengali não fala nada, o Cheikh também não fala nada, os caras veem eles como bobalhão: “esses africanos têm que matar todos eles”. Um amigo meu foi lá tirar satisfação com ele, um brasileiro, um técnico de som que é amigo meu, falou um monte lá. Então hoje em dia nós temos esse problema muito sério que é o que tá acontecendo. Agora além dessa questão do brasileiro achar que outro tá roubando o espaço dele, aí começa a provocar o cara, que o cara mora na pensão e o outro porque ele é carroceiro, o outro é percussionista, toca com as bandas e fica no Largo da Batata dando aula de percussão, aí o cara vai lá quer dar uma sova nele.... Tem um outro lado que muitos dos produtos que eles vendem aqui têm origem duvidosa, na época da prefeitura teve a máfia dos fiscais porque tem gente que traz os produtos, teve aquele chinês que foi preso que era o dono da galeria Pajé. Boa parte dos produtos todos que eles vendem têm origem duvidosa, da onde vem isso? É muamba, de onde vem? Do Paraguai, mas isso é uma questão geográfica, então o cara chega aqui, não tem emprego, não tem documento como ele vai sobreviver? Muitos deles têm família, têm filhos lá, aí ele não tem alternativas reais para ele exercer a profissão original dele e é obrigado a vender. Aí se transforma em 8.000 camelôs competindo com os brasileiros, que de fato tem razão, porque o brasileiro coloca relógio pra vender aqui, o senegalês coloca relógio pra vender, o cara coloca um moletom pra vender aqui, o senegalês coloca um moletom pra vender, é claro que o cara se sente invadido, com razão. Agora qual é a alternativa? Esse cara que tá vendendo o moletom ele não é vendedor de moletom, ele é sei lá, açougueiro, marceneiro ou pedreiro. Tem que achar uma forma desse cara não se tornar um competidor do brasileiro fazendo aquilo que ele de fato ele sabe fazer, porque senão essa questão da violência vai continuar, porque os brasileiros estão sempre desempregados todo mundo tá virando camelô. O Michel Temer tá achando que os brasileiros tão trabalhando, porque o cara sai do emprego formal pra virar vendedor de bugiganga. Aí vem o venezuelano entra nessa, já tinham os bolivianos e os coreanos e os chineses. Agora vem os africanos. Você chega aqui tem mais de 10 nacionalidades. Só na República, você vai ver: etíope, queniano, angolano, moçambicano, tem

tudo isso, então é uma solução que é muito difícil, porque quando o Brasil tinha uma economia mais bem organizada, em que os outros países da América Latina tinham o Brasil como liderança, tinham relações econômicas muito mais, digamos assim, equânimes, que o Brasil pagava o petróleo e gás da Bolívia com preço mais razoável, a direita ficou esperneando que o Lula é trouxa, que o Evo Morales está pressionando ou a própria Argentina, que o Brasil também criou condições pra que a Argentina possa vender seus produtos, com pretensões de trazer o Chile pra dentro do Mercosul, em vez de o Chile se bandear mais pra lá, a Venezuela chegar, era legal porque naquela época quem tava vindo para cá eram os europeus e todo mundo tava achando ótimo, só que eles, pra salvar a pele deles lá, eles bagunçaram o coreto aqui e fecharam as portas pros africanos lá, bagunçaram o Oriente Médio, fizeram aquela primavera árabe que foi um inferno, e resultado disso eles também não querem que o pessoal vá pra lá, o imigrante sírio, palestino, todo mundo está vindo pra aqui, eu nunca tinha visto tantos magrebinos aqui, tem um monte! Então a solução desse problema é uma questão geopolítica de relações internacionais, é um problema de cooperação internacional, e pelo andar das coisas eu não vejo uma solução tão cedo porque não é um problema localizado. O Brasil é mais vulnerável do que outros países por causa das fronteiras, os países europeus têm fronteiras mais fáceis de controlar, é difícil porque os caras que estão chegando no Brasil eles não estão vindo pelas fronteiras marítimas do Brasil eles entram pelos outros países, eles vão pelo Paraguai, pelo Sul, pela Argentina, pelo Caribe, fazem um malabarismo tremendo, o cara sai da África e entra no Brasil por Manaus [risos], como o cara consegue? Então é muito complicado, não vejo soluções... eu tava conversando com esta senhora ontem sobre o conceito de globalização, que em francês fala *mondialisation*, que na época da Dilma e do Lula, o pessoal já tava pensando em tributar a circulação financeira pelo mundo, esses paraísos fiscais aí são agências de limpador de dinheiro, o dinheiro vai circulando, circulando, circulando e não é tributado, o ser humano ele é bloqueado ele não pode seguir o dinheiro dele. O dinheiro produzido pelo Brasil vai pra Londres, mas o brasileiro não pode ir atrás. Então o dinheiro sai daqui vai pra lá, então eu vou, aí fala: “não você não, seu dinheiro pode vir”. E essa discussão também falta, na época dos governos, quando o BRICS estava mais integrado, aí eles sabotaram o BRICS, porque o Brasil e a Rússia eram os dois países mais importantes nesse processo porque o Brasil ele tem toda a América Latina como países subsidiários, diretamente ou indiretamente, e a Rússia tem toda a antiga União Soviética, que são os países da Europa central e da Ásia central, porque o Putin não abre mão deles, e o Lula não teve esse mecanismo pra segurar os outros países, porque aqui querendo ou não são países mais independentes do Brasil, do que os outros são da Rússia. A Rússia qualquer coisa ela vai, como dizia o presidente americano vai com a política do grande

bastão [risos], e isso fragiliza a região. As vezes é importante, eu vou falar besteira, que hajam políticos como o Putin, bem porra louca pra que os americanos não cheguem perto, o cara chega perto dele e ele sai chutando todo mundo, e aqui felizmente, ou infelizmente, não dá pra fazer isso. E isso tornou os BRICS impossíveis porque sem a América Latina, porque não se tratava do Brasil, se tratava de toda a América Latina. África do Sul não tem esse papel, só tem o nome, África do Sul não tem nenhuma influência em nenhum outro país africano como o Brasil podia ter aqui, nem a China tem isso na Ásia, tirando a Coreia, a China não tem esse poder de influência sobre os países vizinhos, a Rússia tem, o Brasil poderia ter, então a saída do Brasil deixou a Rússia sozinha nesse processo.

Wendy: Existe mais alguma coisa que você possa falar dos espaços de encontro da comunidade senegalesa em São Paulo?

Fily: Dos senegaleses é isso, é a associação que é muito atuante, agora setorialmente nós temos por exemplo, o pessoal faz um trabalho, a Associação Cultural Cachuera, eu já fiz parte, agora eu sou mais simpatizante, mas o pessoal vai lá toda terça fazer ensaios, tem um grupo de senegaleses, tem eu, o Kunta, que participamos, tem um grupo, uns caras que trabalha com moda, eles têm uma loja aqui, os caras já fizeram dois desfiles na Galeria Olido, tem a *Grand Mama*, que não sei se você conheceu, é uma senhora que trabalha na Praça da República. Os africanos nós temos uma coisa chamada Fórum África, é um grupo de africanos que surgiu dentro da universidade que juntaram os países africanos e fizeram tipo uma ONG, que ao mesmo tempo dá consultoria sobre África. Eu não participei do trabalho deles, eu dei algumas palestras, duas, pra coisas que eles fazem, mas eles não têm muita presença nesta questão geopolítica da migração, que é um negócio que não é muito da alçada deles, eles trabalham mais com empresas, universidades, essas coisas e tem também o Centro Cultural Africano, que foi criado aqui, eu também não conheço os caras, eu encontrei com eles só uma vez na Assembleia Legislativa quando foi lançada a revista de amizade Brasil-Angola, fora isso eu não conheço outros núcleos, mas com certeza têm, tem uma associação do pessoal do Mali, mas os senegaleses realmente conseguiram centralizar as coisas deles em torno de um escritório independente, de qualquer coisa, da profissão. Você foi lá, você viu. É de todo mundo, então lá centraliza, eu achei ótimo, porque aí todo mundo sabe o que está acontecendo com todo mundo, porque todo mundo vai lá faz a carteira, se você precisar de alguma coisa eles têm as prerrogativas pra fazer as coisas, inclusive eles me ajudam pra caramba.

Wendy: A comunidade senegalesa faz encontros em espaços como praças e ruas?

Fily: Principalmente esses grupos religiosos eles se encontram toda semana pra louvores. O Amath deve ter os endereços. Seria legal você ir lá, porque essas lideranças religiosas são muito importantes no Senegal, até na vida política do país, são muito presentes porque a população é muito religiosa, não é como aqui que o cara muda de religião ao sabor dos interesses, lá é uma coisa muito séria mesmo. Tem um pessoal que ensaia aqui toda segunda feira a noite, você nunca viu? Eles também são um grupo, uma vertente de uma seita do islamismo, de tradição mais sufi e esses caras, paralelamente também são músicos, porque alguns deles colaboram com o trabalho de artistas brasileiros, inclusive esse trabalho que a gente faz no Cachuera, eles também participam disso. Então são esses encontros entre senegaleses que ocorrem, agora eventualmente quando têm festas religiosas de lá o pessoal faz aqui, Independência lá, o pessoal faz aqui, atividade de Copa do Mundo, o pessoal faz aqui, eles se reúnem em ocasiões especiais.

Wendy: Sobre espaços culturais e parques em São Paulo: você pode destacar alguns que você considera que são importantes ou que te marcaram?

Fily: O maior protagonista desse trabalho de intervenções das comunidades tem sido o Sesc principalmente e a Secretaria Municipal de Cultura, até porque fica no meio da diáspora aqui, que é a Galeria Olido, então eu acho que o melhor exemplo da importância da estadia deles aqui, eu não vou dizer “ele está falando de limpeza”, não cultural, porque eles estão trazendo um tipo de vida sadia ao centro velho, porque o centro velho, do centro cultural que era da época do Plínio Marcos, da Boca do Lixo, todos os teatros que tinha aqui no centro, você vinha aqui no centro da cidade, quando o Caetano falava dos Novos Baianos, da avenida Ipiranga com avenida São João, o Bar Brahma, aquela Casa da Calabresa que ficava na avenida São João... é São Paulo com aquela cultura pujante que se perdeu com o advento do *crack* aqui no centro, está voltando, porque quando veio a Cracolândia, com aquelas máfias chinesas, nigerianas, sei lá o que, isso aqui se transformou em um *no man's land*, terra de ninguém, e com a vinda desses caras, com esse comércio deles, se tornou em um lugar mais seguro, porque até pouco tempo atrás andar aqui era um perigo. Agora você pode andar, porque os próprios senegaleses não são ladrões, não bebem, não fumam maconha, fazem as cantorias deles, tudo bem, são estrangeiros, da mesma forma como acontece em todo mundo o estrangeiro incomoda o outro, mas diante do que o centro tinha se tornado eu achei melhor a presença deles aqui do que ser ocupado por traficantes. Então eu acho que nesse sentido, não se trata de uma limpeza étnica, como aconteceu em Ruanda, Burundi ou Sarajevo, é o contrário: essas etnias são um fator limpador e não poluidor, pra mim eu vejo um pouco ao contrário, o outro que está vindo não está vindo sujar, ele está sendo detergente, igual àquela ostra que vive na água poluída para

absorver aquela parte suja da água, eu acho que é um pouco isso que está acontecendo aqui no centro. Porque hoje em dia tem uma vida cultural. Os meninos da periferia que vinham aqui fazer aquelas batalhas de *hip hop* no Largo São Bento, hoje em dia eles ocupam um espaço na Galeria do Rock, Galeria Olido, você vai lá e tem eventos todo dia. Não é mais um lugar abandonado, uma mazela social que é a instalação do vício, hoje em dia está diferente, pelo menos está se convivendo com as duas coisas que fazem parte, o *yin* e o *yang*, está tendo isso. Então ontem mesmo eu falei pra minha filha, eu sempre gostei do centro velho, e eu voltei a gostar de novo, por que eu já morei aqui na Casa do Politécnico, moradia da USP que fica ali perto da FATEC. Na época o centro era legal a gente saía as 3 horas da manhã pegava a avenida Tiradentes, passava aqui na avenida Ipiranga, aí depois ia pro Bixiga, aí saía do Bixiga altas horas, a gente era moleque, aí entrava no puteiro, aí comprava umas coisinhas, aí a gente parava na avenida Tiradentes pra comer esfiha do lado da Rota, tinha uma esfiharia que não fechava a noite inteira, ficava lá a molecada da USP, tudo cabeludo, rastafári, com os sargentos da Rota, tudo com o cabelo cortado, a gente entrava lá comendo esfiha juntos, ninguém falava com ninguém, era mais ou menos desse jeito, daí de um dia pro outro virou um pesadelo e esse pesadelo está acabando. Eu acho que o estrangeiro está ajudando nisso, entendeu? Porque a molecada vem da periferia, toda aquela criolada, aí aqui estão os africanos, eles estão se deparando com a cultura original de onde eles vieram, fazer trabalhos juntos lá, eu conheço muitos artistas africanos que estão fazendo muitos trabalho com artistas brasileiros do *hip hop*, tem vários que estão fazendo discos, tem um amigo meu que ontem... eu tava nessa reunião preparatória para o Festival da Palavra da Unesp de Assis, ele tá fazendo um disco com vários artistas lá do Capão Redondo, ele, um *rapper* colombiano, um rapper norte americano e eles vão fazer um disco coletivo, cada um na sua língua, e esse cara é formado em Letras e ele é músico de *hip hop*, veio para participar de intervenções trazido pela Aliança Francesa, ele tá tendo que vender roupas na praça, só que paralelamente ele tá fazendo esse trabalho com o pessoal do Capão Redondo, ele tem intervenções que ele faz em Heliópolis, naquela rádio comunitária, nós fizemos já trabalhos com a rádio Butantã e isso tá sendo possível porque esse pessoal vem aqui e encontra os africanos aqui, entendeu? Não pra fazer doideira, uma coisa sadia, e eu acho que a prefeitura nesse aspecto tá deixando a bola rolar e surge muita coisa, então eu acho muito importante para o centro da cidade em geral. Tá tendo exposições aqui sobre Jamaica, no Centro Cultural Banco do Brasil, no Centro Caixa Cultural, sobre África, tá tendo no Tomie Ohtake exposição sobre a África, no Instituto Moreira Salles também tá tendo sobre a África, então eu acho que simultaneamente São Paulo está tendo, pelo menos que eu saiba, uns quatro ou cinco eventos ligados a essa questão de transumância, sem contar que o

Sesc tem organizado eventos ligados a Organização Internacional da Francofonia junto com a Unesp, onde teve conferências, fizemos o Sarau dos Refugiados, também aqui no Sesc Pinheiros... Então tem espaço onde o pessoal tá podendo se olhar, tanto nós, como os brasileiros.

Wendy: Você falou sobre 8.000 senegaleses trabalhando como ambulantes em São Paulo.

Isso foi uma generalização ou é um dado oficial?

Fily: Quase todos, porque os outros são quem? [risos] Sou eu, o Amath, eu quis dizer que a maior parte dos senegaleses tá tendo que vender, só que eles não são vendedores, eles são outras coisas que ele não tá podendo exercer em território brasileiro. Exatamente por causa disso que nós tivemos a reunião ontem, justamente pra gente ter um discernimento dos estrangeiros porque está todo mundo num balaio de gato, só que nem todo mundo é vendedor e é o que mais aparece.

Wendy: Você comentou que você também é músico. Você toca aqui?

Fily: Eu toco violão, depois que eu cheguei no Brasil eu nunca trabalhei como músico eu fiz participação em trabalhos de amigos meus, em discos, em documentários, eu agora fiz trabalho com o Sesc Pinheiros, na Organização Internacional da Francofonia, com música, dança, teatro, e agora com esse pessoal da Unesp do Sesc Presidente Prudente, vai ser a primeira vez que vou tocar mesmo, vou chegar lá pra fazer uma coisa mais musicalmente completa.

Wendy: Você chegou a voltar pro Senegal?

Fily: O mais longe que eu fui foi pro Paraguai, que é a minha salvação pra trocar de visto. Quando eu cheguei eu tava com visto de turista, quando cheguei na USP eu tinha que trocar meu visto de turismo por um visto de estudante. A única viagem que eu fiz foi pra Ciudad del Este.

Wendy: Você sente falta de alguma coisa do Senegal?

Fily: Tudo, agora que bateu a saudade. Depois que eu vi tantos senegaleses, aí me traz aquela memória. Ontem eu fiquei emocionado na reunião [da Associação dos Senegaleses de São Paulo], porque eu era um cara meio isolado. Então esse isolamento um pouco anestesia a gente. Porque a gente não tem percepções materiais da tua memória. Então eu vivia no meio dos brasileiros ou dos estrangeiros. E de repente eu me encontro todo dia... Até a língua tinha esquecido, e agora todo dia, eu posso dizer que fiquei uns 15 anos sem falar a língua nativa de lá, só falava o francês, que é a língua colonial, agora depois que eu me mudei pra cá, eu me

mudei pra aqui há cinco, seis meses, eu falo todo dia a língua, eu tô lembrando, agora eu voltei a falar a língua wolof, que eu não sabia mais falar, então tudo isso me traz coisas [afetivas]²¹⁸, que eu nunca fui saudosista e agora eu tô percebendo que eu sou sim [risos]. Então agora eu tenho vontade...eu vejo os caras, eles vão falando coisas que você conhece todo dia. As línguas, as figuras de linguagem que não tem em português e francês e lá tem, as roupas você vê todo dia, então tem muito disso.

Wendy: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Fily: Eu só quero parabenizar vocês, pelo trabalho que vocês fazem, porque essa percepção do outro tem que vir de dentro e pra você conhecer o outro você tem que fazer algum tipo de esforço, porque se você fica só na superfície e muitas vezes o que traz? A incompreensão, a intolerância o que leva muitas vezes à violência é quando a pessoa não se esforça pra quebrar essa casca aparentemente grossa, mas que é muito leve pra você chegar ao outro, então têm pessoas que se dedicam a isso que é o trabalho do estudioso. Ontem eu falei com a Cleide, falei com você, eu tenho outras pessoas que têm esse tipo de interesse, eu acho que é importante pro brasileiro que haja pessoas como vocês, para ter essa percepção e pra nós também, pra que alguém possa ouvir o nosso lado. Eu acho isso fundamental.

Local: Sesc 24 de maio

Data: 27/07/2019

Horário de início: 12h

Wendy: Você pode falar um pouco a respeito da religião no Senegal?

Fily: O que chamamos messianismo são movimentos político-religiosos, não é o messianismo que a gente vê na Igreja por aí. Por quê? Porque esses messias, da forma como Cristo apareceu, sendo esperado pra se opor aos romanos, apareceram para se opor aos romanos modernos, que são os franceses, portugueses, ingleses... que são os colonizadores. Porque o Império Romano era um império colonial: colonialismo, imperialismo, surgiram daí. Eram colonizadores. Aliás, nos termos de Marc Bloc, um dos fundadores da *École des Annales*, na França. Então, a gente usa esse termo, que são... o messianismo, nós usamos o termo messianismo, por serem lideranças religiosas que na verdade fazem um papel de resistência política. Eu posso dar alguns exemplos, pra ficar claro: Antônio Conselheiro, tido como um líder religioso pirado quando, na

²¹⁸ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

verdade, o movimento dele, Arraial Canudos, era mais político do que religioso e ele foi morto por isso. Outro exemplo é o Marcos Garvey, que é o cara tido como um profeta que inspirou o surgimento do rastafarianismo e o reggae. Era um jornalista que falava do exôdo dos negros para África, se referia a Hailé sé lassié, Rei da Etiópia e descendente de Salomão e da Rainha de Sabá, cuja paixão deu origem a uma dinastia pré-cristã que sobrevivia até então. O rastafarianismo se inspirou do antigo testamento na forma de uma rapsódia, uma re-presentação, nesse caso, da Bíblia a favor dos oprimidos, ao contrário do que o colonialismo fez ao longo de toda a história. Então, o que o messianismo faz? Faz uma leitura do livro dito sagrado e consagrado e diz: “- não é assim, não! A leitura é outra!”. O Antonio Conselheiro pegou isso e se insurgiu contra os latifundiários e os coronéis. O Marcos Garvey fez uma leitura da Bíblia pra combater os preceitos do ocidente cristão. Outro movimento muito importante chamamos Kimbanguismo, que surgiu na região dos Grandes Lagos – Congo, Angola, Tanzânia, Ruanda, Burundi... – região sempre às voltas com guerras. Se deve a Simon Kinbang, um dos que chamamos “os profetas negros”. Lá se faz uma leitura da Bíblia a favor dos africanos [oprimidos], uma vez que Cristo não era nem branco, nem loiro, nem fariseu. O kimbanguismo, século XVII, tem missionários no mundo inteiro. Eu já fui abordado por um deles na Universidade de Lisboa; eles são contra namorar mulheres brancas. Eu era moleque, era jovem, tinha 24 – 25 anos... eu era moleque tentando justificar minha sanha com as europeias. Outro movimento muito importante na região da África Oriental – Sudão, Etiópia... – liderado por um cara chamado Mahdi, que dizia “já que os europeus dizem que vieram aqui pra nos civilizar, nos desenvolver, como nós não nos desenvolver aqui, então nós vamos pra terra deles, a metrópole”. Ele criou um movimento, uma marcha, pra atravessar o deserto e o Mar Mediterrâneo com milhares de seguidores. As tropas colonialistas tiveram que barra-los na base da arma. Desse movimento ninguém fala. Então, esse rapaz, dono de restaurante onde almoçamos, faz parte de uma seita religiosa chamada Mouridismo, eles são os mourides. Eles são de uma vertente sufi do islamismo. O que chamamos sufismo? Se trata de uma prática do islamismo em que a meditação e o lado místico são levados muito a sério. É o caso dos dervixes no Irã, na Turquia, por exemplo... no caso dos mourides eles têm um cancionário muito forte, com ladainhas que até parecem mantras noites a fio. Uma das práticas sufis das mais radicais que chega até autoflagelação; é o caso dos Baye Fall. Pois então, quem fundou essa seita se chama Cheikh Ahmadu Bamba um negro que, de mero agricultor versado no alcorão, frequentou escolas fora do Senegal, entre os mouros na Mauritânia e a partir de suas leituras, se insurgiu contra os franceses. Ele foi preso no Senegal, foi exilado no Gabão, em prisões do tipo Ilha Grande – Brasil, Ilha do Diabo – Guiana Francesa, ou Tarrafal – Cabo Verde, eram

prisões políticas. A partir daí, criou-se toda uma mitologia entorno dele, mas simbolicamente, sempre inspirado no Antigo Testamento. A rapsódia, nesses casos, consiste em trazer pra realidade aspectos simbólicos dos relatos da escritura sagrada. Por exemplo, quando Daniel foi preso por Nabucodonosor, na Babilônia, uma história recorrente no reggae e no rastafarianismo, pra chamar alguém de colonialista, imperialista ou reacionário, a gente chama de “Babilônia”, são “babilônicos”. Babilônia, na época de Nabucodonosor, invadiu Sião, terra dos hebreus, e escravizou os habitantes hebreus. Daí ser sionista é voltar à terra prometida, longe da Babilônia, que tirou os filhos do povo de Deus de Sião para escravizá-los. Pois então, no caso desse profeta, preso no Gabão numa prisão, numa floresta de Mayombé, cujos seguidores tem uma comunidade muito forte no mundo inteiro – Estados Unidos, França, Holanda e agora no Brasil, aqui eles são uma potência. Eles não dependem do Estado, são muito bem organizados como migrantes. São tão bem organizados que mal dependem da embaixada. Eles têm toda uma hierarquia deles, religiosa eclesiástica, que funciona do ponto de vista da administração pública. Eles se cotizam toda semana, caso alguém fique doente ou morra ou perca o emprego, alguém isso, alguém aquilo, eles sustentam os caras. Isso não só aqui, no mundo inteiro. Tenho quase certeza que estão também na Rússia, na China... Eles são de uma importância [tamanho] que tem artistas americanos filhos desses migrantes senegaleses, como é o caso do Akon: o pai dele é descendente. O Jimmy Cliff se converteu pra essa seita. Este profeta, só pra mostrar um pouco das rapsódias que o messianismo usa, quando foi preso em Saint Louis, antiga capital do Senegal, foi jogado numa jaula com leões. No dia seguinte, quando abriram a prisão, os leões atacaram os franceses que faziam a guarda e acabaram com eles. Isto está no Antigo Testamento, quando da prisão do Daniel com os leões, no outro dia os leões estavam mansinhos aos pés dele. Outro caso que consta na Bíblia do Novo Testamento, quando esse messias, esse profeta senegalês, foi transportado de navio do Senegal até o golfo do Benin, para ser aprisionado no Gabão, na Floresta de Mayombé, título do principal livro do Pepetela, onde houve muita guerrilha. Durante a viagem, na hora da oração ele quis rezar; os franceses lhe disseram: “Você diz que não provoca os outros e não invade coisa de outrem; o navio é nosso, se rezar no navio estará invadindo nossa propriedade e, se não rezar, estará infringindo a lei de Deus. Como é que você vai fazer?”. Aí traz a mente a história de Jesus e Pedro andando na água pela força da fé. Ele pegou a esteira, jogou na água, no Oceano Atlântico, subiu em cima e fez a oração dele. Deu a Deus o que é de Deus, e aos brancos o que é dos brancos. O messianismo é muito interessante por causa disso, do ponto de vista político ele usa todos os mitos populares, todos os fundamentos mitológicos das religiões em que o povo acredita, e os transforma em força política contra seus algozes. Isso que chama messianismo. Antônio Conselheiro, eu não

vou colocar o Padre Cícero nesse grupo porque ele já foi beatificado pelo Papa... Marcos Garvey, mártires como Martin Luther King, Mahatma Gandhi – que também usou a religiosidade do hinduísmo, do seu pacifismo, pela desobediência civil – que foi usada por Martin Luther King, Nelson Mandela... e o Gandhi primeiro. Tem vários casos na periferia do mundo ocidental, do eurocentrismo, na América Latina nós temos casos emblemáticos no México, entre os índios que usam essa forma de misticismo como arma política. Só pra concluir, o senhor que nós visitamos, pela importância que ele tem na comunidade senegalesa, independem do Estado pra prover aos seus membros, aos seus participantes. Eles dispensam os Estados. O fato e o fado de ele ter ido na reunião, eu não sei se foi uma reunião marcada antes ou depois do nosso compromisso, porque nós marcamos a reunião com ele, estávamos juntos, então eu não posso dizer nada que você não saiba. Então é isso; como diz a esposa dele, ele deve estar na mesquita, eles têm uma entrevista só deles, que é também um grêmio social numa travessa da rua General Jardim. Quanto à mulher, ela não pode falar nada na ausência do marido, como acontece em certas sociedades africanas islâmicas. Sobre messianismo, é importante dizer que os oligarcas locais, muitas vezes se tornaram cúmplices dos colonialistas, assim como fizeram os fariseus de Herodes com os romanos de Pôncio Pilatos; e, no caso desses profetas negro-muçulmanos, eles tinham muitas reservas em relação ao europeu, que eles consideravam infiéis, pagãos. Se o cara é cristão, ele é inimigo. O oligarca local não se preocupa com isso, ele quer saber de comerciar, fazer escambo com os nazarenos – europeus – pra vender escravos, ouro, sal... O aspecto religioso só traz um conflito cultural muito mais complexo do que meras questões econômicas, porque mexe com o *pathos*, alma da pessoa na forma de representações simbólicas, algo imaterial que é muito mais complicado para se romper. A imaterialidade é um arcabouço muito mais indestrutível, porque ele vem de gerações. Não a toa, os negros têm no candomblé, na sua religiosidade, uma das formas de resistência mais contundente que os negros têm, porque o resto foi completamente aniquilado, acabaram com a liberdade, com o estilo de vida, acabaram com tudo. A questão, no Brasil, das tradições religiosas africanas é muito mais forte do que na África. O Senegal é um país muçulmano muito antes da chegada dos franceses. No caso dos escravos muçulmanos que vieram para o Brasil, como os malês, foi um reencontro com as religiões africanas antes da islamização.

Wendy: Você considera que há alguma diferença entre a manifestação religiosa dos senegaleses no Senegal e a que possuem aqui?

Fily: Acho que aqui é diferente por estarmos em terra estrangeira. Mas tudo que ocorre aqui, é supervisionado lá no Senegal, porque as atividades religiosas sazonais, como o Magal, que é

um tipo de romaria que eles fazem na cidade que foi fundada pelo profeta Cheikh Ahmadu Bamba. Todo ano eles fazem e todo ano eles mandam pessoas para Buenos Aires, São Paulo, Nova Iorque, Amsterdam, Paris, para participar dos eventos. Parte dos dízimos recolhidos mundo afora vai para sustentar o arcabouço dessa organização. Ele não serve apenas pra manter a comunidade daqui. A rigor podemos ver que no Brasil eles têm que se adaptar aos brasileiros. Por exemplo, uma das mesquitas é uma antiga loja de mezanino na Barão de Itapetininga e a outra mesquita já foi garagem, alugada como a Igreja Universal faz, ao invés de uma mesquita estilo árabe mouresco. Aqui se readapta, aos brasileiros, com os horários daqui, assim como os brasileiros se acostumam com eles. Mas a essência está presente.

APÊNDICE C - ENTREVISTAS NA ÍNTEGRA: MOUSTAPHA DIENG; IBRAHIMA SARR E AZIZ MBAYE

Local: Sesc 24 de maio

Data: 11/04/2019

Horário de início: 12h

MOUSTAPHA DIENG

Wendy: Você pode se apresentar por favor?

Moustapha: Eu sou Moustapha Dieng, senegalês, professor de tambores sabar. Eu cheguei no Brasil em 2014. Eu moro no Morumbi. Eu cheguei em São Paulo em 2015. Eu tenho 28 anos.

Wendy: Você mora sozinho ou com outras pessoas?

Moustapha: Eu não moro sozinho, eu moro com minha mulher.

Wendy: O que você achou de São Paulo quando você chegou?

Moustapha: Eu cheguei em 2014 pra Copa do Mundo do Brasil. Eu morava no Rio Grande do Sul. Eu gosto do Brasil.

Wendy: O que você acha hoje de São Paulo?

Moustapha: Eu gosto de São Paulo porque São Paulo tem muito africano, tem muito do país da África. Eu gosto de São Paulo.

Wendy: Tem alguma coisa que você não gosta de São Paulo?

(Moustapha responde em wolof e Aziz faz a tradução)

Aziz: Ele não viu coisa mau aqui em São Paulo, porque ele se preocupa com o trabalho dele. Sai de casa vem aqui pro trabalho e depois vai pra casa. Ele não fica muito na rua. Ele gosta, ele não tem muito problema aqui. Brasil tem problema pra quem fica na rua, fica andando, mas ele se preocupa só com o trabalho dele, fica em casa, vai pro trabalho. Ele não viu muita coisa errada aqui. Em todo lugar do mundo tem coisa errada, mas ele não viu.

Wendy: O que você pode falar sobre a cultura dos senegaleses?

Moustapha: A cultura do Senegal, o sabar, a dança, a música. A música do africano tem diferença da cultura do Brasil, porque no Senegal, a cultura do Senegal, sabar nasce na África.

Wendy: Você é percussionista?

Moustapha: Eu toco.

Wendy: Como chama o instrumento que você toca?

Moustapha: Sabar

Wendy: Você toca em São Paulo?

Aziz: Ele dá aula de percussão. Ele foi lá no Cachuera, já participou do trabalho no Teatro Oficina, eles [Moustapha e Ibrahima] toca também com Höröyá, mas eles também têm banda deles: Seneáfrica.

Wendy: Você toca onde te convidam?

Aziz: Pra lugar pra tocar não tem. Se precisa deles, manda mensagem, convida, diz: “a gente tem um show pra vocês participar”. Se eles dão tudo certo, a gente toca. No Teatro Oficina ele que dá aula, porque ele que participou muito. Mas é mais show com Höröyá, mas eles também têm, as vezes, uma pessoa chama pra fazer show, eles vão fazer show.

Wendy: Você participa da celebração que acontece na Praça da República?

Moustapha: Sim.

Wendy: Você toca na celebração?

Moustapha: Toca também.

Aziz:

Esse coisa é diferente de cultura, essa coisa é da religião, que eles tá fazendo na praça, é muito diferente. Tem pessoas que mistura isso, que acha que tudo isso é cultura. Sim, é cultura, mas é cultura junto com religião. Junto. Tem muita gente que mistura isso, que foi lá na praça [e depois me diz]: “eu quero que você faz um show pra mim”. Esse não é de show. Estão fazendo oração. Quando uma pessoa precisa, tem que procurar Moustapha. No Brasil inteiro eles dois que fez.

(traduz para Moustapha em wolof).

Wendy: Você toca em mais algum lugar que misture cultura com religião?

Moustapha: Não.

Wendy: Você vai sempre à celebração da praça da República?

(Moustapha responde em wolof, aparentemente Aziz não faz a tradução, mas responde). **Aziz:** Na verdade ele, eu e três outros amigos que criou essas coisas que tem lá. Foi aniversário de um amigo de nós, ele não gosta muito de música, de cultura, mas gosta de religião, ele falou vamos levar lá as coisas...

Moustapha: Aqui não tem coisa de religião, meu amigo falou: “por que eu não fazer coisas de Baye Fall aqui no Brasil?” “Vamos fazer!”. Ele tá chamando gente. “Vamos fazer na praça”.

Aziz: Foi aniversário de um amigo ele fala: “vamos”...porque ele gosta de coisa de religião...Os instrumentos que eles usa para cultura e instrumento de Baye Fall, é um pouquinho diferente, os tambores não são muito igual, mas de cultura pode entrar lá, mas a gente não quer misturar muito. Quando foi esse amigo ele falou: “Vamos tocar”, mas isso é coisa de religião. “Vamos continuar de fazer isso todo dia”. Quando nós tava fazendo, fazendo, foi dois semanas que não tem, um dia eu tava andando com ele na rua e um cara falou: “por que você para de fazer essas coisas aqui na segunda?”. Eu falo “nós não para, porque tava chovendo essas duas semanas”. Se tava chovendo vamos fazer em outro lugar porque agora a gente marcou no calendário de nós, agora toda segunda”...brasileiro, você viu, tem muitas pessoas que vão lá.

Wendy: A quanto tempo acontece a celebração na Praça da República?

Aziz: Já vai fazer quatro anos. Nós quer também muito agradecer a Prefeitura de São Paulo. Eles nunca ajudou em nada, mas eles poderiam falar: “vocês não vão fazer isso aqui”, mas nunca aconteceu isso. Os policiais vêm lá... eles mesmo cuida de nós, fala: “22h tem que parar”, 21h45 a gente para. Mas eles poderiam falar: “aqui não pode, tem que procurar um lugar pra fazer isso”, mas eles mesmo já sabe... tem muito amigo de nós que tá em muito país que quer fazer essas coisas mas a prefeitura de lá não dá essa oportunidade pra eles, nós que tem essa oportunidade, tem que agradecer. Eles não fazer um papel. Nós não pedir autorização. Você sabe o senegalês, foi lá, nós fica fazendo, fica fazendo...então as pessoas gosta muito dessas coisas que eles tão fazendo. A gente não atrapalhar nada. A gente vem lá se divertir, senegalês e brasileiro, de todo país do mundo.

Moustapha: O brasileiro não sabia nada do que a gente fazia lá na praça, o brasileiro falou: “eles é africano fazendo macumbeiro”.

Aziz: Roupas tradicionais que nós tava usando, roupas de Senegal. Agora eles compreenderam...a cultura...quando dá o café, a comida, tudo é de graça, igual na festa de Magal Touba, dono de festa fala isso, tem que começar de comer as 6 horas da manhã, tem que comer até lambear seu

prato, se não tem isso a festa não é boa. As pessoas que tão lá tem que comer até barriga cheia, levar sacolinha com comida pra casa, se ninguém não leva a festa não é boa. Na festa gasta mais de R\$ 60 mil porque todo mundo tem que participar. Se eu dou R\$ 100 nessa festa eu tenho certeza que ano que vem vou dar R\$ 200, R\$ 300. Deus paga de volta, Deus depois devolve. Se você tem a oportunidade de ver a prefeitura, fala isso pra eles: que o senegalês está agradecendo por essas coisas. Mesmo no Senegal tem as cidades onde não pode fazer isso, tem lugar que você fica tocando e chega policial. Mas aqui, desde 2015 até agora, nunca tem esse problema, nunca, nunca. Porque lá a gente pode filmar e ninguém vai pegar o seu celular, nós que tá na sua segurança. Lá não pode fumar, não pode beber, brasileiro que tem lá pode fazer porque eles tão no país dele, agora muito brasileiro que sabe isso chegou lá e eles não faz isso, porque graças a Deus ele não vai fumar, por exemplo ele não vai fumar, porque ele sabe que ele vai apanhar, se é brasileiro percebe e não fuma mais, porque lá a gente não fuma, não bebe. Eu fala, aqui no Brasil morador de rua que gosta mais de nós. Se você está trabalhando e aconteceu um problema com a polícia eles vêm pegar a sua mercadoria e morador de rua que ajuda nós mais. Eu pode jurar isso pela cabeça de minha mãe, eles que amam nós mais aqui no Brasil. Mesmo se tá chovendo, lá que eles tá, em um lugar que eles fica, eles fala: “vamos fazer isso agora, não pode você voltar”. Eles falam, “oi irmão, tudo bem?”. Eles dá abraço, eles chama nós de irmão. Eles que são mais amigos de nós. Nós também ajuda eles. Eu quero comer, a gente não tem nada, mas o pouquinho que nós têm, nós leva no restaurante pra comer junto. Acho que essas coisas também eles amam nós mais. Mesmo na festa de nós, na festa de Magal eles que chegam primeiro. Por exemplo se essa festa for sábado, na sexta-feira nós vamos fazer comida, pra quem mora na Luz, no Brás. Nós não tem muito dinheiro, mas o pouquinho que nós têm, nós vamos fazer as coisas pra conseguir dar pra eles.

Wendy: A comunidade senegalesa é unida?

Moustapha: Sim.

Aziz: Para nós esse é uma coisa de cultura e coisa de religião. Você pode não se conhecer no Senegal, mas chega aqui a gente acha que nós somos irmãos. Nós somos um. Eu quando eu me casei, quando minha esposa precisa de alguma coisa e eu não tô aqui, foi pediu pra ele, ele vai fazer, porque nós somos um. Não são todos da África, mas os senegaleses estão fazendo isso. Nós somos um.

Wendy: Importa a família? O sangue?

Todos: Não.

Aziz: Cada um tem uma etnia. No Senegal eu posso sair da minha casa, fica na casa dele mais de 15 dias, comendo, fazendo tudo. Eles respeitam mais as visitas, a gente que mora aqui do que a gente que mora lá. Um ajuda o outro.

Wendy: Você participa da Associação?

Aziz: A gente somos senegaleses. É normal nós participar se tem alguma coisa, se precisa de nós. Vou lá se tem reunião, se precisa da gente, a gente vai pra lá. Mas coisa de trabalho são eles que faz, é trabalho deles. Porque você sabe não pode misturar muita coisa. Eles são uma associação fazendo um trabalho bom. Acho que eles tão fazendo um trabalho bom. Tem muita coisa que a gente precisa, se você for lá, eles vão fazer na hora. Se você não tem dinheiro eles te ajudam fazer tudo essas coisas. Eles tão fazendo um trabalho bom. É o trabalho deles. Coisa da associação é coisa da associação, coisa da vida é coisa da vida.

Wendy: Você trabalha só como músico?

Moustapha: [Responde que sim com a cabeça]

Wendy: Mulheres participam das celebrações?

Moustapha: Sim, mulher participa.

Wendy: Mas tem mais homem em São Paulo?

Moustapha: Tem mais.

Aziz: Aqui em São Paulo não tem muito mulher.

Wendy: Quais celebrações os senegaleses possuem em São Paulo?

Aziz: Tem uma festa que chama Magal de Touba, lá todo mundo vem. Um dia muito grande que a gente tem. Se você perdeu um amigo faz tempo aqui no Brasil, tem que esperar esse dia pra ver.

Wendy: O que é essa festa?

Aziz: É uma festa de religião, é uma festa de mouridismo. Serin Tuubaa, Cheikh Ahmadu Bamba, ele tava lutando para os corpos preto, os brancos tirou ele do Senegal, leva ele pra fora até oito anos, ele tava lá sozinho com os franceses, tudo isso, mas ele nunca esquecer de lá, ele nunca esqueceu do Deus, das tradições, ele nunca esqueceu de nada. Desde que ele voltou pro

Senegal de novo a gente faz essa festa. Em todo lugar do mundo a gente faz essa festa esse dia. No Senegal, na Europa, no Brasil, em todo lugar do mundo a gente faz.

Wendy: Que dia é essa festa?

Aziz: Não tem dia certo porque essa festa é marcada pelo calendário muçulmano. Acho que vai ser daqui a cinco meses.

Wendy: Somente senegaleses participam?

Aziz: Todo mundo pode participar. Mesmo das aulas deles, vem participar! Não precisa de ser muçulmano. A arte que eles tão fazendo não é uma coisa que eles aprenderam, ele nasce artista. Tava no sangue deles. Mas tem que procurar uma professora pra acordar essas coisas.

Wendy: Essa festa então é muito importante?

Moustapha: É a festa mais importante que a gente tem.

Wendy: Onde é feita essa festa?

Aziz: Ano passado a gente fez na sete de abril, tem uma sala grande que a gente fez. Uma sala grande porque lá vai ter mais de três mil pessoas.

Wendy: Você já sentiu racismo?

Aziz: As vezes quando a gente entra no metrô acontecem as coisas. Um dia eu tava no ônibus com ele e os caras chamaram a gente de nós de tudo as coisas, mas tá tudo bem, a gente tá aqui de boa porque se tem gente que não gosta de você, têm dez que gosta de você, por isso que a gente fica tranquilo. Eu tava trabalhando no Brás, aconteceu muito de polícia [vir], você coloca sua mercadoria, eles passa, você fala: “amigo você está passando por cima da mercadoria”, ele fala: “to aqui na minha terra”, a gente fala: “tá bom, a gente não tem terra”. Nós já acostumou com isso. Só o que importa é eles fazer o trabalho deles bom no show. Todo dia eles ganham mais amigos. Mesmo o Deus que crê em nós tudo, não é todo mundo que acredita nele. Por isso se as pessoas não te ama não dá problema.

Wendy: Conhece algum outro espaço cultural da cidade?

Aziz: Se tem dez, eles participou em oito. Eles não sabe o nome dos lugar que eles foi, mas eles tocou. Eles viajam muito pra dar aula. Ele já participou Sesc de Vila Madalena, de Vila Matilde, Teatro Oficina, Sesc Pompeia, Sesc de Pinheiros, na Barra Funda tem um, eu não sabe o nome,

a gente tocou em tudo os SESC em São Paulo. Aqui mesmo a gente tocou no ano passado, lá em cima.

Wendy: O que você acha do centro de São Paulo?

Aziz: Ele não sai muito. Tem vez que aconteceu com polícia. Fora do centro pode andar sem documento. Acho que os policiais estão fazendo o trabalho deles porque é uma cidade perigoso, você sabe, se você é muito preto, quatro negões, cinco negões andando à noite [risos], mas é normal eles tão fazendo o trabalho deles, mas graças a deus as pessoas nunca têm problema com a gente.

Wendy: Você sente saudades de alguma coisa?

Moustapha: eu sinto saudades da família. Porque agora são cinco anos, porque não tenho documentos.

Aziz: Não tem coisa mais difícil do que isso, ficar vivendo muito tempo sem os pais. Pra nós coisa mais grande que nós tem no mundo é mãe de nós. É muito difícil. Eles não têm documento. Tem documento que a gente te dá pra você conseguir ir no Senegal visitar a família, agora eles são brasileiro, o trabalho deles são aqui, mas o documento que vai ajudar eles pra conseguir visitar a família, ficar dois meses, um mês lá, depois voltar pro seu trabalho de novo, mas até agora eles não conseguiu porque eles não têm esse documento.

Wendy: A maior parte dos senegaleses entra no Brasil com a solicitação de refúgio. Você fez isso?

Aziz: Sim. Ele aceitou esse documento, mas esse documento dá só pra ficar no Brasil, não dá pra ir no Senegal e voltar de novo. Tem um outro documento que chama Permanência, se você tem esse documento pode ir ao Senegal visitar a família, mas como refugiado só dá pra ficar no Brasil de boa.

Wendy: Você gostaria de falar mais alguma coisa?

Aziz: Não, ele tá muito feliz que ele pode falar da vida dele. O problema é que eles não conhece bem a cultura da gente. O brasileiro eles falam: “lá na África você mora onde?” “a gente mora em casa que nem aqui”. A tv de Brasil não mostra coisa boa de África, por isso também. Acho que brasileiro não tem culpa, eles tão achando só as coisas que eles viu na tv. A gente fica comendo na rua, a gente anda pelado, essas coisas já teve, mas faz muito muito tempo. Senegal é o único país da África que nunca tem guerra. Um dia nós tava andando no Rio Grande do Sul,

eu e ele, [mostra Moustapha] teve uma velha que viu nós, e ela fala: “você tão bem aqui hein”, eu fala: “nós tamos bem aqui porque a gente mora aqui, você quer o que? Que a gente anda pelado? A gente não rouba as coisas que nós usa. Nós trabalha pra comprar essas coisas”. Essa coisa que você fala, de racismo que você fala, acho que já aconteceu muita coisa. Eu já namorei com mulher mas o pai dela fala: “ele não ama você, ele tá com você só pra ganhar documento, só pra se casar”, mas a gente tem coração, a gente é de carne é de sangue, a gente pode amar. Ela ficou chorando, mas eu fala: “sua família é mais importante que eu, não precisa de ficar brigando porque depois pode dar mais problema, família pode fazer alguma coisa errada comigo. Vamos ser amigo, amiga”. Qualquer um de nós tem esse tipo de problema. Mais grande problema é de sair do seu país. Acho que por esses problemas que a gente não pode sair de idade de menor. Graças a deus que eles não esqueceu as tradição deles quando eles chegou aqui. Eu falo pra eles todo dias: quando vocês ficam fazendo coisas erradas, a gente de fora vai fazer coisa errada, porque vocês são exemplos de senegaleses aqui. Tem senegalês que vira outra coisa, não vou falar que todo senegalês é legal, tem gente que chegou aqui, que esqueceu de tradição, esqueceu de cultura, mas graças a deus que eles dois não esqueceu. Ele chegou aqui por coisa de dança, depois tava fazendo aula no Senegal tem uma escola e chegou aqui e falou: “vamos ficar aqui, trabalho, fazer coisa de cultura, vai dar certo pra nós um dia”. Eles viajaram por muito lugar desse mundo pra participar de festival. Deus que fala que eles vão ficar aqui no Brasil, foi fazer show, eles vêm aqui pra participar na abertura da Copa do Mundo em 2014. Gostei daqui e fica aqui. Ele também foi ano passado, foi na Bolívia, no Peru, depois vem aqui no Brasil. Não é que ele sabe toca, ele sabe dança que eles vão trabalhar junto, tem que ter um coração igual. Ele pode ser o melhor professor do mundo, o melhor tocador do mundo. Se eles não têm o mesmo objetivo, nunca vai dar certo. Se ele quer uma coisa só pra ele, nunca vai dar certo. Se ele tem uma aula que precisa só de dança, ele vai chamar ele, ele não vai conseguir fazer sozinho. Aqui é uma família por isso acho que vai dar certo pra eles.

IBRAHIMA SARR

Wendy: Você pode se apresentar por favor?

Ibrahima: (em francês) Bom dia, eu me chamo Ibrahima Sarr, de nacionalidade senegalesa, eu tenho [inaudível] anos, eu sou dançarino profissional e coreógrafo. Eu danço desde criança. Eu estudei na *Ecole des Sables*.

Wendy: Há quanto tempo você está no Brasil?

Ibrahima: (em português) Um ano.

Wendy: Como você veio para o Brasil?

Ibrahima: (em francês) Em 2018 o governo da Bolívia me contatou por um festival que ia acontecer lá e eu fui à Bolívia por três meses e depois quando o festival terminou, eu vim para cá, para o Brasil. Porque desde que eu era pequeno eu tinha um sonho, eu queria um dia ir a outro país para compartilhar minha cultura, com os brancos, os negros, os africanos. Eu penso, eu sonho..., eu viajei muito para outros países, representei meu país em competições na África, Costa do Marfim, Mali, tudo isso, depois de um ano eu vim para cá, na Bolívia e eu pensei que se no Brasil tem muita gente que ama a cultura africana, como eu te disse, desde pequeno eu sonhei em ir para compartilhar minha cultura. Por que não o Brasil? Eu vim para o Brasil depois eu conheci meu irmão Moustapha e Aziz e ele [Moustapha] disse: “você dança e eu toco” [risos]. Aziz é do teatro. Depois que eu vim para o Brasil nós trabalhamos juntos, nós somos senegaleses, trabalhamos juntos.

Wendy: Quando você chegou aqui o que você achou de São Paulo?

(Ibrahima fala em wolof)

Aziz: No primeiro momento ele queria voltar, porque ele é professor, ele dava muita aula no Senegal esperando ele, ele queria voltar muito, mas Moustapha fica falando pra ele: “vamos ficar, trabalha, vai dar certo”. Ele gosta também de São Paulo porque uma pessoa não pode ficar em um lugar que não ama. Ele só foi viajar e volta, desde 2018 ele mora em São Paulo, na Santa Cecília.

Wendy: Você chegou no Brasil por São Paulo?

Aziz: Ele veio para São Paulo direto.

Wendy: O que você gosta e não gosta em São Paulo?

(Aziz traduz em wolof para Ibrahima. Ibrahima responde em wolof)

Aziz: Ele tá falando que não tem coisa que ele vai amar ou não amar porque ele não tá no país dele, se você não tá no seu país, você acostuma na cultura do país que você está. Você não pode esquecer de tradição, mas você não pode falar mal da tradição dos outros. Por isso ele não sai muito de casa.

Wendy: O que você pode falar sobre os senegaleses em São Paulo?

Ibrahima: (em francês) Eu conheço muitos senegaleses aqui, nós somos senegaleses, porque estamos juntos. Com Aziz eu falo a toda hora que nós senegaleses somos todos unidos. Toda segunda nós vamos à República, vamos à *dahira*, do mouridismo. Vamos fazer comunhão, todos os senegaleses juntos, aqui.

Wendy: O que você pode dizer sobre racismo?

Ibrahima: (em francês e português) Racismo não é só aqui no Brasil, todo país tem racismo. O racismo não é do governo, o racismo é pessoal. Tem muita gente [inaudível]... Eu tenho uma companhia que se chama Seneáfrica, na qual eu trabalho desde 2018. Com aula de dança desde 2019, eu tenho uma criação, eu chamei cinco brasileiros para nos acompanhar, para preparar uma criação de tudo isso, sobre o racismo, porque na vida ninguém é melhor que ninguém.

Wendy: Onde você mora Ibrahima?

Ibrahima: No Brasil? Eu moro na Santa Cecília, perto do metrô.

Wendy: Você mora sozinho ou com outra pessoa?

Ibrahima: Eu moro com dois senegaleses.

Wendy: Você é casado ou está namorando?

Ibrahima: Aqui não, solteiro. No Senegal não também. Eu trabalho muito, porque casado muito problema [risos].

Wendy: Você mora em casa, apartamento, pensão?

Aziz: É um quarto grande. Ele mora com dois amigos dele. Ele mora lá já vai fazer um ano. No mesmo lugar.

Wendy: Desde que você chegou você só trabalhou com cultura?

Ibrahima: Só cultura.

Wendy: O que você pode falar sobre a cultura brasileira?

Ibrahima: (em francês) Eu amo muito a cultura brasileira porque...em 2019 eu participei do carnaval, com o grupo Vai Vai, na comissão de frente.

Wendy: Como foi a experiência de desfilar no carnaval?

Ibrahima: Muito diferente. (em francês) A primeira vez que eu participei do carnaval eu não conhecia o carnaval, eu não conhecia o ritmo, eu participei como experiência, como carreira artística. Porque eu danço danças senegalesas, eu danço contemporânea, eu danço sabar, eu danço outros tipos de dança.

Wendy: O ritmo do samba é muito diferente?

Ibrahima: Um pouco. (em francês) Sabar é uma tradição do Senegal, eu danço e Moustapha toca. Na escola Vai Vai como percussionista senegalês. O sabar tem muitos ritmos: *barambaye; fass; tieboubiene*...tem outras etnias: *diola; seree; lebu; toucouleur*, tem muitas.

Wendy: Você vai à Praça da República às segundas de noite?

Ibrahima: Sim.

Aziz: Ele vai só quando ele não tem compromisso, quando ele não tem show, trabalho, porque lá é toda segunda, se faltou uma segunda, na outra tem.

Wendy: Você sente saudades?

(Ibrahima responde em wolof)

Aziz: Ele tá falando que tá com muita saudade da mãe.

Ibrahima: (em português) Da mãe e pai. Minha família tudo.

Wendy: Você pretende ficar no Brasil?

Ibrahima: (em francês) Eu tenho um problema aqui, problema de documento porque na Argentina, Bolívia e no Peru eu ir para trabalhar por um mês, antes de vir para o Brasil. Eu tenho problema aqui para sair. O primeiro problema é esse: eu quero ir pro Senegal pra ver minha família e continuar aqui meu trabalho. Porque tem muita gente que me escreve da Argentina para ir pra lá, muita gente que me escreve da Bolívia para ir pra lá, na América Latina, mas eu tenho problema de documento para ir lá para trabalhar.

Aziz: Eles moram aqui, o trabalho dos dois é aqui. Se ele tem esse documento vai dar muita oportunidade pra ele. Ele vai conseguir ir...eles moram aqui no Brasil, mas quer ir lá pra fazer trabalho e volta, trabalho e volta, usa esses documentos também pra poder visitar pai e mãe...Outra coisa que eu esqueci de falar, a gente não tá aqui pra trabalho só pra nós, eles não tá aqui pra trabalho só pra eles, a gente tá aqui pra trabalho pra uma cidade inteiro, não vou

falar só pra uma família. Tem dia que a gente acorda e não tem nenhum dinheiro pra comprar café da manhã, mas do Senegal eles te ligam, e falam: “Ibrahima, não tem dinheiro pra pagar o aluguel”, porque eles acham que quando sai do Senegal aqui é melhor. Vou falar a verdade, aqui é melhor, aqui é bom pra viver quando você tem dinheiro. Quem fala que lá é melhor do que aqui tá mentindo, se lá tava melhor a gente ficava lá. Ele não tá trabalhando só pra ele. Têm pessoas que mesmo no Senegal, mas quando tem um problema no Senegal eles acham que você precisa, que você me ajuda nisso, mesmo se você guarda R\$ 100 pra comer esse mês, você vai mandar pra ele. Tem que trabalhar 24 horas, não é fácil, passa o dia inteiro pra tocar, dança não é fácil, dá aula aqui, dá aula lá, se fosse só pra eu, tem um queijo, tem um almoço de R\$ 10, mas a gente cansa pra ajudar a família, todo mundo tá esperando nós, todo mundo precisa de ajuda de você. Por isso não é fácil, tem que pagar seu aluguel, pagar as coisas pra comer, depois ajudar no Senegal, guarda um pouquinho de dinheiro se você conseguir ir no Senegal, porque passagem pro Senegal – Brasil é R\$ 5 mil, depois compra presente pra mãe, compra presente pra pai, prima, primo, compra presente. Porque quando nós éramos criança eles que tavam viajando primeiro, agora é responsabilidade de nós fazer isso de novo. Por isso senegalês trabalha 24 horas e não pode trabalhar com coisa errada. Você é africano, tem africano que faz, hoje não tem senegalês fazendo coisa errada aqui, só trabalho com minhas coisas. Trabalho fácil pra você ganhar dinheiro. Coisa de religião, porque somos muçulmanos e muçulmano tem muita coisa que não pode fazer, não pode pegar dinheiro que não é seu, não pode pegar coisa de ninguém, se você tem coisa é bom, se você não tem, tem que esperar Deus te dá. Nesse mundo tem dois lugar, você vai pedir pra gente ou a gente vai pedir pra você. Se você também conseguir ajuda nós, se você conhece uma pessoa que pode ajudar nós, como a gente pode conseguir pra ganhar permanência, porque nós estamos perdendo muito trabalho de fora, porque um dia você está fazendo entrevista, pode conhecer alguém pode fazer isso, alguém que trabalha com essas coisas de documento, porque é um problema pra nós, o problema mais grande que a gente tem, fica perdendo muito show lá fora, pelo documento.

Wendy: Você gostaria de falar mais alguma coisa?

(Ibrahima responde em wolof)

Aziz: Ele tá falando que está muito feliz de falar sobre o trabalho dele, ele tá agradecendo a você também, ele diz que não é fácil uma pessoa perder o tempo dela.

AZIZ MBAYE

Wendy: Você poderia se apresentar por favor?

Aziz: Meu nome é Abdou Aziz Mbaye. Cheguei no Brasil em 2014, já fiz muitas coisas porque quando eu cheguei aqui na verdade eu não tava de artista, eu tava de ambulante vendendo no Brás. Depois eu fui morar no Rio Grande do Sul, no Passo Fundo, eu morei lá nove meses. Depois que eu voltei aqui eu comecei a ir lá na praça e comecei a tocar, e ele falou: “ô cara por que você fica só tocando aqui? Vamos fazer show”. Na verdade Moustapha...eu não sou puxa saco de ninguém, mas ele ajudou nós muito aqui, porque ele poderia falar: “eu sou o primeiro que estou aqui, vou concentrar só no meu trabalho”, mas ele não fez isso. Quando eu vim, ele abriu mão pra mim, quando Ibrahima veio, ele abriu mão pra ele.... A gente briga, porque no trabalho tem que brigar mesmo, ele fica bravo, vai pra lá, mas uma hora a gente encontra de novo pra conversar, amizade é amizade, trabalho é trabalho. A gente tava tocando dois anos e depois chegou Ibrahima, que também não gastou nada quando ele chegou, nós dois tava tocando, a gente tava tocando por coisa de brincadeira. Ele tocou por muito lugar aqui, com muitas pessoas ele tocava. Ele chegou com outro cara que não tá aqui mais, agora ele tá trabalhando em Brasília. Se eu falo de verdade mesmo, as duas pessoas que tão fazendo cultura aqui são eles dois, eu fiz tudo, foi vender, eles tavam bravos: “eu vou lá só pegar um dinheiro”. A minha vida é um pouquinho difícil porque eu tenho quatro filhos no Senegal, eu tenho que trabalhar pra ajudar eles. Eu não tava tocando, eu dança porque lá a gente nasceu, dança, quando ele chegou, ele me dá mais, porque eu sabe dança, mas dança profissional, porque dança na rua não são igual. Você pode ser muito dançarino da rua, mas você entra na cidade pra fazer profissional você acha que você nunca sabe dança. Ele me ensinou de tocar, porque toca que a gente tava fazendo era de Baye Fall... “eu vou te ensinar”. Se eu sabe, graças a Deus foi por ele, porque antes eu tava fazendo teatro, no Senegal eu tava fazendo isso, eu comecei a fazer teatro quando eu tava com seis anos, acho que a coisa que eu mais gosta de fazer na minha vida é isso.

Wendy: Você tem quantos anos?

Aziz: Eu 30, fiz 30 no Natal passado.

Wendy: Você mora onde?

Aziz: Eu moro perto de perto da casa dele [Ibrahima]. Eu vou lá todos os dias comer as comidas dele [risos]. Eu acordo e roubo a chave dele e vou lá comer tudo e depois volto pra casa [risos]. Na Santa Cecília. Eu moro com um amigo.

Wendy: Você é casado?

Aziz: Não. Já me casei mas me separei, eu casei aqui mas me separei. Tô procurando uma bonita pra casar de novo [risos].

Wendy: Você mora em um quarto?

Aziz: Moro em um quarto pequeno, só pra conseguir dormir. Eu tava morando sozinho mas tem um amigo que chegou aqui esses dias. Porque pra nós é isso, pra nós não é normal chegar em São Paulo e dormir em um hotel. Coisa mais feia que um senegalês pode fazer é isso. Se eu tenho um amigo que vem e vai dormir em um hotel, eu não falo com ele mais. Porque minha casa é a casa dele. Antes eu morava em [inaudível], se eu chegar mais tarde eu não vou pedir permissão, vou lá pegar a chave dele e vou dormir na casa dele, se tem uma cama e se eu chega primeiro eu vou dormir lá, se ele chega depois vai dormir embaixo [risos]. Tem um amigo que veio do Sul, ele tava procurando um lugar pra ficar e eu falei: “tem que ficar aqui, melhor não fica gastando dinheiro no hotel”.

Wendy: Como foi quando você chegou?

Aziz: Moustapha tava morando no Rio Grande do Sul, quando eu cheguei aqui tava um amigo que me ajudou muito aqui, ele foi um cara que me ajudou demais quando eu cheguei aqui, na verdade eu não posso pagar pra ele. Eu cheguei em 2014, eu não conhecia ninguém aqui, ele comprava comida pra mim, me dava um lugar pra dormir, arrumou um trabalho pra mim, ele não quer me ver em problema, até agora, ele tava morando, é amigo do meu tio, eles morava tudo esse tempo. Eu não vou mentir pra você, tem as pessoas, as vezes a pessoa fala: “aqui tá cheio”, ele não fez isso. Não só pra mim. Agora ele não tá aqui em São Paulo, acho que ele tá em Porto Alegre com a esposa, eu tô mandando um abraço pra ele.

Wendy: O que você achou de São Paulo quando você chegou?

Aziz: São Paulo foi uma cidade maravilhosa. Eu gostei dessa cidade. Quando nós estávamos viajando em outra cidade, fica lá dois dias, três dias, eu falei pra eles: “vamos acabar esse show pra voltar pra terra de nós, o que é isso!”. Em São Paulo até de madrugada a gente anda. Você sai em outras cidades, 19 horas sai na rua você não vai ver ninguém mais. Cidade boa, a gente tem muito amigo, mais amigo brasileiro do que senegalês, eles amam nós de verdade. Tem as festas, quando ele te convida se você não ir, eles não vão falar com vocês mais. Até também a esposa dele: Neia, é uma esposa muito especial pra nós, eu não tô falando isso porque ele tá aqui, eu tô falando isso porque ela foi uma mulher muito bacana. Na festa de Natal, nós não

têm ninguém aqui, só nós, ela convidou nós pra casa dela. Mesmo o taxi que levou nós de centro pra lá, pro Morumbi, do Morumbi pra lá você vai gastar R\$ 100 mais ou menos, ela que pagou, ela pagou passagem de ir e de volta pra nós. É uma mulher muito especial. Eu falei isso pra ela: “Agora você virou senegalesa”.

Wendy: Ela é brasileira?

Aziz: Ela é brasileira.

Moustapha: Ela falou: “vamos casar!”, mas é brava. Eu sou artista, vou em muito lugar

Aziz: Uma mulher muito ciumenta, não pode se casar com ela.

Wendy: Tem coisas que você não gosta de São Paulo?

Aziz: O que não gosto de São Paulo são os africanos mesmo. Porque os senegaleses são unidos, mas os africanos não são unidos. Têm de outros países que acham que são melhor que os senegaleses, eles acham que são melhor, mas não são nada, mas os brasileiros me trata bem, cuida bem de nós. Pra nós tem uma palavra que fala *nit bouldedefaredara dengkokoywakh*, quando a pessoa faz uma coisa boa tem que falar isso pra ele. Tem um amigo deles que tava ajudando ele, o nome dele é [inaudível], ele ajudou nós, muito, muito, no trabalho de nós, ele perdeu tempo dele, arrumando as coisas pra eles, porque quem não sabe falar português bem é difícil de arrumar as coisas. Ele perdeu tempo, ele ficou o dia inteiro falando coisas boas da gente, ele arrumou contrato pra nós, até dinheiro dele ele gastou. Quando tem show de graça ele gasta o dinheiro dele, paga o taxi pra nós.

Moustapha: Porque eu tava quebrado no meu pé dois meses, foi no hospital.

Aziz: Ele tava com o pé-quebrado eu coloquei ele nas minhas costas.

Moustapha: Ninguém ajudou. Eu fui no hospital 10 horas da manhã, saiu 17 horas da tarde. Ele fica bravo ele falou: “Por que você não atende meu amigo?”.

Aziz: Nós chegou no hospital, não sei se nós que não somos daqui ou nós que não entendeu, a gente quando chegou primeiro levou e ficou lá, o pessoal falou, fica aí e espera, ele chegou lá 8 horas da manhã até 17 horas. A gente falou: “se você não quer pegar ele, fala que nós vamos pra outro hospital”. Tem um outro amigo brasileiro em outro hospital, eles tirou tudo, lá eles tratou ele bem. Outra pessoa que eu quero agradecer é o André, que tava com eles, ele também ajudou muito no trabalho de nós, porque quando a gente chegou aqui nós tava usando ele, porque a gente foi tocar com ele, depois André chegou, ajuda nós tudo a conseguir dar aula.

Moustapha: Sem família é difícil. Não tem pai, não tem mãe, não tem irmã, é difícil.

Aziz: Ele foi um cara muito bacana pra nós. Eu não tô fazendo puxa saco pra ele, mas é uma pessoa que fez coisa boa, tem que falar. Vamos tocar, tem que abrir escola de vocês, tem que tocar. Ele ajudou nós, muito, muito, muito coisa. Depois Moustapha chegou, ele é um cara muito bom, ele é um irmão pra nós. A gente tá muito feliz. Não é só minha palavra. É uma pessoa que ajuda nós. São família com ele. Você também tem que ajudar nós, essas coisas de aula, que ele tá fazendo, se você ver uma pessoa que quer fazer aula...

A gente tá feliz de falar de trabalho de nós. Ele é percussionista, ele é professor de dança. Eu não tô falando coisas porque eles estão aqui. Se você quer um bom professor de dança africana, dança contemporânea, se você precisa também de uma pessoa que sabe tocar música, sabe tocar sabar, ele faz. Acho que um dia você vai ter oportunidade de participar de um show de nós, nesse dia você vai ver o que eu estou falando. Fily também tá ajudando nós, graças a ele que a gente te conhece. Que oportunidades de trabalho vai fazer pra nós mais pra frente. Fala pra ele que eu tô muito feliz, um abraço pra ele.

Wendy: Você chegou primeiro em São Paulo?

Aziz: Eu cheguei em São Paulo, fiquei um ano e depois eu fui morar em Minas Gerais, eu morei lá 12 meses e depois eu voltei aqui.

Wendy: Você ainda está trabalhando com vendas?

Aziz: Eles estão vivendo mais essa coisa de artes do que eu. Se você dá pra ele um R\$ 1 milhão ir lá no Brás vender, ele não vai fazer [risos]. Porque ele não sabe. Ele até no Brás eu levei ele um dia: “vamos trabalhar porque você não tá fazendo nada”. Mas ele sabe fazer só coisa de artes. Uma pessoa dá R\$ 100 pra ele, ele troca R\$ 50, não deu certo. Sou eu que vou as vezes, quando eu não tenho show pra fazer, quando eu não tô fazendo nada eu vou vender. Ele já tentou mas ele nunca consegue [risos]. Por isso eu quero que tudo essas coisas dê certo pra eles. Porque eu tem outra coisa que eu vou fazer, mas eles têm só isso. Tem que ajudar eles nessa vida de artes que eles tão fazendo. Eles não sabe. Eu não sabia, mas esse amigo me ensinou tudo, de vender.

Wendy: O que você pode dizer sobre os senegaleses em São Paulo?

Aziz: Os senegaleses são irmãos. Um dia eu tava andando com minha ex e um cara senegalês me acenou, ela me perguntou: “Você conhece ele?” eu falei: “Não, primeira vez que eu vi ele”. Você sabe por que nós somos amigos? Porque nós todos falamos o mesmo idioma, nós todos falamos wolof. A gente somos amigos porque falamos no mesmo idioma, nós nascemos com

isso. Não é uma coisa que nós criou. No Senegal, pai de Ibrahima é meu pai. Lá é diferente de cá, se uma criança faz errado, tem que bater. Lá no Senegal, se eu fica na frente do pai de Ibrahima e xinga, ele não vai falar pro meu pai, ele vai me bater, e chegando em casa você não vai falar porque senão você vai apanhar de novo. A gente aqui somos irmão. Tem pessoa que acha que nós tudo se conhece no Senegal, não a gente se conhece aqui, trabalhando, porque a gente tem o mesmo trabalho, tem a mesma rotina, tem a mesma religião, a gente também se encontra nessas festas que eu te fala, toda segunda-feira na praça, aos domingos também têm nas mesquitas, a gente também se encontra lá, festa de Magal, festa de Gamou, tem as pessoas religiosas que sai do Senegal pra vir aqui. Mês passado tava um amigo que passou aqui pra passar mais coisa pra nós de não esquecer de tradição, para não entrar de coisa errada, por isso que comunidade é só uma, festa de um é festa de todo mundo. Eu tô feliz com isso porque não são só africanos que tão aqui, mas só nós que tão fazendo [inaudível], coisas que eu vi no Senegal, não tô falando porque eu sou senegalês, mas eu vi só senegalês fica fazendo. A família fica mais grande, ele colocou mais uma brasileira, quem sabe eu não coloca mais, vai ser uma família mais grande. Para a associação eu quero mandar um abraço pra eles, se eles consegui ajudar nós mais, ele também fica ajudando nós muito, ele fala “eu vou ajudar vocês”, ele também é uma pessoa muito bom.

Wendy: Na mesquita que vocês vão tem um espaço para mulheres?

Aziz: Sim. Elas vão porque é mesquita e coisa de religião. A gente não conhece bem religião muçulmana. Um dia eu entrei no metrô e o cara perguntou: “Você é muçulmano?” Ele ficou há mais de dois metros. Ele falou: “Você não tem bomba?” eu falei: “Sim, vai explodir daqui uns minutos”. Eu fala, nós temos problemas mais grandes do mundo: 1 – nascer preto é um problema, porque é difícil pra gente acertar; 2- nascer muçulmano, porque a gente acha que a gente é terrorista; 3 – morar em uma cidade que não é seu, porque tem todo tipo de pessoas que você encontra. Tem que ser pessoas que usa a cabeça. Esses três coisas, você anda chama a gente de preto, de negão, de macaco, um dia eu falei com um amigo lá, mas ele tava de brincadeira, ele me falou: “macaco”, porque eu tava comendo banana me fala assim, eu falei: “tem macaco branco e macaco preto, macaco branco não come banana?”. Todo mundo come banana, o branco come banana, todo mundo do mundo come banana, não precisa colocar essas coisas na cabeça de nós, tem que ser tranquilo. Graças a Deus eu sou muçulmano, pra mim eu não vou falar que minha religião é a melhor do mundo, mas eu posso falar que pra mim minha religião é a melhor do mundo, porque são coisas que a gente sente. Meus pais, minha mãe, meu avô, toda minha família é muçulmana. Muçulmano não mata, não faz coisa errada, nada mal,

só a pessoa que tem a oportunidade de matar é Deus. Antes quando uma pessoa me fez uma coisa errada eu queria brigar, mas agora pode me chamar de cobra não vou responder, porque você que tá me chamando, você que é, você que tá me chamando de macaco você que é macaco. Tem uma vez que um jogador do Brasil, foi um jogo que eu fiquei feliz com ele, quando ele tava jogando no Barcelona, um cara jogou banana pra ele, ele tava entrando no campo ele comeu e foi jogar de novo, se ele fica colocando isso na cabeça dele vai dar mais problema pra ele. Se eu vou num lugar que eu sabe que ninguém me ama eu vou tentar tudo pra sair mais cedo, não vou ficar mais tempo pra me fazer mais mal.

Wendy: Você falou de duas festas...

Aziz: Magal e Gamou, Gamou nasceu de profeta de nós, 22 dias depois do Magal, um mês. Essa festa é festa de nascimento de Moḥammed, profeta de nós, todo ano nós faz, 30 dias depois de Magal. Magal é de dia, mas Gamou é de noite, porque o profeta de nós nasceu de noite. Serin Tuubaa voltou de Senegal de manhã, Moḥammed nasceu de noite por isso estamos fazendo essa festa de noite. Gamou igual a Magal, a gente pega uma sala, dentro do Senegal, dentro do muçulmano tem duas etnias, que se chama mouridismo e tidjane. Nós que tamos fazendo na praça, nós somos mouride, de Serin Tuubaa, mas não é qualquer mouride que vai participar, tem que ser mouride de [inaudível] porque no Senegal tem muitos séquitos, mas todos os séquitos vai na mesma direção muçulmana.

Wendy: Na época da Copa do Mundo o Senegal jogou, eu acompanhei as celebrações...

Aziz: Foi nós aqui no centro. No primeiro foi melhor porque nesse dia nós ganhou [risos].

Wendy: Você sente saudades?

(muito ruído no ambiente)

Aziz: Sim, dos meus filhos. Tem dia que eu fico chorando mesmo, quando ele me chamou e falou: “pai você vai voltar quando?”. Tem uma que eu não vi até agora. Eu cheguei aqui e seis meses depois ela nasceu. Ela tem quatro anos, é difícil também. Tem as vezes que eu falo com esposa dele: “Quando seu marido fica um pouco quieto é porque ele não tá bem, não é porque ele não te ama, ele sente muitas saudades, é melhor ele ficar quietinho”. Nós que sai do país tem coisa que a pessoa tem que aceitar pra ficar aqui, [inaudível], passei três dias no hospital. Você tá longe da sua mãe [inaudível] a gente sente saudade, da cidade, das casas, foi come na casa de Ibrahim, outro dia foi comer na casa de Moustapha [inaudível] eu tenho saudades dos amigos que nasceu juntos, ele [Moustapha] tá com saudades dos amigos que eles fica tocando

no Senegal, tem os amigos deles que tão no Senegal, porque ele é professor de lá, então muitas saudades mesmo, mas acho que um dia nós vamos matar essas saudades.

Wendy: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Aziz: A gente tá feliz. Eu quero que as coisas dê certo pra eles. As prefeituras também se eles conseguem ajudar nós com mais coisa. [inaudível]. Ajuda pra estrangeiro porque nós tá trabalhando, nós precisa de ajuda mesmo, ele tem problema de pagar aluguel, eu tem problema de pagar aluguel, ele tem problema de pagar aluguel. Se prefeitura conseguir abrir coisa que eles vão conseguir dar aula, que vai ganhar um dinheiro por mês, que vai ter certeza que vai conseguir fazer isso, isso e isso, mas nós não têm isso. A gente tem show, tem que guardar, as vezes a gente fica um mês sem show, dois meses, tem que comer, tem que pagar aluguel, por isso se você tem oportunidade de falar pra eles, nós quer muito ajuda deles, ganhar uma coisa que ele vai conseguir guardar, pagar aluguel, mandar pra família, se eles dão essa oportunidade vai ser bom pra nós mesmo, tamos pedindo essa ajuda pra eles. Qualquer lugar a gente foi a gente não representa Senegal, não representa Brasil, a gente representa São Paulo. Você vai num lugar entra lá eles fala: “Seneáfrica de São Paulo”, a gente tá defendendo as cores do Brasil, de São Paulo, a gente tá fazendo isso, igual eu te fala a gente tá fazendo um projeto com brasileiro dentro, não é africano mais, é de São Paulo. Ele precisa de ajuda de prefeitura, eles não precisa de ganhar R\$ 100 mil, depois comeu tudo e acabou. Colocar eles num lugar que eles vão conseguir pegar alguma coisa pra fazer...é melhor ensinar de pescar do que de dar o peixe. Se eu não tá aqui como você vai fazer? Não quero ajuda em dinheiro, mas ajuda pra ter coisa pra fazer, se você tem a oportunidade de falar isso pra eles vai ser bom pra nós. Muito obrigada por perder seu tempo, porque tem muitos senegaleses que tão aqui, eu quero também que seu trabalho dê certo, que Deus ajuda muito você. Obrigado.

APÊNDICE D - ENTREVISTA NA ÍNTEGRA: KUNTA KINTÉ (ALIOUNE GUEYE)

Local: Sesc 24 de maio

Data: 03/07/2019

Horário de início: 12h52

Wendy: Você pode se apresentar por favor?

Kunta: Meu nome é Kunta, Kunta Kinté, artista, autor, compositor, produtor senegalês, e chegou aqui no Brasil desde 2011, pelo alguns projetos que foi premiado com Aliança Francesa, que me trouxe aqui, coisas digitais. Porque eu sou produtor de *Beat*, todas as coisas que é composição com computador eu faz, eu ganhei projeto e chega aqui. Depois desse projeto ele chega aqui essas coisas, morou um pouco tempo na Europa e voltou 2014 aqui e gostava de Brasil. Agora tô aqui desde 2014, mostrando o meu trabalho de artista e de produtor. Eu sou ativista. Tenho esse nome, Kunta Kinté, porque é da resistência. Kunta Kinté foi um príncipe, do Senegal e de Gâmbia. Ele foi príncipe e depois a gente pegou ele como escravo. Mais ele foi um rebelde das coisas. A gente pegou esse nome porque a gente está fazendo *hip hop, rap*. Primeira letra de *rap*, R é revolução, porque coisa de resistência, as coisas, todas as minhas palavras são para resistir, para mostrar igualdade, pra mostrar que somos iguais, que a gente tem que ficar bem com todo mundo. Eu não gosto de desigualdade, eu gosto só de coisas justas. Essa é minha maneira de resistir.

Wendy: Você mora em que região?

Kunta: Aqui moro no centro.

Wendy: Hoje você trabalha só com arte ou você trabalha também com outras coisas?

Kunta: Eu faço meus corre, independente dos corre de produção, eu fazer outras coisas, mais de comércio, as coisas que a gente faz, mas eu mais focalizado na produção, a gente faz as duas coisas.

Wendy: Você pode falar sobre a sua situação migratória atual?

Kunta: Como imigrante, como aqui a gente conseguiu as coisas de produção que eu tô fazendo, faz MEI, faz coisas, pagando impostos, e a gente tá como imigrante aqui.

Wendy: Quanto tempo você ficou aqui quando chegou pela primeira vez?

Kunta: Foi o momento do projeto, da residência. Eu cheguei, me chamou, foi primeiro no Rio de Janeiro, a gente fez também um show lá no Circo Voador. Eu gostar, eu falei: "nossa, esse negócio me chama!", porque é coisa de tropicalização...África...Senegal... parece a mesma coisa. Depois também que sai pela Europa, foi uma outra coisa porque lá tava frio, eu falou: "não, eu gosto mais do Brasil", e depois eu volto pra cá. E gente também né? Brasileiro é bem abraço, a gente também, né? Acho também que a gente tá fazendo essas coisas porque eu me senti muito bem aqui.

Wendy: Quando você voltou em 2014, você veio para São Paulo?

Kunta: Chega pra cá e aqui também com nossa documentação, eu tinha carteira registrada porque eu sou mestrado também de logística, trabalhava lá um ano no Brasília, também para fazer a documentação rapidinho, e conseguiu trabalho lá de auxiliar em logística e trabalhava lá e ficava lá, e depois também com coisas de emprego aqui, também as músicas. Depois a gente falou, tem mais comunidade senegalesa em São Paulo, eu falei: "vou chegar em São Paulo para ver como tem, como é", depois quando cheguei, começar a ver São Paulo, São Paulo é bem cosmopolitano.

Wendy: Que ano você chegou, você lembra?

Kunta: 2015, final de 2015, porque ficar em Brasília um ano inteiro.

Wendy: O que você achou de São Paulo quando você chegou?

Kunta: Cidade grande, com muitas coisas, muitas possibilidades também. Que tem uma diversificação da cultura aqui também, tem muitas nacionalidades, e para cultura tem muita cena, muito espaço que tá aqui e que se busca, dá pra entrar e fazer shows, mostrar seu trabalho e tem muitas conexão também aqui, por coisa de música que a gente tá fazendo, urbana, *hip hop*. Conheço muita gente aqui que chegou: "Oi faz *hip hop*, pa pa pa...", leva você para o estúdio, você vai lá toca com eles e depois começa a ter uma rede de gente, aí começa a tocar, a mostrar seu trabalho, gente começa a indicar você. Aqui é pleno da cena, São Paulo tem muitas coisas pra fazer aqui.

Wendy: Você pensa em continuar em São Paulo ou você pensa em ir para outra cidade?

Kunta: Eu quero viajar também, eu sou uma *pigeon* migratória, uma passarela também, eu gosto de viajar, mas gosto de conhecer outra cidade também porque você também construiu nossa cultura, para saber que o Brasil não é só também uma cidade, por que o Brasil é muito

grande, um continente. Eu gosto de conhecer todas os estados também, eu já conheci algumas, mas quero conhecer outras. Mas o meu ponto de referência, para economia, para trabalho, de verdade é São Paulo, porque aqui eu me senti muito bem, de verdade. Principalmente no centro antigo.

Wendy: Tem alguma coisa que você não gostou de São Paulo?

Kunta: Só uma vez, porque eu tem bicicleta, eu anda de bicicleta, foi uma noite, a polícia me interpelou, acha que a gente tá pegando o celular, as coisas, aí depois falou: "eu tenho uma entrevista com uma outra agência lá, perto de Bob's" e ele me interpelou, eu mostrar minhas documento, o cara depois falou: "não, tem que fazer porque tem gente que tá furtando lá celular, as coisas" depois eu falo que ele estão fazendo o trabalho dele, esses negócios também, talvez quando polícia passa, quando você tá de bicicleta, como se chama? O capacete também me dá uma proteção para mostrar que este rapaz está seguro na bicicleta dele. A gente não pedir documentação. Não tem, nunca teve aqui problema, brasileiros brinca com nós, brinca com nós aqui é que eu sou de positividade, pode ser outras coisas e também eu tô mais focalizado no trabalho que eu tô fazendo, quando eu tenho para entrevistar eu entrevista, quando tem para trabalhar trabalho em minha casa é esse lugar que eu quando eu saio eu saio no lugar que eu sei que hoje eu vou no Sesc, é Sesc, eu não anda muito pra andar, entendeu? Eu sou focalizado nas coisas que eu tô fazendo aqui, e andar com um amigo legal também. Eu sou uma pessoa muito focalizado porque eu fico mais tempo também para casa porque lá tem meu estúdio lá, pra mandar o projeto, fazer música lá também, para fazer edição de vídeo também, faz vídeo também. Se dá tempo para não sair muito, quando eu saio é só para uma coisa que é certo. Que já tá combinado, como você, só isso. Eu não anda pra andar, aqui também para entrar em alguns lugar não é fácil para estrangeiro que tá aqui, tem que lutar, tem que fazer bem editais, tem que ficar bem ligado na música que está fazendo, eu tô também com a minha banda, tem banda aqui, tô lidando como produtor.

Wendy: Você pode falar um pouco do seu trabalho como artista?

Kunta: Desde que eu cheguei, eu cheguei com o meu equipamento, as coisas, fazendo *Beat*, fazendo vídeo também, eu fez cinema também, fez muitas coisas, esse já fez pelo Senegal e... tava fazendo produção lá no Senegal. Tem estúdio, *home* estúdio na minha casa. Galera lá conhece bem, tava produzindo gente lá, música, videoclipe, essas coisas, tava mexendo nessas duas mudanças. Quando chegar aqui também estou fazendo a mesma coisa, porque talvez a gente não tem muito tempo só alguém que chama para fazer uma coisa, você vai para fazer o

serviço, e depois que começar conhecer outras galeras, arrumou uma banda aqui, uma banda legal. A gente começar ensaio, ficou sossegado, não toco não em nenhum lugar, mas ficou sossegado só ensaiando, ensaiou mais de um ano e nesse ano, ano passado até agora a gente tá gravando o nosso álbum, que é um álbum ao vivo e vai sair e logo logo *Insha'Allah*, e também das coisas também de produção, tô fazendo produção, já fez uma produção para a Consciência Negra lá no Casa das Rosas, ano passado, foi produtor do Sarau Senegal, convidei senegalês, tambor, dançarino e fechou show com a minha banda lá, foi bem legal. Esse ano também aniversário de São Paulo, eu fiz uma sarau lá no Sesc Pinheiros, foi produtor daquele evento também, foi da mesma forma também, com senegalês, africanos, algumas brasileiros também que convidou dentro minha sarau e fechou o show também com a minha banda. E agora nesses meses estou um pouco parado, para pensar todas as coisas lá de lançamento, porque tem que pensar para fechar datas, shows, de salas, e arrumar todas galeras para todas as coisas ficar legal, mas tá indo muito bem. Tá quase saindo. [Mostra em seu celular fotos de suas atividades] Esse foi na Casa das Rosas, esse aqui é produção, foi assistente de produção; aqui é aquele sarau na Casa das Rosas...aqui foi no Sesc, aqui é minha banda...

Wendy: São brasileiros e senegaleses?

Kunta: Brasileiros, eu faz esse misturado de encruzilhada, África e Brasil, Senegal e Brasil...internet tá um pouco lento...esse é o vídeo que a gente fez lá no Sesc. Esse é o clipe que eu te mostrou, eu mando para alguns amigos que são produtores no Senegal, o clipe tá passando na TV do Senegal. Aqui ó [mostra vídeo em seu celular]. Tem essa conexão, no Senegal também a gente tem um pouquinho nome também, a gente me conhece um pouco lá.

Wendy: Você já cantava no Senegal ou você começou a cantar aqui?

Kunta: Eu cantava lá, eu tenho mais de 20 anos de carreira. Cantava lá antes de chegar pra cá.

Wendy: Na sua banda você é o cantor?

Kunta: Sim, eu sou o cantor principal, o líder. Na minha produção nova eu tenho convidado muitos brasileiros legal, que tá nesse álbum, participação de Luedji Luna, não sei se você conhece, ela vai ficar no álbum, Indy Naíse também, ela fez Itaú Cultural nesta semana, acabou de fazer uma show bem bacana, e muitas várias artistas aqui, tem Zé Manoel também...

Wendy: Eu não conheço mas eu vou pesquisar

Kunta: Pesquisa por que ele ganhou dois prêmios ano passado aqui no Brasil... E parceiros... Muitas parcerias na sessão de gravação no estúdio... foi pesado, mas a gente conseguiu porque todas as coisas que fez é uma coisa independente. Muita luta. Aqui tem que lutar pra conseguir as coisas. É só isso. Eu tava com esses negócios antes de chegar aqui e quando eu chegar aqui não é muito difícil para mim para mim encaixar nas coisas de cultura, porque eu sempre trabalha com cultura, mais de 20 anos de cultura.

Wendy: Quantos anos você tem?

Kunta: Você quer que eu conte meus anos? [risos]. Não pode falar, tem 4.0.

Wendy: Você está muito bem para 4.0.

Kunta: Não fuma, não bebe, não faz besteira... só bicicleta. Todo mundo fala: "Ah você tem 20 anos", eu falo: "que bom!".

Wendy: O que você pode falar sobre espaços culturais de São Paulo?

Kunta: Tocou também aqui na galeria Olido, tinha também pra lançar na Olido também, mas eu deixa data, tem até data para fazer lançamento no teatro, mas a gente tá pensando demais, mas toquei lá também, Toquei em vários lugar. Toquei em Santos, que tem parceria lá também. Aqui também tem gente me chama em algum lugar eu vou e toco pra gente.

Wendy: Tem algum lugar que você não tocou, mas que você conheceu e gostou?

Kunta: Conhece de Itaú Cultural, gostou, achou bem legal, eu gostou. Fábrica cultural também, Fábrica de Cultura é bem legal. Aqui tem muito espaço. Toquei também faz dois meses com a minha Conexão [Diáspora] no Aparelha Luzia, aqui no centro. Lá é bem lotado quando tem show lá, foi bem bacana também, isso daí.

Wendy: O que você pode falar sobre os senegaleses em São Paulo?

Kunta: O que pode falar é que senegaleses chega aqui têm um foco de trabalhar. A maioria dos senegaleses que está aqui, a maioria eles são comerciantes. Você entendeu? Faz o negócio, abrir loja, faz coisas, mas eles são gente, algumas estudantes, mas não é muito. Mas a maioria é trabalhador, trabalhador mesmo, trabalha sete dias por sete e está contribuindo também eu acho para a economia deste país. Tá pagando aluguel, pagando imposto, as coisas. Abrir conta de banco, MEI, este tipo de coisa. Nós somos bem organizados também, Aqui tem também uma associação de senegaleses aqui, tem um presidente. Ele tá fazendo todas as documentação que

falta, tem gente que... polícia, documentação de passaporte, até esses dias tinha uma delegacia de polícia que sai de Senegal para cá para resolver as coisas lá de identidade e passaporte. Nossa associação e comunidade também religiosa aqui é muito forte, mouridismo, Baye Fall, Tijania, Niassene, tem algumas associação religiosa que todo domingo tem, como se pode falar? Uma reunião, uma comemoração para que todo mundo se fala dos problemas, essas coisas, e aqui também se tem gente que faleceu a associação e gente religiosa, pega todo o dinheiro que eles tem e faz...como é que se fala?...uma vaquinha aqui mais ou menos gente que tá morta é mais de R\$ 10 mil, você entendeu? E talvez a cada dois, três meses tem uma pessoa que tá morta, a gente faz isso para mandar ele para voltar para o Senegal...a nossa comunidade é muito...porque nossa cultura é fraternidade também, é fraternidade, é ajudar entre nós e cada uma tem esse foco pra chegar e trabalhar, é isso. Todas as coisas também que eu tô fazendo de show e as coisas, eu sempre patrocino no primeiro lugar a associação dos senegaleses e a embaixada de Senegal, todo show que eu fez, eu no primeiro lugar, ele chegar eu dá cartas pra eles, eles convida para mim no consulado, as coisas, amigo de associação, para africanos para chegar para ver que tem um senegalês que tá aqui que tá fortalecendo a nossa, cultura.

Wendy: Como é a chegada dos senegaleses em São Paulo?

Kunta: Talvez, você chega, você não conhece ninguém, mas mais ou menos tem um senegalês. Porque toda cidade do mundo que você vai, você pergunta na cidade central, você vai ver um senegalês, porque o senegalês viaja muito. Aqui em São Paulo, quando você chega, você vai perguntar uma prima, uma irmão, alguém que você conhece, e de lá com o trabalho que ele tá fazendo, ele vai começar a ensinar para saber como é, e depois você você vai ser sua própria chefe para fazer um negócio. Vou te falar, tem gente também que gosta de roubar e pedir as coisas, mas aqui tem que ir devagar e trabalhar com lei do Brasil, com certeza do que você tem que fazer. Aqui tem possibilidade, qualquer coisa que você faz aqui, que tá legal, você vai ganhar dinheiro, essas possibilidades que faz com muitas africanos ou senegaleses sair do país deles para chegar pra cá. Por que na nossa país é bem legal, Senegal é da hora, não tem guerra, tem democracia, tem tudo lá, e lá é hospitalidade é país da hospitalidade, país da hospitalidade é país da *Teranga*, *Teranga* é hospitalidade. Senegal nome dele é país da *Teranga*, país da hospitalidade. Se não tem comida você chega na casa de você, ou eu tô com você até meio dia, vamos comer na minha casa. Você chegar [do] Norte, como aqui talvez, talvez tem gente que está dormindo na rua, no Senegal não, só gente que quiser dormir na rua. Se chegar as coisas você não conhece, até se chegar em uma cidade que não conhece, para dormir, você toca: "oi", você chega bem: "oi, eu sou viajante, não tem onde dormir", a gente fala: "chega, chega", você

vai dormir lá até você ter condição para ir, você entendeu? Também quando alguém chega aqui e não conhece nada da cidade a gente acolhe ele para mostrar caminho para ficar e quando fica, você depois tá livre para saber alguma coisa, aqui mais ou menos para se adaptar um senegalês, você chega aqui mais ou menos um mês já tá adaptado. Você ficou uma semana, duas semanas, três semanas, já tá no lado de produção, fazendo uma coisa que vai fazer com que sua vida fica legal aqui. Você fala: "eu sou senegalês, não tenho onde ir", fala: "você tem condição?", "não", "então vamos para minha casa", depois a gente fala entre nós: "oi, tem um rapaz que tá aqui". Aquele comunidade que é religiosa que contribui muito para isso também, esse é mais social. Todo domingo, a gente chega, faz oração, faz coisas, mais conta o que aconteceu nas semanas, se tem gente que chegar e precisa de dinheiro, a gente faz uma vaquinha para ele, para fazer. Se quero voltar, se não tem condição pra voltar a gente faz vaquinha para que você volta, tem morto, tem uma coisa, a gente faz vaquinha pra você, você tem aqui mulher, nascimento, cerimônia...a gente fazer coisa, até tem um lugar como mesquita aqui que a gente vai para se reunir e as coisas. Até que o chefe religioso sair de lá para ver como a gente tá ficando aqui. Tem festa religiosa muito grande aqui. Tem Magal de Touba aqui, tem outras festas religiosas, Tijania e Niassene. Essa semana tem um chefe niassene que sai de Senegal para visitar nós. Para ver como a gente tá. Aqui tem solidariedade, muito solidariedade.

Wendy: Você pode falar sobre os encontros que acontecem segunda-feira na Praça da República?

Kunta: Aqueles outros irmãos Baye Fall que toca toda segunda. Esse é para oração, para agradecer toda semana, porque eles trabalham, tem essa segunda para agradecer, para se encontrar também, para discutir, para se ver, senegaleses gostam de ficar em comunidade também, mas primeiro lugar é trabalhar.

Wendy: As mulheres participam destes encontros?

Kunta: Participam sim. Tem até brasileiros que agora estão seguindo a nossa religião muçulmana. Se converteram ao Islã e estão seguindo também. É bem legal.

Wendy: O que você pode falar sobre as ruas e praças da cidade de São Paulo?

Kunta: Aqui a gente tá no centro, você sabe, senegaleses gosta de.... até se você vai para Nova York ou Paris, africanos gostam de ficar nos centros, maioria no centro, com problema de seguro também talvez, por problema de se ver rapidinho, problema de morar perto para não pegar trânsito, para chegar trabalhar, para pedir, aquele negócio... aqui a maioria dos africanos

e senegaleses mora aqui no centro, República, São João, Santa Cecília, Marechal, Bela Vista, aquela região que a gente está seguindo a maioria..., porque um senegalês quando chega aqui não vai se perder, ele chega ele vai ter mais ou menos alguém que vai indicar um lugar para ir.

Wendy: Você sempre morou no centro?

Kunta: No centro sim, eu queria morar em outros lugares, mas no centro a gente está acostumado de centro também, porque tem tudo perto e quando tudo tá perto você não precisa sair muito longe, porque senegalês tá assim, afetivo com comunidade também, precisa de uma festa, perto não precisa sair muito longe, senegalês não gosta muito de transito e de estar muito longe de outros irmãos. Essa é nossa particularidade, a gente fica perto.

Wendy: Você já foi nos encontros que acontecem na Praça da República?

Kunta: Sim talvez eu chego só dar uma força, um pouquinho só, de vez em quando, eu sei como é, vou e depois saio.

Wendy: Nesses encontros tinha também o café que era oferecido para as pessoas...

Kunta: Se chama café Tuba, Tuba é uma cidade, cidade de Cheikh Ahmadu Bamba que é o fundador de mouridismo. Pode comparar Cheikh Ahmadu Bamba é mais que Gandhi, ele fez uma resistência pacífica pela comunidade senegalesa, africanos, porque quando o europeu chegou para pegar ele, ele podia fazer guerra, as coisas, mas ele resistiu, pacificamente para falar: “comunidade, não faz guerra, deixa que eles me pega”. Ele foi exilado sete anos e depois ele volta, a gente tá seguindo ele Cheikh Ahmadu Bamba, ele faz uma resistência pacífica como Gandhi, as coisas, essa comunidade Baye Fall do mouridismo que a gente está fazendo todo segunda-feira, para se lembrar também um pouco de Senegal, com ritmos, com sons, com cantação, com todas as coisas lá, com café de lá, é isso mesmo. E fala também um pouquinho se tem um problema ou coisa a gente fala, e fala também para cara gente, depois que terminou, chefe fala com eles: "você está bem nesse país?, mas tem que seguir regras, tem que fazer coisas bem, não faz besteira" para arrumar a gente também, toda semana para arrumar a cabeça da gente, as vezes tá perdido um pouco, porque aqui só o corre-corre, você pode fazer alguma bagunça com alguém, a gente fala pra não chegar aqui pra fazer uma besteira ou fazer alguma coisa, chegar aqui só pra trabalhar, ficar bem com a gente, e esse é uma grande coisa que dá muita força pra gente. Porque quando a gente sai muito longe da nossa terra mãe talvez a gente tem saudade, mas quando a gente se vê, esquece todas essas coisas de longitude de Senegal.

Wendy: Vocês tinham encontros similares no Senegal?

Kunta: Sim, Senegal é demais lá. Toda quinta-feira até sexta-feira à noite tem, *sant* é agradecimento. Lá tem muitas comunidades, comunidade mouride, tem comunidade layene, comunidade tidjane, nós tudo somos muçulmanos. E naquele dia de quinta-feira a gente está fazendo oração, por todo bairro, cidade que você vai, você vai ouvir alguma coisa...é comunidade mesmo.

Wendy: O que você pode falar sobre saudades?

Kunta: Sim, todas as vezes, toda segunda eu tenho saudade do Senegal, porque a gente, você sabe né? Quando a gente está ligado com o seu país, sua terra, você sai de lá um dia, já tem uma falta de alguma coisa, um sabor de lá, do chazinho de lá, de sua família de lá, das casas de lá, da atmosfera, da população, da bagunça. Lá você vai ouvir no Senegal cinco vezes ao dia, a chamada para fazer oração da mesquita, aqui não, isso é uma falta, você entendeu? Essas pequenas coisas que tem falta, mas depois que a gente tá bem, aqui também, principalmente alcançando nossos objetivos que é, família que está lá ficou legal, mandando dinheiro, que todo mundo ficou bem, você tá orgulhoso, você tá feliz, porque lá não conseguia fazer muitas coisas, porque não tem emprego, economia está um pouco ruim. Se conseguir sair de lá, chegar aqui, fazendo as coisas que deveria fazer mais lá, a gente tá feliz com a vida aqui, é isso.

Wendy: Quando você chegou, como você aprendeu português?

Kunta: Aprendeu na faculdade espanhol, eu falo espanhol e inglês. E quando chegar aqui não falava português, nunca aprendeu português, foi dia de dia com a gente que consegui falar com a gente, mas com espanhol tem algumas... parece a mesma coisa, depois também adaptou rapidinho. Gosto também de língua portuguesa. Eu sou homem de Letras também, gosto de línguas, coisas também.

Wendy: A faculdade que você fez no Senegal foi de logística?

Kunta: Não foi o primeiro, no inglês, Faculdade Cheikh Anta Diop, que é de Dakar, inglês, até eu foi instrutor de inglês no Senegal, fez quatro anos dando aula de inglês e logística lá, depois sai também, mas eu fui mais focalizado também na minha música, eu gostava mais do que dando aula, as coisas esse fez algumas tempo só para fazer. Não sei, daqui há alguns anos eu posso voltar para essa área, mas eu gosto mais da música e de logística também.

Wendy: Qual idioma você fala no Senegal?

Kunta: Lá é o wolof, eu sou de Dakar, capital, lá a gente fala o wolof. Tem algumas etnias, mais ou menos seis etnias, tem o serer, tem o lebou, o lebou que principalmente fala o wolof, serer é outra língua, diola é outra língua, manjanco é outra língua, toucouleur, peul, fulani é outra língua, mas a maioria do senegaleses vai entender fala o wolof, wolof não vai falar dominou, mas o wolof que sincronizou nós e o francês, que foi língua de França que faz colonização de Senegal e lá se falar wolof ou francês a gente vai entender. Fala essas línguas, eu falo inglês, falo francês, fala português, fala espanhol e fala wolof, são cinco línguas.

Wendy: Aqui os senegaleses conversam geralmente em qual língua?

Kunta: Em wolof, mais wolof.

Wendy: Você já percebeu alguma situação de racismo em relação a você ou algum amigo?

Kunta: Aqui não.

Wendy: Você conheceu algum Parque aqui de São Paulo?

Kunta: Conhece Ibirapuera, gostei, fui passear, lá é legal.

Wendy: Você falou que você também é ator?

Kunta: Não como ator, como realizador, como diretor, fiz alguns filmes também, depois se você quiser eu te passo, você vai ver meu trabalho de editor. Essa área de cultura é muito sofisticada, tem que se especializar em uma coisa, mas tem que mexer em algumas coisas pra ter uma noção mínima de algumas coisas, porque minha vida total eu sempre gosto de arte, desde que foi pequeno, sempre ouviu música e sempre mexeu as coisas, até faz a minha própria música, você entendeu? Fez os meus próprios clipes, documentários, depois no Senegal teve próprios jornais que eu tava de lado e eles me ensinou os negócios pra saber como é. Agora tem mais ou menos uma noção de vídeo, como fazer um documentário, um filme e como fazer também uma música. Vou fazer uma música, uma música de filme também.

Wendy: Como os brasileiros reagem quando vem você se apresentando, fazendo show?

Kunta: Eles ficam feliz, eles não acreditam que este africano, porque tem esse estereotipo de que imigrante que chega aqui é só comerciante, eles dá um valor pra senegalês, africano que tá aqui que tem alguém que sabe fazer, mesma coisa que a gente, que é de produção de alto nível, a gente dá confiança até de produtor aqui no Sesc.

Wendy: Você conhece outros artistas senegaleses?

Kunta: Sim, eu sempre encaixar nos meus shows um grupo de Baye Fall que toca lá, tem outras moças que dança também, eu coloca eles, eles faz balé, tem um grupo que faz tambor também, eu coloco eles nos shows pra que gente conhece ele, no meu último show teve produtor que viu eles e pegou eles pra produzir as coisas, meus shows se chama Sarau Senegal, e quando se fala Sarau Senegal pega gente que faz literatura, que dança e depois eu fecha o show com minhas músicas e com a minha banda.

Wendy: Você gostaria de falar mais alguma coisa?

Kunta: A gente se prepara e se liga, daqui a pouco vai ser bagunçado, o álbum vai chegar, vai ser um álbum muito legal, quero trazer conhecimento, fazer uma encruzilhada África-Brasil-Senegal, pra gente conhecer que a gente tá trabalhando bem aqui, eu quero ser esse link, essa ponte, que vai ficar entre África, Senegal e Brasil, culturalmente, este é o meu objetivo e o meu foco, eu quero realizar este sonho, fazer muitas idas e voltas, trazer gente pra cultura.

APÊNDICE E - ENTREVISTA NA ÍNTEGRA: OUSMANE FALL

Local: Bar na avenida Brigadeiro Luiz Antônio

Data: 26/07/2019

Horário de início: 20h30

Wendy: Você pode se apresentar por favor?

Ousmane: Meu nome é Ousmane Fall eu sou senegalês. Eu vivo aqui no Brasil, eu moro perto de Brigadeiro Luís Antônio, mora na Bela Vista.

Wendy: Você está no Brasil há quanto tempo?

Ousmane: Agora eu tô aqui há mais ou menos seis anos.

Wendy: Por que você veio para o Brasil?

Ousmane: Vem para Brasil trabalha mesmo. Eu fazer Cabo Verde, depois de Cabo Verde e eu pedi o visto pro Brasil e eu chega em Brasil, chega em Fortaleza primeiro e depois de dois dias chega em São Paulo porque tem um amigo que antes de eu veio para cá, ele falava: "o Brasil é aberto, é aberto em tudo". Porque tem família que vive na Espanha, que vive lá que tem um pouco de dificuldade de documentos, de viver lá difícil, aqui o Brasil tá aberto, tá dando certo, dá para viver, pra sobreviver.

Wendy: O que você acha de São Paulo?

Ousmane: A cidade bonita, porque fora do Brasil você vai ver televisão, não vai mandar tudo verdade, mostra a favela, mostra matador, mostra coisa feia, mas se você entra aqui você vai saber que é diferente. Aqui é aberto. Dá pra viver aqui tranquilo.

Wendy: Onde está sua família?

Ousmane: Tenho família no Senegal também.

Wendy: Você veio sozinho para São Paulo?

Ousmane: Sim eu vim sozinho. Eu moro com dois amigos meus, e divide aluguel, divide comida. Porque a nossa comunidade aqui no Brasil, nós temos uma comunidade muçulmana que chama mouridismo. Tem chefe, eu sou o segundo chefe da comunidade aqui no Brasil. Nós faz uma festa, toda festa que nós faz da nossa cultura pro Senegal nós faz aqui mesmo. Aluga

sala, fazer de todas as coisas, mesmo eu já falei com o Kunta Kinté, ele vai convidar pessoas para festa da semana passada. Daqui a pouco nos dá para convidar você vai vir, né? Porque às vezes a gente vai falar um pouco sobre a cultura, né?

Wendy: Além da sua função como chefe Religioso, você pode contar um pouco do que você faz?

Ousmane: Na nossa comunidade eu que pegar as coisas de social, coisas de social para a gente que tem que entrar aqui, a gente que tem dor de cabeça, a gente que fica aqui muito tempo sem ganhar dinheiro, família dele que quer ele volta e que vai nas comunidades fazer uma anunciar para todo mundo saber, esse cara nós vai ajudar cada uma com R\$ 50, R\$ 50, R\$ 50, nós juntar dinheiro pra comprar passagem, porque você sabe que passagem daqui pra lá, R\$ 4 mil, R\$ 4 mil e pouco, pra ele volta pra família dele. Se tem um cara que tá aqui, que não tem dinheiro para trabalha, nós ajuda pra ele trabalha, nós ajuda pra aluguel, casa e ele sai na rua trabalha, quando chega, deixa lá e tem tudo esses gestos da nossa comunidade.

Wendy: E precisa ser da mesma família ou não precisa?

Ousmane: Não precisa. Se você sai do Senegal é senegalês, não é de muçulmano, de cristão, de isso tudo, é senegalês, e comunidade primeiro, e depois dele tem religião muçulmano também, ser religião muçulmano é da comunidade, primeiro, depois dele é senegalês.

Wendy: Como está a sua situação migratória hoje?

Ousmane: Antes que eu chego aqui eu fazer uma declaração de refugiado. Porque se você chegar aqui, se não declara que é refugiado, não fazer protocolo primeiro. Eles sabe Senegal não tem refugiado. Ele fazer para pegar o protocolo. E quando o protocolo, ele foi na Polícia Federal vai e volta ele fazer o certo, mais um ano, dois anos, ganhando permanência. Eu já ganhei permanência, agora estou legalizado.

Wendy: Você faz mais algum trabalho além do religioso?

Ousmane: Religioso e social é para a comunidade mas eu tenho o meu serviço. Eu vendedor, desse jeito que eu vender também eu ajudo a pessoa. Por que a comunidade comunidade, depois de comunidade eu moro com meu amigo, se meu amigo foi na rua, perdeu a mercadoria, se ladrão furta ele, se ele volta para casa nós três, quatro vamos fazer uma coisa bem com dinheiro de cada um ajuda outro, porque nossa comunidade diferente, cultura também diferente. Se lá no Senegal você nasce, se tem 18 anos, fica de homem, antes que eu tenha 20 anos eu fiquei

com toda a meu responsabilidade do meu casa. Meu pai não fazer nada, meu mãe também não fazer nada. Pai trabalha guarda dinheiro, mãe guarda dinheiro também. Eu que toma tudo a responsabilidade, eu que compra roupa para eles, paga comida, paga tudo de casa, é diferente, então se você nascer 18 anos, com a sua luta, luta a sua vida, então cuidar da vida de família também, da vida de família. É a responsabilidade.

Wendy: Quantos anos você tem?

Ousmane: Eu tenho agora 37.

Wendy: O que você acha de São Paulo?

Ousmane: Eu acha que tudo bem porque eu tá vivendo aqui tranquilo, porque eu morar mesmo casa que eu cheguei até agora. Aqui na rua todo mundo me conhece: senhora, senhores, tudo me conhece, é tudo meu amigo. Não tô fazendo barulho, não tô fazendo bagunça, nada.

Wendy: Tem alguma coisa que você não gosta em São Paulo?

Ousmane: Tem pessoa que é ruim, não é todo mundo, todo lugar tem. Eu tenho um amigo que tá dando certo comigo, é meu amigo, mas você sabe que andar na rua você encontra com todo mundo. Eu sei, se você vê fazendo coisa ruim é calma, porque eu estrangeiro, eu cuida pouco da minha vida também, aqui não é o meu país, então eu vive no Brasil. Se me dá tudo eu também vive no Brasil, pegar pessoa boa, conhecer, fazer amizade com ele.

Wendy: O que os senegaleses fazem em São Paulo?

Ousmane: A comunidade coisa de religião, cada um tem o seu serviço aqui, todo domingo 17 horas e 10 horas da noite nós tudo encontrar na sala, aluguel sala na Praça da República, nós temos uma sala lá na rua Aurora, todo mundo 17 horas vai lá e reza, canta, fazemos coisas da nossa religião, tudo certo, cada um trazer R\$ 20, marca 20, 20, 20. Você tem o seu cartão, tem tudo, tem sua numeração, tem tudo mesmo. Ele toma favoridade, qualquer coisa que compra para ele nós tudo que cuida, social também cobrir para ele.

Wendy: Essa sala na rua Aurora é a Mesquita?

Ousmane: É a mesquita.

Wendy: Além do encontro de domingo, tem outros lugares em que os senegaleses se encontram?

Ousmane: De segunda-feira tem comunidade que fazer outro, tem comunidade que também canta, bater tambor, na Praça da República, lá eu que chefe de lá, e se todo mundo juntar, cantar, bater tambor, conversar, depois que terminou eu pega 10 ou 15 minutos para falar com as pessoas, sobre a sua vida, cada uma dá valor para cada uma. Não é problema de cristão, não é problema de muçulmano: toda pessoa é igual, cada uma respeitar cada uma. O nosso pastor fala do mesmo jeito, cada um respeitar o outro: se quer convidar um cristão, convida; se quer convidar um muçulmano, convida. Conversando tudo certo. Ninguém vai roubar ninguém, ninguém melhor que ninguém, porque todo mundo Deus que manda para nós aqui, se Deus quiser você nascer aqui, se Deus quiser eu nascer no Senegal.

Wendy: Mulheres também participam?

Ousmane: Participam.

Wendy: Além da mesquita e da Praça da República, tem algum outro local onde a comunidade se encontra?

Ousmane: Só isso e o restaurante do Senegal nós vai lá comer a cultura de nós [risos]

Wendy: Os brasileiros participam também dos encontros de segunda-feira?

Ousmane: Sim, tem brasileiro que entrar de nós, que vira muçulmano, que casa com uma senegalesa. Que nós fica lá ele que sempre fala com os brasileiros, isso aqui não é coisa feia, isso aqui não é coisa mau, é coisa boa, ninguém fala vai entrar, mas se você precisa entrar, entra, se não entra tudo bem, as vezes tá só a passar ali.

Wendy: Você também toca?

Ousmane: Não, eu não toca. Tem cara que toca, tem cara que canta, tem irmão que canta também, mas não é irmão de sangue, não é irmão de pai e mãe, meu vô é pai dele é irmão de meu mãe, meu tio mas fala meu irmão. Eu mais velho que ele.

Wendy: Você conhece algum espaço cultural de São Paulo?

Ousmane: Só sala de cultura perto da Paraíso, eu ví só. Porque eu saio do serviço, entra pra casa.

Wendy: Você sente saudades?

Ousmane: Sim um pouco, eu preparei pra ir pra lá, foi lá vai fazer dois mês, depois eu volto. Sempre ficar aqui, vai passear lá pra ver família.

Wendy: O que você pode falar sobre a cultura dos senegaleses?

Ousmane: Você sabe a cultura é importante pra pessoa pra viver no Brasil, porque você está abrindo a sua cabeça, pra saber cultura diferente. Comida daqui, comida do Brasil e comida de lá é diferente, porque nós gosta muito de pimenta. Troca cultural é boa.

Wendy: Você sentiu algum preconceito por ser muçulmano?

Ousmane: Não porque ele não conhecer, coisa que você não conhece estranho pra pessoa. Porque eu que conhece, eu que nascer pra muçulmano, eu sabe muçulmano, eu que nascer pra muçulmano, porque tem brasileiro, qualquer outro país também, que vê na televisão muçulmano, acha [que] vai entrar no caminho das pessoa, tomando as coisas, entrar com uma bomba, entrar com umas coisas feio, matar gente... Eu sei que é diferente. Muçulmano não fazer mal pra gente, muçulmano não fuma, muçulmano não bebe, muçulmano praticante – tem muçulmano que é brincadeira – muçulmano praticante é diferente, muçulmano praticante ele tem tudo as coisas que muçulmano não faz, não é tudo. Você sabe tem pessoa que é praticante e tem pessoa que faz o que quiser.

Wendy: Na mesquita as mulheres participam?

Ousmane: Tem. Parte de mulher e parte de homem. Muçulmano não quer mulher com homem fica junto sem casar, mesmo se você casar chega na mesquita cada um tem o seu lugar. Muçulmano praticante, você fica lá, mulher fica ali.

Wendy: Como você se tornou chefe?

Ousmane: Depois do Senegal, já fazia no Cabo Verde primeiro. Chega no Cabo Verde, fazer lá dois anos e meio. Fica lá um ano e pouco, comunidade me chamou para ficar chefe, falei: "não, é cedo" eles falam: "não, nós saber que você pode ser chefe". Vira chefe, fica lá, sai de lá, vem pra cá, eles chamam chefe daqui e falam: "ou, cara chegar lá onde?" "ele pode ficar só na sua praça", porque antes de chegar aqui não conhecer ele, eu encontra com ele, dá abraço pra ele, conversa pra ele, fala: "eu sai de Cabo Verde, chega aqui", ele me fala algumas coisas, "domingo se você passa lá, nós vamos conversar, nossa comunidade combinar pra você". E foi lá. Primeira semana ele me [inaudível].

Wendy: Você pode falar um pouco das festas dos senegaleses?

Ousmane: Dentro do muçulmano tem um lutador que chama Ahmud Bamba, é um negro que luta com o francês que está no Senegal. Antes que o Senegal não ser independente, tem presidente de França que tava lá, ele fala: "ninguém vai rezar aqui". Ele fala: "Deus não existe". Ahmadu Bamba fala: "não, você mentir, Deus existe, eu vai rezar aqui". Ahmadu Bamba leva pra Gabão, tem um barco que chamava Pernambuco, cara que mora no Recife, barco dele, ele que exila o Ahmadu Bamba pra levar pra Gabão. Ele fazer sete anos lá, ele fazer tudo as coisa mal que ele sabe fazer. Ele manda um leão comer ele, não dá, manda uma vaca, não dá, manda tudo as coisas que ele fazer. Ele fala: Deus, quem é deus?" Ele reza pra Deus. Ele fazer sete anos depois ele volta pro Senegal. A Fundação dele tá no Senegal. A comunidade dele tá em todo lugar que tá pessoa que tá lá, ele fazer uma comunidade. Ele tem casa na América, tem casa na Espanha, na Itália, vários lugar, agora não tem casa aqui nós, nós temos uma sala que nós aluga pra fazer as coisas, nós vai procurando uma casa pra comprar para muçulmanos. Nossos filhos que tão aqui muçulmanos vai estudar lá, pessoas que queira saber o que é muçulmano verdadeiro vai vê lá. Nós temos uma festa pra ele que chama Magal, ano que ele morreu, nós temos uma festa que nós fazemos no Senegal, nós fazer aqui mesmo. Todo ano eu compro passagem [inaudível].

Wendy: Como é a festa?

Ousmane: Festa é isso: de manhã tomando o alcorão, de tarde fazendo as comunicação, porque neto dele que é chefe agora, o neto dele que é chefe pra todos os mouridismos. O neto está no Senegal. Tudo a comunidade muçulmana no Senegal. Todo mundo vai chegar na cidade dele. Faz aqui em São Paulo comunidade, junta dinheiro e manda pra neto dele, porque neto dele vai receber várias pessoas, tem convidados tudo muçulmano do mundo. Come de tudo de graça, bebe de graça, tudo, não tem cigarro, não tem cerveja. Canta, só isso.

Wendy: Acontecem outras festas?

Ousmane: Tem festa do profeta Mohamed, depois de Magal, Magal dura 25? 26 dias depois de Magal é festa dele, do profeta. Tudo comunidade muçulmana. [inaudível]. Cada um é um lutador.

Wendy: Quando acontece o Magal?

Ousmane: Mês nove, muda a data. Se fazer este ano mês nove, baixa 10 dias só.

Wendy: O líder religioso pode casar? Você é casado?

Ousmane: Pode casar. Aqui não.

Wendy: Você gostaria de falar mais alguma coisa?

Ousmane: Outra coisa importante de lá é pessoa de lá é um pouco diferente da pessoa daqui. Qualquer lugar tem pessoa ruim, tem pessoa certinha, entendeu? Vida que é diferente. Cultura de lá, Senegal, diferente um pouco de cultura do Brasil, porque lá também abre mão. Se minha mãe encontra com você ela pensa que você é filho dela, ela vai falar: “Wendy meu filha!”, ela gosta muito de estrangeiro, respeita estrangeiro, dá valor pra estrangeiro, se encontra Wendy pensa filha dela. Nós chega aqui nós aluga casa, se você chegando lá, se tem um pouco sorte você mora uma casa sem pagar. Porque lá gosta muito de estrangeiro.

APÊNDICE F - ENTREVISTA NA ÍNTEGRA: JOÃO URSULIN PINTO

Local: Sesc 24 de maio

Data: 31/07/2019

Horário de início: 11h20

Wendy: Você pode se apresentar por favor?

João: Apesar do meu nome português, meu nome é João Ursulin Pinto, eu sou senegalês. Este nome veio por causa das minhas origens cabo-verdianas, que foi colônia portuguesa. Eu sou o único da família a ter nome inteiramente português, de repente este foi meu destino para vir pra cá. Eu desde moleque, posso dizer bem moleque, eu sempre me apaixonei pelo Brasil. Eu colecionava qualquer tipo de jornal, ou de revista ou de mídia naquela época, era tudo impressa né? Pra ter informação sobre o Brasil, mas mesmo assim a gente nunca se depara com a realidade até quando você chega no local. Uma coisa é você ter uma perspectiva, outra coisa é você se deparar com a realidade. Por que que eu digo isso? Porque eu pensava que o Brasil, depois que eu escolhi vir estudar aqui, que eu ia chegar e ia ter o meu papagaio no ombro, ia passear debaixo das árvores, dos coqueiros, aquelas coisas assim, e se eu não tivesse escolhido São Paulo pra estudar, porque eu vim estudar na Universidade de São Paulo, talvez em outros lugares na Amazônia talvez seria possível. Mas você vê o tamanho da ignorância no bom sentido, que é o não saber, as vezes nos coloca em situações realmente inesperadas. Por isso que eu falo, por mais que você pesquise sobre alguma coisa, por mais que você leia sobre alguma coisa, eu acho que a verdadeira essência só é sentida quando você está no local, porque aí você convive no dia a dia. A língua por mais que você aprenda, os jargões dificilmente você assimila. Eu vim aqui pra estudar, estudei, fiz Administração de Empresas, casei, hoje eu tô no meu segundo casamento. Trabalhei por muitos anos. Hoje eu tô desempregado, mas eu tenho uma empresa de eventos, de locação de equipamentos de sonorização profissional para shows, pra essas coisas assim, que também não anda bem por causa da crise que a gente tá. Mas isso foi muito mais minha paixão pelo Brasil, que nem eu sempre falo: se fosse pra refazer faria, faria tudo de novo, porque apesar de não conseguir meu papagaio até hoje [risos], mas eu acho que amor à primeira vista foi o que eu esperava, foi o que eu imaginava, foi o que o meu coração sentia. Então o Brasil realmente, que nem diz meu pai, hoje vivo ainda: “se eu tivesse te proibido de vir para cá eu tinha cometido um crime, porque realmente a gente vê toda a sua assimilação da cultura brasileira, da história brasileira e tudo mais”. Esse sou eu, João, e eu tô aqui na sua frente, Wendy, e podemos falar a respeito da sua pesquisa.

Wendy: Quando você chegou no Brasil?

João: Eu cheguei em 89.

Wendy: Veio direto pra São Paulo?

João: Direto pra São Paulo.

Wendy: Você pode falar sobre sua vida em São Paulo?

João: A minha vida em São Paulo desde o início, eu posso dizer em planos gerais foi uma vida muito bacana, eu acho que primeiro, pelo fato de ter aceito a cultura e a realidade brasileira. Eu acho que talvez pra mim tenha sido um pouco mais fácil do que pra outras pessoas, porque como te falei, pela minha origem do nome, eu tenho também sangue português nas veias. A cultura cabo-verdiana é uma mescla da cultura portuguesa e da cultura africana, e o Brasil também, mescla da cultura portuguesa e africana, pelos ancestrais desde a aparição do ser humano, do homem como a gente sabe, então de repente isso não me deu muitos problemas, tanto na questão relacional, na questão alimentar, na questão de vivência. Então isso eu posso dizer que eu não tive muitos sofrimentos, não tive muitos problemas não.

Wendy: O que você acha de São Paulo?

João: São Paulo foi uma cidade que me surpreendeu bastante, porque você só se dá conta do tamanho e da força deste país, você estando em São Paulo. São Paulo é realmente uma situação a par, porque dificilmente São Paulo retrata o Brasil. São Paulo retrata muito mais o mundo, do que realmente o Brasil, mas é uma cidade muito acolhedora. São Paulo é uma cidade muito formadora, eu acho que em todos os aspectos, tanto aspecto acadêmico, quanto aspecto de vida social, aspecto de preparo para o futuro. Nós estamos em um cruzamento de todas as tendências mundiais que a gente pode encontrar aqui em São Paulo. Então hoje eu vejo São Paulo, como, não um exemplo a seguir, porque exemplo a seguir é querer ser muito prepotente, mas pelo menos um caminho a se estudar. Lógico, a cidade hoje enfrenta vários desafios, porque é normal na história da humanidade, sempre as cidades onde nós tivemos muito mais população os desafios sempre foram maiores, porque são cidades que também ofereciam mais condições e o ser humano, pela sua natureza, sempre vai buscar as melhores condições para viver ou sobreviver. Mas São Paulo hoje é uma cidade acolhedora, hoje você tem mais ou menos, você deve ter em torno de 10 mil senegaleses aqui em São Paulo. Quando eu cheguei em 89, não sei se nós chegávamos a 100, se contava nos dedos. Naquela época se fazia mais intercâmbio cultural, no âmbito do projeto PEC e quem vinha eram mais estudantes porque o Brasil não era

muito conhecido na África e também pela distância era muito caro, é muito caro até hoje. E as pessoas que vieram para São Paulo foram, eu posso dizer, os pioneiros para levar de volta a informação de sucesso, e a partir daí começou a despertar o povo senegalês, o povo africano, em particular os senegaleses, e as pessoas começaram a vir e o Brasil abriu um pouco mais as portas. Então São Paulo nos formou. São Paulo deu para os estudantes brasileiros um *status* que eu posso dizer até invejável em relação aos outros alunos que foram estudar até em grandes universidades do mundo, tanto na Europa como nos Estados Unidos. Porque nós conhecemos as nossas razões, os nossos problemas, os nossos gargalos na sociedade africana, e no Brasil não é diferente também. Nós temos esse sangue africano, temos essa cultura africana. Mas o brasileiro, que nem eu chamo, o jogo de cintura, tirar leite de pedra, que são coisas que são bem populares e locais, os estudantes africanos que acabaram voltando para seus países souberam tirar leite de pedra e ter jogo de cintura para usar os recursos as vezes até escassos e precários que se tinha localmente para buscar uma solução e trazer uma vida um pouco melhor, em todos os sentidos, tanto na área de engenharia, na área humana, na área exata, em tudo. Não é à toa que eu ficava muito feliz quando meus pais falavam: “nossa, vocês do Brasil quando chegam vocês são rapidamente absorvidos pela sociedade, pelas empresas corporativas, porque o desafio do mundo está aí”. Por que? Porque os desafios do mundo são conhecidos por todos dos países africanos e tudo mais, e as vezes o que se busca não é só ficar parado na teoria mas usar a prática. Eu acho que o ensino na África ele é muito bom, mas ainda é muito teórico. Nós precisamos investir em laboratórios, em campos, ter uma experiência pragmática, não simplesmente se basear nos livros, eu acho que esse é um apelo que eu faço a todas as nações africanas, é começar a seguir o exemplo brasileiro. Estudar, trabalhar, estudar, trabalhar. Se deparar com problemas, trazer esses problemas para sala de aula e isso servir de trampolim pra ter sua própria tecnologia, os seus próprios meios, eu acho que isso é muito bom. Então São Paulo é isso, Brasil é isso também. A gente aprende a respeitar todas as raças, porque aqui em São Paulo você tem todas as raças do mundo, hoje cada vez mais. Isso também nos abre a cabeça, nos dá um desafio muito grande, porque as tradições africanas são muito boas, mas elas são muito rígidas e desenvolvimento não condiz com rigidez cultural. Acho que os japoneses são os únicos a conseguirem mesclar isso. Eles constituem um povo muito tecnológico, mas eles conseguem guardar as raízes tradicionais de uma forma muito bela e também como base para o desenvolvimento deles. Com a abertura da China a gente percebe que os chineses também estão nessa via. Eu acho isso. São Paulo nos ensina a ser um pouco mais pragmático. Agora cabe a nós africanos continuarmos a ser pragmáticos, mas respeitando nossas culturas,

quer dizer, aprender esse jogo de cintura e traçar o nosso próprio modelo de desenvolvimento, modelo de existência.

Wendy: Quando você veio para cá, você já falava português?

João: Eu não falava português. Na minha formação no Senegal eu fiz uma série literária, na série literária você tem muita ênfase em línguas. No Senegal você fala francês e inglês. Francês por ser uma língua oficial e na escola nós somos obrigados a aprender duas línguas estrangeiras, a primeira sendo inglês, óbvio, e eu escolhi espanhol. Então quando eu vim aqui, apesar de eu não falar português eu entendia certas coisas. Por que? Pelas minhas raízes cabo-verdianas nós temos o crioulo cabo-verdiano, que é um crioulo português na verdade, que se assemelha um pouco ao português, então pelas falas das pessoas eu conseguia assimilar muitas coisas, mas quando eu cheguei aqui eu não falava e foi aqui que eu aprendi.

Wendy: Como foi esse processo?

João: Foi um processo muito rápido. Eu tenho essa facilidade com línguas. Foi um processo muito rápido. Porque dentro do programa PEC, na hora que a gente chegava, nós tínhamos a formação em língua portuguesa. E eu me lembro que quando cheguei, eu cheguei em 15 de fevereiro e acho que o curso começava no final de março. Quando eu cheguei pra começar a aula a professora falou: “mas você veio pra fazer o curso de português?”. Eu falei: “sim”, ela falou: “impossível! Você fala já”. Porque eu sou muito curioso, eu não tenho medo, eu erro pra aprender. E quando ela falou: “não! Imagina, eu já vou fazer um relatório”, eu falei: “não, uma coisa é falar, outra coisa é escrever corretamente”, porque eu ia começar um curso universitário, você tem que ter um mínimo de base pra você fazer uma redação, entender uma prova, responder uma prova, então era muito importante. Eu acho que também pelo amor à minha escolha, eu acho que com amor tudo é fácil. A gente fica cada vez mais disposto a assimilar as coisas. E para mim essa passagem não foi muito perturbadora não.

Wendy: O que você pode falar sobre os senegaleses em São Paulo?

João: Os senegaleses em São Paulo, eles vêm em busca de oportunidades. O senegalês é um povo pacífico, na sua maioria muçulmano, muito apegado às tradições, tanto religiosa, como de vida cotidiana e essa busca de oportunidade hoje, trouxe realmente todo esse contingente de senegaleses, em torno de 10 mil mais ou menos. Hoje os senegaleses que estão aqui conseguiram abrir uma associação, acho que falando agora um pouco de política, toda e qualquer política ela só é forte através de uma associação, de um grupo e em função disso, eles

buscam sobreviver, mas eles buscam também meios de ganhar recursos para também mandar ajuda aos familiares. Você tem em Senegal uma população jovem, mais de 50% da população tem uma faixa etária de 20 anos. Nós temos muitos problemas de oferta de oportunidade para a população jovem, e jovem você sabe como ele é, quando chega a um lugar e não se adapta, pula o barco e vai para outro lugar, isso é normal, isso é natural. Então aqui eles encontraram essa possibilidade de trabalhar, lógico as vezes até dentro da informalidade, mas conheço bastantes que estão na formalidade e que justamente têm essa principal meta que é ajudar os familiares lá. Hoje você tem muitos senegaleses que vêm aqui até com formação universitária, mas por razões de domínio da língua ou outras questões sociais, não conseguem se inserir dentro desse modelo. A questão que eu falava da ignorância positiva, a pessoa vem sem saber o que é São Paulo, o que é Brasil, ainda mais São Paulo. São Paulo é muito mais competitivo, é muito mais firme, muito mais alerta, então você vem de uma cultura, praticamente por sermos filhos da independência francesa, ou da colonização francesa, de assistencialismo, há uma coisa aqui que é de pragmatismo, de correr, de você ir buscar, então de repente isso também assusta nossos conterrâneos que estão aqui, mas mesmo assim eles têm essa determinação de querer aprender, de querer mostrar do que são capazes. As vezes o *modus operandis* assusta, não traz conforto à população como um todo, mas esse é nosso modo de ser. Então a comunidade senegalesa aqui busca realmente abrir um leque para mostrar, para revelar na verdade a cultura senegalesa, pela arte, pela música, pelas exposições de tecidos ou de objetos de arte que você deve ter visto aí no meio da cidade, por celebrar vários eventos religiosos e tudo mais, eles querem mostrar a essência de ser senegalês. O Senegal é um país de muita cortesia. Nós temos um lema que a gente chama de *Teranga*, que é a arte de você saber receber bem. Não é à toa que no Senegal praticamente 50% do PIB é baseado no turismo, então realmente isso aí é uma coisa da essência do senegalês, saber receber. Por isso que você sempre vai ver eles sorridentes, ver sempre eles amigáveis, amáveis, no sentido de querer se fazer aceitar e querer também compartilhar tudo que a pessoa também pode oferecer, então isso é o senegalês.

Wendy: Como acontece a chegada?

João: Quando eu cheguei, logo que eu cheguei na Universidade de São Paulo, encontrei as pessoas africanas. Tinha um senegalês em particular que também estava lá, me acolheu, me orientou, me deu a base para começar a andar e aqui é a mesma coisa, novamente quando as pessoas vêm, na maioria das vezes já tem um parente aqui, o que torna a coisa um pouco mais fácil. Ou então, a pessoa quando ela chega, já sabe que tem uma associação de senegaleses,

então busca primeiro se filiar a este novo grupo e a partir daí tecer sua rede e tentar avançar na vida.

Wendy: Você conhece espaços onde os senegaleses demonstram sua arte, sua cultura?

João: Basicamente na rua, nós temos aqui no centro de São Paulo, ali na praça da República, no Brás, tem em outros municípios, tem no ABC, tem no litoral, até no Sul do Brasil tem. Então o senegalês, ele é de rua, ele gosta dessa coisa de, como diz em francês *Côtoie*, quer dizer se aproximar das pessoas, porque ele tem que vender para sobreviver. A principal atividade da maioria desse pessoal é isso, é o comércio, de arte, de bugigangas que hoje todo mundo vê, então eles estão na rua, na zona norte, na zona sul, na zona leste, aonde você vai, você vai encontrar senegaleses andando pela rua, tentando tirar o ganha pão.

Wendy: Você conhece algum encontro cultural, algum evento ou comemoração feito pela comunidade?

João: Eu tenho a minha firma de eventos, então geralmente quando eles têm eventos religiosos eles me contratam para fazer toda a parte de sonorização. Então eu posso dizer: mais ou menos duas vezes por ano eles têm esses encontros religiosos. Então geralmente isso é feito em locais fechados no Senegal se faz em local aberto, na rua, porque lá é cultural, mas aqui não, aqui se faz em local fechado. Então você tem vários lugares onde eu já trabalhei com eles. Teve um ano, acho que já faz um tempinho, deve ter uns quatro ou cinco anos atrás, ou um pouco mais, um amigo meu senegalês, que inclusive trabalhou muito na prefeitura aqui, onde ele foi o pioneiro do primeiro dia da Independência do Senegal aqui em São Paulo. Eu me lembro que na época a prefeitura patrocinou o palco, foi feito aqui na praça da Republica. Então você tem participação até hoje. Dentro da prefeitura a gente busca ter maior visibilidade, desmistificar um pouco a questão do preconceito no bom sentido, o pré conceito, saber antes o que será a realidade. Porque dentro dos nossos costumes a gente sabe que o mal entendido, mal compreendido pode trazer muitos problemas, e na verdade o que a gente busca é simplesmente compartilhar nosso saber, aprender com os outros e viver em paz.

Wendy: Você pode falar sobre racismo?

João: Isso é muito comum, é algo que, não é tapar o sol com a peneira, mas é algo que vai sempre existir, desde os primórdios, o preconceito ele vai sempre existir. Porque o preconceito também não deixa de ser uma forma de proteção, as vezes as formas deste preconceito é que são questionáveis. Você vai me dizer que ninguém tem preconceito no mundo? Mentira. Eu

posso dizer que tenho preconceito, não no sentido pejorativo, repulsivo do termo, mas a gente tem preconceito porque, que nem eu falei, eu vim pro Brasil pensando que ia andar com o papagaio no ombro, isso é um pré conceito. Agora se deparar com situações de não aceitação da sua essência, da sua forma de ser e ser tratado de uma forma truculenta, isso sim também existe. Nós vivemos em um país racista, a história do Brasil foi uma história escravocrata, onde não se deu oportunidade à classe negra no Brasil, e nós como africanos, quando chegamos, nós temos um pouco mais de repúdio em relação a isso porque nós não convivemos com esse tipo de preconceito, nós convivemos com preconceito, eu posso dizer regional, paulista não gosta de carioca, que não gosta de baiano, que fala mal do mineiro, essas coisas que são culturais, que tem a ver muito com a constituição da cultura brasileira, mas quando a gente chega aqui a gente se depara com o preconceito eu posso dizer, não de raça, porque raça é o ser humano, mas o preconceito de cor, porque se não fosse a nossa cor preta, que não é nossa raça, a raça é negra, as pessoas, abrindo só um parênteses, me falam assim: “aqui eu sou preto, eu não sou negro”, na África não chama a pessoa de preto, a pessoa é negra, você vê totalmente diferente, mas são questões eu posso dizer pontuais. “Ah eu sou negro aqui”, na África você não chama a pessoa de negra, vai sair no braço agora porque a pessoa é preta, totalmente diferente. Então esta questão de você julgar a pessoa pela cor, sem saber quem é, pra nós isso é muito... atinge a nossa alma e nós não ficamos calados, diferentemente de várias situações que eu tive as vezes até que intervir aqui, onde eu tive que falar pra pessoa: “não, você tem que dar uma resposta, não precisa ir pra briga, não precisa usar a violência, mas mostra pra pessoa que...”... Eu trabalhei em grandes empresas multinacionais, minha experiência quase toda foi em multinacionais, onde eu tive cargo de gerência, e quando eu atendia as pessoas, as pessoas queriam falar com o responsável e eu me predispunha pra ajudar a pessoa e a pessoa não me considerava como o responsável, eu tinha que ir pra minha sala, sentar, fingir o estereotipo pra pessoa falar: “ah desculpe, eu não sabia”. Mas a gente sabe como que é a história, porque não se tem referência em algo que você possa tornar como praxe, não se tem referência na sociedade negra brasileira, apesar de existir, mas pra nós é comum, o nosso presidente é preto, o nosso bandido é preto, o policial é preto, o gari é preto, é tudo preto, o piloto do avião é preto, quem vai encher o pneu da sua bicicleta é preto, todo mundo é preto, então nós não temos esse choque, apesar da gente saber que no mundo afora isto realmente é um fator de discernimento, é um fator de reconhecimento, é um fator de separação, de segregação. Mas eu acho que existe, recentemente nós tivemos casos relatados de senegaleses ambulantes que trabalham e que foram agredidos por policiais, mas eu acho que por nós não aceitarmos isso, nós não aceitarmos a conduta que se deve ter perante o policial que faz isso, acaba trazendo mais truculência. Então

sim sofremos de racismo? Sim. Preconceito? Sim. Mas eu acredito que é pelo trabalho que a gente vai desmistificar tudo isso.

Wendy: Você conhece o encontro de senegaleses que acontece às segundas na praça da República?

João: Eu já escutei falar, nunca fui. Eu sou senegalês, mas eu sou católico. Só um parêntese pra você entender, no Senegal 90% da população é muçulmana, o restante se divide entre católicos, protestantes e hoje essas novas religiões que estão entrando, mas nós sempre tivemos convívio muito duradouro dentro da paz, eu frequento igrejas, eu frequento mesquitas, meus amigos a mesma coisa, não tem problema, no meu primeiro casamento aqui um dos meus padrinhos é muçulmano mas mesmo assim foi no altar, não é esta questão. Mas eu nunca fui participar, eu sei que eles fazem isso como uma forma também..., sempre quando você está no exterior muitas coisas te fazem falta, você sente falta até do cheiro da terra... da árvore que tinha no seu quintal. Então tudo isso que nos define, a gente só consegue ter isso a gente se juntando. E com todos os problemas que gente vive aqui e tudo mais é uma forma que eles têm dentro desses pequenos encontros rápidos, rápido tem que se definir o que é rápido, as vezes eles ficam duas horas ou mais ali, mas é uma forma deles clamarem por essa união que eles têm entre si e uma forma também de espantar todas as durezas, de cada um se dar um apoio, é como se você tivesse que ir pra igreja e participar de uma comunhão na igreja, então aquilo lá é a comunhão deles, que eles fazem. As vezes o *modus operandis* que não é bem conhecido e que assusta, mas é uma forma só de se dar as forças e renovar as energias.

Wendy: Como se dá a participação das mulheres nos diferentes espaços da cidade?

João: Há algo que é muito paradoxal. Nós somos taxados de machistas – africano é muito machista – mas esteja certa que nossas sociedades a maioria são matriarcais. A pessoa fala: “como assim? O africano é tudo machista, casa com duas, três mulheres, a mulher faz tudo”, mas são talvez coisas que cabem outro desenvolvimento, uma outra instância. As mulheres são muito ativas na vida social africana, em particular no Senegal, são muito ativas. A gente fala, fala, fala, mas dependemos muito delas. Então aqui também em São Paulo elas participam ativamente desses eventos. O último evento que eu fiz²¹⁹ foi este mês dia 20, na quadra do Sindicato dos Bancários de São Paulo. E quem tava na cozinha? Eram as mulheres, e quem eram os ajudantes? Eram os homens. Elas que comandavam, por que? Elas vêm com o know

²¹⁹ João Ursulin Pinto trabalha com sonorização de eventos, sendo muitas vezes contratado pela comunidade senegalesa.

how delas, mas como se iria fazer um evento para duas mil pessoas, a logística era delas, elas que são responsáveis e os homens só ajudam. Mas isso são coisas que não são mostradas, que não são vistas. A mulher africana é muito de pôr a família pra frente e ela ficar na retaguarda. Há um pouco de conotação religiosa? Sim. Há um pouco de conotação tradicional? Sim, também. Porque na maioria das situações a mulher africana prefere dar mais visibilidade ao marido dela que é o provedor de fora pra dentro. Então você tem esse comportamento cultural, mas elas são nossas gerentes das economias do lar e tudo mais. Hoje em dia, ainda mais com toda essa abertura da mulher, que ela conseguiu seu espaço no mundo, a mulher africana também não ficou pra trás – talvez a um ritmo um pouco mais devagar, mas também hoje a cada ano que passa o processo engata as marchas devagar pra gente tentar chegar a um equilíbrio social. Então hoje aqui você tem mulheres senegalesas que estudaram, que se formaram, que são... eu na época quando eu estudava na Universidade de São Paulo, nós tínhamos o que? Só na Universidade de São Paulo cinco senegalesas, uma que fez Arquitetura, outra que fez Direito, outra que fez Ciências Biomédicas, a outra o que ela fez? Acho que dentista, sabe? Então você vê que há 30 anos atrás, porque eu estou aqui há 30 anos, você já tinha essa visão da mulher começar a buscar ajudar também em casa e não simplesmente chegava e transformava e fazia toda a questão de economia do lar, hoje em dia ela vai lá e participa, eu inclusive, eu sou de uma família que meu pai trabalhou e minha mãe trabalhou, meu primeiro casamento foi a mesma coisa, então a gente busca realmente compartilhar. A mulher senegalesa hoje está muito presente também nesses eventos. As vezes o que a gente vê é uma forma que pode até parecer segregação. Por exemplo: quando elas participam desses eventos sempre tem um lugar reservado pra elas, isso é mais uma questão religiosa, da religião muçulmana, mas elas vão, elas são muito bem atendidas, elas são respeitadas, elas são muito bem paparicadas.

Wendy: Você pode falar sobre esse evento do dia 20?

João: Foi um evento religioso que é feito no Senegal ao ar livre, é como se fosse, eu não diria uma peregrinação, mas é como se fosse, onde você tem o líder religioso que chega e que justamente traz palavras novas pra comunidade, continua mantendo realmente a cultura religiosa, traz respostas a novos desafios, são pessoas mais velhas e que sabem que, por exemplo, a religião ela não é algo que você tem que pegar como sendo um cavalo de batalha e você ir fazendo as coisas, não pelo contrário, eles sempre vêm nesse intuito de querer mostrar que através da religião você pode achar respostas também aos seus novos desafios. Então são coisas que são feitas, esses grandes encontros dos senegaleses no Brasil inteiro, que são feitos

uma vez por ano, porque sempre vem uma personalidade religiosa do Senegal pra cá. Onde eles trazem reconforto, trazem paz espiritual, dentro de tudo isso eles dão força pra continuar a luta que as vezes não é fácil, você estando fora de seu país, então tudo isso são formas religiosas que se tem de manter a união entre a comunidade.

Wendy: Você pode falar sobre o Magal?

João: Não sei se aqui eles vão fazer o Magal que a gente chama, o Magal de Touba, que dentro da religião muçulmana você tem várias vertentes, esta vertente é o que a gente chama dos mourides, então o líder espiritual deles, falecido faz muito tempo que era o Cheikh Ahmadu Bamba, as pessoas vão em peregrinação, peregrinação que nem você vai à Meca, para justamente não só relembrar os fatos, porque o Cheikh Ahmadu Bamba foi um dos grandes opositores da colonização francesa no Senegal, então além de ser algo eu posso dizer religioso, mas também foi algo histórico, você perpetua a sua história, não esqueçamos que o africano tem toda a sua história oral, não escrita, algo que é bom e algo que é ruim, é ruim porque quando a pessoa morre, vai embora, se a família não perpetuar aquilo, é ruim porque quem escreveu a história da África não foram os africanos, foram os europeus, cada um escreveu da forma que quis, da forma que entendeu, da forma que sentiu, não foi a mesma [inaudível], mas isso são coisas do passado. Então isso continua, continua é uma homenagem, é o respeito, é aquela coisa de você uma vez por ano se reunir, falar sobre os problemas, receber orientação, receber benção, aquelas coisas assim pra que a gente continue sempre buscando a paz, a religião muçulmana contrariamente a que muita gente passa, ela só prega a paz, só prega paz, quem faz a guerra são os homens, não é a religião que diz não.

Wendy: Existem eventos e encontros da comunidade que aconteçam em espaços abertos, como ruas, praças, parques?

João: Não que eu saiba não, geralmente fechado. Inclusive a gente busca até oportunidades para fazer eventos abertos, que as pessoas possam ver. Fazer sempre a mesma coisa que você sabe é legal, mas interessante é você se abrir para que as pessoas vejam também.

Wendy: Você pode falar sobre espaços culturais em São Paulo, parques de São Paulo que são importantes para você?

João: Uma coisa que eu posso dizer sobre espaços públicos, eventos públicos geralmente em São Paulo, é a questão da cultura. Hoje em dia o que a gente vive é o sucateamento da cultura, não só em São Paulo, onde é pior, mas a nível Brasil, eu faço uma comparação com tudo do

que eu sei sobre a Europa. O europeu valoriza muito a cultura, muito, mas muito, ao passo de a cada verão inventarem festivais, fazerem coisas que realmente reúnem o povo em praças públicas, coisas que aqui em São Paulo infelizmente estão desaparecendo, por várias razões, de repente a gente não teria tempo hábil para citar todas. Uma coisa que eu acho é que primeiro em São Paulo, principalmente, por questões mais de negar a cultura, isso se eu falar muito mais da cultura negra, porque a gente vê que outros povos têm suas manifestações culturais na rua, mas ainda, aí a gente entra um pouco do lado do preconceito, a cultura negra africana brasileira, ainda gera muito desconforto, gera muito desconforto. Então por isso que hoje em dia você vê muito menos presença desses eventos em praças públicas, do que por exemplo festival de Nossa Sra. de Achiropita, outras coisas assim que vão e levam muito mais investimento e retorno financeiro, porque você vende, você tem uma troca, do que eventos onde realmente está o africano e isso que eu acho que as pessoas precisam entender, não é que o africano não dá lucro, é que a nossa forma de vida é que é diferente. Eu vou fazer um evento, eu não vou te cobrar, se você quiser participar você participa, mas o evento é pra todos. Há também uma conotação religiosa? Sim. Tradicional? Sim. Por que? Porque o que é riqueza para o africano não é riqueza para o ocidente. Então de repente aqui, como eu já escutei na prefeitura: "a gente tem mais investimento do que retorno". É triste. Mas eu acho assim, isso também cabe à gente, também nós, como senegaleses, como africanos, de repente redesenhar uma estratégia, tentar entrar sem perder a nossa essência, tentar entrar nessa busca que os órgãos públicos querem e tentar ofertar alguma coisa que também amenize um pouco os ânimos, porque a gente sabe que quando se fala de política é uma coisa, quando se fala de vida social no dia a dia é outra coisa totalmente diferente, mas realmente sim, além de você ter esse agravante, você tem uma coisa que piora por ser cultura negra, africana. Me dói muito falar disso, mas é a realidade. A gente busca fazer coisas justamente diferentes, eu particularmente já escrevi projetos que foram roubados, porque você chega para mostrar uma coisa, a pessoa vê aquilo lá e vai fazer, eu acho que nunca sai igual, ao do idealizador, da pessoa que pensou, ela sabe as vezes onde pode dar gargalos ou não, aquela pessoa que pegou, leu, e vai fazer, quando der problema não vai saber o que fazer, por isso que as vezes as pessoas têm muita dificuldade em patrocinar estes tipos de eventos, por não entenderem justamente esses mecanismos. Eu participei ativamente numa ONG que existia em São Paulo, que se chamava Fórum África. Fórum África foi idealizado pelos estudantes africanos que vieram, estudaram, se formaram e resolveram ficar no Brasil, porque desde aquela época a gente sempre percebia as lacunas que tinham entre, não vou dizer continentes, mas Brasil é um país de extensão continental. Entre os dois continentes, África e o Brasil. E nós, como uma forma de retribuir esse intercâmbio, que a gente sabe que é de graça, você chega

você não paga nada, você tem toda essa estrutura, nós quisemos fazer uma coisa para a sociedade brasileira, em particular em São Paulo. A maioria das pessoas estava aqui. Nós começamos realmente a fazer várias atividades, com muito patrocínio no início, de grandes empresas multinacionais, que também estavam na África e tudo, que entendem um pouco desta cultura, a maioria delas, multinacionais europeias e a gente conseguiu fazer seminários, cursos, exposições, debates, música, culinária, tudo, a gente fazia tudo e realmente durante praticamente 15 anos, eu fui o último presidente do Fórum África, que teve que fechar o Fórum África por causa de dificuldades logísticas. Nós participamos ativamente na construção da identidade da classe negra brasileira, porque essa questão de referência que eu estava falando, as pessoas vinham e falavam: "mas vocês são africanos, como vocês conseguiram estudar na Universidade de São Paulo, na PUC, Mackenzie, na GV, essas coisas assim?". Nós simplesmente estudamos, não há milagre, facilidade não existe, dificuldade tem, mas a gente tá aqui pra mostrar a cada um o que se pode fazer, e nisso, a partir da gente do Fórum África, muitas outras ONGs começaram a proliferar. Eu acho que foi um legado muito positivo porque estava na hora da sociedade acordar para essa massa de gente que não era vista, que não era considerada, que é uma massa de consumidores, uma massa de gente que tem ideias, uma massa até de futuras pessoas que podem trazer soluções à pátria e tudo mais, entendeu? E a partir daí hoje você tem praticamente toda essa grande organização político-social da classe negra, não vou dizer que...não vou ser pretensioso não, dizer que não existia naquela época, sim existia, mas eu acho que nós viemos para agregar, pra dizer que é possível e naquela época não existia Faculdade do Zumbi, aquelas coisas assim, até o diretor de lá, esqueci o nome dele, mas que participava muito das atividades do Fórum África. Então toda essa questão de organização política, organização social, organização até econômica, ela foi se construindo aos poucos, então o nosso legado, eu posso dizer, de nós africanos, é isso: mostrar as possibilidades e dizer que realmente você pode ser algo, construir algo, principalmente porque você quer, segundo porque você tem força também, a união e é isso que as vezes os eventos religiosos vem mostrar, vem lembrar e trazer.

Wendy: Tem algum equipamento de cultura que é importante para você?

João: Eu posso dizer que hoje em dia eu não frequento mais. De vez em quando eu levo os meus filhos pequenos, no CCJ, Centro de Cultura e Juventude, ali da Brasilândia, tem também as Fábricas de Cultura, inclusive eu já trabalhei com Fábrica de Cultura em certos projetos que era que ia nas escolas da periferia, onde eu busco levar meus filhos, mas é isso que eu quero voltar a lembrar um pouco, o africano não tem essa cultura de ir em bibliotecas, de ir em

centro..., por que? Porque a nossa cultura no dia a dia é uma roda, tá todo mundo em roda, todo mundo conversando, todo mundo discutindo, todo mundo polemizando, todo mundo falando. Porque a nossa sociedade se construiu em cima disso, dessa roda, a noite, nas noites de verão, os nossos patriarcas, nossas matriarcas, ficavam no meio da roda contando anedotas, contando histórias, fábulas, então isso pra nós era o nosso centro, era não, é o nosso centro de compartilhamento, nosso centro de troca, de ensino, porque a história africana sempre foi oral, nunca era escrita, mas hoje você tem realmente essas ferramentas eu posso dizer, esses equipamentos, mas que quando eu trabalhei nas Fábricas de Cultura, eu percebi que, como eu moro na periferia também, o jovem negro na periferia vê aquilo como acesso proibido, porque não é da cultura dele. Por isso que no projeto que a gente fez, a gente ia nas escolas, porque era uma forma de apresentar o programa das Fábricas de Cultura nas escolas públicas para trazer, chamar a pessoa pra lá, porque a gente sabe que aquilo que você não conhece, você tem medo, você tem receio, você não quer nem tocar. Então primeiro a gente tem que ter equipamentos que, antes de mais nada, deixem a pessoa a vontade. Acho que é um desafio sim, mas para você entender e compreender e vencer esse desafio, você tem que se infiltrar. Uma vez eu escrevi um projeto para Fábricas de Cultura e falei pra eles: "vocês reclamam que não pode tocar *funk* nesses eventos que a gente faz, mas o *funk* é a realidade da juventude da periferia. Por que não se lança um desafio de *funk* sem palavrão? É da periferia! Claudinho e Buchecha, que são os precursores, eles não faziam *funk* assim. Por que não se lança um desafio assim? De repente a gente pode até se surpreender, é uma forma de vocês também abrirem as portas, mostrar para as pessoas, peraí, vem, eu vou te mostrar". Ao passo que eu também falo assim, muita gente curte o *hip hop/funk* norte americano, mas é cheio de palavrão, só porque é inglês, ninguém entende, vale? É por isso que eu falo: os equipamentos existem, mas não há uma política de absorção dessa população de baixa renda, de periferia, para lotar estes espaços. Quando você vê hoje a taxa de ocupação das Fábricas de Cultura é pífia, porque não se tem esse trabalho. É uma coisa do povo, para o povo, mas que o povo tem medo. Então sobre esses equipamentos eu acho que devem ser repensados, se repensar a forma da população ter acesso a isso. Te dou um exemplo, a última exposição da Tarsila no Masp, eu acho um absurdo você ficar seis horas, sete horas em uma fila pra você ver uma exposição de arte, eu acho um absurdo, é inexplicável. Então tem que se pensar em formas de você corrigir isso, num plano de marketing opa, bombou! É o retorno financeiro de repente, a visibilidade se deu, será que não é uma coisa orquestrada para que se tenha visibilidade, não sei, mas enfim, mas isso que eu falo, por que o Masp não é cheio assim o ano inteiro? Por que a Biblioteca Mário de Andrade não é cheia assim o ano inteiro? Por que o Teatro Municipal está vazio? O Teatro Municipal poderia ser aberto não só

na Virada Cultural, mas para vários outros eventos. O Anhangabaú agora está sendo reformado, mas passou muitos anos sem ter eventos corriqueiros. Houve uma época em São Paulo onde aconteciam muitos eventos gratuitos culturais no vão do Anhangabaú, se não me engano era na época do Paulo Maluf, toda sexta-feira uma banda ia tocar... Coisas que a gente vê assim, as praças públicas, elas não são mais fomentadas, por isso que elas têm problemas de conservação, as pessoas vão para dormir, porque ela não tem uma ocupação como se deveria ter. São equipamentos que eu acho que os gestores precisam repensar a forma de trazer o público pra lá.

Wendy: E parques? Você frequenta ou tem algum que é importante para você?

João: Eu frequentava muito o Ibirapuera, frequentava muito o Parque da Luz, frequentava muito o que fica na Serra de Santana, o Parque Cantareira, mas hoje a acessibilidade, os períodos de uso e tudo mais, entendeu? Está cada vez mais restrito, de repente devido a problema de segurança, problema de falta de emprego, problema disso, problema daquilo, as vezes a pessoa não tem o que fazer, vai lá, fica lá, se der bofeira assalta, faz isso, faz aquilo, um monte de coisa. As pessoas as vezes não vão só para se divertir, mas as vezes vão para outras finalidades. Isso é uma realidade social. Isso faz com que a gente também fuja um pouco dessas praças e desses parques. O Parque do Carmo que vive sem luz, como você pode abrir um parque as 6 horas da manhã que não tem luz? Então eu acho que é isso, você tem instrumentos, você tem equipamentos, mas eu acho que precisa achar outra forma de gestão. E mais uma vez, não adianta dizer que o Parque Ibirapuera é só pras pessoas da redondeza, não! Você tem que criar infraestrutura para o pessoal que mora longe, na periferia ir até o parque, linha de trem, linha de ônibus, metrô, qualquer coisa, para que a pessoa possa ir, não depender unicamente de veículo, é a questão da acessibilidade, então acho que isso é um ponto geral que eu tenho sobre esses equipamentos públicos.

Wendy: Quantos anos você tem?

João: Estou com 49 anos.

Wendy: Ficar no Brasil foi algo que você tinha planejado?

João: Não, eu não tinha planejado, primeiro porque eu queria voltar pra casar com minha namorada que eu tinha lá [risos]. A separação as vezes é dolorosa, mas as dificuldades que eu encontrei aqui me fizeram realmente tirar meu *bubu* e vestir a camisa brasileira, falar assim: “se eu quiser vencer eu tenho que fazer que nem se dança aqui, eu tenho que dançar da mesma

forma que se dança aqui”, então isso foi a minha forma de ter escolhido ficar aqui, por que? Porque eu consegui..., eu comecei dando aulas, inglês, francês, aí depois comecei a fazer estágios e tudo mais e eu comecei a ver a real possibilidade que eu tinha de crescimento profissional aqui comparada ao Senegal, então isso que me levou a me estabelecer aqui. Eu não casei pra ficar também, eu casei pela questão de amor mesmo e tudo mais. Nesse primeiro casamento eu tive um filho que vai fazer 21 anos e essa foi a decisão, foi a decisão de ficar.

Wendy: O que você pode falar sobre saudades?

João: Saudades é algo muito pesado. Porque é que nem se fala né? Você tirou a árvore, o tronco, mas a raiz ficou. A raiz você não consegue mover sem ela morrer, é difícil, entendeu? A saudade é grande, eu tenho meus pais vivos ainda, tenho meus irmãos, um pouco também no mundo, tenho família na França, tenho dois irmãos que estudaram aqui, no Rio de Janeiro, um se formou em Engenharia Mecânica, o outro fez Engenharia Naval, eles estão um pouco no mundo, tem um irmão no Canadá, então a saudade é muito grande e pelo tamanho do mundo, apesar das fronteiras não existirem mais, mas ainda o deslocamento entre Brasil - África, Senegal em particular, tá muito difícil, hoje nós não temos uma linha direta, você sempre tem que passar ou por outro país africano ou pela Europa, ou pelos Estados Unidos, mas a saudade ela é muito forte porque nossos costumes são muito ligados à família, às amizades e isso faz com que se você não tiver uma cabeça bem feita você perde o norte, isso faz com que esses eventos religiosos contribuam muito para amenizar um pouco esses impactos, mas a saudade é pesada porque a nossa essência é a família, o respeito aos mais velhos, você chega sozinho em um país assim que você não conhece, chega uma hora que por mais que você tente viver, tenta fazer, tenta seguir, tenta obedecer, chega uma hora que você balança, é natural, é normal, e nisso é a hora de você chamar o pai, chamar a mãe, chamar um tio, chamar uma tia, ir na casa de um amigo mas tendo aqui, que nem no caso do Fily, pra essa pessoa te dar uma injeção de ânimo de novo pra você falar...uff!... entendeu? Mas a saudade é algo muito difícil de se trabalhar inclusive. Conheci muita gente que chegou no primeiro ou segundo mês pegou as malas e foi embora. Falou: "não, não é isso"...que nem eu te falei, eu tenho um pai e uma mãe que trabalharam e tudo, eles trabalharam, eles sempre nos ensinaram a ter uma independência, a saber que um dia o pai não vai estar mais, a mãe não vai estar mais, você vai ter que encontrar seu caminho. Que nem meu pai falava: “18 anos pra mim é a idade que o homem fica em casa, a partir dos 18 anos você vai caçar seu rumo porque a casa é minha, você vai ser mais forte do que eu inclusive, é a lei da natureza” [risos]. Mas é algo que eu falo assim, tudo o que a gente faz, tudo o que a gente empreende, é para tentar também cobrir um pouco essas lacunas, da

saudade, saudade em todos os sentidos, não só a saudade de parentes e de amizades, mas da comida, dos cheiros, dos gostos, das danças, sabe? Das roupas, de tudo, entendeu? Então tudo isso constitui a saudade, tudo isso. Eu tô aqui no centro, daqui a pouco eu vou comer no restaurante senegalês, eu falei: "não vou até o centro dar dinheiro pro Macdonald's sabendo que eu tenho uma irmã aqui que vende um prato a R\$ 10, você come bem", pelo menos não é o mesmo tempero que minha mãe, mas pelo menos já lembra um pouco né? [risos] e é isso, saudade vai ser eterna, isso com certeza.

Wendy: Você chegou a voltar para o Senegal?

João: Eu trabalhei durante 15 anos na Air France e isso me possibilitou, por ser funcionário, pelas vantagens que a gente tinha, ir várias vezes, trazer meus pais pra cá, meus pais vieram duas vezes, mas hoje já faz um tempinho que eu já não vou. Meu primeiro filho mais velho já foi duas vezes, mas os meus outros dois últimos eu vou ter que achar um jeito de levar eles pra lá pra tomarem um pouco de um banho de cultura africana também.

Wendy: Eles têm quantos anos?

João: A Bárbara tem dois e o Gabriel tem quatro. São bem pequeninhos ainda.

Wendy: Tem alguma coisa que você gostaria de falar sobre os senegaleses ou sobre a sua história em São Paulo?

João: Sim. Eu acho que..., eu tô falando dos senegaleses, mas eu acho que eu tô falando pra todas as pessoas que se encontram aqui. Como dizia Cheikh Hamidou Kane, que é um grande escritor senegalês, em uma obra dele que se chama *L'aventure Ambigue*. Neste livro havia uma personagem, La Grand Royale, uma figura matriarcal do vilarejo, onde ela falou uma frase, isso era pós colonização, na luta de independência dos povos africanos: "nós temos que deixar nossas crianças irem na escola do branco, aprender a arte de vencer sem ter razão". Mas isso é algo que a gente tem que discutir mais amplamente. Mas o que eu posso falar é assim, hoje o mundo não tem mais fronteiras, hoje o mundo é um só, o chinês fala wolof, o wolof fala chinês, o brasileiro fala chinês, o chinês fala brasileiro, por que? Porque a gente se deu conta que nós somos uma raça única, que briga pela sobrevivência, que sabe que precisa um do outro, não há uma verdade universal e que todo mundo tem a sua experiência, todo mundo tem algo adquirido na sua vida e que isso que precisa ser compartilhado e isso que precisa vir à tona para a

humanidade, não só senegaleses, mas a humanidade buscar e achar a resposta para os desafios futuros que vem pra cá. Assim como senegalês, como africano, assim como outros povos, que nem eu te falei, as ideias de riqueza pra nós são diferentes da ideia de riqueza do ocidental. Para nós a riqueza é família, para nós a riqueza é filho, para nós a riqueza a riqueza é compartilhar *tête-à-tête*, para nós a riqueza é a amizade. Hoje são valores que a gente vê que estão desaparecendo e que estão trazendo muitos problemas para humanidade como um todo, então eu gostaria de falar que a gente tem que começar a prestar atenção nesses pequenos detalhes, que constituem toda a essência da vida. As pessoas me perguntam: "ah, como gestor, como administrador...", eu as vezes se eu falar coisas acho que as pessoas vão rir de mim, vão dizer que eu sou doido, porque eu sou partidário de voltar pra trás, hoje em dia você quer comprar seu carro você quer ter seu carro em dois, três dias. Essa pressa por que? Por que essa pressa? Será que as pessoas pensam nisso? Por que hoje nós temos pressa? O que a pressa traz como consequência? Então como ser humano, como cidadão do mundo, eu gostaria de dizer como senegalês também, assim, a gente só quer que a sociedade brasileira nos dê a mão, aprender com os brasileiros e os brasileiros aprenderem com a gente, ainda mais que a cultura brasileira é africana, então eu acho que para o brasileiro se entender culturalmente ele tem que entender a cultura africana, então como um senegalês que está há 30 anos em São Paulo, essa é a mensagem que eu deixo e espero Wendy ter contribuído muito para essa minha pequena contribuição, não sou mestre em tudo, mas eu acho que... eu desejo muita sorte pra você e que você encontre outras pessoas que possam trazer mais luz à sua pesquisa, que você seja também um instrumento para a melhoria da vida humana.

APÊNDICE G - ENTREVISTA NA ÍNTEGRA: BABA CISSÉ

Local: Agência de Viagens localizada na rua Conselheiro Crispiniano

Data: 12/09/2019

Horário de início: 19h

Wendy: Você pode se apresentar por favor?

Baba: Então, eu sou Ohadi Baba Cissé, eu sou senegalês, tenho 32 anos, sou formado em Marketing e Comunicação. Eu fiz alguns cursos né, de Contabilidade, tô fazendo Turismo agora e depois eu pretendo fazer Administração Geral também. Eu nasci em Dakar, capital do Senegal, onde eu fiz praticamente todos os meus cursos, minha formação. Eu cheguei no Brasil no 2013.

Wendy: Como tem sido sua vida desde que você chegou aqui?

Baba: Então, não foi exatamente como eu pensava que ia ser. Eu não falava o português, eu não entendia as leis brasileiras, então o mercado de trabalho também como que era, e tal. Não foi fácil. E depois foi me adaptando, entendendo, conhecendo aos poucos como funciona o país e tal. Morei no Sul, fiquei lá trabalhando uns dois anos, depois que eu voltei pra São Paulo.

Wendy: Quando você chegou, veio primeiro para São Paulo?

Baba: Cheguei em São Paulo, mas não gostei da cidade [risos]. Quando eu cheguei falei: “que é isso!”, a movimentação daqui, muita gente, sabe? Eu quis procurar um lugar mais tranquilo e me falavam do Sul e tinha interesse de ir para lá.

Wendy: Isso foi qual cidade do Sul?

Baba: Então, eu morei no interior primeiro, morei em Carazinho, no Rio Grande do Sul, morei lá um ano, depois saí e fui para Porto Alegre, lá também morei um ano e seis meses.

Wendy: Depois você voltou para São Paulo?

Baba: É, aí voltei pra São Paulo. Eu tive coragem de vir pra cá [risos].

Wendy: Você pode falar sobre as coisas que você, em princípio, não gostou de São Paulo?

Baba: Era um falsete que eu tinha, porque eu falei: “pô”, eu acabei de chegar no país, eu nem falava, nem oi eu sabia falar, eu falei porque procurar um lugar mais tranquilo pra poder aprender a cultura, a idioma, sem pressão [risos], entendeu? Aí eu achei lugar que eu procurava,

que era esse cidadinho que tinha... O Carazinho. São 32 mil habitantes, não é tão grande, aí dava pra trabalhar numa boa e estudar um pouco a língua, né? Não é que não gostei [de São Paulo], estou gostando muito, hoje em dia eu não troca nenhuma cidade daqui do Brasil por São Paulo, mas quando eu cheguei aqui era um susto, né? Muita gente. A movimentação, pegar metrô, não sabia pegar metrô daqui, sabe? Então, o mercado de trabalho também aqui é diferente do Sul, aí fiquei 48 horas aqui [risos]. Bem rápido [risos], aí vazei, aí fui lá pro Sul.

Wendy: Você conhecia alguém daqui quando você veio para São Paulo?

Baba: Daqui do São Paulo eu conhecia uma pessoa, mas ele não estava aqui no momento que eu cheguei, então praticamente eu não conhecia ninguém. Outra pessoa que conhecia ele morava no Rio de Janeiro, aí me chamou para ir lá também me deu aquele susto, porque como, quando você tá fora do Brasil você acha que o Rio é o Brasil, o Rio de Janeiro é o Brasil, aí tudo que tá nos meios lá fora, principalmente em África e alguns países europeus, eles falam mal do Rio de Janeiro, só favela, guerra, guerra entre facções, essas coisas, então dá susto, entendeu? Por isso eu não aceitei o convite dele e fui pro Sul

Wendy: No Sul você conhecia alguém?

Baba: Conhecia, eu conhecia alguém e fiquei uma semana na casa dele, depois ele mora no Passo Fundo, Passo Fundo acho que são 30 minutos da cidade onde eu morava, aí depois eu fui procurar um trabalho lá no Carazinho, deu certo aí fiquei lá. Morei um mês lá num hotel, depois que eu procurei meu apartamento e ajeitar os meus coisas.

Wendy: Você veio sozinho?

Baba: Sim, eu veio sozinho.

Wendy: Você pode falar sobre o que você gosta de São Paulo?

Baba: São Paulo eu gosto da diversidade daqui, é uma cidade de arte também, que eu gosto de arte. As pessoas também têm, nem tempo pra por isso, esse preconceito que é tão falado que não dou tanta bola, né? Como se fala, não dou bola nisso, mas existe uma coisa real que existe em São Paulo acho que é menos, entendeu? É uma cidade onde todo mundo tem seu espaço, você encontra aqui tipo a comunidade asiático, aqui na Liberdade, de 2013 pra cá, o centro tá sendo tomado pelos africanos, têm muitos africanos, entendeu? Então você sente essa diversidade aqui em São Paulo, tem bairro italiano também, então, eu acho que é o encontro do

mundo em São Paulo, é uma coisa que eu adoro, eu já conheci várias pessoas de outras nacionalidades aqui, então você vai conhecendo outras culturas, sem viajar.

Wendy: Você já viveu alguma situação de preconceito ou você sabe de amigos que já viveram?

Baba: Sim, eu já vivi uma vez eu acho, se eu não me engano, têm uns amigos também que já viveram isso, que já contaram pra mim, tipo, entrar no ônibus, a pessoa não quer sentar ao seu lado por causa da sua cor de pele, e tal. Um dia eu andava numa rua de Carazinho e tipo, tinha uma pessoa que tava fumando lá em cima, aí na hora que eu tava perto dele ele jogou o cigarro em mim, entendeu? Então quer dizer isso é preconceito também, porque, eu entendo, mas eu não deixei lá, eu briguei até a polícia chegar, tal. Eu acho que ele pra fazer isso novamente ele vai pensar duas vezes [risos]. Sei lá, é isso.

Wendy: Você pode falar um pouco sobre os senegaleses em São Paulo?

Baba: Então, os senegaleses em São Paulo é uma comunidade forte em que..., comunidade a importância dessa união que a gente tem, a gente tem uma associação registrada, a gente tem o que chamamos de *dahira*, que são associações também, mas religioso, entendeu? Então mesmo sendo aqui, vivendo aqui, tentamos se adaptar, a gente também conserva a nossa cultura. Essas reuniões são muito importantes, porque lá vai ter o Pablo, o Cheikh da comunidade que vão conversando com os meninos para evitar fazer algumas coisas erradas, tipo mexer com drogas, roubar ou fazer algumas coisas contrário as leis brasileiros, entendeu? Não fazer algumas coisas que pode sujar o nome do nosso país, então tudo isso são conversas que tão tendo lá e eu acho importante.

Wendy: Você pode contar sobre sua trajetória de trabalho em São Paulo?

Baba: Então, desde que eu nasci, eu acho que aos cinco anos eu falei para o meu pai: “pai eu não quero trabalhar pra ninguém”. Meu pai era professor de universidade, a minha mãe também era funcionária na universidade, trabalhava com RH. Então eu já nasci com esse ambiente. Então, todo mundo era obrigado de estudar e eu queria, tipo, sair do padrão, tipo, estudar e trabalhar para alguém, que era tipo comum lá no Senegal, porque até aqui no Brasil alguns anos atrás acho que era comum aqui e eu terminei meus estudos e eu abri uma empresa no Senegal, abri lá no Senegal minha primeira empresa, aí dois, três anos faliu [risos]. Aí eu não tinha grana suficiente pra investir em outra coisa. A empresa era de lava jato, eu lavava os carros, tinha três funcionários que lavavam, tudo, eu cuidava da parte administrativa. Tinha hotéis que também

contratava meus serviços, mandava lá pessoas para limpar essas coisas daí. E aí quando eu cheguei aqui, sabe [risos]? Tive que se virar, não falo português, eu tinha dois dólares sobrando [risos], não quero pedir dinheiro para minha mãe, falei: “tá bom, vamo se virar”. Fui no Sul, trabalhei como ajudante, soldador, dois meses falei: “isso não é meu”, aí saí. Fui trabalhar em um supermercado como repositor, depois cansei, saí. Fui trabalhar como frentista também e acho que seis meses, cansei. Fui pra Porto Alegre, aí comecei a trabalhar sozinho fazendo serviços e cobrando pra pessoas, tipo traduções, aulas de francês, essas coisas, aí depois eu conheci uma pessoa que quis fazer tipo parceria comigo, né? Abrir uma pizzeria, aí falei para ele: “vamos fazer o seguinte, eu não tenho tanto grana...”, tinha R\$ 6 mil, ele tinha não sei quanto, eu dei pra ele entrada e eu ofereci o meu serviço para compensar a outro parte, entendeu? Aí comecei a aprender fazer pizza, montar essas coisas, virei pizzaiolo [risos], trabalhei um ano nesse ramo em Porto Alegre. Um ano como pizzaiolo, aí juntei um dinheiro, aí tive coragem de vir pra cá. Cheguei em São Paulo, não foi fácil também [risos], aí construir vida era diferente de Porto Alegre, lá quase não gastava nada, aqui comecei a gastar por dia R\$ 120, R\$ 100 e pouco, falei: “oxe! o que é isso?”. Aí falei: “vou abrir uma empresa, mas qual?”. Aí fui vendo, né, dois, três, quatro, cinco, seis meses, falei: “pô, por que não o turismo?”. Porque tem muito senegalês aqui, pelo menos vai ter 15 a 20% desse grupo, dessas pessoas que vão querer viajar uma vez pelo menos por ano pra Senegal, o resto que estão vivendo aqui eles tão trabalhando como feirista, entendeu? Vão nas feiras, vendem coisas, aí falei por que não abrir uma agência de viagens? Aí abriu uma agência e tá dando certo.

Wendy: Faz quanto tempo que você abriu a agência?

Baba: Três anos. Abri em 2016.

Wendy: Você gosta desse trabalho?

Baba: Eu amo, é bom, é tipo 1: porque eu tô trabalhando por conta própria que eu gosto, eu acho também é muito bom, porque eu gosto de viajar, eu gosto de descobrir culturas novas e eu tô me sentindo bem nesse ramo, por isso eu tô estudando agora o turismo

Wendy: Trabalhando nesse ramo você consegue viajar também?

Baba: Sim, eu consigo quando, tipo dezembro agora eu vou visitar a minha irmã em Paris, depois quero visitar a minha outra irmã que mora na Inglaterra, depois vou pra Senegal, vou querer visitar também, não tudo em dezembro, dezembro eu vou fazer Paris, Dakar, depois

Londres, São Paulo, já era. E depois do carnaval eu vou querer conhecer Cabo Verde, que é uma ilha pertinho do Senegal.

Wendy: Os senegaleses também têm utilizado a agência de viagens?

Baba: Sim, sim, sim.

Wendy: Você pode falar sobre o trabalho que a comunidade senegalesa desenvolve em São Paulo?

Baba: Então, Senegal é um país onde eu acho que 60% da economia vem do comércio. Então, a imigração senegalesa aqui no Brasil é um pouco específico. Por que? Os senegaleses que moram em Paris, que moram em Londres, Canadá... 90% são estudantes, eles vão pra estudar, depois se quiserem ficar também, vai ficar pra trabalhar no seu ramo, mas aqui no Brasil tipo é o inverso, 90% dos senegaleses que estão aqui no Brasil não têm formação, ou seja, são analfabetos. Eles estudaram o alcorão ou eles não têm estudo nenhum. E então, o que eles podem fazer? Vender, comprar as coisas no Brás, ou 25 de Março e vender na rua, porque a língua vai ser uma barragem pra eles terem o trabalho que eles querem realmente, então o que sobra pra eles vai ser o trabalho pesado que eles não vão querer, ou algumas coisas que eles não vão aceitar de trabalhar, de fazer, aí por isso eles preferem trabalhar como vendedor da rua ou feirista. E a outra parte são aqueles que têm restaurante aqui no centro ou loja pra vender roupas, então é isso, isso que eu conheço que pessoas tão fazendo.

Wendy: O escritório da agência fica ao lado da Associação. Isso foi pensado, como surgiu essa ideia?

Baba: Isso foi pensado, sim, porque a minha agência ficava aqui na [rua] Sete de Abril, aí quando abriu a associação que é mais recente, dois anos, minha agência tem mais do que dois anos, então, quando eu tinha minha agência não tinha escritório da associação, daí quando eles abriram aqui eu fui eleito como Secretário Geral Adjunto. Aí então dava meu tempo para eles fechando meu negócio e vinha todo dia pra cá, depois eu pensei, bom tanto pessoas que tão vindo pra cá, eu tô dando tempo e tal, então melhor abrir do lado que vai ser um ponto estratégico, toda pessoa que vai entrar na associação vai ficar ciente de que tem aqui uma agência, entendeu, de um senegalês e tipo você veio pra visitar o Amath que é da associação e acabou me conhecendo [risos]. Tá dando certo. Então, antes de ontem veio aqui uma professora aqui da Unicamp, também fechou aqui um pacote, ela veio visitar o Amath, o Amath

apresentou. Ela já foi no Senegal já, conhece um pouco vários países africanos, aí a gente conversou bastante, deu isso [risos],

Wendy: Você mora em que região?

Baba: Então, agora eu voltei no centro, eu morava na zona norte e acabei de me mudar para cá, na Avenida São Luís, que é pertinho daqui, cinco minutos a pé.

Wendy: Você mora sozinho, ou mora com alguém?

Baba: Então, chamei um amigo para morar comigo, ele já trabalhou pra mim, ele tava com uma fase um pouco complicada, e chamei, ofereci porque tava sobrando dois quartos, e dei um quarto pra ele.

Wendy: É um apartamento?

Baba: É um apartamento.

Wendy: Você já está há quanto tempo nesse apartamento?

Baba: Eu tô lá há dois meses.

Wendy: Antes você estava na zona norte?

Baba: É, eu tava na zona norte.

Wendy: Você gostava de morar na zona norte?

Baba: Eu gostei muito, mas é longe. Eu morava no Jardim Tremembé, conhece? Palmas, chamado de Palmas, é um bairro bem tranquilo, não tem nada, entendeu? Você entra lá e descansa bem, tem tudo, tinha piscina, tinha quadra de basquete que eu gosto. Mas, porém, é longe. Daí falei, melhor mudar pra cá, mesmo sendo mais caro e eu vou economizar no outro lado, tipo, todo dia eu pegava Uber, metrô, sabe? Gasta tempo, energia e dinheiro [risos].

Wendy: Por que a maior parte da comunidade mora na região central?

Baba: Então, 1 é medo; 2 a maioria gosta de viver junto, entendeu? Dividir apartamento, sabe? A maioria mora por três, quatro, então. E, como eu falei pra você, são comerciantes, 25 de Março fica aqui pertinho, então eles preferem morar aqui, os que tão vendendo, são 90%, oito mil senegaleses, não sei quanto, por isso a concentração. Nos domingos também tem aquelas reunião religioso que eu falei pra você, tá sendo feito aqui no centro também, por isso eles

gostam mesmo de ficar pra cá. O medo de morar nos bairros, porque lá tem mais violência todo essas coisas que acontece tipo aqui no Brasil, eles vêm na televisão, aonde acontece são nos bairros, então ele se sente mais seguro no centro do que morar no bairro.

Wendy: Você é muçulmano?

Baba: Sim.

Wendy: Quais são os grupos religiosos dentro do islamismo?

Baba: Sim, o muçulmanismo tem vários tipos, como que posso chamar? Partes, grupos, tem os xiitas, tem os sunitas, mas somos todos muçulmanos, é tipo *catolique*, evangelismo, todos acreditam em Deus e Jesus, mas cada um segue uma entidade diferente. O muçulmanismo também é assim. Aí os sunitas eles são mais tipo, radical, posso dizer, eles querem seguir exatamente como vivia o profeta, querem fazer nada, nada, que seja ao contrário disso. Nós senegaleses temos também outras entidades que são tareca, tipo mouridismo, que é mais forte hoje no Senegal, criado por um senegalês e o tijanismo, o tijanismo veio dos árabes, entendeu? Então, os mourides, eu sou mouride, é tipo, somos todos muçulmanos, a gente tem também regras pra seguir, acreditar em Deus, nunca usar violência, né? Pra defender alguma coisa, algum ideologia, alguma coisa, O Cheikh Ahmadu Bamba que é o fundador do mouridismo, ele era um resistente. Antes dele chegar existia outros resistentes, tipo, um deles é meu avô, ele era rei africano, senegalês, o nome dele é Alboury Ndiaye. Ele brigou porque chegou os franceses que queriam também implantar a cultura deles, religião, tudo isso... Aí teve essa resistência, mas eles utilizaram a violência, a guerra entre eles, mataram muitos franceses também os franceses mataram muitos reis lá... e o Cheikh Ahmadu Bamba quando ele chegou, ele era contra. Ele quis, tipo, praticar religião dele, lutar pra que os franceses deixar os seguidores deles tranquilos, coisas que eles não aceitaram, tentaram matar ele, acusaram ele de tentar criar uma guerra santa no Senegal. Ele negou, mas mesmo assim foi preso. Levaram ele fora de Senegal durante sete anos e sete meses, torturando ele, tentando matar, fazendo muita coisa, mas Deus fez vários milagres... aí ele ensinou que, imagina, você ficar sete anos e sete meses com seus inimigos, fora de seu país, longe de sua família, dos seus seguidores, da sua terra e mesmo assim, nunca ele usou a violência, nem verbal, nem física. Então ele passou isso pra gente, passou isso pra os seguidores dele também, ensinou o que é verdadeiro a religião que é tipo acreditar em Deus, respeitar a fé do outro e é também o que chamamos de acreditar em si, entendeu? Não baixar a cabeça na frente de ninguém, essas coisas, ter orgulho, aquele orgulho de ser quem você é. É, essas coisas, ele passou pra gente. Tipo, sobre esse preconceito que a gente tá falando, ele

escreveu, quando a gente estimava quantos livros ele escreveu deu sete toneladas, sete toneladas é 700 quilos, imagina, ele passou a vida dele inteira escrevendo, todo dia, todo dia. Hoje ele tem a cidade de Touba, que tá no centro do Senegal, a segunda maior cidade do Senegal, é Touba. Lá você vai encontrar a maior mesquita da África Ocidental, o mais bonito, que é o dele, os franceses não autorizavam pra ele fazer. Quando ele começava a construir, tipo, pra tentar fazer orações eles destruíam, hoje Deus pagou pra ele o maior mesquita da África Ocidental, que é aquele, por lado, tem um biblioteca grande que cabe tudo que ele escreveu. Tudo está ali. Então, quem tem a oportunidade de ir lá, vai lá. Ele escreveu na ciência, escreveu em vários ramos. Saúde, cultura, essas coisas. Ele amava escrever, escreveu também poemas sobre o profeta Maomé. Era um sábio mesmo. E um dos milagres mais famosos é oração que ele tinha feito sobre o mar. Porque eles pegaram ele do Senegal pra ele levar no Gabão, aí no meio de caminho entre o Senegal e Guiné, era 14 horas, hora de fazer orações para muçulmanos, ele tinha um pacto com Deus que ele nunca vai ficar sem fazer oração na hora certa, aí os franceses sabia disso, aí eles só tavam esperando ele tentar fazer oração dentro do barco, aí falei pra eles: “ó Bamba, você que falou que nunca vai fazer algo mau para o ser humano, ele falou assim, esse barco é nosso barco, não faça oração no nosso barco, é pra nós, pertence a gente, a gente não lhe autoriza”, aí ele arriscou, ele falou: “Deus é nosso Deus, é o meu senhor, eu fiz um pacto com ele, é novo, entendeu, fazer nada que vocês não querem, então vou arriscar minha vida, se eu morro vou estar nele”. Ele pegou o tapete, jogou no mar e foi lá tentar fazer oração e deu certo. Não afundou, ele fez oração no mar e voltou, entendeu? É um milagre. Então sobre o racismo, essas coisas ele também falou: “ninguém é melhor que ninguém, ninguém é superior que ninguém, se não é pela ciência”. Então se uma pessoa tem mais estudo que você, mais conhecimento que você, talvez se pode respeitar a pessoa por causa desse conhecimento que ele tem, mas não por coisa da cor da pele dele, uma pessoa pode ser amarela e a pessoa branca ser mais inteligente que ele, uma pessoa pode ser negro, é a pessoa tipo... verde ser mais inteligente, é isso, ele escreveu sobre isso.

Wendy: Qual o seu grupo?

Baba: Eu sou mouride.

Wendy: Você é também Baye Fall?

Baba: Não sou Baye Fall. Os Baye Fall o que eles tão seguindo o Cheikh Ibrahima Fall, ele era quem? Ele era uma pessoa que acompanhava o Cheikh Ahmadu Bamba, ele fazia tudo pra ele, limpava casa dele, pegava... porque ele também era descendente de rei, mas deixava tudo pra

oferecer serviço pra Cheikh Ahmadu Bamba, entendeu? Até tipo, 15 anos depois, antes de ele morrer ele fez dele um Cheikh também, aí fala pra ele: “pode ir agora, agora você tem um agradecimento, pode até ter seguidores”. Daí ele começou a ter isso. Cada um fazia, usava roupa coloridas. Por isso eles também usam as mesmas roupas, deixavam também cabelo assim em *dread*, porque não tinha tempo pra nada, só pra agradecer o Cheikh.

Wendy: Você conhece esses encontros que acontecem na praça da República, às segundas-feiras à noite?

Baba: Sim, sim, sim.

Wendy: Você já viu algum?

Baba: Já, é uma coisa bem comum no Senegal.

Wendy: Mas chegou a ver na praça da República?

Baba: Já, tá aqui na República.

Wendy: Você pode falar sobre o Magal Touba?

Baba: Sim, então, o Magal Touba eu vou participar, todo mouride é obrigado a participar, como? Assim, lembra que eu falei pra você que o Cheikh foi levado fora do Senegal durante sete anos, então no dia que ele estava saindo de Senegal, ele diz que Deus falou pra ele que ele ia voltar convidado, entendeu? Aí ele virou cabeça e viu dois filhos dele, um dos seguidores ele falou pra eles que ele vai voltar, eles não têm que se preocupar, ele está comemorando esse dia de ida, ele está. Da ida, ele quer que sempre que volta esse dia, eles fazem desse dia uma festa porque é uma vitória pra ele, porque ele vai ganhar, ele está indo em uma guerra, mas ele sabe que já ganhou. Aí ele falou como que eu quero que seja comemorado? “Chamem pessoas, matem de galinha até uma vaca, tudo que vocês podem comprar, fazer uma festa legal, pra gente comer bem, orar, essas coisas, pra mim agradecer a Deus essa vitória que ele me deu esse dia. Então sempre que volta esse dia as pessoas vão comemorar”. Então, na cidade de Touba, mais de quatro milhões de senegalês, outras nacionalidades vão se reunir pra comemorar esse dia. Maga Touba, porque o nome dele não é Touba, o nome dele é Cheikh Ahmadu Bamba, Touba é a cidade que ele criou, entendeu? Fica no centro do Senegal, porque ele procurava um espaço onde nunca foi governado por ninguém, nem os reis, nem também os franceses, aí ele procurou até achar Touba, ele deu o nome de touba. Touba é na verdade, dizem que no alcorão é uma

árvore muito grande que fica no paraíso. Ele deu esse nome nessa cidade, não tinha nada, hoje é a segunda maior cidade do Senegal.

Wendy: O Magal Touba também é realizado em São Paulo?

Baba: Vai, vai acontecer aqui. Nós também vamos fazer o que ele pediu, todo mundo vai participar, cada senegalês mouride vai dar R\$ 200 pra gente juntar dinheiro e depois comprar várias vacas, vários, então vai ter comida a vontade [risos] para todo mundo. Vamos convidar os brasileiros, as pessoas, todo mundo. Agora em outubro, não foi definido agora porque é uma data no calendário muçulmano, o calendário muçulmano depende da lua, então tem que aparecer a lua pra poder saber.

Wendy: Brasileiros podem ir?

Baba: Podem.

Wendy: Quanto tempo dura a festa?

Baba: Dura o dia inteiro, começa às nove, até meia noite, uma hora.

Wendy: Você frequenta mesquita?

Baba: Eu vou, estou indo sexta-feira fazer orações, que é uma obrigação. Muçulmano não pode ficar três sextas-feiras sem fazer aquela oração, porque o profeta, eu acho, que ele queria que as pessoas se conhecem e é isso mesmo, para os muçulmanos se conhecerem.

Wendy: Haviam comentado comigo sobre o domingo

Baba: Domingo não é dia de ir na mesquita, é dia de ir no *dahira* é diferente, *dahira* é do mouridismo ou do tijanismo que são outras seitas, mas o muçulmano ele tem a sexta-feira como um domingo santo, como *catolique*, os cristãos, eles vão nas igrejas nos sábados e domingos, né? Nós é sexta-feira, então sendo mouride, ou não sendo mouride, sendo..., o muçulmano tem que ir toda sexta-feira. Esse aí é para todos. Vai pra lá fazer oração junto com os irmãos.

Wendy: Não importa de qual grupo?

Baba: É, não importa, isso daí é pra todos, entendeu? Vai pra lá fazer oração, junto com os irmãos.

Wendy: A *dahira* acontece na mesquita também?

Baba: Não, é um espaço que a gente alugou, é, pode ser chamado de mesquita, mas não é. Mesquita é um lugar onde todos os dias as pessoas vão pra lá fazer orações nas horas certas, são cinco por dia: primeira é 5h da manhã, depois às 14h, depois não, depois às 13h, depois às 15h, depois às 17h e meia, o último às 20h e pouco, 20h50, alguma coisa assim, entendeu? Então, se é chamado de mesquita tem que ter o *imam*, o *imam* é quem fica na frente quando as pessoas estão fazendo oração, se não tem isso não é mesquita.

Wendy: Você conhece algum outro espaço da cidade no qual os senegaleses se encontram, por exemplo, uma praça, uma rua...

Baba: Acho que não, pelo que eu sei não.

Wendy: Geralmente são lugares mais fechados, como as mesquitas e as *dahiras*? **Baba:** É.

Wendy: Você já foi em algum espaço cultural aqui da cidade?

Baba: Biblioteca eu frequento essa que tá no São Luís.

Wendy: A Mário de Andrade?

Baba: Isso. Mário de Andrade, às vezes eu vou lá, leio uns livros e museu eu quero conhecer, acabei de conversar com o vice-presidente da associação senegalesa que ele tava aqui sentado também e tava falando com ele sobre isso mesmo, que tá abrindo outro museu dentro do Ibirapuera da civilização africana e quero conhecer esse museu, museu também da civilização negra não existe aqui.

Wendy: Museu Afro Brasil?

Baba: Isso, afro, quero ir lá pra conhecer o que eles pensam da cultura africana, o que eles, sabe? Tem também um que está no Luz, lá onde você mora tem um, né?

Wendy: Sim, é a região de São Paulo que mais tem museus.

Baba: Falaram isso pra mim. Eu gosto. Tenho vontade de conhecer.

Wendy: Você pode falar sobre saudades?

Baba: Então, saudades, eu tenho muita saudade da família e de juntar com a família inteira, essas coisas, porque todo ano eu vou, mas nem sempre encontro todo mundo ao mesmo tempo, tipo, tem seis anos agora que eu não via a minha irmã que mora na Inglaterra, quando eu vou

no Senegal ela está lá, quando ela vai eu estou, então é uma coisa chata. Já nasceu um sobrinho que eu não conheci ainda, hoje ela tem três anos. Então, os amigos também e colegas, lugares que eu costumo ir lá, são coisas que me dá um saudade.

Wendy: Você disse que gosta de arte. Pode falar a respeito?

Baba: Ah, eu gosto de arte, porque eu tinha um amigo meu que o pai dele era pintor, entendeu? E tem também um primo meu que ele é também cineasta, então eu conversava muito, muito, sobre arte com ele, eu quase virei um *camera man*, isso ainda tá em mim, quem sabe um dia, que eu vou pensar nisso, quem sabe estudar para ser um ator, alguma coisa assim. Eu fazia na escola, quando eu era criança, eu fazia teatro. Eu gosto muito.

Wendy: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar?

Baba: Sei lá. Eu acho que a gente falou sobre tudo, falamos sobre trabalho, sobre religião, sobre artes, sobre esporte, eu gosto de jogar futebol, machucou duas vezes, parei, jogava também basquete, eu até hoje jogo, eu gosto.

Wendy: Você joga onde?

Baba: Espaço eu não tenho agora no centro, é lá onde eu morava tinha quadra dentro do condomínio, hoje me falaram que tem um aqui na Bela Vista, ali tem, acho que semana que vem eu vou começar a ir lá, eu gosto também de nadar, mas tem que descer até Santos pra achar água. Pra praia, né? Senão piscina só.

Wendy: Você é casado?

Baba: Não, eu sou solteiro.

Wendy: Você gostaria de falar mais alguma coisa?

Baba: Tá tudo tranquilo. Tem um sábio senegalês que fala o seguinte, com um tapete, sabe um tapete tem várias cores, e são essas cores que faz a beleza do tapete, ele falou como o tapete o muro também bonito pela diversidade das cores, das culturas e tal.

APÊNDICE H - ENTREVISTA NA ÍNTEGRA: KHAR SY (FATOU SY)

Local: Café na rua Barão de Itapetininga

Data: 10/12/2019

Horário de início: 12h40

Wendy: Como você se chama?

Khar: Na meu país a gente fala, porque a gente tem dois nomes, seu mãe te deu uma e seu pai te deu uma. Meu nome que tem no minha documento é Fatou Sy. É o mesmo que Fátima. Fatou Sy. Popular fala Fátima. É a mesma coisa. O nome que minha mãe me deu é Khar. No meu escola todo mundo fala, me chama Fátima.

Wendy: Fátima. Mas você gosta de Khar também?

Khar: É a mesma coisa, eu gosto muito porque é minha mãe que chama Khar. Eu gosto muito dela.

Fily: Khar significa esperar, esperança.

Wendy: Que bonito! Você pode se apresentar por favor?

Khar: (em francês) Eu me chamo Khar Sy, Fatou Sy, Fátima. Eu cheguei há seis anos. Eu vim com minha irmã, mas aqui eu me casei. Eu viajei no Brasil, fui para Bahia, Pará, Belém, mas agora eu estou aqui em São Paulo para...antes da crise eu trabalhava em restaurante, eu fiz todas essas coisas e agora eu estou aqui trabalhando com o artesanato do Senegal e da África em particular.

Wendy: Você tem quantos anos?

Khar: Eu tenho 28 agora.

Wendy: Quando você chegou no Brasil, você veio primeiro para São Paulo?

Khar: Sim. Quando eu cheguei aqui, eu chegava só para passear, porque a minha irmã me convidava para passear e quando chegou minha visto, CPF tem um tempo de seis meses. Quando eu cheguei eu fica pra ajudar ela. E depois eu gostei do país, muito legal, gostei tudo, eu falo pra ela: “eu vou ficar pra ver como vai ser”. Até 2013 não voltou mais [risos].

Wendy: E a sua irmã, ela veio trabalhar em São Paulo?

Khar: Sim. Ela fez muitos anos no Cabo Verde, depois ela veio aqui pra trabalhar. Agora foi muito tempo, dois anos, em 14, foi muito tempo.

Fily: Como é o nome da sua irmã?

Khar: Zilda.

Wendy: Você fala bem o português.

Khar: Não. Mais ou menos. Porque quando eu cheguei aqui eu não fui pra escola pra aprender, não sabe onde faço, não conhecia gente que me ajude. Foi muito difícil, porque a minha irmã também, ela fez uma escola lá na... (falam em francês para descobrir o nome da escola)... Conare.

Fily: Conselho Nacional de Refugiados.

Khar: Conare ajudou ela pra fazer escola. Eu não. Eu não tive oportunidade, quando eu cheguei eu fui trabalhar com ela, ajudar ela. Foi isso. Depois eu queria muito estudar, porque foi meu principal objetivo. Eu não queria muito trabalho na rua, fazer os estudos, só os meus estudos, tipo assim. Que pena, não fui na escola, não sabia onde fazer, não conhecia o tio [Fily]. Não conhecia ele antes.

Fily: Isso vai mudar.

Khar: Não conheci ele. Foi muito difícil pra mim, eu ficar na rua, quatro anos pra fazer comida na minha casa, vender na rua, na estação do Brás, lá eu fico com a população da África, Senegal, particularmente com senegaleses. E senegalês, ninguém fala português, a gente fala só nossa língua, dialeto, francês, wolof. E lá a gente não tem oportunidade pra falar português. E quando eu fui viajar na Bahia, lá é melhor pra mim porque lá a gente começa a falar com gente, eu conhecia muito brasileiro. Nesse momento não tenho medo pra falar. Quando você fala eu entende, porque eu falo, eu aprendi francês, muita coisa não é difícil pra mim. Quando você fala, eu entende, pra responder é difícil pra mim. E lá eu comecei a aprender pouco a pouco, agora está bom porque se eu for em algum lugar não pode falar: “moça ajuda pra mim”, quando você fala eu respondo pra você.

Wendy: Por que na Bahia foi mais fácil aprender?

Khar: Lá gente ficou com um grupo, da feira, eu fico com eles, eu fazia comida, eles vende roupa, outras coisas. Lá tem muita gente que entrou todo dia, você fala com gente, tem muita gente que fala: “eu queria provar seu comida”. Lá eu começava falar com gente e quando eu fui num hotel pra pegar um quarto tem que falar, senão não tem ninguém pra ajudar pra você. Lá eu comecei. Quando eu fui pro Pará também. Lá eu conversei. Eu tenho uma na Acará, cidade

de Acará, quando eu fui lá, tem um hotel, lá eu ganhei uma mãe bem legal, que tem um hotel lá, e quando eu viaja, todo mês que eu fui lá eu me dei o meu quarto, ela ajuda muito pra mim, muito. Até agora a gente se fala.

Wendy: Ela é brasileira?

Khar: Ela é brasileira. Ela mora lá. Eu gosto muito dela. Muito. É minha mãe do coração.

Wendy: Você chegou primeiro aqui em São Paulo?

Khar: Sim.

Wendy: E você ficou quanto tempo aqui em São Paulo?

Khar: Aqui quatro anos.

Wendy: Depois você foi pra Bahia?

Khar: Pra Bahia depois.

Wendy: Quanto tempo você ficou na Bahia?

Khar: Eu fiquei lá..., porque a gente não ficou fixou num lugar, a gente foi em cada cidade e a gente ficou na cidade de Bahia, seis meses. Depois Salvador. Faz muitas cidades lá. Depois a gente foi pra Bahia, para Pará, desculpa e eu fico lá oito meses, quase 10 meses lá.

Wendy: Você gostou dessas cidades?

Khar: Muito. Eu gosto mais que aqui, porque lá é muito calma, tem alegria, tem muita coisa. Aqui... lá a gente descansa, aqui não tem tempo pra descanso. É verdade, não tem tempo pra descanso.

Wendy: Você pensa em ficar aqui ou ir pra outro lugar do Brasil?

Khar: Queria muito. Queria muito descobrir. Queria muito. Você sabe antes..., depois de meus quatro anos com eu ficar na rua pra fazer esse, eu falei, eu tenho só protocolo, aqui quando a gente, cheguei aqui, estrangeiro, você tem um protocolo. Antes com o protocolo pode viajar no seu país, voltar, não tem problema. O momento tem problema, não sei, porque problema com polícia federal é estrangeiro e agora não pode viajar com protocolo. Quando você viaja, você nunca volta, fica muito difícil. Gente fica lá. Eu pensei sair daqui pra ver se eu pode voltar no meu país, depois pra vir por Europa. Aí fica mais fácil. Com gente do Senegal, vai ficar mais

fácil. Eu penso muito. Quando eu voltei aqui eu me casei, eu fiquei com meu marido, agora, não sei se eu vou sair ou não, não sei agora.

Fily: Agora é uma decisão a dois.

Khar: A dois.

Wendy: Com o que seu marido trabalha?

Khar: Ele é camelô, na rua também.

Wendy: E você agora está vendendo também produtos artesanais?

Khar: Sim. Nesse momento eu fica aqui, vendendo. Daqui a pouco eu pensei, vou a Argentina, eu queria lá na praia fazer trança. Porque eu sabe fazer muita coisa. Eu vou lá pra fazer trança, depois de dezembro vou voltar aqui.

Wendy: Você comentou que você gosta de cozinhar...

Khar: Sim. Gosto muito! Você sabe, cozinha é uma paixão, lá no meu país quando você, até criança, você entra na cozinha ajuda a seu mãe, é amor. Vai ficar no seu coração. Você quer fazer tudo pra você. Você sabe até quando eu fez meu casamento com meu marido. Não gosto muito que ele come na rua, eu gosto fazer comida pra ele. Não gosto que ele compre comida na rua não. Café de manhã também. Toda hora me levanto mais cedo pra fazer pra ele, quando eu termino aqui de noite, também eu vou fazer meu comida na minha casa. Não tem essa coisa de comer na rua. Não sei se essa coisa de arte, de produto artesanal, eu um tempo eu falei: “eu conheço essas coisa”, foi há pouco tempo, seis meses atrás eu abri na Lapa uma loja de roupa, e lá foi muito difícil. Porque eu fui na Argentina, eu trabalhei eu economiza pouco dinheiro, eu peguei tudo, comprei muita coisa, abri uma loja, todo mês eu paga R\$ 2,3 mil. Caro e todo mês é meu marido que vende na rua, ele pegou dinheiro dele, eu também pego o meu pra pagar. Foi muito difícil. Eu falo: “eu não vou continuar por essa via, vou fechar, pego as coisas, vou vender e depois vou fazer outra coisa”. Eu vende tudo e comprei pouca da mercadoria. Eu falo pra minha irmã: “agora na Lapa”, eu fui na Prefeitura e não tem ponto pra ficar. Foi muito difícil pra mim. Ela falou, se você acerta pra me dar um parte de sua mesa vou ficar lá pra vender, depois 15 de dezembro ou 20 de dezembro eu vou voltar pra Argentina, se não querer muito, se eu tem uma coisa pra fazer aqui, pra ganhar pouco dinheiro, não quero, não quero muito viajar pra Argentina, porque lá é difícil, gente não pega avião pra viajar, passagem é muito cara. A vida lá é muito difícil pra estrangeiro, tem que pagar caro pra viver lá. Eu falo pra ele, eu vou pra ganhar pouco dinheiro, quando eu voltar eu vou cozinhar pra ver como eu vou fazer, me

organizo pra fazer uma coisa. Porque neste momento, você sabe, Brasil de 2013 e Brasil de 2019 não é a mesma coisa. É muito diferente. É muito difícil pra estrangeiro também. É muito difícil. Oportunidade que tio Fily me falou, é uma oportunidade muito grande porque ele quer muito me ajudar. Ele quer muito, eu sabe.

Wendy: O que você achou de São Paulo quando você chegou?

Khar: A primeira coisa em Brasil, falo: “uau!”, eu falo pra minha irmã: “eu vou ficar aqui até seis meses, para passear”, porque eu vi, é um país que tem paz. Todo mundo abriu a mão quando você chega, gente estrangeira, todo mundo, eu falou: “acho que vou fazer meu vida, eu vou ganhar meu vida aqui, se eu ficar”. Primeira coisa que eu pensei. Depois de seis meses, quando eu comecei pra, o primeiro mês quando eu pego meu carrinho com comida, ah, toda noite eu chorei, eu chorei muito, porque no Senegal, você pergunta, ele sabe [Fily], ninguém, não faz assim, pega comida coloca no carrinho, não. Tem que abrir um restaurante pra vender. Porque lá a loja não é caro, não tem esse problema. Policial não fala: “não”. Eu fui, você sabe, qual que ficou muito difícil pra mim, quando eu comecei pra vender lá no Brás, eu perdi muito, porque policial pega meu carrinho, pega meu comida muitas vezes. Muitas. Eu perdi muito. Eu chorei muito. Eu fala: “agora não quero mais ficar, quero voltar no meu país”. Porque lá tem paz, tem o conselho familiar. Porque, você vai sentir, que você tem família aqui, seu mãe, seu irmã, tem todo mundo. E quando você tem uma coisa aqui difícil, você precisa do seu família perto de você. Perto.

Wendy: Como você conheceu seu marido?

Khar: Eu conheci ele aqui. Gente não se conheceu muito bem, porque é minha irmã que conhece ele lá no Cabo Verde. Ele é senegalês. Gente se conhece lá, eu não conhecer bem ele, quando ele vem aqui pra ver a minha irmã, uma noite eu fui. Porque todo ano tem uma mês, a gente faz jejum, é mês do Ramadan. Nesse momento, todo dia eu fiz uma tipo de comida, doce com açúcar. Eu sabe fazer, gente do Senegal fala chacri. Eu fiz tipo de cereais, misturado com leite, eu fiz, toda noite eu pego meu carrinho e fui em cada prédio pra vender. Até 2 horas de noite eu volto na minha casa. Você viu, de manhã eu peguei minhas roupas, fui na clínica, colocar lá pra vender também. Uma noite eu cheguei na minha casa pra pegar outra garrafa de doce pra vender e eu encontrei ele e o amigo dele e minha irmã me apresenta ele e fala: “é meus irmãos porque eu conheci ele lá no Cabo Verde”. Ela falou assim: “agora é seu irmão também”, e a gente começou a praticar, não conheci muito bem. Você sabe, o nosso relacionamento, passa com celular. Porque quando eu conheço ele só um momento, e depois eu viajar pra Bahia e Pará

e a gente se fala só com celular. E quando eu cheguei ele fala: “não quero mais falar com você no celular, não quero”, porque no Senegal se você tem um relacionamento, um homem, não pode ficar muito tempo, só pra fazer namorado, não. Se ele gosta de você, se você gosta dele, se você tem confiança com ele, o parente vai e se fala, pai e mãe e depois você vai fazer seu casamento. Nesse momento a gente liga pra Senegal e a gente fala, a gente vai fazer nosso casamento no Senegal, casamento tradicional, religioso, aqui a gente vai fazer o casamento no civil. A gente fez, e graças a Deus eu ganho o meu RNE, fez agora eu sou, só tem 15 dias eu ganhei o meu RNE. A gente casou e depois eu ganhei, graças ao casamento.

Wendy: Porque ele já tinha o RNE dele?

Khar: Ele já tinha.

Wendy: Há quantos anos ele está aqui?

Khar: Ah, ele... Acho que cinco anos. Porque eu chego mais antes dele. Acho que 5 anos.

Wendy: O casamento foi feito no Senegal?

Khar: A gente fez. Porque lá tem o meu irmão mais velho, o meu pai morreu, é meu irmão mais velho que foi lá buscar na prefeitura, com testemunha e tudo. E quando a gente fez ele se assina com carimbo e tudo, ele te deu, aqui a gente deu um papel de..., o casamento, lá também a gente deu uma. Ele deu, com testemunha e tudo. Graças a deus eu ganhei lá uma aqui também uma.

Wendy: Esta foi a primeira vez que você voltou para o Senegal?

Khar: Não voltou até agora.

Wendy: Ah, então eu acho que eu entendi errado, você não foi fazer o seu casamento lá?

Khar: Não.

Wendy: Você ficou aqui e ele fez os documentos lá.

Khar: Hum. Hum [faz que sim com a cabeça]. Teve um parente que foi na mesquita pra fazer o casamento.

Fily: Eles fizeram um casamento virtual. Não é corpo presente.

Khar: Fez comida, fez festa, fez tudo sem a gente. Aqui a gente fez um casamento também. Eu fez uma festa com, como fala? Com amigo de meu irmã, porque eu não tenho muito amigo

aqui. Conheço gente, mas não tem muito amigo aqui. Tem amigo de minha irmã, amiga dela, todo mundo veio. Aqui todo mundo fala é mesma coisa, é uma família. Senegal todo mundo é irmã e irmão, todo mundo é família. Todo mundo se reúne faz festa, dança, comer.

Wendy: E tem mais homens senegaleses em São Paulo?

Khar: Tem mais. Muito mais.

Wendy: Como é ser uma mulher senegalesa em São Paulo?

Khar: É difícil. Você sabe, mulher que não tem que viajar sozinha, graças a Deus, porque quando eu cheguei aqui, eu estou com minha irmã, e ela me protegia muito, na casa onde a gente mora tem também outro tio com ... ele foi como um pai comigo. Todo dia a gente se fala, todo dia a gente vê quem entra e quem sai da casa. Ele fala: “todo mundo tem que cuidar muito, porque você é mulher, você sabe, se você não tem marido, não tem nada, é muito difícil, tem muita coisa. Porque tem homem ruim, tem homem boa”. No meu país não pode sair sozinha, não pode fazer muita coisa sozinha. Tem muita coisa, tem que proteger muito.

Fily: Principalmente aqui, onde eles estão vivendo. O pessoal..., você não conhece as pessoas. Nós somos do Senegal, mas a gente se conheceu aqui, você não sabe. Tem que ter cuidado principalmente as mulheres.

Wendy: Como é a relação com os brasileiros?

Khar: Você sabe, eu tenho muito medo, porque até quando eu vendo comida eu conhecia muito brasileiro e muita brasileira. Eu vende comida pra elas e com eles também. Quando você olha, assim, na televisão coisa que gente fala na televisão como, por exemplo, esse que passou, Cidade Alerta, o jornal, você tem muito medo. Uma vez ou duas vez eu tenho esse tipo, porque... eu saio da minha casa pra pegar metrô, e dois menino brasileiro foi atrás de mim. Fala pra mim: “aonde você foi, cadê o seu celular?” Tem muita coisa, tenho muito medo. Uma vez no Brás tem uma mulher que fala comigo, eu dar comida pra ela duas vez, ela não paga pra mim, eu falo: “paga pra mim”, ela fala: “aqui não é o seu país”. São coisas de racista, de racismo. Ela fala pra mim: “não vou pagar pra você, volta no seu país”. Depois ela fala: “eu vou matar você”. Você sabe? Tem muita coisa. Eu tenho uma vizinha, na mesma casa, uma vez ela briga com minha irmã, ela pegou a comida que eu fez, caldo com carne quente, ela joga em mim. Juro. Ela joga em mim. E nesse dia ela ligou pra polícia. Polícia chegou, graças a Deus, o polícia quando ele chegou, ele tirou muita foto comigo, meu perna, tudo. Queimou muito. Gente foi na polícia, foi no hospital, foi muito difícil. E a polícia fala comigo: “tem que cuidar, porque você

é estrangeira, ela é brasileira. Ela vai ficar muito protegida”. Eu sou estrangeira, fica muito difícil comigo. É muito difícil.

Wendy: Você já sentiu preconceito contra você? Racismo, alguma coisa assim? Ou por ser estrangeira?

Khar: Tem muito. Tem muito. Você sabe, o nosso... tem uma coisa que não ajuda muito aqui, a nossa educação, lá teu pai, teu mãe, nem se fala qualquer coisa tem que ficar calma, tem que rezar muito, falar com gente que tem mais idade que você. Tem que ficar perto dele, porque lá te ajuda muito. Ele já fala: “não pode, Fátima, não pode fazer assim, não pode falar assim”. É bom. Você sabe, aqui tem uma problema, tem muito que fala, pessoa branca é mais [inaudível] que pessoa preta com nós. Tem muita pessoa que tem mesmo corpo como nós, mesmo pele como nós, que eles ficam mal aqui com nós. Eles não nos aceitam, não falam com nós. Que fala muito mal com nós, que falam coisa muito ruim com nós.

Fily: As vezes pior do que os brancos.

Khar: Sim. O gente branco, eles é muito legal. Pra mim, eu tenho essa coisa, eu fala o preto e o branco é muito legal. Ele respeita a gente, ele falou tranquilo com a gente, ele fica muito legal com a gente. A pessoa negra é outra coisa, tem boa e tem muito ruim.

Fily: Na USP quando eu cheguei a gente tinha mais dificuldade com os negros. Que eles falavam que nós, que a gente vem de África pra ocupar os espaços dos negros na universidade. As convenções internacionais trazem vagas, nos contratos de cooperação internacional. Se um africano entra nessa vaga, que brasileiro não vai entrar.

Wendy: O que você gosta de São Paulo e o que você não gosta de São Paulo?

Khar: Aqui no São Paulo tem muita oportunidade, sim, tem muita oportunidade. O coisa que eu não gosto muito é coisa de... não tem muita segurança, seguridade, tem que ter cuidado muito, porque tem muita coisa ruim aqui. Não pode ficar na rua até uma hora, 10 horas da noite não. Com nosso trabalho aqui na rua eu..., tem coisa ruim e tem coisa boa também. Mas tem mais, tem muita oportunidade de você conhecer. Muita coisa aqui, se você for lá no interior de São Paulo, não, porque lá é muito fechado, não tem muita coisa lá. A gente viaja até lá pra vir aqui pra fazer muita coisa. Sim.

Wendy: Você está morando onde agora?

Khar: Aqui no Centro. Eu fez quatro anos aqui na rua, essa rua, rua Vitória, eu moro aqui, eu conheço bem aqui, depois quando eu voltei também, eu fiz o meu casamento. Meu marido mora

pra Lapa. Ele falou..., ele gostou muito de Lapa, a gente vai ficar lá. Eu gosto mais daqui, sei lá. Eu gosto mais que lá, eu gosto mais.

Wendy: Agora você está morando aqui?

Khar: Não. Lá na Lapa. Todo dia eu pego o ônibus pra vir trabalhar. Porque aqui tem a população do Senegal, todo mundo é aqui. Quando você passa: “irmão, tudo bem? Amiga, tudo bem?” Tem tudo.

Fily: Quando eu conheci a Khar eu não falava mais wolof, que todo mundo fala [francês]. Depois quando eu voltei a frequentar esta região, agora eu consigo, porque todo dia eu converso com eles, aí voltou tudo. Mas quando eu conheci a Khar, eu tinha vergonha de falar, eu não falava nada.

Wendy: Você mora em um apartamento? Uma pensão?

Khar: É uma casa com apartamento, um quarto, com sala, a gente mora lá. Porque lá é muito difícil com aluguel. É muito caro, é muito caro. Antes eu morava numa casa também com uma..., como a gente fala, só um quarto grande com... Kitnet. A gente morou lá. Eu falei com o meu marido, tem que mudar aqui porque lá a gente fica como vizinho, muito, muito. É muita coisa porque ele tem muito problema. Quando ele bebe muito, ele não fica tranquilo com gente. E nesse momento, depois de meu casamento, um mês depois eu fica grávida, depois de seis meses eu perdeu o nenê. Eu tive um aborto, e lá ficou difícil porque não pode, não dorme muito bem, ele não dorme, ele fez festa todo dia com muita mulher, ficou difícil. Lá ficou bom porque ele não paga muito, R\$ 1.000 cada mês. E ficou muito bom pra ele. R\$ 1.000, se ele vende todo dia, ele pega R\$ 50, guarda, ele vai paga. E depois a gente vê como a gente vai fazer, aluguel de Lapa é muito caro. É muito caro. Neste momento a gente paga R\$ 1,35 mil, é muito caro. Tem paz. O dono da casa, eles moram, eles têm uma casa perto de nós, ele tem loja de papel. Tem muita paz, não tem problema com a gente. Não tem nada com a gente. Ele fica lá. Mas tem problema com o ponto.

Fily: Porque tem muita gente.

Khar: Sim. Tem muita gente. Eu procurei muito, muito na prefeitura pra pegar um ponto lá pra ficar, é muito difícil e quando eu vê moça que dá, ela fala pra mim: “aqui não pode ficar sem pagar. Não pode ficar sem ponto”. Aqui a gente pode ficar, não tem problema, porque eles conhecem, eles sabe, faz muito tempo que gente da África fica aqui. Mas lá não é assim, lá não pode.

Wendy: E o seu marido está vendendo lá?

Khar: Lá. No túnel.

Fily: Ah, ele fica no túnel.

Khar: Sim. Quando polícia chegou, ele pega suas coisas

Fily: Aquele túnel todo mundo passa no túnel.

Khar: Todo mundo passa, agora a polícia, nesse momento, a polícia não deixa ele trabalhar. É muito difícil.

Wendy: Você pode falar um pouco sobre a comunidade senegalesa que vive em São Paulo?

Khar: É muito legal porque todo mundo é família aqui. Gente muito *solidaire*, como fala?

Fily: Solidária.

Khar: Solidária, não tem problema, todo mundo fala. Tem muita festa que a gente organizou aqui, cada ano tem muito, festa religioso também tem muito. Se uma pessoa tem problema todo mundo vai ajudar ele. Não tem problema, gente se ajuda muito. Porque quando você viaja fica junto, cada pessoa vai ajudar o outro. Uma família.

Wendy: O que os senegaleses fazem aqui em São Paulo?

Khar: Aqui, sabe, eles ficam aqui pra trabalhar. Tem um outro que quer coisa muito fácil, tipo, por exemplo, gente que fica lá na Guaianazes, aqui tem um tipo de refugiado que fica compra celular, revende, celular roubado, coisa roubada. Tem gente que, quer ou não, não é só Senegal, é todo mundo, é brasileiro, boliviano, todo mundo. A maior parte do Senegal, ele sabe trabalhar, ele conhece o trabalhar, ganhar a vida dele, tem muito. Quando você for no Brás, se você viu uma pessoa, você é de onde? Senegal. Se você der conta a maioria de lá, todo mundo é do Senegal. Porque ele sabe trabalhar, ganhar a vida deles.

Fily: O senegalês é um povo comerciante. O Senegal é um país que não tem muitas riquezas naturais, por isso que é um país de serviços. Tem mais coisa de comércio, de escritório, relações internacionais, e não à toa o Senegal é uma porta de entrada à África Negra, então isso faz com que qualquer pessoa tenha muito jogo de cintura. É uma palavra que é muito..., que o Senegal que é o segundo nome do país é *le pays de la Teranga*. *Teranga* é hospitalidade. Então é um pessoal muito, a gente fica na confiança entre a sociedade árabe branca do norte e a sociedade africana negra do sul.

Wendy: E as mulheres senegalesas? O que elas geralmente fazem aqui?

Khar: Antes, quando eu cheguei aqui, não tinha muita mulher, não tinha muito mulher, tinha só pouco. Mas velha é a Gran Mama, todo mundo fala Mama é a nossa cultura, todo mundo fala assim. Eu fica aqui com minha irmã e outra mulher pra vender comida, só as três, a outra fica no interior de campo, é empresária. Depois eu começou gente trazer mulher deles aqui pra ficar na rua, sempre foi na Caxias do Sul, Porto Alegre para trabalhar. Eu fui na Caxias do Sul eu vi muita mulher que fica lá, pra trabalhar, empresária de frango, cozinheira, muito coisa. E agora, não é isso, porque você sabe, na empresariado, eles queria muito trabalhar, mas eles não pagam muito. E se você quer ajudar seu familiar que fica no Senegal e você tem uma salário de R\$ 1,2 mil, você tem que pagar seu aluguel aqui, comer, faz muita coisa. Não dá para você, é pequeno, é muito problema, a gente deixou empresário, vem aqui fica na rua e começar, eu comecei trazer, tem muita mulher agora que fez comida, muita mulher que vende na rua. Tem muita que foi na feira, como que eu fazia antes. Agora tem muita que faz.

Wendy: Você tem amigas senegalesas?

Khar: Eu tenho. Eu conheço bem a Anatela, marido dela também, eu conheço bem. Eu tenho um tipo de irmã aqui, agora ela não mora mais aqui, porque ficou um pouco difícil pra ela, ela viajo pra Espanha. A gente se fala todo dia, eu falo pra ela todo dia. Muito. Tem uma amiga também, [inaudível] o nome dela, agora, foi pouco tempo ela viaja pra Senegal, trazer filha dela, porque ela vai viaja pra China pra comprar a mercadoria dela trazer pra Senegal. Ela vai voltar daqui a pouco. Ela já tem documento, porque ela tem filha aqui.

Wendy: Agora você também tem o RNE

Khar: Graças a Deus.

Wendy: Você conhece algum espaço cultural aqui de São Paulo?

Khar: Sim. Domingo passado foi duas vezes, eu fui lá pra vender minhas coisas. Espaço cultural, fica na rua Carlos Sampaio, lá no 305, lá no Paulista. É perto da Bela Vista. Metrô Brigadeiro. Fui lá duas vezes, porque eu conheço uma mulher que trabalha lá no Sindicato com gente da banca e prefeitura, eu conheço ela, ela organizou uma feira lá, eu fui lá pra vender. Porque ela falou pra gente: “a gente vai ajudar você, você vem e vende e depois de vender a gente vai tirar 15%”. É bom, porque todo mundo foi lá pra vender. E quando eu foi aqui na Precon, feira de prefeitura, não paga nada, lá é grátis. A gente ajuda a gente. Eu fui lá e tem outra lá no Centro Cultural Ipiranga. Eu conheço uma amiga que me convidou lá eu fui e ficou muito legal também, eu conheci a cultura dela, a dança do brasileiro lá. Foi o dia da

Independência de Angola e eles trazem o artista de Angola. Tem muito coisa, ficou muito legal. Eu fui trabalhar, ela me convidou pra fazer como expositora com o meu esposo pra vender.

Wendy: Você gostou do lugar?

Khar: Muito. Muito. Ficou legal.

Wendy: Você sente saudades de alguma coisa?

Khar: Muito do meu país. Da minha mãe também. A minha mãe também. Cada dia, quando eu falo com ela eu chora. Agora não quero chorar, porque eu tenho muitas saudades dela. Muita. Antes não viajava muito, só no interior do meu país e quando eu viajava eu falava pra ela: “daqui a seis meses eu volta”. E agora foi seis anos e nunca voltou. [começa a chorar] Mãe é outra coisa.

Wendy: Qual é o nome da sua mãe?

Khar: Ndeye Ndiaye. Eu vou economizar muito dinheiro e vou voltar. Vou trabalhar muito. Eu vou economizar muito pra voltar.

Wendy: Agora você tem o documento. Pode viajar.

Khar: Sim. Agora pode. Agora eu estou muito feliz. Você sabe, o estrangeiro, coisa que faz muito predições, quando você tem papel, não é dinheiro, é porque quando você tem papel, você fica com o seu cabeça tranquila, com confiança tranquila. Porque vai falar: “graças a Deus eu tenho o meu papel, agora tenho que trabalhar muito”, quando você tem dinheiro você vai economizar pra voltar no teu país. É bom.

Fily: Porque sem documento você tem medo 24 horas por dia.

Khar: É verdade. Tem medo todo dia.

Fily: Você sai na rua você não sabe o que é que vai acontecer. E o medo é o pior inimigo da pessoa quando está fora do seu país, você tem medo do racismo, do desemprego, da fome.

Khar: Tudo.

Fily: Problema de casa, e sem documento você não tem como resolver.

Khar: Em qualquer lugar que você for quando a gente te pergunta: “seu documento, por favor”. Quando você dá o protocolo ele fala: “não conheço esse aqui. Você tem outro documento? RG?” Você fala: “não”. Ele fala: “cadê o seu passaporte?” Você leva. “Cadê o seu CPF?”. Eles verifica tudo pra ver se você não mente ou não. Fica difícil, quando eu fica só com o protocolo, quando eu fui no banco pra mandar dinheiro pra minha mãe e pra minha irmão, foi muito difícil.

Tem muitas vezes eu pego o meu dinheiro eu dá pra outra moça que tem RG pra mandar pra mim.

Wendy: Você conhece os encontros religiosos que acontecem na praça da República?

Khar: Sim. Todo segunda-feira. É Baye Fall. Ele que organiza essas festas religiosa, todo segunda-feira aqui.

Wendy: Você é Baye Fall?

Khar: Não. Minha família.... Você sabe, lá no Senegal tem a maior parte é mouride. Mouride é a mesma coisa, dentro tem Baye Fall. Porque o chefe espiritual do mouride é Serin Tuubaa. Eles têm uma pessoa, que todo lugar que ele foi com ele, Cheikh Ibrahima Fall, ele é guia religioso e espiritual do Baye Fall. É a mesma coisa, né?. E tem o tijania. O meu pai é tijania. A maior parte do povo é tijania.

[começa a chover]

Wendy: Você participa do Magal Touba?

Khar: Eu cresci dentro dele. Eu conheço tudo essas coisas. Toda festa eu faço comida pra eles, eu faço tudo pra eles. Aqui eu não dorme o dia de Magal, um dia antes eu não dorme. Eu passo o dia lá cozinhando, fazendo tudo.

Wendy: Você gostaria de falar mais alguma coisa?

Khar: O que eu queria falar? Eu não sei agora. Só uma mensagem que eu ia passar com eles. Tem que ficar com cabeça bem aberta, tem que ficar boa, ficar junto, e trabalhar mais, pra ajudar o familiar e não fazer coisa ruim. Com o brasileiro, eu vou falar com eles, eu vou perguntar pra eles, eu vou falar com eles, que eles ajudam muito o estrangeiro, porque eles ajuda muito, eles precisa muito. Você sabe, todo humano é uma família, é a mesma coisa. É a mesma coisa, tem que ajudar entre eles e tudo vai dar certo pra nós.

Wendy: Então a gente está encerrando a entrevista eu quero agradecer muito a Khar, que foi a primeira mulher que eu entrevistei senegalesa. Eu agradeço muito a entrevista.

Khar: Eu também, eu te agradeço muito. Eu ganhei hoje uma irmã.

Wendy: Eu também ganhei uma irmã.